ANDREW FUKUDA

CAÇADA

A CAÇADA

3





ANDREW FUKUDA

A Caçada

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



TÍTULO ORIGINAL
The Hunt

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Shirley Lima

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-433-3

Edição digital: 2013

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Ching-Lee

Antigamente estávamos em maior número. Tenho certeza. Não chegaríamos a lotar um estádio de futebol, nem mesmo uma sala de cinema, mas certamente havia mais do que hoje. A verdade é que acho que não sobrou ninguém. Só eu. É o que acontece quando você é uma iguaria. Quando é desejado. A extinção.

Onze anos atrás, descobriram uma na minha escola. Uma menina do jardim de infância, no primeiro dia de aula. Foi devorada quase imediatamente. Onde ela estava com a cabeça? Talvez um acesso de solidão repentina (e é sempre repentina) em casa a tenha feito acreditar — erroneamente — que na escola encontraria companhia. Quando a professora anunciou a hora da soneca, a garotinha ficou sozinha no chão, agarrada ao ursinho de pelúcia, enquanto as outras crianças pularam para o teto, de cabeça para baixo. Aquele momento foi o fim para ela. O fim. Foi como se ela tivesse tirado as presas falsas e simplesmente se prostrado para o inevitável banquete. Os coleguinhas a fitaram com olhos arregalados lá de cima: *Opa, o que temos aqui?* Ela começou a chorar, foi o que disseram, a berrar sem parar. A professora foi a primeira a alcançá-la.

Depois do jardim de infância, quando não há mais sonecas em sala, é *aí* que você vai para a escola. Apesar de ainda correr o risco de ser pego de surpresa. Uma vez, meu técnico de natação ficou tão enfurecido pelo desempenho letárgico da minha equipe em um evento escolar que nos levou para o vestiário e disse para dormirmos logo de uma vez. Era só uma forma de reforçar a bronca, é claro, mas quase fui descoberto. Aliás, natação não tem problema, mas não pratique nenhum outro esporte se puder evitar. Porque o suor é uma bandeira sem tamanho. O suor é o que acontece quando ficamos com calor; gotas d'água vazam de nossos poros como um bebê babando. Eu sei, é nojento. Todos os outros continuam frios, limpos e secos. Mas eu? Sou uma torneira vazando. Então esqueça o vôlei, esqueça o tênis, esqueça até mesmo as competições de xadrez. Só nadar não tem problema, porque ninguém vê o suor.

Essa é apenas uma das regras. Há muitas outras, todas marteladas por meu pai exaustivamente desde que nasci. Nunca sorria ou ria, nunca chore nem fique com os olhos cheios d'água. Mantenha uma expressão neutra e estoica o tempo todo; as únicas emoções que afloram no rosto das pessoas são desejo por sangue de eper e desejo romântico, e obviamente não tenho nada a ver com nenhum dos dois. Nunca se esqueça de espalhar bastante manteiga em todo o corpo quando sair durante o dia. Porque em um mundo assim é complicado explicar uma queimadura de sol ou mesmo um bronzeado. São tantas outras regras que daria para escrever um livro. Não que eu tenha vontade de anotar essas coisas — ser pego com um "manual" seria tão fatal quanto uma queimadura de sol.

Além do mais, meu pai me lembrava das regras diariamente. Enquanto tomávamos café da manhã ao pôr do sol, ele repassava algumas de muitas. Por exemplo: não faça amigos; não pegue no sono durante a aula (aulas chatas e longos trajetos de ônibus eram especialmente perigosos); não pigarreie; não gabarite as provas, embora sejam um insulto à sua inteligência; não deixe que sua beleza o prejudique; por mais que as garotas lhe ofereçam seu coração e seu corpo, nunca ceda a essa tentação. Porque você precisa sempre lembrar que sua aparência é uma maldição, não uma bênção. Nunca se esqueça disso. Ele recitava todas essas regras enquanto inspecionava rapidamente minhas unhas, para ter certeza de que não estavam lascadas ou irregulares. Hoje as regras estão tão incutidas em mim que são como as leis da

natureza. Nunca me senti tentado a desobedecê-las.

Exceto por uma. Quando comecei a pegar o ônibus escolar, uma espécie de carroça puxada por cavalos, meu pai me proibiu de olhar para trás e acenar para ele. Porque ninguém faz isso. Foi uma regra difícil para mim no início. Nas primeiras noites de aula na escola, quando entrava no ônibus eu precisava reunir todas as forças para me conter, para não olhar para trás e dar tchau. Era como um reflexo, uma tosse impossível de reprimir. Eu era pequeno na época, o que tornava tudo ainda mais difícil.

Desobedeci a essa regra uma única vez, sete anos atrás. Foi na noite seguinte àquela em que meu pai chegou em casa cambaleando, com as roupas desgrenhadas, como se tivesse se metido em uma briga, o pescoço marcado. Foi puro descuido, apenas um lapso momentâneo, e agora ele tinha duas incisões evidentes no pescoço. O suor pingava de seu rosto, manchando a camisa. Era nítido que ele já sabia. Seu olhar era de um louco desespero, e senti o pânico em seus braços quando ele me apertou com força. "Você está sozinho agora, meu filho", disse ele por entre os dentes trincados, os espasmos começando a lhe percorrer o peito. Minutos depois, quando começou a tremer, com o rosto absurdamente frio, ele ficou de pé. Saiu às pressas pela porta para a luz do amanhecer. Tranquei a porta, como ele me havia instruído a fazer, e corri para o meu quarto. Enfiei o rosto no travesseiro e gritei e gritei. Eu sabia o que ele estava fazendo naquele exato momento: correndo para o mais longe possível de casa antes que se transformasse e os raios de sol se tornassem cachoeiras de ácido a lhe queimar o cabelo, os músculos, os ossos, os rins, os pulmões, o coração.

Naquela noite, quando o ônibus escolar parou na porta da minha casa, o vapor saindo pelas narinas largas e úmidas dos cavalos, eu violei a regra. Não consegui evitar: virei para trás quando entrei no ônibus. Mas, àquela altura, não importava. A entrada de casa estava vazia na escuridão do começo da noite. Meu pai não estava lá. Nem nunca mais estaria.

Meu pai estava certo. Fiquei sozinho naquele dia. Antes éramos uma família de quatro pessoas, mas isso fazia muito tempo. Depois ficamos só meu pai e eu, e isso era o bastante. Eu sentia saudade da minha mãe e da minha irmã, mas era pequeno demais para ter desenvolvido alguma ligação verdadeira com elas. Ambas são formas vagas na minha memória. No máximo, acontece vez ou outra, mesmo agora, de eu ouvir uma voz de mulher cantarolando, e sempre sou pego desprevenido. Ouço a voz e penso: *Mamãe tinha uma voz muito bonita.* Já meu pai… Ele morria de saudade delas. Nunca o vi chorar, nem depois que tivemos que queimar todas as fotos e lembranças físicas. Mas às vezes eu acordava no meio do dia e o via olhando pela janela aberta, um raio de sol caindo sobre seu rosto pesado, seus ombros largos tremendo.

Meu pai tinha me preparado para ficar sozinho. Ele sabia que esse dia acabaria chegando, embora eu ache que, no fundo, ele acreditava que seria o último sobrevivente, não eu. Ele passou anos me ensinando as regras, para que eu as conhecesse como à palma da minha mão. Toda vez que me apronto para a escola, ao anoitecer — um laborioso processo de me lavar, lixar as unhas, depilar braços e pernas (e, ultimamente, até mesmo alguns pelos no peito), esfregar pomada (para esconder o odor), polir as presas falsas —, ouço mentalmente a voz dele repassando as regras.

Como hoje. Enquanto calço as meias, ouço a voz dele. Os avisos comuns: *Não durma na casa de colegas; não cantarole nem assobie.* Mas então ouço a regra que ele dizia talvez só uma ou duas

vezes por ano. Ele a dizia tão raramente que talvez não fosse bem uma regra, mas um lema de vida. *Nunca se esqueça de quem você é.* Eu nunca entendi por que meu pai dizia isso. Afinal, é como dizer não esqueça que a água é molhada, que o sol brilha, que a neve é gelada. É redundante. Não tem como eu esquecer quem sou. Sou lembrado a cada momento de cada dia. Cada vez que raspo as pernas ou prendo um espirro ou sufoco uma risada ou finjo desviar da luz, sou lembrado de quem eu sou.

Uma pessoa de mentira.

A Loteria Eper

Como completei dezessete este ano, não sou mais obrigado a pegar o ônibus da escola. Agora vou a pé, feliz. Os cavalos — bichos enormes e escuros que se tornaram populares muito tempo atrás, graças à sua capacidade de rastrear presas, mas que agora estão fadados a puxar carruagens e ônibus — conseguem detectar meu odor diferente. Mais de uma vez já viraram o focinho na minha direção, apontando para mim como um intruso, suas narinas se expandindo como um grito úmido e silencioso. Prefiro a solidão de andar sob o céu do anoitecer.

Saio de casa cedo, como sempre. Quando passo pelo portão da escola, alunos e professores já estão entrando aos montes, montados em cavalos e carruagens, formas cinzentas na escuridão nebulosa.

O céu está nublado hoje, e especialmente escuro. "Escuro" é o termo que meu pai usava para descrever o horário noturno, quando o mundo é tomado pelo negrume. A escuridão me faz apertar os olhos para tentar enxergar melhor, e esse é um dos motivos pelos quais é tão perigosa. O resto do mundo só aperta os olhos depois de comer alguma coisa azeda ou sentir cheiro pútrido. Ninguém aperta os olhos só porque está escuro; é dar uma bandeira enorme, e eu nunca permito que minha testa sequer se enrugue. Em todas as aulas eu me sento perto das lâmpadas de mercúrio, que emitem uma pequena sugestão de luz (a maior parte das pessoas prefere o escuro cinzento ao breu completo). Assim corro menos risco de apertar os olhos involuntariamente. Ninguém gosta dessas carteiras perto das lâmpadas, pois é claro demais, então sempre consigo um lugar.

Também odeio quando os professores me fazem alguma pergunta durante a aula. Foi me misturando, evitando a atenção dos outros, que sobrevivi. Ter que responder a uma pergunta na frente da turma me coloca sob os holofotes. Como hoje, quando o professor de trigonometria se dirige a mim. Ele é o que mais costuma fazer isso, e é por esse motivo que o odeio. Também tem a pior letra do mundo, e seus garranchos no quadro são quase impossíveis de enxergar na luz cinzenta.

— E então, H6? O que acha?

H6 é minha designação. Estou na fileira H, carteira seis; daí minha designação. Ela muda de acordo com o local onde estou sentado. Na aula de estudos sociais, por exemplo, sou D4.

— Posso pular essa? — peço.

Ele olha para mim sem expressão.

— Na verdade, não. É a segunda vez na semana que você faz isso.

Olho para o quadro-negro.

— É que estou meio perdido na matéria.

Resisto ao impulso de tentar decifrar os números no quadro, por medo de acabar apertando os olhos.

Ele fecha as pálpebras de leve.

— Não, não, não vou aceitar isso. Sei que você consegue. Você sempre gabarita as provas.

Consegue resolver essa equação dormindo.

Os alunos agora estão se virando para olhar para mim. Só alguns, mas o bastante para me deixar nervoso. Incluindo a pessoa sentada na minha frente, Julia Brasa. A designação dela nesta turma é G6, mas penso nela como *Julia Brasa*. Desde a primeira vez que a vi, anos atrás, dei-lhe essa designação.

Ela se vira e me encara com seus grandes olhos verdes. Parecem compreensivos, como se ela finalmente tivesse descoberto que costumo olhar daqui de trás cheio de desejo por seu farto cabelo castanho-avermelhado (uma cor magnífica e deslumbrante!), lembrando-me com saudade da sensação sedosa de tê-los nas mãos tantas luas atrás. Vejo que ela se surpreende por eu não desviar o olhar, como tenho feito há anos. Desde que senti o interesse dela por mim, desde que me dei conta do meu interesse por ela.

— H6? — O professor começa a bater com o giz no quadro. — Chute uma resposta, vamos lá.

— Eu não sei mesmo.

— O que aconteceu? Isso não é nada para você. — Ele me avalia. Sou um dos alunos mais inteligentes da escola, e ele sabe disso. A verdade é que eu poderia ser o melhor aluno com facilidade, se quisesse (tirar boas notas é fácil para mim, nem preciso estudar), mas faço questão de parecer mais burro. Ser o melhor chama muita atenção. — Olhe aqui. Vamos tentar juntos. Leia a pergunta primeiro.

De repente, a situação fica mais tensa. Mas não é motivo para pânico. Ainda não.

— Acho que meu cérebro ainda não acordou direito.

— Apenas leia a pergunta. Só isso. — A voz dele tornou-se mais severa.

De repente não estou gostando nada disso. Ele está começando a levar para o lado pessoal.

Mais olhos começam a se virar para mim.

Por nervosismo, quase pigarreio. Mas me seguro. Bem a tempo. Ninguém nunca pigarreia. Eu inspiro e me forço a desacelerar o tempo. Resisto à vontade de secar o lábio superior, onde desconfio que gotículas de suor estejam começando a se formar.

— Vou ter que pedir de novo?

Na minha frente, Julia Brasa me observa com mais atenção. Por um momento eu me pergunto se está olhando para meu lábio superior. Será que ela vê o leve brilho de suor? Será que esqueci de raspar um pelo? Então ela levanta o braço, um braço esguio, magro e pálido como um pescoço de cisne emergindo da água.

— Acho que eu sei a resposta — diz ela, e se levanta.

Ela pega o giz da mão do professor, que está surpreso com a iniciativa dela. Os alunos não costumam se aproximar do quadro sem serem convidados. Se bem que ela é Julia Brasa, e Julia Brasa consegue tudo que quer. Ela olha para a equação e escreve, com um floreio rápido, letras grandes e números. Quando acaba, momentos depois, acrescenta um sinal de certo e um "A+" no final. Então limpa as mãos e volta a se sentar. Alguns dos alunos começam a coçar os pulsos, e o professor também.

— Isso foi bem divertido — diz ele. — Gostei.

Ele coça o pulso mais rápido, de maneira evidente, e mais alunos fazem o mesmo. Ouço o som de unhas arranhando pele.

Eu me junto a eles, coço os pulsos com minhas unhas compridas, mas odeio. Porque meus pulsos são defeituosos. Não os sinto coçar quando acho algo engraçado. Meu instinto natural é sorrir (aquele negócio de alargar a boca, expondo os dentes), e não coçar o pulso. Tenho terminações nervosas sensíveis ali, não tem a menor graça.

Uma mensagem soa de repente nos alto-falantes. Imediatamente todo mundo para de se coçar e se empertiga na carteira. A voz é robótica, andrógina, autoritária.

— Aviso importante — anuncia a voz. — Esta noite, daqui a apenas três horas, às duas da madrugada, o Soberano fará um pronunciamento para todo o país. Todos os cidadãos devem assistir. Portanto, as aulas desse horário serão canceladas. Professores, alunos e toda a equipe administrativa se reunirão no auditório para assistir às transmissões ao vivo de nosso adorado Soberano.

E é isso. Depois do sinal de encerramento, ninguém fala mais nada. Estamos perplexos com a notícia. O Soberano (que não é visto em público há décadas) raramente faz aparições na tevê. Ele costuma deixar os avisos palacianos e administrativos para os quatro ministros subordinados a ele (da Ciência, da Educação, da Alimentação, da Lei) ou para os quinze diretores (Engenharia de Cavalos, Infraestrutura Urbana, Estudos Eper e assim por diante), os quais, por sua vez, respondem a esses ministros.

E o fato de que ele vai fazer um pronunciamento não passa despercebido por ninguém. Todo mundo começa a especular sobre o que será anunciado. Um pronunciamento de alcance nacional é reservado apenas para as ocasiões mais raras. Durante os últimos quinze anos, aconteceu só duas vezes. Uma para anunciar o casamento do Soberano, e a segunda, a mais lembrada, para anunciar a Caçada Eper.

Apesar de a última Caçada Eper ter acontecido dez anos atrás, as pessoas ainda falam sobre isso. O Palácio surpreendeu a todos quando anunciou que vinha hospedando secretamente oito epers. Oito epers vivos e cheios de sangue. Para levantar a moral na época da depressão econômica, o Soberano decidiu soltar esses epers. Esses epers, mantidos em confinamento durante anos, estavam gordos e lentos, desnorteados e assustados. Ao serem soltos como cordeiros para o abate, não tiveram a menor chance. Tiveram uma vantagem de doze horas. E então, um grupo de sortudos, escolhido por sorteio, teve permissão de sair à caça deles. A Caçada acabou em duas horas, e o evento gerou aumento na popularidade do Soberano.

Quando entro no refeitório para almoçar, ouço o burburinho de empolgação. Muitos estão torcendo pelo anúncio de mais uma Caçada Eper. Falam que haverá novamente um sorteio para cidadãos. Outros são céticos: *Os epers já não estão extintos?* Mas mesmo quem duvida está babando diante da possibilidade, fios de saliva pingando pelo queixo e na camisa. Ninguém sente o gosto de um eper ou bebe seu sangue ou se banqueteia com sua carne há anos. Pensar que o governo pode estar escondendo alguns epers, pensar que qualquer cidadão pode ter a chance de ser sorteado para a Caçada… a escola está em frenesi.

Eu me lembro da Caçada de dez anos atrás. Mesmo depois que acabou, fiquei meses sem dormir por medo dos pesadelos que invadiam minha mente: imagens horrendas de uma Caçada imaginária, sangrenta e violenta. A calmaria da noite sendo perturbada por gritos horríveis de pânico, pelo som de carne sendo arrancada com os dentes e de ossos sendo mastigados. Eu acordava gritando, inconsolável mesmo quando meu pai me envolvia em um

abraço forte, tentando me proteger. Ele me dizia que estava tudo bem, que tinha sido apenas um sonho, que não era real; mas o que ele não sabia era que, enquanto ele falava, eu ouvia os sons dos gritos horríveis da minha irmã e da minha mãe ecoando nos ouvidos, escapando dos pesadelos para a escuridão do meu mundo bem real.

⋆ ⋆ ⋆

O refeitório está lotado e barulhento. Até o pessoal da cozinha está discutindo o pronunciamento enquanto serve a comida — carnes sintéticas — nos pratos. A hora do almoço sempre foi um desafio para mim, porque não tenho amigos. Sou um solitário, em parte por ser mais seguro: menos interação, menos chances de ser descoberto. Mas, em geral, é a ideia de ser devorado vivo por seus ditos amigos que acaba com qualquer possibilidade de intimidade. Podem me chamar de exagerado, mas a morte iminente pelas mãos (ou presas) de um colega que sugaria seu sangue em um piscar de olhos acaba com qualquer chance de você construir uma amizade.

Assim, quase sempre almoço sozinho. Mas hoje, quando pago pela comida no caixa, quase não tem lugar sobrando. Vejo F5 e F19, da aula de matemática, juntos, sentados a uma mesa e vou me encontrar com eles. São dois idiotas, sendo F19 um pouco mais do que F5. Na minha mente, eu os chamo de *Idiota* e *Imbecil*.

— Oi, pessoal — digo.

— Oi — responde Idiota, mal erguendo o olhar.

— Todo mundo está falando sobre o pronunciamento.

— É — diz Imbecil, de boca cheia.

Comemos em silêncio por um tempo. É assim com Idiota e Imbecil. Eles são nerds de computador, ficam acordados até as primeiras horas do dia. Quando como com eles, talvez uma vez por semana, às vezes não falamos nada. É quando me sinto mais próximo dos dois.

— Andei reparando em uma coisa — diz Imbecil depois de um tempo.

Olho para ele.

— Em quê?

— Alguém tem prestado bastante atenção em você.

Ele dá outra mordida na carne crua e sangrenta. O sangue escorre pelo seu queixo e cai no prato.

— Está falando do professor de matemática? Eu sei, o sujeito não me deixa em paz em trig…

— Não, estou falando de outra pessoa. De uma garota.

Desta vez, tanto Idiota quanto eu olhamos.

— Está falando sério? — pergunta Idiota.

Imbecil assente.

— Ela está olhando para você já faz alguns minutos.

— Não para mim. — Tomo mais um gole. — Deve estar olhando para um de vocês.

Idiota e Imbecil se entreolham. Idiota coça o pulso algumas vezes.

— Essa foi boa — diz Imbecil. — Não: juro que ela está de olho em você já faz um tempo.

Não só hoje. Em todos os almoços nas últimas semanas eu vejo que ela está olhando pra você.

— E daí? — pergunto, fingindo desinteresse.

— Sério, ela está olhando para você agora mesmo. Ali atrás, na mesa perto da janela.

Idiota se vira para olhar. Quando volta a nos encarar, está coçando o pulso com força e rápido.

— O que tem de tão engraçado nisso? — pergunto, tomando mais um gole e resistindo à vontade de olhar também.

Idiota só coça o pulso com mais força e mais rápido.

— Dê uma olhada você mesmo. Ele não está brincando.

Lentamente eu me viro e dou uma olhada rápida. Só tem uma mesa perto da janela. Algumas garotas estão sentadas em um círculo lá, comendo. As Desejáveis. É assim que são conhecidas. E aquela mesa redonda é delas, e todo mundo obedece a alguma regra implícita de deixar aquela mesa livre. Pertence às Desejáveis, as populares, as que têm namorados bonitos e vestem roupas de marca. Ninguém se aproxima daquela mesa sem permissão. Já vi até os namorados delas esperando obedientemente até poderem se aproximar.

Nenhuma delas está olhando para mim. Estão conversando, comparando anéis e pulseiras, alheias ao mundo exterior à esfera daquela mesa. Mas então uma delas me lança um olhar mais longo, seus olhos encontrando os meus. É Julia Brasa. Ela olha para mim do mesmo jeito melancólico e ansioso que me olhou várias vezes nos últimos anos.

Eu afasto o olhar e me viro de volta. Idiota e Imbecil estão coçando os pulsos desesperadamente agora. Sinto o calor de um rubor perigoso começar a atingir meu rosto, mas felizmente eles estão ocupados demais se coçando para reparar. Controlo o rubor respirando fundo e lentamente até o calor se dissipar.

— Na verdade — diz Idiota —, aquela garota já não tinha uma queda por você antes? É, é, acho que é isso. Alguns anos atrás.

— Ela ainda está atrás de você, está doida por você depois de todo esse tempo — graceja Imbecil, e nisso os dois começam a coçar o pulso um do outro incontrolavelmente.

⋆ ⋆ ⋆

O treino de natação depois do almoço (sim, meu técnico é louco) quase é cancelado. Ninguém da equipe consegue se concentrar. O vestiário está tomado por um burburinho a respeito dos boatos recentes sobre o pronunciamento. Espero o local esvaziar antes de ir me trocar. Estou tirando a roupa quando alguém entra.

— E aí — diz Exibido, o capitão da equipe, tirando a roupa e vestindo uma sunga excessivamente apertada.

Ele se deita no chão para fazer flexões, o que infla seus tríceps e músculos do peito. Há um halter no armário dele, de prontidão para os exercícios de bíceps. Sua Musculecência, o Exibido, faz isso antes de todos os treinos, levando a preparação a extremos. Ele tem um fã-clube, quase todas as alunas do primeiro e segundo anos da equipe feminina. Já o vi deixando que elas tocassem no peitoral dele. As garotas antes olhavam para mim; as mais corajosas se aproximavam e tentavam puxar conversa comigo durante o treino, até perceberem que eu

preferia ficar sozinho. Exibido felizmente desviou de mim a maior parte das atenções.

Ele faz mais dez flexões rapidamente.

— Só pode ser uma Caçada Eper — diz ele, fazendo uma pausa na descida. — E deviam esquecer essa história de sorteio desta vez. Deviam escolher os mais fortes. Que, no caso — diz ele, terminando a flexão —, seria eu.

— Sem dúvida. A Caçada sempre foi uma questão da superioridade dos músculos ao cérebro. A sobrevivência dos mais aptos...

— E o vencedor fica com tudo — termina ele ao iniciar mais dez flexões, as últimas três com apenas uma das mãos. — A vida destilada em sua mais pura essência. Não tem como não amar. Porque a força bruta sempre vence. Sempre venceu e sempre vai vencer.

Ele passa a mão pelo próprio bíceps de modo aprovador e sai. Só então eu termino de tirar as roupas e coloco a sunga.

O técnico já está gritando conosco quando entramos na água, e continua a nos repreender pela falta de concentração enquanto damos voltas dentro da piscina. A água, sempre fria demais para mim mesmo em dias normais, está um gelo hoje. Até alguns dos meus colegas reclamam da temperatura, coisa que quase nunca fazem. A baixa temperatura da água me afeta de uma maneira que não afeta a mais ninguém. Eu tremo e fico, como dizia meu pai, todo "arrepiado". É uma das muitas coisas que me diferem de todo mundo. Porque, apesar de minha similaridade fisiológica quase total com os outros, há diferenças sísmicas fundamentais por baixo da frágil e enganadora semelhança.

Todos estão mais lentos hoje. Distraídos, sem dúvida. Preciso de mais velocidade, fazer mais esforço. Parar de tremer exige que eu reúna todas as minhas forças. Mesmo quando a água está na temperatura de sempre e está todo mundo nadando de um lado para o outro, costumo demorar vinte minutos para me aquecer o suficiente. Hoje, em vez de ficar mais quente, sinto meu corpo perdendo calor. Preciso nadar mais rápido.

Depois de uma volta de aquecimento, enquanto estamos descansando no lado raso, sinto uma vontade repentina de sair nadando no estilo proibido.

Só meu pai já me viu nadar assim. Anos atrás. Durante uma de nossas excursões diurnas ao clube local. Por alguma razão, mergulhei a cabeça na água. É o primeiro sinal de afogamento, quando até o nariz e as orelhas ficam abaixo da superfície. Os salva-vidas são treinados para observar isso: se virem metade de uma cabeça submergir, já estão pegando os apitos e boias. É por isso que o nível da água, até no lado fundo, só vai até a cintura. É a profundidade que afeta as pessoas, deixando-as incapacitadas. Se elas não conseguem pisar no fundo mantendo a cabeça fora d'água, entram automaticamente em pânico. Ficam paralisadas, afundam, se afogam. Então, apesar de nadar ser considerado uma atividade dos viciados em adrenalina, dos dispostos a flertar com a morte, na verdade não é bem assim. Aqui na piscina dá para ficar de pé ao menor sinal de problema. A água é tão rasa que não cobre nem o umbigo.

Mas naquele dia eu enfiei a cabeça debaixo d'água. Não sei o que deu em mim. Enfiei a cabeça e fiz uma coisa com a respiração. Não sei como descrever, foi como segurá-la. Prendi o ar dentro dos pulmões com a boca fechada. E por alguns segundos fiquei bem. Mais do que alguns segundos. Uns dez. Dez segundos com a cabeça debaixo d'água e não me afoguei.

Não foi nem assustador. Abri os olhos, vi meus braços como pálidas manchas azuladas à

minha frente. Ouvi meu pai gritando, o som de água batendo perto de mim. Falei para ele que eu estava bem. Mostrei a ele como fazer aquilo. Ele não acreditou a princípio, insistia em perguntar se eu estava bem. Mas acabou fazendo também. E não gostou nem um pouco.

Da vez seguinte que fomos nadar, repeti a peripécia. E fui ainda mais longe: dessa vez, com a cabeça debaixo d'água, estiquei os braços e os bati à frente do corpo, um após o outro. Empurrei a água e bati as pernas. Foi incrível. Depois fiquei de pé, engasgado. Cuspi, tossi. Meu pai, preocupado, nadou até mim. Mas eu saí nadando de novo, os braços subindo e dando a volta no ar, empurrando a água debaixo do corpo, as pernas e os pés batendo, e meu pai ficou para trás. Eu estava voando.

Mas, quando nadei de volta, meu pai estava balançando a cabeça com raiva e medo. Ele não precisava dizer nada (embora tenha dito, sem parar); eu já sabia. Ele chamava de "nado proibido". Não queria que eu nunca mais nadasse daquele jeito. Portanto, obedeci.

Mas hoje estou congelando. Todo mundo está fazendo as coisas de sempre, até conversando animadamente com a cabeça acima da água enquanto mãos e pés batem embaixo dela como patos no lago. Quero nadar com força, bater as pernas, me esquentar.

E então eu sinto. Um tremor percorre meu corpo.

Levanto o braço direito. Está todo arrepiado, com bolinhas grotescas como pele fria de galinha. Bato mãos e pés com mais força, empurrando o corpo para a frente. Rápido demais. Minha cabeça bate nos pés do garoto à frente. Quando acontece de novo, ele lança um olhar hostil para trás.

Eu diminuo a velocidade.

O frio penetra nos meus ossos. Sei o que preciso fazer. Sair da água antes que o tremor fuja de controle, escapar para o vestiário. Mas, quando levanto os braços, minha pele arrepiada — mais parece uma espécie esquisita de plástico bolha — se destaca aos olhos de todo mundo. E algo estranho acontece com o meu rosto: meu maxilar começa a bater, a vibrar, a fazer meus dentes se chocarem. Aperto bem a boca.

Quando a equipe completa a volta, descansamos antes de sairmos para a próxima. Todos fomos rápidos demais dessa vez e temos alguns segundos antes da volta seguinte. Serão os doze segundos mais longos da minha vida.

— Esqueceram de ligar o aquecimento — reclama alguém. — A água está fria demais.

— O pessoal da manutenção. Devem estar ocupados demais falando sobre o pronunciamento.

A água bate na cintura. Mas eu fico agachado, mantenho o corpo imerso. Passo os dedos por minha pele. Está coberta de carocinhos. Olho para o relógio. Mais dez segundos. Dez segundos para escapar do radar e torcer para que…

— Qual é o seu problema? — pergunta Exibido, olhando para mim. — Está passando mal?

O resto da equipe se vira.

— N-na-não é nada — digo, com a voz trêmula. Firmo a voz e repito: — Nada.

— Tem certeza? — insiste ele.

Faço que sim com a cabeça, pois não confio na minha voz. Olho para o relógio. Faltam nove segundos. É como se os ponteiros estivessem colados com Superbonder.

— Técnico! — grita Exibido, o braço direito em movimento. — Tem alguma coisa errada

com ele.

A cabeça do técnico se vira, seu corpo meio segundo depois. O técnico assistente já está vindo em nossa direção.

Levanto as mãos até a altura dos pulsos.

— Eu estou bem — digo a eles, mas minha voz treme. — Está tudo bem, vamos nadar.

Uma garota na minha frente me observa de perto.

— Por que a voz dele está fazendo isso? Tremendo assim?

O medo gela minha espinha. Toma conta do meu estômago e o faz revirar. *Faça o que for necessário para sobreviver*, meu pai diria, com as mãos ajeitando meu cabelo. *O que for necessário.*

E nesse momento, com os técnicos vindo na minha direção e todo mundo me olhando, encontro uma maneira de sobreviver. Vomito na piscina, uma gosma verde e amarela e repulsiva cheia de cuspe grudento e saliva. Não é muita coisa, e a maior parte boia na superfície como um derramamento de petróleo no mar. Alguns pedaços sem cor afundam.

— Que *nojo*! — grita a garota, empurrando a água suja e pulando para trás.

Os outros nadadores também se afastam, batendo na água com braços e mãos. A gosma verde flutua na minha direção.

— Saia da água agora mesmo! — grita o técnico para mim.

Obedeço. A maior parte das pessoas está distraída demais pelo vômito na piscina para reparar no meu corpo. Estou todo arrepiado. E tremendo. O técnico e o assistente estão vindo na minha direção. Levanto o braço e finjo que estou prestes a vomitar de novo. Eles param na mesma hora.

Corro para o vestiário curvado para a frente. Lá dentro, faço sons de vômito enquanto me seco com a toalha e coloco as roupas. Não tenho muito tempo até que eles entrem. Até mesmo vestido ainda estou tremendo. Ouço-os chegando mais perto agora. Lanço-me ao chão e começo a fazer flexões. Qualquer coisa para aquecer meu corpo.

Mas não adianta. Não consigo parar de tremer. Então, quando escuto as primeiras vozes entrarem cautelosamente no vestiário, pego minha bolsa e saio.

— Não estou me sentindo bem — digo ao passar por eles.

O nojo os faz abaixar o rosto enquanto abrem caminho para mim, mas não tem problema. Estou acostumado com esse olhar.

É como olho para mim mesmo no espelho quando estou sozinho em casa.

Você passa tanto tempo tentando não ser uma coisa que depois de um tempo passa a odiá-la.

⋆ ⋆ ⋆

Na aula de literatura, a última antes do pronunciamento, ninguém consegue se concentrar. Todo mundo (incluindo a professora, que nem tenta fingir que está dando aula) só quer falar sobre o pronunciamento. Estou em silêncio, tentando descongelar, o frio ainda instalado bem fundo nos meus ossos. A professora está convencida de que será anunciada mais uma Caçada.

— Afinal, quais são as chances de o Soberano se casar de novo? — argumenta ela, os olhos indo em direção ao relógio: está contando os minutos até as duas horas.

Por fim, às quinze para as duas somos levados ao auditório, que está borbulhando de empolgação. Os professores estão de pé ao longo das paredes, inquietos. Até os zeladores vieram: estão nos fundos, também eles impacientes. Finalmente a hora chega, e a tela acima do palco é tomada pelo símbolo da nossa nação: duas presas brancas, representando a Verdade e a Justiça. Por um momento apavorante, o projetor solta faíscas e desliga. Um gemido se espalha pelas fileiras de cadeiras; técnicos correm até o projetor — pesado e difícil de manejar como todo equipamento audiovisual —, posicionado no centro do auditório. Em um minuto, a falha é consertada e a imagem volta.

Bem na hora. O Soberano, sentado à sua mesa no Salão Circular, está começando o discurso. Suas mãos estão unidas, os longos dedos entrelaçados, as unhas brilhando sob os holofotes.

— Meus queridos cidadãos. Quando foi anunciado esta noite que eu faria um pronunciamento, muitos de vocês — ele faz uma pausa dramática —, se não todos, ficaram intrigados, no mínimo. Meus conselheiros me informaram que a preocupação se espalhou por esta vasta terra e que muitos entregaram-se à especulação e até mesmo a uma preocupação desnecessária. Peço desculpas por isso; não era minha intenção. Pois eis que me dirijo a vocês com notícias não de guerra ou perturbações, mas com boas-novas.

Todos no auditório se inclinam para a frente ao ouvir isso. Por todo o país, mais de cinco milhões de cidadãos estão reunidos ao redor de tevês e telões quase sem respirar.

— O que tenho a anunciar a vocês, meu amado povo, é que este ano mais uma vez teremos aquele evento que é dos mais valorizados. — A língua dele aparece, molha os lábios. — Depois de uma década, teremos mais uma Caçada Eper!

Quando ouvimos essas palavras, todas as cabeças se viram em todas as direções: para a frente e para trás, para um lado e para o outro; há exclamações coletivas. O auditório, tomado do movimento e do som de ar sendo sugado, vibra de agitação.

— Agora, antes de eu me despedir para que o diretor do Instituto Eper possa fornecer os detalhes, quero dizer que um evento assim é emblemático de quem somos. Ele engloba tudo que faz esta nação transcender: personalidade, integridade, perseverança. Que vença o melhor!

O som de pés batendo no chão enche o auditório. Levantamos todos juntos, ao mesmo tempo que ele, e levamos as mãos ao pescoço enquanto a imagem na tela desaparece. Em seguida é a vez de o diretor do Instituto Eper falar. É um homem magro e sagaz, com jeito obsequioso, vestido de maneira impecável.

Ele nos informa que a comitiva de caça este ano será composta por cinco a dez pessoas.

— Vivemos em uma democracia, onde todas as pessoas contam, onde cada um é importante. Portanto, *todos* os cidadãos entre quinze e sessenta e cinco anos receberão uma sequência aleatória. Em exatas vinte e quatro horas, os números da sequência serão escolhidos aleatoriamente e anunciados publicamente na tevê. Cinco a dez de vocês terão essa sequência vencedora.

Cabeças se viram de súbito, costas estalam. *Cinco a dez cidadãos!*

— Os sorteados serão levados imediatamente para o Instituto Eper de Pesquisa Refinada e Descoberta para um período de treinamento de quatro noites. Em seguida, a Caçada vai começar. — O auditório é tomado por assobios e rosnados. O diretor prossegue: — As regras da Caçada são simples: os epers terão uma vantagem de doze horas nas planícies desérticas,

para em seguida os caçadores serem liberados. O objetivo? Caçar os epers, comer mais que qualquer outro caçador. — Ele olha diretamente para as lentes das câmeras. — Mas estamos nos adiantando, não estamos? Primeiro, você precisa ser um dos sortudos selecionados. Boa sorte a todos.

Mais pés batendo no chão, silenciados por uma mão erguida.

— Mais uma coisa — diz ele. — Eu mencionei epers? — Ele faz uma pausa; todo mundo se inclina para a frente. — A maior parte dos epers era jovem demais para a Caçada anterior. Eram apenas bebês naquela época. Teria sido cruel, bárbaro e, bem, injusto ter bebês como presas. — Um brilho cruel surge nos olhos dele. — Mas, desde aquela época, nós os criamos no mais controlado dos ambientes. Para garantir não só que nos forneçam carne suculenta e sangue delicioso, mas também que sejam mais… hábeis do que na última vez. De forma que hoje eles estão no ponto e prontos para o esporte e para o consumo.

A plateia volta a coçar os pulsos e a babar.

— Prezados cidadãos — prossegue o diretor —, não há melhor momento que o presente. A maioria de vocês vai receber o número do sorteio em um minuto, em sua estação de trabalho. Donas de casa, os números serão enviados por e-mail para suas contas oficiais. E, para os que estão na escola e na faculdade, seus números estão esperando nas suas mesas. Boa sorte a todos.

A imagem dele some.

Normalmente somos levados para fora de maneira ordenada, fileira por fileira. Mas hoje a escola se transforma em um pandemônio quando todos os alunos, uma massa frenética e descontrolada, saem correndo. Os professores, normalmente enfileirados nas laterais orientando a saída, são os primeiros a sair correndo do auditório.

Na minha sala, todos estão se conectando desesperadamente, batendo na tela de vidro com as unhas compridas. Sou puro fingimento, balançando a cabeça e babando. No alto da minha caixa de entrada, em caixa alta na cor vermelha, está o e-mail:

Re: SEUS NÚMEROS PARA O SORTEIO DA CAÇADA EPER

E estes são meus números: 3 16 72 87.

Eu não dou a mínima.

Todos dizem seus números uns para os outros. Em um minuto, percebemos que a primeira sequência de números vai de 1 a 9; os outros três números na sequência vão de 0 a 99. Uma tabela inútil é desenhada no quadro:

Primeiro número da sequência	Número de alunos com esse número
1	3
2	4
3	1

4	5
5	3
6	2
7	4
8	3
9	2

Teorias sem sentido são rapidamente elaboradas. O número 4, por ser o de maior incidência em nossa sala, é considerado o mais provável de ser escolhido. E o 3, com apenas uma incidência (eu), é rapidamente descartado como o mais improvável.

Por mim, tudo bem.

⋆ ⋆ ⋆

Está escuro quando chego em casa, com um toque de cinza manchando o céu. Em mais uma hora, o sol da manhã vai surgir acima das montanhas ao longe, no leste. Uma sirene vai tocar; qualquer pessoa fora de casa terá apenas cinco minutos para encontrar abrigo antes de surgirem os raios de luz letais. Mas é raro haver alguém lá fora depois desse momento. O medo do sol garante que, na hora em que a sirene toca, as ruas estejam vazias e as janelas, fechadas.

Quando coloco a chave na fechadura, de repente sinto que algo está errado. Uma fragrância? Não consigo identificar. Olho a entrada de casa e a rua. Além de algumas carruagens passando rapidamente, não tem ninguém por perto. Farejo o ar e me pergunto se é imaginação minha.

Alguém esteve aqui. Pouco antes de eu chegar.

Moro sozinho. Nunca convidei ninguém para vir aqui. Além de mim, ninguém pisou na frente da minha casa antes. Até hoje.

Com cautela, ando pela casa em busca de sinais de que alguém esteve ali. Tudo parece normal. A pilha de dinheiro deixada por meu pai e escondida debaixo das tábuas do piso, embora diminua a cada dia, continua intocada.

Fecho a porta e apuro os ouvidos, parado na escuridão da casa. Não tem ninguém aqui. Quem quer que tenha passado pela minha porta não entrou. Só então acendo as velas. As cores surgem diante dos meus olhos.

Esta é minha hora preferida do dia. É quando me sinto como um prisioneiro dando os primeiros passos de liberdade, ou um mergulhador subindo das profundezas do mar, sorvendo as primeiras lufadas de ar. Este é o momento, depois das intermináveis horas negras da noite, em que volto a ver cor. Sob a luz tremeluzente das velas, as cores explodem e inundam a sala com piscinas de arco-íris derretidos.

Coloco o jantar no micro-ondas. Preciso religar vinte vezes, porque o timer só vai até

quinze segundos. Quente, ligeiramente fumegante, é a minha preferência, não a gororoba úmida e tépida que sou obrigado a comer lá fora. Tiro as presas falsas e guardo-as no bolso, então mordo o hambúrguer, absorvendo o calor que chega a meus dentes, saboreando a sensação sólida e crocante do pão bem torrado. Fecho os olhos de prazer.

E me sinto sujo, envergonhado.

Depois de tomar banho (ou seja, esfregar gel antisséptico para mãos no corpo todo e depois jogar água para tirar o odor), eu me deito no sofá, a cabeça apoiada em moletons dobrados. Só uma vela está acesa, lançando sombras bruxuleantes no teto. Há suportes de dormir pendurados acima de mim, instalados ali anos atrás apenas pelas aparências, para o caso de uma visita aparecer. O rádio está ligado bem baixinho. "Especialistas especulam que o número de epers será entre três e cinco", diz o comentarista. "Mas, como o diretor não disse nada sobre isso, na verdade não há como saber."

O programa prossegue com as ligações de alguns ouvintes, incluindo uma velha esquisita segundo a qual tudo não passa de uma armação: o "vencedor" vai acabar sendo algum ricaço com contatos nos altos escalões do Palácio. A ligação dela é interrompida de repente. Outros ouvintes compartilham seus palpites sobre o número de epers nesta edição da Caçada. Só uma coisa é certa: serão pelo menos dois, porque o diretor — e a gravação deste trecho do pronunciamento é repetida vezes sem-fim — usou o plural: eper*s*.

Escuto alguns outros ouvintes, depois me levanto e desligo o rádio. No silêncio que se segue, ouço o suave tamborilar da chuva nas janelas.

Meu pai às vezes me levava à rua durante o dia. A não ser que fosse para nadar, eu odiava sair. Mesmo de óculos escuros, a luminosidade era forte demais. O sol cegante era como um olho que jamais piscava, fazendo jorrar claridade como ácido vazando de um béquer, transformando a cidade em um brilho sem-fim. Nada se movia lá fora.

Ele me levava a estádios vazios e shoppings desertos. Nada precisava ser trancado, porque a luz do sol era o melhor sistema de segurança. Tínhamos o parque Core todinho para soltar pipa ou a piscina do clube local para nadar. Segundo ele, essa resistência ao sol era um poder, algo que nos tornava superpoderosos. *Conseguimos suportar o que os mata*. Mas para mim éramos apenas diferentes, não mais fortes. Eu queria ser como todo mundo, abrigado no casulo de escuridão que era nossa casa. A escuridão me confortava. Ouvir isso entristecia meu pai, mas ele não dizia nada. Gradualmente, deixamos de sair.

Exceto quando éramos obrigados por alguma necessidade extrema.

Como agora. Eu abro a porta. Parou de chover.

Eu me aventuro a pisar lá fora.

⋆ ⋆ ⋆

A cidade dorme um sono pesado atrás da escuridão protegida pelas janelas. Pego um cavalo "emprestado" de um quintal vizinho e cavalgo por ruas vazias sob um céu nublado.

Saio hoje porque a cada duas ou três semanas sinto essa necessidade. Quando meu pai era vivo, nos aventurávamos juntos no mundo lá fora. A vergonha era mútua, porque nunca conversávamos, nem olhávamos nos olhos um do outro. Íamos longe, para além das fronteiras

da cidade, até as Terras Vastas de Fim Incerto. Como a designação é muito grande, a maior parte das pessoas chama apenas de Vastidão. É uma área enorme de planícies desertas. Ninguém sabe até onde vai nem o que tem depois.

Como moro em um dos subúrbios mais afastados, longe dos grandes prédios comerciais do Distrito Financeiro e mais longe ainda do centro da metrópole, onde os arranha-céus do governo poluem a paisagem, não demora para que a cidade fique para trás. Os limites da cidade são indistintos: não há muros para demarcar o início da Vastidão. Chega sem que eu perceba. As casas esparsas cedem lugar a fazendas dilapidadas de criação de aves, que, por sua vez, dão lugar a cabanas em ruínas há muito abandonadas. Até que em determinado ponto passa a haver somente o vazio. A Vastidão. Não tem nada lá. Nenhum lugar para onde fugir. Só o mais cruel dos climas e relevos, aquele dos três Ds: deserto, desolação e destruição. *Não há escapatória para nós aqui*, meu pai dizia, *nenhum refúgio, nenhuma esperança, nenhuma vida para nós. Nunca venha a este lugar com a ilusão de que conseguirá fugir.*

Não perco tempo aqui, sigo para o norte. Cerca de uma hora depois, uma área isolada de penugem verde surge no meio da Vastidão, uma aberração descoberta anos atrás por meus pais. E aquilo de que preciso está na penugem verde. Quando meus pés alcançam a grama macia, estou correndo em direção a um aglomerado de árvores. Pego uma fruta vermelha de um galho. Arranco-a, fecho os olhos e cravo os dentes na casca. Esmago a fruta dentro da boca, sua polpa suculenta e doce, meus maxilares trabalhando em um sobe e desce, sobe e desce. Quando meu pai e eu comíamos a fruta, ficávamos de costas um para o outro. Envergonhados, mastigávamos um pedaço após o outro, o sumo escorrendo por nossos queixos, incapazes de parar.

Depois da quarta fruta que como, eu me forço a ir mais devagar. Vou arrancando tipos diferentes dos galhos e guardando tudo em uma sacola. Faço uma pausa, fico um tempo olhando para o céu. Bem lá em cima, vejo um pássaro grande de asas estranhamente retangulares. Ele descreve um círculo no alto, sua forma estranhamente inalterada, e segue para o leste, desaparecendo ao longe. Pego mais algumas frutas e sigo para meu lugar preferido por aqui, uma árvore grande cujas folhas se espalham para o alto, cheias de vida. Meu pai e eu sempre nos sentávamos sob essa árvore, ficávamos ali comendo frutas recostados no tronco, a cidade ao longe, escura e vazia. Como uma poça suja.

Anos atrás, costumávamos explorar o gramado verde em busca de sinais de outros como nós. Sinais como restos de frutas comidas, grama pisada, galhos quebrados. Mas raramente encontrávamos algo. Nossa espécie é cuidadosa em não deixar vestígios. Mesmo assim, eu ocasionalmente encontrava aquele inevitável e o mais claro indício: menos frutas nas árvores. Isso significava que outros também haviam estado aqui, colhendo e comendo. Mas nunca vi ninguém.

Uma vez, entre uma mordida e outra, perguntei ao meu pai:

— Por que nunca vemos outros epers aqui?

Ele parou de comer por um momento e virou a cabeça parcialmente na minha direção.

— Não use essa palavra.

— Que palavra? Eper? Qual é o problema com…?

— Não use essa palavra — repetiu ele, com severidade. — Nunca mais quero ouvir essa

palavra saindo da sua boca.

Eu era novo; lágrimas surgiram rapidamente nos meus olhos. Ele então se virou para mim, seus olhos grandes me engolindo inteiro. Inclinei a cabeça para trás para impedir que as lágrimas caíssem. Só depois que secaram é que ele desviou o olhar. Ficou olhando para o horizonte até se acalmar.

— *Humanos* — disse ele por fim, com a voz mais suave. — Quando estivermos sozinhos, use esta palavra, entendeu?

— Entendi — falei. E, depois de um momento, tentei novamente: — Por que nunca vemos outros humanos?

Ele não respondeu. Mas ainda me lembro do som dele mordendo grandes pedaços de maçã, estalos explodindo em sua boca, enquanto permanecíamos sentados sob uma árvore carregada de frutas maduras.

E agora, anos depois, há até mais frutas penduradas nas árvores, uma abundância de cores no gramado verdejante. É tão triste que as cores signifiquem morte e extinção. E é assim que como agora, sozinho no gramado verde, um ponto cinza solitário em meio a manchas vermelhas e cor de laranja e amarelas e roxas.

⋆ ⋆ ⋆

O crepúsculo chega, a noite do sorteio. Dentro de todas as casas, jovens e velhos estão acordados, tremendo de empolgação. Quando o alarme da noite soa, persianas e grades sobem, portas e janelas são abertas. Todo mundo sai cedo para o trabalho e para a escola, para conversar e verificar com impaciência telas de computadores à frente.

Na escola, nem se tenta manter a normalidade. No segundo tempo, a professora não chama a atenção da turma; apenas nos ignora enquanto toca a tela do computador sobre sua mesa. Na metade da aula, um anúncio para toda a cidade soa nos alto-falantes: como a produtividade na cidade caiu tão drasticamente, o anúncio dos números do sorteio foi adiantado algumas horas. Na verdade, será transmitido ao vivo em poucos minutos.

— Estejam com seus números em mãos — diz a voz, com alegria, como se todo mundo já não tivesse decorado o seu.

Isso provoca um furor imediato na sala de aula. Alunos correm para seus lugares e encaram as telas acopladas a cada carteira.

— Prontos para o sorteio? — pergunta o âncora do noticiário alguns minutos depois, visivelmente alterado. — Estou com os meus aqui — diz ele, erguendo um pedaço de papel com os números. — Esta noite pode ser minha, acordei com um pressentimento.

— Assim como todos os cidadãos desta grande cidade, sem dúvida — comenta a outra repórter, uma mulher magra de cabelo preto como piche. — Estamos todos muito animados. Vamos agora para o Instituto Eper, onde os números estão prestes a ser sorteados. — Ela faz uma pausa e leva o dedo ao ponto eletrônico, na orelha. Um brilho feroz surge em seus olhos. — Estamos recebendo agora mesmo a notícia de uma surpresa. É bombástico, pessoal. É melhor se sentarem.

Na sala de aula, os alunos se entreolham e logo voltam a se inclinar para a frente. Ninguém

diz nada.

— Em vez de o diretor sortear os números, o Palácio decidiu que a tarefa caberá a um eper cativo.

Alguém solta uma exclamação alta; vários alunos de repente sobem nas mesas.

— É isso mesmo que vocês ouviram, pessoal — continua ela, e a voz está diferente agora, com um leve ceceio. — Vamos ter transmissão ao vivo… — Ela faz outra pausa. — Estão me informando que vem de uma localização secreta dentro do Instituto Eper. Vamos até lá agora.

Imediatamente a imagem do estúdio é substituída pela de uma arena fechada, um local vazio e cavernoso. Não há janelas nem portas. No centro da arena, há uma cadeira vazia. Ao lado, um saco de cânhamo grande e uma tigela de vidro. Mas ninguém olha para o saco, nem para a cadeira, tampouco para a tigela de vidro. Nossos olhos estão grudados na imagem indistinta de um eper macho encolhido no canto.

Ele é um tanto velho e magro, mas a barriga é cheia de gordura e se destaca de maneira desproporcional no corpo esguio. Os braços e as pernas são peludos, e, ao verem isso, todos na sala se põem a estalar os lábios.

A câmera se aproxima e se afasta do eper. Mas fica claro que deve estar sendo operada no automático ou por algum controle externo. Se alguém estivesse ali na arena com o eper, ele seria devorado em segundos. As câmeras de vídeo da última geração, com o peso relativamente leve de duas toneladas, são capazes de dar zoom sozinhas, um avanço tecnológico inimaginável uma década atrás.

A câmera dá zoom outra vez e captura a insegurança do eper quando olha para cima, para alguma coisa fora da tela. Em seguida, como se por instrução, ele se levanta e vai até a cadeira. Há indecisão a cada passo, cautela. As emoções surgem nuas no rosto dele.

Um aluno balança a cabeça violentamente, espirrando saliva para todo lado, e alguns respingos caem em mim. Estamos todos babando, formando pequenas poças de saliva sobre as mesas e no chão; as cabeças pendendo para o lado e para trás; os corpos tensos. Todo mundo está em transe *e* extremamente alerta.

Os âncoras estão há alguns instantes em silêncio.

O eper chega à cadeira e se senta. Mais uma vez, com olhos arregalados, ele olha para algo que não vemos, em busca de instruções, depois enfia a mão no saco de cânhamo e pega uma bola. Há um número impresso: 3. Ele levanta a bola para a câmera por um segundo e a coloca na tigela de vidro.

Demoramos um momento para perceber o que acabou de acontecer. Os âncoras voltam a falar, suas vozes úmidas e borbulhantes de saliva:

— Temos o primeiro número, pessoal, temos o primeiro número. É 3!

Gemidos altos soam ao redor, seguidos por folhas de papel sendo amassadas. A professora na frente da sala solta um palavrão.

Olho para o meu papel: 3, 16, 72, 87. Com calma, risco o número 3. Poucos colegas ainda estão concorrendo. É fácil identificá-los. Seus olhos brilham de expectativa e a baba escorre das presas expostas. Todas as outras pessoas estão relaxando agora, descontraindo os músculos, limpando bocas e queixos. Encolhem-se nas cadeiras.

O eper pega outro número com nervosismo.

16.

Mais gemidos. Pego minha caneta e risco o 16, com um ligeiro tremor nos dedos. Preciso segurar a caneta com mais firmeza, controlar meus dedos.

Pelo que percebo, esse último número eliminou os outros concorrentes da sala. Menos eu. Ninguém reparou ainda que continuo concorrendo. Deixo mais saliva pingar e escorrer pelo queixo. Arfo um pouco, inclino a cabeça. Cabeças se viram na minha direção. Em pouco tempo, um grupo se reúne à minha volta.

O eper tira o número seguinte.

72.

Há um silêncio momentâneo, repleto de perplexidade. Em seguida, cabeças começam a se sacudir ritmadamente. Dedos estalam. Meu próximo número, 87, é cantarolado como um mantra. Alguém vai correndo contar para a sala ao lado. Ouço cadeiras sendo arrastadas no chão; momentos depois eles entram voando, reúnem-se ao meu redor. Recebo uma chuva de saliva; algumas pessoas estão penduradas de cabeça para baixo no teto, olhando para minha tela. A notícia se espalha pelos corredores.

Meu coração, como um rato claustrofóbico em uma gaiola, está fora de controle. O medo me domina. Mas, por enquanto, ninguém está prestando atenção em mim; todos estão com os olhos grudados na tela. Tem algo errado com o eper. Ele está balançando a cabeça de um lado para o outro agora, de maneira quase violenta, com os olhos arregalados de medo. Uma exibição crua e impressionante de emoção. Uma fruta cai de repente de uma pequena abertura no teto. É uma fruta vermelha; o eper pula nela e a devora em segundos.

— Que nojento — diz alguém.

— É mesmo, nem consigo olhar direito.

O eper dá alguns passos em direção ao saco; está prestes a pegar o último número, mas faz uma pausa. Ele solta o saco e se encolhe no canto, as mãos tapando os ouvidos e os olhos bem fechados. Por um segundo, ergue a cabeça e olha para algo fora da tela. Em seguida, seus olhos se arregalam de medo e sua cabeça balança violentamente. Ele afunda a cabeça entre os joelhos.

— Ele não quer pegar o último número — sussurra um aluno.

— Eu falei para vocês — diz minha professora —, esses epers são mais inteligentes do que parecem. De alguma forma ele sabe que esses números são para a Caçada.

A tela fica preta. A imagem seguinte é da sala do telejornal. Os âncoras são pegos desprevenidos.

— Parece que estamos tendo dificuldades técnicas — diz o homem, limpando rapidamente o queixo. — Voltaremos logo ao ar.

Mas não demora tão pouco assim. O vídeo do eper pegando os três primeiros números é repetido sem parar. A notícia a meu respeito se espalha na escola; mais alunos aparecem na sala. Pouco depois, mais notícias: outra pessoa da escola ainda está concorrendo. Enquanto deixo mais saliva escorrer pelo queixo e balanço a cabeça regularmente, faço contas aproximadas na cabeça. As chances de eu ter o último número vencedor são de uma em 97. É pouco mais de um por cento. *Uma reconfortante pequena chance*, digo para mim mesmo.

— Olhem! — diz alguém, apontando para a tela.

A imagem na tela mudou: saiu do estúdio para uma localização externa. O eper macho sumiu. No lugar dele há uma eper fêmea e jovem. Ela está sentada do lado de fora, em uma cadeira, junto de um saco de cânhamo e uma tigela de vidro. A imagem está com um brilho estranho e difusa, como se houvesse uma parede de vidro entre a eper e a câmera. Atrás dela há montanhas distantes sob as poucas estrelas que pontuam o céu noturno. Ao contrário do outro eper, ela não olha nervosamente para algo fora da tela, mas diretamente para a câmera. Com um olhar controlado, ela exibe uma segurança que parece estranha em uma eper cativa.

Alguns dos garotos sobem nas mesas. Epers fêmeas são notoriamente as favoritas de ambos os gêneros. A carne é mais farta e tem mais gordura em algumas partes. E uma adolescente, como essa parece ser, é a mais suculenta de todas; seu sabor é incomparável.

Antes que as pessoas recomecem a arfar e babar, a eper já está enfiando a mão no saco. Ela retira calmamente uma bola, segura-a com o braço esticado em direção à câmera. Mas é em seus olhos que presto atenção: parecem focados nos meus, como se me vissem pela lente da câmera.

Não preciso ver a bola sorteada para saber que a eper pegou o número 87. Meus colegas de escola emitem um sibilar explosivo e em seguida estalam os lábios. As congratulações começam: orelhas são levadas até a minha, esfregadas para cima e para baixo, de um lado para outro. Um minuto depois, entre abraços de orelhas, olho para a tela do computador. Incrivelmente, a eper ainda está segurando a bola numerada para a câmera, com um olhar de desafio silencioso no rosto. A imagem começa a sumir. Mas, pouco antes de desaparecer por completo, vejo os olhos da eper ficarem úmidos, sua cabeça um pouco inclinada para a frente e a franja caindo sobre os olhos. O desafio parece se transformar em uma tristeza repentina e arrasadora.

⋆ ⋆ ⋆

Não demora muito e eles chegam. Ainda estou recebendo os parabéns quando escuto seus passos pesados no corredor. Quando abrem a porta da minha sala, todos os alunos já voltaram aos seus lugares e estão em posição de sentido. Quatro pessoas entram. Estão todos vestidos de maneira imaculada, com ternos de seda vincados.

— F3? — pergunta o líder, atrás da mesa da professora. Tal qual seu terno, a voz dele é sedosa, arrogante, mas com inegável autoridade.

Eu levanto a mão.

Os quatro pares de olhos se fixam em mim. Não são olhos hostis, apenas eficientes.

— Parabéns, você tem a combinação de números sorteada — murmura o líder. — Venha conosco agora, F3. Você vai ser levado diretamente para o Instituto Eper. O veículo o aguarda na frente da escola. Venha agora.

— Obrigado — digo. — Acho que sou o cara mais sortudo do mundo. Mas preciso pegar algumas coisas em casa, roupas. — E meu barbeador e escovinha e cortador de unhas e escova de presas…

— Não. As roupas serão fornecidas no Instituto. Venha agora.

⋆ ⋆ ⋆

Nunca tinha andado de carruagem-limusine, muito menos dessas puxadas por um grupo de garanhões. Os garanhões, pretos e de pelo brilhoso, se fundem discretamente à noite. Eles se viram para mim quando me aproximo da carruagem, farejando-me. Entro rapidamente. Alunos e professores saem da escola por todas as portas e correm para assistir. Mas todos ficam a uma distância respeitável, em silêncio e imóveis.

Por causa das janelas com insulfilm, o escuro ali dentro é irritante. Tenho que resistir à vontade de esticar os braços para tatear em volta ou forçar os olhos. De cabeça baixa, avanço devagar até meus joelhos tocarem o estofado do assento de couro. Ouço mais corpos entrando depois de mim, sinto o assento afundar com o peso deles.

— É a sua primeira vez em uma carruagem-limusine? — pergunta uma voz ao meu lado.

— É.

Ninguém diz nada.

Outra voz:

— Vamos esperar o outro vencedor.

— Outro aluno? — pergunto.

Uma pausa.

— Sim. Não deve demorar.

Olho pela janela escura e tento não demonstrar que não consigo ver nada daqui de dentro.

— Você precisa assinar alguns papéis — diz uma terceira voz. Um leve ruído de papéis sendo mexidos, o estalo inconfundível de uma prancheta. — Aqui.

Com o rosto ainda voltado para a janela, mexo o braço direito em um arco amplo até esbarrar na prancheta.

— Opa, sou tão desastrado às vezes.

— Assine aqui e aqui e aqui. Onde estão os Xs.

Olho para baixo. Não consigo ver nada.

— Bem onde estão os Xs — diz outra voz.

— Não podemos esperar um pouco? Estou meio que emocionado pelos acontecimentos…

— Agora, por favor. — Há firmeza nessa voz.

Sinto olhos se virando para me encarar.

Mas justo nesse momento a porta da limusine se abre.

— O outro sorteado — sussurra alguém.

Uma leve luz cinzenta de fora entra no veículo. Não perco tempo: baixo os olhos, vejo vagamente os Xs e rabisco minha designação. A carruagem se inclina com o peso de mais alguém entrando. Em seguida, antes que eu consiga ver quem é, a porta se fecha e o interior volta a mergulhar na escuridão.

Um tornozelo bate na minha canela.

— Tira essa perna do caminho! — reclama uma voz para mim. É uma voz de garota, um tanto familiar.

Continuo fitando a janela, nem tento olhar para ela.

— Vocês dois se conhecem? — pergunta uma voz.

Concluo que o mais garantido é dar de ombros e coçar o pulso. Uma resposta ambígua, que poderia ser interpretada de várias formas.

Ouço o coçar de outros pulsos. Dessa eu me livrei.

— Assine estes papéis, por favor. Aqui, aqui e aqui.

Há uma pausa momentânea. Em seguida ela fala, com autoridade:

— Meus amigos estão lá fora. A escola toda está lá fora. Este é o melhor momento da minha vida. Vocês podem baixar essas janelas para que eles possam me ver? Seria bom para a escola e para a comunidade, todos se juntarem a nós neste momento maravilhoso.

Por alguns instantes, não há resposta. Em seguida, a janela é baixada e a luminosidade cinzenta lá de fora penetra aos poucos no veículo.

Sentada à minha frente está Julia Brasa.

⋆ ⋆ ⋆

Seguimos no silêncio e na escuridão. Os oficiais nem se dão ao trabalho de puxar assunto. Os garanhões param em um sinal de trânsito; os estalos dos seus cascos são momentaneamente interrompidos. O forte barulho da multidão lá fora chega abafado até nós: o estalar de ossos, o trincar de dentes, o ruído de juntas e tornozelos. Centenas, se não milhares de pessoas, estão nas ruas para nos ver passar.

Apesar de seu silêncio, vejo que Julia Brasa está empolgada. Ouço o pescoço dela estalando na escuridão à minha frente. Resolvo também estalar os dedos uma vez ou duas.

Não é a primeira vez que Julia Brasa e eu ficamos no escuro em um local fechado. Foi há um ou dois anos, antes de eu me tornar o recluso que sou hoje e justamente quando ela estava começando sua meteórica ascensão à categoria de membro do clube das Desejáveis. Chovia aquela noite, e a turma estava reunida dentro do ginásio da escola. Nosso professor de educação física não apareceu, e ninguém se deu ao trabalho de ir informar à secretaria. Não sei como (essas coisas simplesmente acontecem), mas acabamos todos participando do jogo da garrafa. A turma *toda*, mais de vinte alunos. Dividimo-nos em dois círculos, por gênero. As palavras *Isso é ridículo, eu vou embora* estavam na ponta da minha língua, mas os caras giraram a garrafa de repente e a coisa começou.

Girando rapidamente, a garrafa no início era um borrão, até diminuir a velocidade e parar apontando para o garoto à minha frente, do outro lado da roda.

Mas continuou a girar bem devagar, como se estivesse em uma poça de cola, até que o gargalo, aberto como a boca de um peixe agonizante, finalmente parou de vez. Apontando diretamente para mim, sem margens de dúvida.

— Que saco — exclamou o garoto ao meu lado, com amargura. — Quase fui eu.

E foi como se uma corrente elétrica percorresse o círculo das garotas. Elas começaram a cochichar entre si, uma grudada no ouvido da outra, a me lançar olhares de encanto e empolgação. Na mesma hora, uma garota esticou o braço e girou a garrafa. O vidro rodopiou rapidamente e então tornou-se um borrão mais lento. Já na rotação final, quando as garotas que eram descartadas se inclinavam para trás uma a uma, desapontadas, bem no momento em que passava lentamente por Julia Brasa, ela esticou o pé e a fez parar, deixando o gargalo

apontado em sua direção.

— Puxa! — disse ela. — Logo eu, hã?

E, como era Julia Brasa, ficou por isso mesmo.

Um minuto depois, Julia Brasa e eu estávamos no armário, a poucos centímetros um do outro, as paredes nos abraçando, bem próximas. O cheiro de pinho era forte lá dentro, e a escuridão era completa.

Nenhum de nós se moveu. Eu ouvia os outros falando lá fora, suas vozes a quilômetros de distância. Olhava para meus próprios pés, respirando fundo com bastante concentração.

Pensei em falar com ela, por ser a oportunidade perfeita (e *única*) de eu expressar o que sentia em meu íntimo havia anos. *Julia Brasa, sinto algo por você há muito tempo. Desde a primeira vez que a vi. Você é a única por quem me sinto atraído, a única em quem eu penso todos os dias.*

— Podemos ir em frente? — perguntou ela na escuridão, sua voz sussurrante e surpreendentemente baixa. Minha oportunidade, tão efêmera, se fora.

Esbarramos desajeitadamente naquele espaço apertado enquanto tirávamos as mangas dos braços. Segurei o zíper, puxei e o senti descer.

Sem as mangas, fizemos uma pausa. Estava na hora. Será que ela estava esperando que eu tomasse a iniciativa? Mas então ouvi o pescoço dela estalando, um som alto seguido por um ronco baixo e gutural, depois um rosnado, muito perto, o sibilar molhando as paredes e o teto e o chão do armário escuro.

Deixei que minha mente se esvaziasse, se apagasse, depois fosse substituída por uma necessidade primitiva manufaturada na minha mais profunda capacidade de fantasia. Abri a boca e um rosnado saiu, com uma selvageria pura e uma urgência que me surpreenderam. Meus braços voaram na direção dela e colidiram com os dela, unhas arranhando pele. Por um segundo o medo inundou minha mente: se houvesse derramamento de sangue, o entusiasmo dela rapidamente (em um microssegundo) mudaria e ela voaria para o meu pescoço, afundando as presas rapidamente na minha pele, e os outros do lado de fora entrariam apenas segundos depois, para mergulhar em uma orgia de sangue. Mas, absorto, não parei, não paramos, empurramos bruscamente os braços um do outro — eram tantos a nos atrapalhar —, afastamos cotovelos e ombros, lutamos para arrumar uma boa posição. Batemos nas paredes que nos confinavam, provocando sons ocos quando nossos cotovelos e joelhos batiam nas paredes, invisíveis naquela escuridão.

Cheguei lá primeiro. Antes que ela pudesse recuperar o equilíbrio, enfiei o cotovelo no espaço abaixo da axila dela. Como eu tinha lido nos livros e visto nos filmes. Ela era minha. Julia Brasa se contraiu de expectativa quando nossos corpos se encaixaram. Mas, de repente, os músculos dela perderam toda a tensão e ela relaxou por completo. Girei o cotovelo em círculos voluptuosos, e ela acompanhou os movimentos. Saliva escorria de suas presas à mostra. Eu me concentrei muito depois disso, para manter as aparências e garantir que os rosnados saíssem no tom febril certo, que meu corpo oscilasse com paixão e frenesi suficientes.

Depois, Julia Brasa e eu nos inclinamos para procurar nossas mangas. No escuro, nossos braços se esbarraram; e, em um segundo inesquecível, nossas mãos rapidamente se tocaram. Os dedos dela roçaram na palma da minha. Nós dois nos sobressaltamos: eu de surpresa, Julia Brasa de repulsa. Ela estava em silêncio, talvez se recompondo. Eu estava prestes a abrir a

porta do armário quando ela falou:

— Espere!

Eu fiz uma pausa antes de responder.

— O que foi?

— Podemos só… ficar aqui um pouco?

— Tudo bem.

Um minuto se passou. Eu não conseguia enxergá-la no escuro, ver o que estava fazendo.

— Você é…? — começou a dizer.

Esperei que terminasse a frase. Mas por muito tempo ela não disse nada.

— Será que ainda está chovendo muito? — perguntou ela por fim.

— Não sei. Talvez.

— Deve chover a noite toda, foi o que a previsão do tempo informou.

— Foi?

E mais uma vez ela ficou em silêncio por um tempo antes de voltar a falar.

— Você sempre vem a pé para a escola, não é?

Fiz uma pausa.

— É.

— Trouxe guarda-chuva hoje?

— Trouxe.

— Eu também vim a pé hoje — disse ela, e nós dois sabíamos que estava mentindo. — Mas deixei o guarda-chuva em casa.

Não falei nada.

— Você se importa de me levar em casa? — sussurrou ela. — Odeio me molhar.

Falei que, por mim, tudo bem.

— Então me encontre no portão principal depois da aula, combinado? — disse ela.

— Combinado.

Ela então abriu a porta do armário. Não olhamos um para o outro ao voltarmos para o grupo. Os garotos ficaram me observando com expectativa, e dei a eles o que queriam: mexi os lábios para formar a palavra "uau" e mostrei as presas. Eles coçaram os pulsos.

Mais tarde, depois que o sinal da última aula soou e os alunos saíram aos montes da escola, permaneci sentado em minha carteira. Continuei lá até os corredores ficarem silenciosos, até os últimos alunos e professores saírem da escola, até o estalar dos cascos dos cavalos desaparecer ao longe. A chuva pesada caía lá fora e batia na janela. Só depois que a sirene do amanhecer soou, horas depois, foi que me levantei e fui embora. O portão principal estava vazio quando o cruzei, como eu sabia que estaria. Fazia muito frio naquele momento, com a chuva ainda caindo pesadamente, como se tentando encher as ruas vazias. Nem abri o guarda-chuva. Deixei que a chuva encharcasse minhas roupas, chegasse até meu corpo, que o frio molhado tomasse o meu peito, ferroasse a minha pele, congelasse meu coração.

O Instituto Eper

O PERCURSO É longo. Até a carruagem-limusine fica desconfortável e irritante depois das primeiras duas horas — não foi feita para percorrer grandes distâncias. Viagens longas são muito raras: o surgimento do mortífero sol a cada doze horas restringe o deslocamento. Se não fosse por isso, percorreríamos trechos muito maiores, e a tecnologia das locomotivas teria suplantado os cavalos há tempos. Em um mundo em que, como diz o ditado, "a morte nos contempla todos os dias", os cavalos suprem bastante bem as nossas necessidades.

Ninguém fala enquanto percorremos os subúrbios, cruzando estradas que ficam mais esburacadas a cada minuto, até abrirem espaço para a areia do deserto. Por fim, umas cinco horas depois, paramos em frente a um prédio sem graça do governo. Eu saio, com pernas rígidas e vacilantes. Um vento do deserto sopra nas planícies escuras, frio e refrescante, e balança minha franja.

— Hora de ir.

Somos escoltados em direção ao prédio cinza, as botas dos oficiais levantando pequenas nuvens de areia. Várias outras carruagens estão estacionadas ali perto, com os cavalos presos mas ainda agitados da viagem, os focinhos úmidos e dilatados de cansaço e exalando calor. Rapidamente, conto as carruagens: incluindo aquela em que vim com Julia Brasa, há outras cinco. Ou seja: sete vencedores do sorteio.

* * *

Nada na fachada cinza e simples do prédio me prepara para a opulência do interior. Pisos de mármore brilham com o tom de ébano do velho mundo. Colunas jônicas, com capitéis ornamentados com duas volutas, erguem-se até tetos impossivelmente altos e delineados por uma cornija de gesso entalhada com folhagens curvas. Há um labirinto de corredores e escadarias que provocam uma desorientação vertiginosa. Andamos em fila única, com alguns oficiais na frente e uma fileira deles atrás de nós, nossas botas ressoando de leve no piso de mármore, com fileiras de lâmpadas de mercúrio de cada lado do corredor. Julia Brasa segue bem à minha frente. O cabelo dela é como o fogo de uma tocha abrindo caminho.

O corredor vai dar em um par de portas grandes ornamentadas em prata e posicionadas entre duas colunas coríntias. Mas, antes de chegarmos lá, o oficial que nos conduz se vira de repente para uma porta à esquerda. O grupo para de uma maneira desajeitada quando ele bate à porta. Um momento depois, a porta se abre.

* * *

O salão está escuro. No meio há cadeiras de veludo de costas curvas posicionadas em círculo como os números de um relógio; todas estão ocupadas, menos duas. Julia Brasa, à minha frente,

é levada a uma cadeira vazia. Sou levado para a cadeira ao lado da dela e me sento. Os oficiais ficam a alguns metros atrás de nós, em posição de sentido.

Há sete de nós sentados na escuridão mortiça, com as mãos pousadas nos joelhos, olhando diretamente para a frente, com as pontas das presas aparecendo de leve. Os caçadores. Estamos perfeitamente parados, como se as moléculas no ar tivessem se grudado, prendendo todos no lugar.

Quando a oficial aparece, ela nos pega de surpresa: em vez de roupas militares, usa um vestido florido, com mangas longas enfeitadas com imagens de dentes-de-leão e rosas. Ela caminha graciosamente até o centro do círculo, onde uma cadeira de costas altas ascende do chão. O ar dela é de simples bondade, mais matronal do que militar. Ela se senta na cadeira, que continua a subir bem devagar, girando. Enquanto percorre o círculo, ela faz contato visual com uma pessoa de cada vez, nos avalia, observadora, porém afável. Quando seus olhos encontram os meus, sinto a amabilidade se derramando em minha direção como os raios do anoitecer de um dia de verão.

Quando ela fala, sua voz é suave mas clara:

— Parabéns a todos. Cada um de vocês tem hoje a chance de participar de uma experiência rara e esplêndida que é apenas um sonho para o resto do mundo. — Ela faz uma pausa e apura os ouvidos. — Todo mundo vai ficar louco para ouvir sobre a Caçada depois; vocês ficarão bastante ocupados com a imprensa depois que tudo acabar, principalmente aquele que caçar mais epers.

Ela gira de leve; o vestido esvoaça ao redor de suas pernas.

— Para isso, preparamos diversas atividades para vocês. Haverá *muito* o que compartilhar com a imprensa depois. Nas próximas noites, a agenda de vocês estará lotada de eventos, do anoitecer ao amanhecer. Vocês talvez fiquem inquietos, sem conseguir parar de pensar na Caçada, que será daqui a cinco noites. Eu entendo. — Algumas cabeças se erguem quase imperceptivelmente. Ela faz uma pausa e, quando recomeça, está mais séria. — Mas, até lá, preciso insistir em como é importante manter o foco nas próximas noites. Concentrar-se no treinamento. Aprender as habilidades necessárias, absorver os conselhos que lhes daremos. Estes não são epers comuns, os epers clássicos sobre os quais vocês leram ou ouviram falar. Estes epers são diferentes, especiais: foram treinados na arte da evasão, sabem fugir e, quando necessário, atacar. Nos últimos meses, demos armas a eles, objetos primitivos como lanças e adagas, mas vocês nem imaginam como eles aprenderam a manejá-las.

“Portanto, mantenham o foco. Se começarem a sonhar demais com o sangue deles, com o gosto daquela carne quente, com os corações deles batendo suavemente sob as unhas de vocês, com a pele dos pescoços deles prestes a ser rompida pela ponta afiada dos seus dentes… — Ela fica com olhar vidrado. — Com o sabor daquele primeiro jato de sangue na boca, jorrando como um córrego… — Ela balança a cabeça e seus olhos entram em foco. — É isso o que vocês precisam evitar. Concentrem-se no treinamento, para que vocês possam ajudar a si mesmos a serem vitoriosos. Pois lembrem-se: vocês estão treinando não apenas para caçar os epers, mas também para vencer os outros caçadores. Descobrimos em Caçadas anteriores que normalmente só um caçador domina a Caçada e devora a maioria, ou até mesmo todos os epers. Lá fora, no deserto, não há espírito de equipe, nada de dividir os bens com a

coletividade. Se você chegar aos epers primeiro, a última coisa que vai querer é compartilhar o que conseguiu. Não; você vai, inevitavelmente, se ver fartando-se nas abundantes riquezas à sua frente. Você quer ser esse caçador, quer ser o vencedor. Portanto, dedique-se ao treinamento. Concentre-se. Os mais ágeis levarão o prêmio.

O rosto dela parece um arco-íris.

— Vocês logo serão levados para seus aposentos. Descansem bem, porque amanhã será esplêndido. Um café da manhã suntuoso, seguido de um tour por nossas instalações. Vocês verão os campos de treinamento, a sala de artilharia, o Centro de Controle, o *lounge* de meditação, o salão de refeições. E por fim, no final da noite, levaremos vocês para… o vilarejo eper.

Oficiais dão um passo à frente, aproximando-se do círculo, e se postam de pé ao lado de cada caçador. O sujeito à minha direita é uma estátua cinza de cara fechada. Ele segura um pacote.

— Isso mesmo — diz ela, ainda sentada no meio, girando lentamente —, peguem o pacote. Leiam quando chegarem aos seus aposentos. Ele contém informações valiosas. Vocês serão levados a seus aposentos agora. Todos tiveram uma noite longa e agitada. Tentem descansar hoje. Durmam cedo.

Ela então se levanta e desaparece no escuro. Logo depois nos levantamos também e seguimos o oficial que acompanha cada um de nós. Nosso círculo se desfaz quando nos dispersamos, em silêncio e rapidamente. Somos levados por corredores diferentes, por portas diferentes, até que sobram apenas cadeiras vazias ainda posicionadas como os números de um relógio sem ponteiros que não funciona.

⋆ ⋆ ⋆

O oficial que me conduz segue bruscamente por um corredor, sobe um lance de escadas, passa por outro corredor e desce outro lance de escadas sem falar nada. Depois mais um corredor, mal iluminado por velas, até que paramos bem em frente a uma porta grande. Ele faz uma pausa e se vira para mim.

— Fui instruído a lhe pedir desculpas. Da parte do Instituto Eper. Devido ao número de sorteados e à falta de quartos aqui, um de vocês terá que ser alojado em… acomodações diferentes. Acabamos tendo que optar entre os dois mais jovens, você e sua colega de escola, e o cavalheirismo exige que a menina receba o último quarto do prédio principal. O seu fica na verdade em um pequeno prédio um pouco afastado. Infelizmente, a única maneira de chegar lá é por uma área externa. Sob céu aberto.

E então, antes que eu possa reagir, ele abre a porta e sai. A vastidão do céu noturno, acima das extensas planícies desertas, me surpreende um pouco. As estrelas — minúsculos pontinhos prateados — se espalham como sal derramado. O oficial murmura um palavrão e coloca óculos escuros. A lua está logo acima das montanhas ao leste; na fase crescente, exibe um sorriso torto que reflete meu prazer por estar a céu aberto. A verdade é que fico feliz em estar longe do prédio principal, de todo mundo.

Estamos em um caminho de tijolinhos que leva a uma pequena construção de pedra, de

apenas um andar.

— O que você disse que este lugar é?

— É uma conversão — responde ele, sem olhar para mim. — Costumava ser uma pequena biblioteca. Mas transformamos em aposentos confortáveis para você. Tem o mesmo alto nível dos outros.

Dou uma olhada rápida para trás, para o prédio principal. Luzes de mercúrio esparsas marcam a fachada. Fora isso, o prédio está completamente escuro.

— Olhe — diz o oficial, me observando —, sei que você está se perguntando por que não pudemos colocá-lo no prédio principal. Há mais aposentos desocupados lá do que pelos em um eper. Eu me fiz a mesma pergunta. Mas apenas sigo ordens. E você deveria fazer o mesmo. Além do mais, tem uma vantagem em ficar aqui fora.

Fico esperando ouvir o resto. Mas ele balança a cabeça.

— Quando chegarmos lá. Não agora. Você vai gostar, prometo. E é claro que vai querer que eu demonstre como usar, não vai?

Cada tijolinho do caminho é vermelho vibrante, como recipientes transparentes cheios de sangue fresco.

— Este caminho foi instalado dois dias atrás — diz ele —, para tornar este percurso um pouco mais agradável para você. — Ele faz uma pausa de efeito e acrescenta: — Você nunca vai adivinhar quem fez o trabalho.

— Não faço ideia.

Ele se vira para olhar para mim pela primeira vez.

— Epers.

Resisto ao impulso de arregalar os olhos.

— Não acredito — digo, virando a cabeça um pouco de lado. *Crack*.

— Juro para você — diz ele. — Nós os colocamos para trabalhar. Durante o dia, é claro. Nosso pessoal trabalhou no turno da noite; mas, quando ficou claro que não íamos conseguir terminar a tempo, pegamos os epers para ajudar. Eles trabalharam dois dias seguidos. Nós os recompensamos com comida extra. Aquelas criaturas fazem qualquer coisa por comida.

— Quem supervisionou o trabalho? Quem conseguiria... Vocês deixaram que eles andassem por aí livremente?

Ele só balança a cabeça, com uma expressão de "Você ainda tem muito a aprender, garoto".

Ele abre a porta e entra. O interior é surpreendentemente espaçoso e arejado. Mas a conversão de biblioteca para quarto de hóspedes está incompleta. Ainda é uma biblioteca; a única modificação é um par de suportes de dormir presos ao teto. Fora isso, a biblioteca toda parece intocada: estantes ainda cheias de livros, jornais velhos e amarelados em prateleiras de cerejeira e mesas de leitura espalhadas regularmente. Um cheiro de bolor impregna todo o ambiente.

— Os suportes de dormir — diz ele, olhando para o alto. — Foram instalados ontem.

— Por epers?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Isso fomos nós. Os epers nunca entrariam aqui. Têm medo de armadilhas. São burros, mas não são idiotas, sabe?

Ele mostra o local rapidamente. Mostra a seção de referências, os interruptores de luzes de mercúrio e o armário cheio de roupas para mim. Explica que o blecaute funciona automaticamente, por sensores de luz.

— Muito silencioso, o blecaute — diz ele. — Não vai acordar você. — Ele fala rápido. Fica óbvio que tem outra coisa em mente. — Quer experimentar os suportes de dormir? É melhor experimentar, para termos certeza de que são do tamanho certo.

— Tenho certeza de que estão ótimos. Não sou muito exigente.

— Que bom — diz ele. — Agora siga-me, você vai gostar do que eu vou lhe mostrar.

Ele me conduz por um corredor estreito, com passos rápidos e ansiosos, e vira bruscamente para os fundos da biblioteca. Em uma escrivaninha junto a uma pequena janela quadrada está um binóculo. Ele pega e olha pela janela, a boca aberta, salivando audivelmente.

— Estou demonstrando como usar estes binóculos porque você me pediu. Só estou atendendo ao seu pedido — diz ele roboticamente, girando o ajuste de zoom com o indicador. — Só porque você me pediu.

— Ei — digo —, também quero ver.

Ele não responde, só continua a olhar fixo pelo binóculo. Suas sobrancelhas estão arqueadas como as asas de uma águia.

— Você pode ajustar o zoom neste botão aqui — murmura ele. — Para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima e… — Ele para de falar.

— Ei! — repito, dessa vez mais alto.

— E deste lado fica o ajuste de foco — murmura ele, seus dedos finos deslizando pelo controle. — Vou explicar como funciona. Já que você pediu. É complicado, vou explicar com cuidado. Pode levar um tempo.

Acabo arrancando o binóculo da mão dele.

Ele aperta meu antebraço. Não vejo acontecer, ele se move rápido demais. Suas unhas se cravam em minha pele, e por um momento horrível e apavorante penso que vão me perfurar e tirar sangue. Ele solta na mesma hora, é claro, até dá um passo ou dois para trás. Um olhar vidrado e distante ainda enevoa seus olhos, mas está se dissipando rapidamente.

Meu pulso agora tem três marcas de unha, perigosamente profundas. Mas não há sangue.

— Sinto muito — diz ele.

— Não se preocupe.

Coloco o braço atrás das costas e apalpo as marcas com os dedos da outra mão. Não sinto umidade; ainda sem sangue. Se uma gota tivesse surgido, ele já estaria em cima de mim.

— Foi suficiente a minha demonstração? — Sua voz é suplicante. — Já sabe usar o binóculo?

— Acho que posso tentar.

— Talvez mais uma demonstração…

— Não. Eu me viro. — Com o binóculo nas costas, eu me volto para olhar para fora. Uma lua crescente brilha atrás de um aglomerado de nuvens, projetando sobre a área sua luz pálida e doentia. — O que há para ver lá?

Ele não responde, então me viro para olhar para ele. Por um momento seus olhos perdem o brilho e tornam-se levemente opacos de novo. Um fio de baba ainda lhe escorre pelo queixo.

— Epers — sussurra ele.



Não quero que fique parado atrás de mim, insistindo em dar outra "demonstração", então espero que vá embora. Estou tomado de um medo estranho, mas também de empolgação, ao pegar o binóculo. Fora minha família, nunca vi outro eper.

A princípio não sei o que devo procurar. Mas o luar consegue atravessar uma fresta nas nuvens, iluminando o trecho de terra. Mexo o binóculo lentamente, procurando: uma pequena área de cactos, uma pedra, nada…

Então vejo um pequeno e discreto aglomerado de cabanas ao longe. O vilarejo eper. Meu palpite é que esteja a menos de dois quilômetros daqui. No centro há uma espécie de lago — sem dúvida artificial; nenhum corpo d'água poderia sobreviver neste terreno. Nada se mexe. As cabanas são tão indefinidas quanto o deserto.

Então vejo algo.

O luar ilumina cabanas com um brilho de formato côncavo. E então eu percebo: há um domo transparente cobrindo a área. É bem alto, com cerca de cinquenta metros no ponto central, e encapsula o vilarejo todo.

É claro; tudo faz sentido agora.

Sem o domo, qualquer um poderia chegar aos epers. O que impediria as pessoas de entrarem nas cabanas à noite, quando os epers estivessem dormindo, desprotegidos? Quem conseguiria se segurar e não ir até lá se banquetear a não ser que eles estivessem completamente isolados? Eles não teriam sobrevivido nem sequer uma hora se chegasse a noite sem esse domo de proteção.

Dou zoom na direção das cabanas em busca de algum sinal de vida. Mas nada se move. Os epers estão dormindo. Não conseguirei vê-los esta noite.

Mas então um eper sai de sua cabana.

Mesmo com o binóculo, enxergo bem pouco. Uma pessoa magra andando na direção do lago, uma fêmea. Parece estar segurando uma espécie de balde. Quando chega à beirada, ela se inclina e enche o balde. Mexo no botão até o foco ficar mais definido. E então a reconheço: a eper fêmea da tevê, a que sorteou o último número.

Vejo-a ficar de pé, tomar um gole d'água das mãos em concha. Está de costas para mim, a cabeça virada para o leste, para as montanhas. Passa-se um bom tempo sem que ela se mova. Então se abaixa, junta as mãos novamente e toma outro gole. O movimento, mesmo que em um ato tão simples, é gracioso e firme. Ela de repente vira a cabeça na minha direção; eu me encolho. Talvez tenha visto o reflexo das lentes do binóculo. Mas ela está olhando para trás de mim, para o Instituto. Dou zoom no rosto dela. Aqueles olhos: eu me lembro de vê-los mais cedo, na minha tela, esse tom castanho como o tronco de uma árvore cortada por engano.

Depois de alguns momentos, ela se vira e desaparece em uma cabana.

A quatro noites da Caçada

Estou curioso para ver a biblioteca em que me alojaram e pretendo ficar acordado durante as horas do dia para explorá-la. Mas as atividades da noite me exauriram; mal me sento para ler o pacote de boas-vindas e já me vejo acordando, horas depois.

Alguém está batendo à porta. Levo um susto e dou um salto com o coração disparado.

— Só um minuto! — grito.

Ouço uma resposta murmurada.

O medo me desperta. Agora estou me dando conta. Meu rosto. Não estou pronto. Levo a mão ao queixo: pequenos pelos da barba acabam de romper a pele. O bastante para que reparem. E meus olhos? Estão vermelhos de cansaço? E minhas presas falsas, precisam ser clareadas? Meu corpo precisa ser lavado?

Nunca se esqueça de se barbear. Durma bem, para evitar olhos vermelhos. Nunca se esqueça de branquear as presas toda noite antes de sair. E tome banho todos os dias; o odor do corpo é a mais perigosa…

Instruções do meu pai. Eu as segui todos os dias da minha vida. Mas minhas lâminas e colírios e branqueadores e pomadas para as axilas estão a quilômetros de distância, em casa. Com a mistura certa de outros produtos, eu poderia conseguir aquilo de que preciso. Por exemplo, três folhas de papel alumínio dissolvidas em xampu de cavalo com uma dose generosa de fermento químico viram, depois de quinze dias, uma razoável barra de desodorante para as axilas. O problema é que não tenho esses ingredientes à mão. Nem tenho quinze dias.

As batidas ficam mais fortes, mais insistentes. Faço a única coisa que posso. Pego meu canivete e raspo rapidamente o queixo, tomando o cuidado de não cortar a pele. Seria um erro fatal. Em seguida, pego meus óculos e sigo para a porta. Paro bem a tempo. Minhas roupas. Estão amassadas, um claro sinal de que não dormi nos suportes. Corro para o armário e troco de roupa.

O oficial não está feliz.

— Estou batendo há cinco minutos. O que há com você?

— Eu dormi demais, me desculpe. Esses suportes são tão confortáveis…

Ele se vira e põe-se em movimento.

— Venha. A primeira palestra já vai começar. Temos que correr. — Ele me olha novamente. — E tire os óculos. Está nublado esta noite.

Eu o ignoro.

* * *

O diretor do Instituto Eper é tão estéril e seco quanto o ambiente à sua volta, o que revela muito. Seu rosto tem um brilho plástico, e ele gosta de se posicionar nas partes mais escuras do ambiente. Exala uma autoridade austera que é tão discreta quanto letal. Ele poderia matar

um rato apenas sussurrando, com suas palavras cuidadosamente matizadas como incisões afiadíssimas.

— Epers são lentos, epers gostam de dar as mãos, epers gostam de cantar, epers precisam beber quantidades enormes de água. Têm um sem-fim de tiques faciais, dormem à noite, têm uma resistência sobrenatural à luz do sol. Isso é o básico a se saber sobre os epers. — Diretor fala com fervor ensaiado. Faz uma pausa dramática no canto escuro; fecha e abre os olhos, os dois pontos brancos desaparecem e reaparecem em seu rosto. — Depois de décadas de estudo, agora sabemos muito mais sobre eles. Muitas dessas informações são conhecidas por apenas alguns de nós aqui no Instituto Eper de Pesquisa Refinada e Descoberta. E, como vocês caçarão epers daqui a quatro noites, decidiu-se que também terão acesso às informações descobertas pelas pesquisas mais recentes. Tudo que sabemos sobre epers, vocês saberão. Mas antes o contrato de cessão de direitos.

Nós todos assinamos, é claro. Os papéis são entregues por oficiais de terno cinza que surgem da escuridão atrás de nós. *Todas as informações recebidas nas próximas semanas não serão reveladas nem divulgadas a qualquer pessoa após o término da Caçada, exceto sob autorização expressa do Instituto Eper.* Rubrico ao lado. *Não é permitido vender sua história para publicação nem cedê-la para produção teatral exceto sob autorização expressa do Instituto Eper.* Rubrico ao lado. *A concordância com esses termos é total e irrevogável.* Rubrico ao lado. *Transgressões a tais termos terão como punição a morte.* Assino e coloco a data.

O Diretor nos observa atentamente enquanto assinamos, avaliando cada caçador. Seus olhos são buracos negros sugando observações com perspicácia e precisão. Nenhum detalhe lhe escapa, ele nunca faz suposições erradas. Quando entrego meus papéis assinados, sinto seus olhos presos em mim como um grampeador emperrado. Naquele segundo em que estendo os papéis a ele, minha mão treme muito de leve. Os olhos dele se desviam para baixo, e ele observa o ligeiro tremor. Não preciso ver para saber: sinto-o pela queimação gelada e perfurante no meu pulso, onde o olhar dele pousa. Firmo a mão.

E então sinto o olhar dele se desviar, ao que a queimação gelada desaparece. Ele agora se concentra em outro caçador.

Depois que todos os papéis foram recolhidos, ele continua sem hesitar:

— Muito do que se sabe sobre os epers não passa de histórias. Está na hora de derrubar esses mitos.

"Mito um: eles são essencialmente animais selvagens e oferecem risco contínuo de fuga. Fato: eles são facilmente domesticados e têm muito medo do desconhecido. A verdade é que, durante o dia, enquanto dormimos e o Domo é recolhido, eles ficam sem supervisão e têm liberdade para andar por aí. Por toda a planície, até onde vocês conseguem ver, com liberdade de fugir para bem longe. Se quiserem. Mas nunca fizeram isso. É claro que é fácil entender por quê. Qualquer eper que sair da segurança do Domo vira caça quando chega a noite. Em questão de duas horas ele seria farejado, caçado e devorado. Na verdade, já aconteceu. Uma ou duas vezes."

Ele não dá mais detalhes.

— Mito dois: eles são passivos e submissos, e costumam se entregar em vez de lutar. Ironicamente, esse mito foi perpetuado por Caçadas passadas, nas quais os epers demonstraram

tudo, menos resistência. Registros históricos da última Caçada relatam como eles foram inúteis: primeiro, a fuga inicial, em que se mostraram lentos e desorganizados; e segundo, a rendição submissa quando cercados por nós. Quando estávamos ainda a três quilômetros de distância, eles desistiram. Pararam de correr. E, quando os alcançamos, nenhum deles lutou, nem sequer levantou um braço. Praticamente se deitaram e se entregaram de bandeja.

"O que nossa pesquisa demonstrou, no entanto, é que epers podem ser treinados para serem agressivos. Eles demonstraram sagacidade surpreendente com as armas que lhes foram fornecidas. Armas pouco elaboradas, é verdade, meras lanças, facas, adagas, machados. E, vejam que formidável, até criaram estojos de couro para tais armas, que carregam ao redor do pescoço como forma de proteção. Esses adoráveis ingênuos. — Ele coça o pulso. Depois para e faz uma anotação no caderno. — Não sei como conseguiram o couro. Eles podem ser surpreendentemente engenhosos.

Ficamos parados em nossas cadeiras enquanto ele termina de escrever. Então fecha o caderno e prossegue:

— Mito três: organizam-se em uma sociedade dominada pelo macho. É outro mito perpetuado pelas Caçadas Eper anteriores. Vocês todos já ouviram falar que são sempre os homens que assumem o comando, em vão; que são os homens que tomam todas as decisões, as erradas, como também sabemos. As mulheres tipicamente não fazem nada além de seguir. Seguidoras. Submissas. Pensávamos que eles fossem assim, segundo sua constituição genética: os homens dominam, as mulheres se submetem. Mas nossa pesquisa chegou a conclusões surpreendentes. Atualmente temos cinco epers em cativeiro, todos machos, menos um. Quatro machos, só uma fêmea. Querem tentar adivinhar quem é o líder?

Os olhos dele brilham de empolgação.

— Essa foi uma das descobertas mais surpreendentes. Na verdade, eu fui o primeiro a perceber isso. Mesmo no começo, quando os epers eram bem pequenos, fui eu que reparei que a única eper fêmea parecia estar à frente de tudo. Uma líder nata. Hoje ela é, sem sombra de dúvida, a cabeça do grupo. Eles a consultam sobre… bem, tudo. Aonde quer que ela vá, eles a seguem. O que ela ordena, eles obedecem. Durante a Caçada, se vocês quiserem desestabilizar o grupo, peguem-na primeiro. Com ela fora da jogada, eles vão ficar perdidos. Serão presas fáceis.

Ele lambe os lábios.

— Essa garota. Todos vocês a viram, na verdade. Na tevê. Foi ela quem sorteou o último número. Isso não deveria ter acontecido, é claro. Jamais colocaríamos uma fêmea no ar, ainda mais sendo ela tão jovem. Sabemos o efeito que uma jovem eper fêmea provoca nas pessoas. Era para ser um garotinho eper. Mas ela… Bem, antes que pudéssemos evitar, ela assumiu o controle da situação e se colocou na frente da câmera. Aquela garota… — Ele começa a salivar mais, o que dificulta sua fala. O cuspe se acumula nos cantos de sua boca. Seu olhar parece perdido; ele está sonhando acordado. Quando fala, sua voz suave está carregada de desejo. — Ela deve ser deliciosa, então…

Ele sai do transe com um movimento rápido de cabeça.

— Mas estou divagando. Perdão. O oficial que deixou que isso acontecesse não está mais entre nós.

Ele coça o pulso; uma, duas vezes.

— Há outros mitos — prossegue ele — e outras descobertas que vamos revelar nos próximos dias. Por ora, absorvam o que acabo de lhes contar. Usem essas novas informações para ajudá-los na Caçada: primeiro, epers têm medo de fugir para o desconhecido; segundo, podem ser treinados para serem agressivos. E não se importam que uma mulher os lidere. Não essa, pelo menos.

Ele se esconde ainda mais no canto escuro; o negrume o engole. Nada acontece nos poucos minutos seguintes. Ninguém se move, ninguém fala. Ficamos sentados com expressões blasé e olhares vidrados. Esperando que alguém, alguma coisa, quebre o silêncio.

Então eu sinto. Uma pontada na nuca: alguém atrás de mim está me observando com atenção. A última coisa a fazer (ouço a voz do meu pai me instruindo) é me virar para olhar. Um movimento tão repentino enquanto todos estão imóveis só vai chamar a atenção. Atenção *indesejada* — como se houvesse algum outro tipo.

Mas a sensação aumenta até se tornar insuportável. Deixo cair no chão a caneta que está na minha mão; quando me giro lentamente para pegar, dou uma olhada rápida para trás.

É Julia Brasa, seus olhos de um verde mortal na luz de mercúrio. Ela está sentada *bem* atrás de mim. Quase tenho um sobressalto na cadeira ("sobressalto" é o reflexo de darmos um pulinho de susto), mas me controlo bem a tempo. Fecho as pálpebras parcialmente, um truque que meu pai me ensinou para garantir que meus olhos não se arregalem, e me viro.

Será que ela notou meu susto? *Será que ela notou?*

Alguém surgiu no púlpito. É a Vestido Frufru, de ontem.

— Como estamos hoje? Aproveitando? — Ela pega um bloco, passa os olhos pelo papel e nos encara, animada. — Temos uma agenda intensa esta noite. Primeiro, vamos fazer um tour pelo prédio, que deve tomar a maior parte do nosso tempo. Depois, se o tempo e a escuridão permitirem, vamos terminar com uma visita ao vilarejo eper, que fica a menos de três quilômetros do prédio principal. Se nos atrasarmos e estiver prestes a amanhecer, vamos ter que adiar para amanhã. — Ela olha para cada um de nós, observando nossas expressões. — Mas acho que vocês não vão deixar que isso aconteça. Vamos em frente, então?

* * *

O que se segue são horas e horas de uma visita tediosa e entorpecedora pelas instalações do Instituto. Não é nada mais que uma caminhada por corredores escuros e infindáveis. E por espaços vazios. É o que me chama mais a atenção: como está tudo tão parado e deserto; os aposentos, os corredores, o próprio ar úmido que inspiramos, meros remanescentes e ecos de uma era mais movimentada, mais cheia e mais viva. Os oficiais nos acompanham em silêncio. O segundo andar é onde ficam os alojamentos dos funcionários e dos caçadores, portanto passamos por ali direto. O terceiro é obviamente o de pesquisa: de uma ponta a outra, são só laboratórios. Um aroma de formaldeído almiscarado se espalha por todo o andar. Apesar de o guia falar com entusiasmo sobre cada laboratório (aqui estudávamos pelos de eper, aqui as gargalhadas dos epers, ali o canto dos epers), fica claro que os laboratórios caíram em desuso.

— Isso tudo é uma palhaçada, não acha?

— Como?

Eu me viro para o homem ao meu lado. Um dos caçadores, mais velho que a maioria. Estamos em um laboratório que costumava ser usado para estudar pelos e unhas dos epers. O homem está virado na minha direção, seu corpo magro se inclinando como um lápis partido ao meio, sua cabeça perto de uma amostra de unhas epers envolta em uma placa de vidro. Sua cabeça calva é tão brilhante e desprovida de cabelos quanto o vidro, mas coberta de marcas da idade perto da testa. Alguns fiapos de cabelo estão esticados sobre a careca luminosa, como finos fiapos de nuvens cobrindo a lua à noite. Estamos só nós dois nos fundos do laboratório; todos os outros estão reunidos na frente, onde as amostras mais interessantes (ou ao menos é o que parece) de pelos epers estão sendo exibidas.

— Uma palhaçada — sussurra ele.

— Essas unhas?

Ele balança a cabeça em negativa.

— A visita toda. O período de treinamento.

Olho de soslaio para ele. É a primeira vez que o vejo de perto, e percebo que é mais velho do que eu pensava. O cabelo é mais ralo, as rugas mais profundas, a curva das costas mais pronunciada.

— Por que precisamos de treinamento? — A voz dele é rouca. — Deixem que a gente fique logo com os epers. Vamos devorá-los em um minuto. Não precisamos de treinamento. Temos nosso instinto, nossa fome. Do que mais precisamos?

— Precisamos concluir a visita. Saborear o momento. A expectativa é metade do prazer.

É sua vez de olhar para mim. Um olhar rápido, mas intenso. Sinto-o me avaliando. E então sinto sua aprovação.

Eu o tenho observado desde ontem à noite. Ele chamou minha atenção, e agora sei por quê. Ele não quer estar aqui. Todos os outros caçadores (exceto eu, é claro) estão maravilhados, ganharam o maior prêmio de suas vidas. Ele não; ele arrasta os pés, não exibe a mesma alegria que brilha nos olhos dos outros, e tudo nele parece escrever "relutância" em sua testa. Em resumo, ele é tudo que sinto por dentro. Um pensamento me ocorre, mas descarto-o imediatamente: *Não tem a menor chance de ele ser um eper.* Um verdadeiro eper (como eu) estaria encobrindo esses sentimentos (como eu estou fazendo), e não os deixando à mostra como cuecas sujas, para que todos vejam.

Quando o examino melhor (o jeito rígido e artrítico de andar é aguçado pela idade), entendo por que ele está tão mal-humorado. Ele sabe que não tem a menor chance. Não contra os jovens, que correm mais rápido e são mais bem preparados do que ele. Quando ele chegar aos epers, não vai restar nem ossos. Esta Caçada Eper é uma tortura para ele, por chegar tão perto e ao mesmo tempo estar tão longe. Por isso tanta amargura. É um mendigo em um banquete onde sabe que não sobrarão nem migalhas no chão.

— Tem mais coisa acontecendo aqui do que os olhos percebem — diz ele, ainda inclinado sobre a placa de vidro.

Não sei bem o que dizer, então espero que o homem continue. Mas ele não fala mais nada; avança lentamente e se junta aos outros, me deixando aqui sozinho.

Depois de visitar os laboratórios, subimos mais. Passamos pelo quarto andar rapidamente;

nele há apenas uma série de salas de aula não utilizadas, com as cadeiras arrumadas sobre as mesas. No final do corredor fica o auditório. Enfiamos a cabeça pela porta para dar uma olhada. Sinto cheiro de umidade e poeira. Ninguém quer entrar, então seguimos em frente.

Por fim chegamos ao último andar, o quinto, ocupado exclusivamente pelo Centro de Controle. O frenesi de atividade que vemos aqui contrasta com a falta de vida dos outros andares. Fica claro que este é o centro nervoso do Instituto. Inúmeros computadores e monitores de tevê brilham de uma ponta a outra do andar. Funcionários andam de um lado para o outro com pranchetas na mão, passando bruscamente por entre mesas, estações de trabalho e terminais de computadores. São todos homens, usando o mesmo paletó azul-marinho com lapelas largas e cortes duplos atrás, simples mas ajustado ao corpo e elegante. Os três botões na frente de cada paletó emitem uma luz de mercúrio mortiça. Nós os deixamos curiosos, e eu os vejo lançando olhares furtivos. Somos os caçadores de epers, afinal. Somos nós que vamos comer e beber carne e sangue epers.

Em vez de paredes de concreto, grandes janelas se estendem do chão ao teto, nos proporcionando uma vista em trezentos e sessenta graus do exterior, quase ininterrupta. Daqui de cima, parece que estamos flutuando sobre as planícies iluminadas pela lua que se espalham abaixo de nós.

O grupo segue para a janela que dá para o leste. O Domo. Todos querem ver o Domo.

Fica não muito longe, e parece uma bola de gude partida ao meio, brilhando de leve sob as estrelas.

— Não tem nada para ver — diz um dos oficiais. — À noite eles só fazem dormir.

— E nunca saem?

— Raramente à noite.

— Não gostam das estrelas?

— Das pessoas. Não gostam de ser observados pelas pessoas.

Olhamos em silêncio.

— É quase como se soubessem que estamos olhando — sussurra um dos caçadores.

— Aposto que tem um bando deles olhando para nós. De dentro de uma dessas cabanas. Agora mesmo, enquanto falamos.

— Estão só dormindo agora — diz um dos oficiais.

Estamos todos olhando ansiosamente, na esperança de captar um movimento. Mas está tudo parado.

— Eu soube que o Domo abre ao nascer do sol.

Os oficiais se entreolham, sem saber se estão autorizados a responder.

— Sim — diz um oficial. — Há sensores de luz do sol que acionam o Domo. Ele se fecha duas horas antes do anoitecer e se abre novamente uma hora depois do amanhecer.

— Então não dá para abrir manualmente? — pergunta Julia Brasa. — Daqui de onde estamos? Não tem um botão ou uma alavanca?

Há um longo silêncio.

— Não. É tudo automático — diz um oficial. — Não temos nenhum controle.

Ele tem mais a dizer, mas está segurando a língua.

— Vocês têm algum binóculo?

— Temos. Mas não há nada para ver. Os epers estão todos dormindo.

Estão todos tão distraídos com o Domo que ninguém vê Julia Brasa se afastar discretamente.

Exceto eu.

Eu a observo de soslaio e então viro a cabeça quando ela some completamente do meu campo de visão.

Ela segue até os fundos do aposento, onde três fileiras de monitores de segurança cobrem a parede. Debaixo dos monitores há um funcionário diante das telas, sua cabeça se movendo de um lado para o outro e para cima e para baixo. Ela para atrás dele, bem perto, e vai se aproximando ainda mais, até alguns fios de seu cabelo roçarem a lateral do rosto dele.

Ele se afasta rapidamente. Ela coça o pulso, pede desculpas, coça mais para tornar o momento leve e acidental. Na cadeira, ele se vira para olhar para ela e depois fica de pé. Ele tem cara de bebê e parece inexperiente, e seus olhos vidrados levam um tempo para absorver o que há à sua frente. Uma jovem, e bem bonita. Este homem, cujo mundo é preenchido por infinitas telas digitais, leva um susto por essa intrusão repentina de carne e osso. Julia Brasa coça o pulso com mais força, tentando deixá-lo à vontade. Um momento se passa e ele começa a coçar o pulso em resposta, cautelosamente a princípio, depois mais rápido e com mais entusiasmo. Os olhos dele começam a ganhar foco e a ficar mais vivos.

Ela diz alguma coisa, mas estou longe demais para ouvir. Ele responde, parecendo revigorado, e aponta para uma série de monitores diferentes. Ela faz outra pergunta com o corpo virado ligeiramente para os monitores, sutilmente chegando ainda mais perto do homem. Ele repara. E quando responde, sua cabeça balança com entusiasmo sobre os ombros estreitos.

Sem dúvida alguma, ela é boa nesse jogo de flerte. E está tramando algo.

Ela levanta o braço esguio e aponta para um dos monitores. O braço se estica sem dificuldade para cima, como o ponto de exclamação no final de uma frase que diz: *Sou linda!* Esse braço sempre me atraiu, depois de todos esses anos sentado atrás dela, principalmente nos meses de verão, em que ela usava blusas sem manga e eu conseguia ver o comprimento desses braços maravilhosos e perfeitamente esculpidos. Não são nem finos demais, nem grossos demais, as dimensões perfeitas, e com sulcos perfeitos que exalam segurança e graça. Até as sardas claras que lhe marcam a pele e explodem em um amontoado de pontos quando desaparecem debaixo da blusa são mais sedutoras do que imperfeitas.

Lentamente me aproximo de Julia Brasa e me posiciono atrás de uma pequena coluna. Olho daqui de trás: ela chegou ainda mais perto do homem. Acima deles, as imagens das câmeras de segurança exibem imagens de um brilho opaco. Pelo menos metade delas está apontada para o Domo.

— Não acredito que as câmeras fiquem ligadas o tempo todo.

— Vinte e quatro horas por dia — responde ele, com orgulho.

— E tem sempre alguém aqui monitorando as imagens?

— Bem, antigamente tínhamos um funcionário fixo aqui. Mas, bem, isso se tornou… Houve uma mudança na política interna.

— Uma mudança?

Há uma longa pausa.

— Ah, deixe disso, você pode me contar — diz Julia Brasa.
— Não conte a ninguém — avisa o funcionário, em um sussurro.
— Certo. Vai ser nosso segredinho.
— Alguns funcionários ficavam tão imersos nessas imagens dos epers que…
— O quê?
— Perdiam a noção, ficavam enlouquecidos de desejo. E corriam para o vilarejo eper.
— Mas o vilarejo fica protegido pelo Domo.
— Não, você não entende. Eles corriam até lá durante o dia.
— O quê?
— Bem daqui desta cadeira. Em um momento estavam olhando os monitores, no seguinte desciam correndo as escadas e saíam porta afora.
— Mesmo com o sol?
— Era como se esquecessem. Ou não se importassem mais com isso. — Outra pausa. — Foi por isso que houve essa mudança. Primeiro, nada de gravações, porque cópias ilegais estavam sendo pirateadas e vendidas nas ruas. E segundo, agora ninguém pode continuar aqui depois do amanhecer.
— Fica completamente vazio durante o dia?
— Não só fica vazio, como, olhe, as janelas não têm proteção. Foram retiradas. Agora o sol entra durante o dia. É o melhor sistema de segurança. Ninguém aparece aqui depois do amanhecer. Ninguém.
Há uma pausa, e acho que é o final da conversa, mas Julia Brasa fala de novo.
— E o que é aquele grande botão azul ali?
— Não posso dizer.
— Ah, poxa, eu não conto a ninguém.
Outra pausa.
— Como todas essas coisas que você me contou e podiam causar a sua demissão: está tudo em segurança comigo — diz Julia Brasa, desta vez com um tom quase ameaçador.
— É o controle de confinamento — diz ele laconicamente depois de um momento.
— O que é isso?
— Ele fecha o prédio, tranca todas as entradas, cobre todas as janelas. Não se sai do prédio se o confinamento tiver sido acionado. Aperta-se uma vez para ativar o sistema, aperta-se de novo para cancelar…
A voz dele é abafada pela balbúrdia do nosso grupo, que finalmente se afastou das janelas e agora segue em direção aos fundos da sala, aproximando-se dos monitores. Eu me misturo a eles novamente. Ninguém sentiu minha falta. Acho que não.
Quando o grupo chega aos monitores, o funcionário está de volta à cadeira, movendo a cabeça de um lado a outro, de cima a baixo. Um dos oficiais está falando em tom monótono sobre a função dos monitores, como cada centímetro quadrado do Instituto é vigiado por uma câmera. Mas ninguém ouve, estão todos absortos nas imagens do Domo nos monitores. Ainda na esperança de avistar epers.
Menos eu. Eu estou observando Julia Brasa.
Ela se afastou do grupo de novo e está vagando pelo andar. Ou pelo menos fingindo fazer

isso. Algo no jeito dela — talvez a forma como vira a cabeça de leve para ler documentos sobre mesas ou se inclina ao passar por um painel de controle cheio de interruptores e botões — parece resoluta e deliberada. Está tentando passar despercebida, mas é quase impossível. É uma caçadora de epers, é uma garota, é linda. Não há como ignorar sua presença. Em pouco tempo, todos os funcionários já repararam nela. Julia Brasa percebe isso e acaba desistindo. Volta a se juntar a nós, ao lado dos monitores, e levanta a cabeça. Fica ali bem quieta, imóvel, indecifrável.

Daqui de trás, observo seu cabelo escuro, que desce pelo pescoço, escuro e brilhoso. Ela está tramando algo aqui no Centro de Controle; não consigo me livrar dessa sensação. Está sondando. À procura de algo. Em busca de confirmação. Não sei ao certo. Mas tenho certeza de uma coisa: ela está jogando um jogo que o resto de nós nem se deu conta de que começou.

⋆ ⋆ ⋆

O almoço é servido tarde; já passa da meia-noite quando somos levados para um salão grande no térreo, onde ocupamos uma mesa circular. Nenhum dos oficiais se senta conosco; em vez disso, vão para uma mesa na extremidade escura do salão. Sem a presença constante deles, ficamos à vontade: nossas costas relaxam, ficamos mais falantes. O almoço é a primeira ocasião em que posso realmente conhecer os outros caçadores.

No início, falamos sobre a comida. São carnes que nunca experimentamos antes e a respeito das quais apenas lemos. Lebre, hiena, fuinha, canguru. Frescas, caçadas na Vastidão. Ou é o que dizem. O prato principal é especial: guepardo, geralmente comido apenas por oficiais de alto escalão, em casamentos. Guepardos são difíceis de capturar, não por serem velozes (até a pessoa mais lenta pode correr mais rápido do que um guepardo), mas por serem raros.

É claro que cada prato chega pingando sangue. Comentamos sobre a textura das diferentes carnes na nossa língua, sobre a qualidade muito superior às das carnes sintéticas que costumamos comer. O sangue escorre por nossos queixos e se acumula nas tigelas posicionadas abaixo. Vamos beber tudo ao fim da refeição, uma espécie de sopa fria de sangue de animal.

A mesa de jantar não me oferece aquilo de que mais preciso: água. A última vez que bebi, em casa, foi há mais de um dia, e posso sentir meu corpo desidratando. Minha língua, seca e grossa, parece um chumaço de algodão enfiado na boca. Há cerca de uma hora, tenho sentido tontura. Minha tigela se enche gradualmente de vários tipos de sangue misturados. Vou beber porque é líquido e contém água. Ou quase isso.

— Fiquei sabendo que enfiaram você na biblioteca.

O comentário vem de um homem de uns quarenta anos sentado ao meu lado, corpulento e de ombros largos; é o presidente da SPTHC (Sociedade de Proteção e Tratamento Humano a Cavalos). Sua barriga protuberante se destaca acima da mesa. Minha designação para ele: *Barrigudo*.

— É — digo. — É uma droga ter que andar lá fora. Vocês devem ficar de farra aqui o dia todo enquanto estou trancado lá sozinho, morrendo de tédio.

— O que eu mais ia detestar era o toque de recolher do nascer do sol — comenta

Barrigudo, com a boca cheia de carne. — Ter que largar tudo e todos na mesma hora e ser obrigado a sair. E ficar sozinho lá fora, cercado pelo deserto e pelo sol durante o dia.

— Você tem todos aqueles livros — diz Julia Brasa, ao meu lado. — Por que reclamar? Pode estudar técnicas de caça, ganhar vantagem sobre a gente.

Vejo o homem mais velho e magrelo que conheci no laboratório mais cedo coçar o pulso de leve. Ele enfia um pedaço de fígado de hiena na boca. A designação dele: *Decrépito.*

— Ouvi dizer — diz outra caçadora — que a biblioteca pertencia a um cientista de vanguarda com teorias bem doidas sobre os epers.

A mulher, que parece em forma para sua idade (deve ter trinta e poucos anos, uma idade perigosa, igualmente ágil e inteligente), está sentada à minha frente; ela mal levanta o olhar do prato ao falar. Seu cabelo escuro e preso acentua o queixo pontudo e pálido. Os lábios são carnudos e estão manchados de sangue fresco, o que passa a impressão de que sangram profusamente. Quando ela fala, seus lábios se abrem de um jeito diferente, como se apenas um deles pudesse se dar ao trabalho de se mover. Como um resmungar preguiçoso. Eu penso: *Lábios Escarlate.*

— Quem lhe disse isso? — pergunto.

Lábios Escarlate desvia o olhar do prato sangrento e me encara, avaliando-me.

— O quê, sobre a biblioteca? Porque andei perguntando sobre você — diz ela, com a voz fria e difícil de interpretar. — Queria saber por que você foi colocado lá. O oficial que tem me acompanhado sabe de tudo. Ele adora conversar, é só conseguir fazê-lo começar. Antes que todos nós comecemos a sentir pena demais de você, devo dizer que ele me contou da excelente vista que você tem.

— A mesma que vocês. Só que eu estou naquele buraco.

— Mas você está mais perto! — diz Barrigudo, com sangue escorrendo até o queixo. Quando ele fala, um pedaço de fígado de coelho parcialmente mastigado sai voando de sua boca e cai perto do prato de Lábios Escarlate. Antes que Barrigudo possa se mexer, ela pega o pedaço e o come. Ele a olha com raiva por um momento antes de voltar a atenção para nós. — Você está mais perto do Domo. Dos epers.

Nesse momento, parece que todas as cabeças se viram para mim.

Na mesma hora mordo um pedaço grande de carne; mastigo devagar, deliberadamente, para ganhar tempo. Coço o pulso bem rápido.

— Com mais de um quilômetro de luz do dia entre mim e eles. E à noite, um domo de vidro impenetrável protegendo-os de mim. Se estivessem em outro planeta, daria no mesmo.

— Aquele lugar é amaldiçoado — diz Lábios Escarlate. — A biblioteca. Vai mexendo com a sua cabeça, fazendo você enlouquecer. É a proximidade. Estar tão tentadoramente perto, a ponto de sentir o cheiro deles, mas sem poder alcançá-los. Todos os que ficaram lá enlouqueceram, mais cedo ou mais tarde. E costuma ser mais cedo.

— Eu soube que foi isso que aconteceu com o Cientista — diz Barrigudo. — Ele foi tomado pelo desejo uma noite, alguns meses atrás. Ao anoitecer, saiu e foi direto até o Domo. Ficou com o rosto colado no vidro como uma criança em frente a uma loja de doces. Ele simplesmente esqueceu a hora e aí… *olá, sol!* — Ele dá de ombros. — Pelo menos é o que imaginam que aconteceu. Ninguém viu como foi. Encontraram as roupas dele no caminho

entre a biblioteca e o Domo.

— Já foi tarde, pelo que me disseram — comenta Lábios Escarlate. — Ele era completamente inútil. Tiveram acesso à pesquisa dele depois do incidente. Não tinha nada de útil nos cadernos e diários dele.

A sobremesa chega: sorvete. Uma das poucas comidas pelas quais não preciso fingir ter apetite. Tomo com vontade e só passo a comer mais devagar quando sinto uma dor intensa na testa. Os outros caçadores continuam a se empanturrar, principalmente os dois à minha esquerda.

Estão na casa dos vinte anos e são universitários. Ele é estudante de educação física; ela, não sei o que faz. Espécimes preocupados com o físico, os dois, no mínimo. Ele é cheio de músculos, embora não ostente. Ela é mais exibicionista, usa roupas ousadas que deixam à mostra o abdômen definido. Ambos são bonitos, com pele cristalina, narizes finos e maçãs do rosto proeminentes. Tanto Bonitão quanto Tanquinho têm um andar que exprime força e agilidade naturais. Mas são burros como uma porta. Uma coisa fica imediatamente clara: são os competidores com as melhores chances de ganhar. Um deles vai vencer a Caçada. O outro vai terminar o que sobrar dos epers. Não me surpreende que o Decrépito esteja infeliz.

Vestido Frufru aparece do nada, com a voz estridente ressoando pelo corredor como um prato se quebrando.

— Todos nós tivemos um almoço incrível? — pergunta. Está óbvio que ela teve: sangue fresco escorre de seu queixo. — É hora de seguirmos para a próxima parte da visita. Na verdade, estamos indo tão rápido que quase não temos mais nada na agenda de hoje. Caramba, vocês deviam andar mais devagar. Não vão aprender nada nessa supervelocidade!

Vejo Decrépito me lançar um olhar de quem sabe das coisas, como se dissesse: *Não falei? Essa preparação não faz o menor sentido.*

— Então — continua Vestido Frufru —, a última atividade prevista para hoje é visitar o Domo. Isso vai ser o máximo. Lembrem-se de que provavelmente não veremos epers, pois eles dormem à noite, mas os odores deles são bem intensos lá. É de enlouquecer, de verdade.

Alguns pescoços estalam ao redor da mesa.

— Então, vamos lá? Vamos continuar?

E de repente estamos todos de pé, esperando nossos oficiais acompanhantes. E então lá vamos nós.

⋆ ⋆ ⋆

Pelos nossos passos apressados nas escadas, pela força com que abrimos as portas externas, pelo olhar entusiasmado até no rosto de Decrépito, pelas vibrações espasmódicas e minúsculas das nossas cabeças, sei que estamos empolgados. Sei que estamos cheios de desejo.

Como se obedecendo a um acordo tácito, ninguém fala. Seguimos em silêncio, apenas com o ruído de nossos sapatos no piso duro de mármore, e, uma vez do lado de fora, no terreno mais irregular do caminho de tijolos. Mesmo quando passamos pela biblioteca, ninguém diz nada. Só Decrépito olha para dentro com curiosidade, depois para mim, talvez se perguntando por que eu, dentre todos eles, fui colocado lá. Quando o caminho de tijolos acaba e nossos

sapatos pisam o cascalho duro e poeirento da Vastidão, é como se ninguém ousasse respirar, de tão mudos que estamos.

— Nunca me canso disso — diz um oficial por fim.

E, nesse momento, passamos a caminhar mais rápido.

Tenho medo de que a ansiedade coletiva faça todo mundo disparar. Não seria preciso muito. Se isso acontecer, serei exposto. Porque não sou capaz de correr, pelo menos não tão rápido quanto os outros. Não chego nem à metade da velocidade e da resistência deles. Ainda me lembro do primeiro ano, quando todos os meus colegas passavam voando por mim e tudo que eu podia fazer era acompanhar de longe, como se estivesse imerso em um barril de mercúrio. *Sempre caia*, meu pai dizia, *sempre finja tropeçar e torcer o tornozelo. Aí você pode ficar sentado.*

— Ei — digo para ninguém em particular, para todo mundo —, não tem como entrarmos no Domo, tem?

— Não — responde o oficial que me acompanha.

— Provavelmente nem vamos ver epers, certo?

— Não. Eles estão todos dormindo a essa hora.

— Então vamos ver exatamente o que estamos vendo agora, só que mais de perto?

— O quê?

— Só cabanas, um lago, varais de roupa. Isso é tudo, não é?

— É.

— Que sem graça — ouso dizer.

Mas o grupo cai na minha, pelo menos o bastante para sufocar a empolgação. O ritmo da caminhada diminui.

Quinze minutos depois, estamos perto do Domo. O tamanho, à medida que vamos nos aproximando, me pega de surpresa: é bem mais alto e largo do que imaginei. Lábios Escarlate, que segue à minha frente, começa a estalar o pescoço. Tanquinho levanta os ombros rígidos de excitação. Bonitão, ao lado dela, ergue o nariz no ar, farejando.

— Sinto o cheiro deles. Sinto cheiro de epers — grita Decrépito, com a voz rouca retumbando no silêncio da noite.

Outras cabeças se erguem com um estalo, narizes voltados para cima e farejando o ar ao redor.

Faltando uns cinquenta metros, eles já não aguentam mais e disparam. Corro atrás deles o mais rápido que consigo. Eles são borrões, uma confusão de oscilações negras e manchas cinza, suas pernas se movem e os impulsionam adiante, seus braços se balançam para cima e para o lado. Não há graciosidade nem ordem na forma como avançam, só uma mistura descontrolada de arrancadas, corridas, saltos.

Quando os alcanço, eles estão colados no vidro, hipnotizados demais pelo Domo para reparar em minha chegada tardia. Lá dentro, há dez cabanas espalhadas pela área a distâncias regulares uma da outra, metade delas perto do lago. E o lago é incrível: primeiro, pelo simples fato de existir no meio do deserto, mas também pelo círculo perfeito que forma. Produzido pelo homem, sem sombra de dúvida.

Comparadas à feitiçaria tecnológica do lago e do Domo, as cabanas parecem relíquias pré-históricas. As paredes são esburacadas e rudimentares, com algumas pequenas janelas sem

molduras. Cada cabana fica sobre duas fileiras de pedras retangulares encaixadas grosseiramente.

— Não dá para ver nada dentro — reclama Barrigudo.

— Devem estar todos dormindo mesmo — diz um oficial.

— Mas deem uma farejada, dá para sentir o cheiro deles. Mais forte que o normal — diz o oficial de pé ao meu lado.

— Só um pouco — diz outro oficial, na outra ponta do grupo.

— Claro que não — insiste o oficial que me acompanha. — Está bem forte hoje. Devem ter corrido muito e suado mais cedo. — Mas ele franze a testa. Vira-se na minha direção e dá outra farejada. — Está muito forte hoje. Que estranho!

Eu me forço a ficar calmo. O cheiro está vindo de mim, sei disso, mas não posso me mover nem fazer nada drástico. Então, tento distraí-los. Com uma pergunta:

— Qual é a profundidade do lago?

— Não sei — responde ele. — Daria para alguém se afogar, eu acho. Mas nenhum deles se afogou. São como peixes, aquelas criaturas.

— Esse lago não pode ser natural — digo.

— Jura, inteligência rara? — debocha Decrépito, e cospe no chão poeirento e duro.

— Esse Domo de vidro é poroso? — pergunta Tanquinho de repente. Ela estava tão quieta que levo um segundo para perceber que a voz bonita é dela. — Porque estou sentindo cheiro de eper. É muito melhor do que os aromas artificiais que vendem por aí.

— Parece ter ficado mais forte nos últimos minutos — comenta Bonitão.

— Deve ser poroso. Eu realmente sinto o cheiro deles! — diz Tanquinho, empolgada.

— Eu achava que não, mas o odor deles está tomando conta do ar… — diz o oficial ao meu lado, distraidamente. — Já faz tempo que a noite caiu. Quase oito horas. Estranho estar assim tão forte até agora.

As narinas dele estão farejando mais ainda agora, dilatando-se de modo alarmante. Essas narinas começam a se virar para mim, como olhos se arregalando ante uma revelação.

Eu me afasto do grupo.

— Vou contornar o Domo para ver se consigo ver alguma coisa do outro lado.

Felizmente, ninguém me segue. Na outra extremidade, escondido pelas cabanas, cuspo nas mãos e esfrego as axilas vigorosamente. Bem nojento, mas a alternativa — ser destroçado — também é.

Quando me junto ao grupo de novo, já estão todos prontos para voltar.

— O cheiro sumiu — diz Decrépito com uma expressão derrotada — e não tem nada para ver. Os epers estão todos dormindo.

Então vamos embora, com o desânimo nos fazendo arrastar os pés. Ninguém diz nada. Fico no fim da fila, contra o vento.

— Noite estrelada — diz alguém para mim.

É Julia Brasa, olhando para trás.

— Um pouco clara demais para o meu gosto — respondo.

Ela coça o pulso de maneira ambígua, olhando rapidamente para o alto.

— Esses epers parecem animais de zoológico — diz ela —, dormem o tempo todo.

— Os oficiais me disseram que eles são naturalmente tímidos.
— Animais burros — diz ela, com raiva. — Pior para eles.
— Por quê?
Ela me surpreende diminuindo o passo até estarmos lado a lado.
— Pense bem — diz ela, com a voz agradável. — Quanto mais a presa sabe sobre o caçador, mais vantagem estratégica ganha. Se aquelas criaturas estivessem acordadas, saberiam quantos somos, quantos homens, quantas mulheres, nossas idades…
— Você está supondo que eles sabem sobre a Caçada.
— Devem saber. Receberam armas.
— Isso não significa nada. Além do mais, uma "vantagem estratégica" não vai ajudar em nada. Aconteça o que acontecer, a Caçada acaba em duas horas no máximo.
— Uma hora, se depender de mim — sussurra ela.
Fica claro que ela diz isso apenas para eu ouvir. Olho-a de soslaio. Desde que chegamos ao Instituto Eper, ela anda menos insolente, menos exibida do que a estrela que conheço da escola. Na verdade, quase passa despercebida. Ela ainda chama a atenção, é claro, pela beleza, mas não a ostenta como faz na escola.
Uma brisa sopra na Vastidão, fazendo mechas de cabelo roçarem suas bochechas pálidas. Os olhos dela, que a luz pétrea da noite torna mais duros, parecem inquietos. Ela se abaixa de repente para amarrar os sapatos. Eu paro também. Ela demora, soltando também o cadarço do outro sapato para dar um novo laço.
Quando ela finalmente se levanta, o resto do grupo já está bem adiantado.
— Sabe, fico muito feliz por você estar aqui — diz Julia Brasa, baixinho. — É muito bom ter um… amigo.
O som do vento do deserto preenche o silêncio.
— Acho que devíamos nos unir — diz ela. — Acho que podemos ajudar um ao outro.
— Eu trabalho melhor sozinho.
Ela espera alguns instantes, e então diz:
— Você leu muito sobre a Caçada de dez anos atrás?
— Sim, como todo mundo — minto.
Fugi de cada livro, cada artigo, cada frase, cada palavra.
— Bem, eu andei estudando o assunto. Muito mais do que todo mundo. Religiosamente, quase. É uma obsessão minha há anos. Li livros, assinei revistas, revirei a biblioteca em busca de informações. Até ouvi entrevistas de rádio com vencedores anteriores, apesar de eles em geral serem bem fortes, mas também muito burros. Ou seja, tudo o que você puder aprender nos próximos cinco dias, eu já sei. Sabia há anos.
— Que bom — digo, sem entender aonde ela quer chegar com isso.
Mas sei que não está mentindo. É membro de todos os tipos de associações e clubes sobre epers da escola.
— Escute. Vou lhe contar o maior segredo, que na verdade já é de conhecimento geral. A maior parte das pessoas aqui já sabe, mas você parece não ter noção: o importante são as alianças. O vencedor sempre é aquele com a aliança mais forte. Sempre. Foi assim na última Caçada, e foi assim em todas as anteriores. Se você se une às pessoas certas, vai se sair bem. É

simples assim.

— Por que você não se alia a um dos outros caçadores? Todo mundo sabe que força bruta e destreza sempre vencem a Caçada. E nesse quesito os outros são melhores do que eu. Os dois universitários, por exemplo: estão em excelente forma. Até o velho desconfiado é um concorrente mais forte do que eu; o que lhe falta em termos de força ele compensa com malícia e malandragem. E a mulher, ela parece saber se virar bem. Tem os dois requisitos: é esperta *e* está em boas condições físicas. Vocês duas dariam uma boa dupla.

— É uma questão de confiança. Você é o único aqui em quem posso confiar.

— Pois então confie em mim quando digo que comigo você vai perder.

— Por quê? Você não vai nem tentar?

— É claro que vou! Quero esses epers tanto quanto qualquer pessoa. Mas sou realista.

— Olhe — ela coloca a mão no meu peito para me impedir de andar —, você pode tentar sozinho e não ter nenhuma chance, ou pode se aliar a mim e juntos podemos ter alguma chance. Mas, se entrar nisso sem qualquer tipo de plano, vai acabar de mãos vazias.

Ela tem razão, mas não da maneira que pensa. Porque eu, mais do que qualquer pessoa, sei que, se entrar nisso sem um plano, vou perder. E não apenas a Caçada. Também minha vida. Sem uma estratégia, todos vão descobrir o que sou.

Eu tenho um plano, e é bem simples: sobreviver. Só isso. Nas próximas noites, vou ficar na minha, sem chamar a atenção. E então, na véspera da Caçada, vou fingir me machucar. Uma perna quebrada. Na verdade, será preciso mais do que fingir, vou ter que *realmente* quebrar a perna. Vou ficar revoltado com o meu azar de ser eliminado da Caçada. Vou arrancar os cabelos e fazer um escândalo e infernizar a administração ao ver os caçadores seguindo ao longe enquanto eu estiver deitado na cama com a perna engessada. E depois vou seguir com a minha vida. Então sim, ela tem razão: eu preciso de um plano. E já tenho um. Mas meu plano não envolve uma aliança com ela.

— Olhe, eu entendo. Mas eu… eu trabalho melhor sozinho.

Penso ver algo nos olhos dela, uma espécie de ruptura.

— Por que você sempre faz isso comigo?

— O quê?

— Você sempre me afasta. Tem sido assim todos esses anos.

— Do que você está falando? Nós nem nos conhecemos direito.

— Por que será? — diz ela, e sai andando para alcançar o grupo, seu cabelo voando na brisa.

Apesar de saber que não devo, aperto o passo até alcançá-la.

— Espere, escute.

Ela se vira para olhar para mim, mas continua andando.

— Precisamos conversar. Você tem razão.

— Tudo bem — responde ela depois de um momento. — Mas não aqui. Tem olhos e ouvidos demais, curiosos demais. Vamos à biblioteca.

Os oficiais que acompanham a ela e a mim não ficam nada felizes com a ideia.

— Qualquer desvio do protocolo é estritamente proibido — recitam os dois, quase em uníssono.

Nós os ignoramos; na altura da biblioteca, afastamo-nos do grupo e entramos. Os dois oficiais, irritados, entram também. Eles sabem que não podem nos impedir.

Cruzamos o saguão de entrada e paramos em frente à recepção. Os oficiais permanecem ao nosso lado. Ficamos nos olhando.

— Bem — digo a Julia Brasa depois de alguns segundos que se prolongam indefinidamente —, isso é meio constrangedor.

Ela inclina a cabeça na minha direção; seus olhos parecem brilhar um pouco mais.

— Por que não me mostra o lugar? — sugere ela, lançando um olhar hostil para os oficiais. — Só nós dois. — Ela se põe a andar, passando por cadeiras e mesas em direção à área principal, observando a decoração e a mobília. — Então este é o *resort* tão comentado — diz ela, de pé sobre um tapete floral gasto no centro do grande aposento.

— *Resort*? Desde quando? — pergunto. — Algumas horas atrás, todo mundo estava chamando este lugar de confinamento solitário dos infernos, e agora é um *resort*? Ah não! Sério, eu preferia estar no prédio principal — minto, indo até ela.

Os oficiais felizmente não nos seguem.

— Não, não preferia, pode acreditar. Aquele monte de disputas, reclamações, mesquinharias, todo mundo de olho em você e o seguindo o tempo todo… e só estou falando dos funcionários. Fico sufocada. Eu não me incomodaria em ficar longe daquilo tudo. E de todas as perguntas.

— Perguntas?

— Sobre você. As pessoas querem saber por que você foi colocado aqui separado dos outros, por que está recebendo tratamento especial. E, como eles sabem que estudamos na mesma escola, acham que eu o conheço bem. Ficam me fazendo perguntas, ou melhor, me interrogando sobre você. Como você é, seu passado, se é inteligente, uma chatice sem-fim.

— O que você diz?

Os olhos dela encontram os meus, primeiro sérios, depois com uma delicadeza que surpreende. Ela vai até as amplas janelas que ocupam toda a parede, o ponto mais distante possível dos oficiais, e, com um olhar, ordena que eu me aproxime. Obedeço, me postando ao lado dela junto às janelas. Agora, bem longe dos oficiais, somos só nós dois, banhados pela luz prateada da lua. Nossos peitos estão menos apertados, o ar mais leve.

— Eu conto o que sei — responde ela, olhando para fora e depois para mim. Os olhos dela, banhados pelo luar, estão radiantes, as íris delineadas e claras. — O que não é muito. Conto que você é meio que um enigma, um cara solitário, que fica sempre na sua. Que é muito inteligente, apesar de tentar esconder isso. Que todas as garotas vivem de olho em você, mas que você nunca saiu com nenhuma. Eles perguntam se já namoramos, e eu digo que não.

Olho para Julia Brasa. Ela sustenta meu olhar com uma espécie de desespero contido, como se tivesse medo de eu logo desviar o olhar. O ar entre nós muda drasticamente. Não consigo explicar, só sei que parece ocorrer tanto uma aceleração quente quanto uma suavidade tranquilizadora.

— Eu queria ter mais para contar — sussurra ela. — Queria conhecer você melhor.

E ela apoia o corpo na janela como se estivesse repentinamente cansada de carregar um peso invisível.

É essa revelação, que parece uma rendição, que faz algo se romper em mim, como o gelo da neve rachando no primeiro dia de primavera. Pálida sob o luar, a pele dela é um alabastro cintilante; tenho um desejo forte e repentino de acariciar seus braços, de sentir a maciez fria de argila.

Por alguns minutos ficamos olhando para fora. Nada se move. Um raio de luz incide sobre o Domo distante, fazendo-o brilhar como uma joia.

— Por que esta é a primeira vez que realmente conversamos? — Ela ergue o braço, prende algumas mechas de cabelo atrás da orelha. — Eu sempre quis um momento assim, você devia saber. Acho que perdemos uma centena de chances como esta.

Mantenho os olhos na janela, sem conseguir encará-la. Mas meu coração está batendo mais rápido e mais quente do que há muito tempo.

— Eu esperei por você naquela noite de chuva — diz ela, de forma quase inaudível. — Passei quase uma hora no portão. Fiquei encharcada. O que você fez, saiu escondido pelos fundos depois da aula? Foi alguns anos atrás, eu sei, mas… você esqueceu?

Fixo o olhar nas montanhas ao leste, sem ousar olhar para ela. O que quero mesmo dizer é que nunca esqueci; que não passa uma semana sem que eu imagine como teria sido se eu tivesse tomado uma decisão diferente. Se tivesse saído da sala quando o sinal tocou e a encontrado no portão e a acompanhado até em casa, com a chuva escorrendo pela lateral da minha calça, nossos sapatos afundando nas poças, nossas mãos juntas segurando o guarda-chuva acima de nossas cabeças, inútil contra o aguaceiro, que, no entanto, pouco nos incomodaria.

Mas, em vez de lhe contar isso, escuto a voz do meu pai. *Nunca esqueça quem você é.* E pela primeira vez entendo o que ele quis dizer. Era apenas outra maneira de falar *Nunca esqueça quem* eles *são.*

Não digo nada, apenas observo as estrelas, cujas luzes piscam com uma solidão abjeta. Tão próximas, essas estrelas amontoadas, pontos de luz se tocando, se sobrepondo; mas a proximidade é apenas ilusória, porque na realidade elas estão absurdamente distantes, separadas por um bilhão de anos-luz de vazio.

— Acho que… não sei do que você está falando. Sinto muito.

Ela não responde a princípio. Mas de repente vira a cabeça para o lado e seu cabelo castanho-avermelhado lhe cobre o rosto.

— A luz está forte demais hoje — diz ela, com a voz rouca, colocando um grande par de óculos de lua de lentes ovais. — Odeio lua cheia.

— Vamos para longe das janelas — digo, e voltamos para o tapete, para perto dos oficiais atentos.

Ficamos constrangidos na frente um do outro. O oficial que me acompanha dá um passo à frente.

— Precisamos voltar para junto do grupo. Está na hora do jantar.

⋆ ⋆ ⋆

No jantar, estamos quase todos exaustos, cansados demais para iniciar qualquer conversa mais profunda do que esse papo medíocre, muito diferente do que tivemos no almoço. Preocupado

com meu odor corporal, discretamente cheiro minhas axilas de tempos em tempos. Como bem depressa, ciente da minha proximidade dos outros. Decrépito está sentado ao meu lado e treme de vez em quando. Ele não diz nada, mas algumas vezes suas narinas se dilatam em minha direção.

Julia Brasa está sentada do meu outro lado. Estou ciente de cada movimento dela: a proximidade de nossos cotovelos, cada vez que ela pega ou pousa na mesa os talheres, o balanço do seu cabelo quando ela o prende em um rabo de cavalo para impedir que caia na tigela. E, acima de tudo, seu silêncio. Um desejo forte me faz olhar para ela. E me afastar discretamente, para disfarçar meu cheiro.

No meio da refeição, estou mais do que preocupado com o cheiro do meu suor. E, quanto mais nervoso fico, mais suo. Uma saída rápida e discreta se faz necessária. Fico de pé; todos os olhos em volta imediatamente se viram para mim. Enquanto me afasto da mesa, procuro o oficial que me acompanha, sentado à outra mesa em algum lugar na escuridão ao redor. Ele surge atrás de mim alguns momentos depois.

— Tudo bem?

— Sim, tudo bem. Preciso voltar para o meu quarto. Estou preocupado com o nascer do sol.

Ele olha para o relógio.

— Será só daqui a uma hora.

— Mesmo assim, sou um cara precavido. Vai que amanhece mais cedo? Não quero correr o risco.

Todos à mesa estão olhando para nós agora.

— Eu lhe garanto que nossos cálculos do nascer e do pôr do sol são precisos — diz ele.

Baixo os olhos e percebo que não preciso fingir cansaço. Estou realmente exausto.

— Se não tem mais nada planejado para hoje, acho que vou me recolher cedo. Estou morto.

Sinto-o olhando para mim, tentando entender.

— Mas a comida… tem tantos outros pratos suculentos a caminho…

Então entendo o que está acontecendo.

— Não precisa me acompanhar. Fique e coma. O quanto quiser. De verdade. Sei o caminho. É só descer dois lances de escada, virar à esquerda no corredor, direita, outra vez esquerda, e sair pela porta dupla com o emblema do Instituto.

— Não quer esperar a sobremesa?

— Não, estou satisfeito. De verdade.

— Mas as carnes mais caras e sangrentas ainda não chegaram!

— Estou exausto, só isso. É sério, não se preocupe comigo.

— Tem certeza de que sabe voltar sozinho?

— Pode deixar.

E, antes que ele possa objetar, eu saio. Estou me afastando quando olho rapidamente para a mesa.

Eles deveriam estar comendo, ignorando minha conversa com o oficial, enchendo a pança. Mas estão olhando para mim, intrigados. Não; mais do que intrigados. Isso que vejo neles é

perplexidade, do tipo que fica na mente das pessoas, deixando-as curiosas.

⋆ ⋆ ⋆

— Burro, burro, burro — murmuro para mim mesmo enquanto desço os dois lances de escada. *Idiota, idiota, idiota*, eu me reprovo internamente enquanto sigo pelos corredores. — Imbecil, imbecil, imbecil — digo em voz alta quando abro as portas duplas que levam à área externa.

E então ouço a voz do meu pai na cabeça: *Não faça nada fora do comum, não faça nada que o torne diferente da massa. Evite chamar a atenção.*

Quando chego às portas da biblioteca, alguns minutos depois, ainda estou me censurando. *Retardado, burro, idiota, débil mental*.

Lá dentro, ando pelos corredores, salas dos fundos, todos os lugares, vasculhando cada canto. Mas é inútil. Não há nada para beber aqui na biblioteca, nem uma gota sequer. E no banheiro, como em todos os banheiros, não tem nada além de suportes com papel-toalha. Estou realmente preocupado agora. Longe dos materiais que tenho escondidos em casa, de todos os meus instrumentos e subterfúgios — minhas lâminas para pelos, garrafas d'água, desodorantes, branqueadores dentais, lixas de unha —, as coisas estão indo ladeira abaixo. A falta de água está me deixando tonto. Não consigo me concentrar. Nas coisas. Todos os meus pensamentos me vêm recortados. Pontadas curtas. Uma dor de cabeça lancinante.

Levanto o braço e cheiro a axila. Pronto. Até *eu* consigo sentir o cheiro agora. E se eu consigo sentir, eles também conseguem. Não me admira que Decrépito e Barrigudo estivessem tão distraídos durante o jantar.

Não sei se alguém já desconfia de mim. Decrépito e Barrigudo podem ter sentido algum cheiro no jantar, mas acho que ainda não perceberam que vinha de mim. Só que amanhã estarei fedendo.

Desabo no sofá de couro. Minha cabeça ainda está latejando, girando. Lá fora, uma sombra do amanhecer espreita nas janelas. Os blecautes logo serão acionados.

Cubro os olhos com o braço, sem querer pensar no assunto, mas sabendo que preciso encarar a realidade. O Plano A parecia perfeito não muito tempo atrás: não chamar a atenção no período de treinamento e quebrar a perna logo antes da Caçada. Mas agora as coisas mudaram. Com meu corpo exalando odores que dizem "sou um eper, me coma" e minha língua seca e áspera como lixa, não vou chegar vivo à Caçada, daqui a quatro dias. Vou morrer de sede ou ser selvagemente devorado. Provavelmente a segunda opção.

Deitado no sofá, entorpecido demais para sentir medo, começo a adormecer. Na verdade, é mais como um mergulho em um profundo cânion de sono.

⋆ ⋆ ⋆

A sede me desperta. Começo a tossir: mil farpas rasgam minha garganta ressecada.

Lentamente tiro o braço de cima do rosto. A biblioteca está escura: os blecautes se fecharam.

Mas há algo estranho. Ainda consigo ver o interior da biblioteca, iluminado por um fiapo de claridade. Como se houvesse uma vela acesa.

Impossível. Eu me viro, o sono sumindo de súbito. Encontro a fonte de luz.

Está bem ali. Um único e fino raio de sol entrando por um furo no blecaute que cobre a janela atrás de mim. O raio passa pela minha orelha e chega à parede oposta da biblioteca. É uma linha perfurante de luz, como um laser, e parece ter peso. Eu não reparei nisso ontem. Se bem que eu estava do outro lado da biblioteca, dormindo pesadamente durante o dia.

Vou até a janela. Hesitante, estendo a mão até o furo. Quase espero que a luz me queime. Mas só sinto um calor, no ponto em que o raio atinge a pele. O pequeno buraco é um círculo perfeito. Muito estranho. Não é acidental, não foi causado pelo envelhecimento do prédio. Foi feito intencionalmente, *perfurado* no blecaute, que é uma placa de cinco centímetros de aço reforçado. Mas com que propósito? E por quem?

O Cientista maluco. Essa parte não é difícil de deduzir; ninguém mais morou aqui. Mas por que ele faria isso? Um raio de sol assim não apenas impediria uma pessoa de dormir, como também causaria dano permanente na retina e no intestino. Nada disso faz sentido.

Ou talvez o Cientista não tenha nada a ver com isso. Talvez o furo tenha sido feito pelos funcionários, depois que ele desapareceu. Mas por quê? E, se eles sabiam que um dos caçadores ia dormir na biblioteca, certamente teriam consertado antes de eu chegar. Realmente nada disso faz sentido.

E então um pensamento me ocorre, e me faz gelar.

* * *

Balanço a cabeça, como se para afastar a ideia. Mas ela está presa ao meu cérebro de forma irrevogável agora. E, quanto mais penso na possibilidade, mais provável me parece.

Alguém fez esse furo. Hoje.

Para me testar. Para me desmascarar.

Para descobrir se sou eper.

* * *

Faz sentido. Esta noite, com meu corpo não lavado exalando um cheiro mais forte, a desconfiança surgiu. Mas é necessário obter mais provas antes que possam me acusar. Deixar entrar um discreto raio de sol na biblioteca é perfeito. Sutil mas definitivo. A luz do dia em uma dose tão pequena que não despertaria um eper, mas que seria o bastante para acordar qualquer pessoa normal, fazendo-a fugir para o outro lado da biblioteca e exigir um novo quarto assim que escurecer. O perfeito e decisivo teste.

Ando pelos corredores, tentando manter o medo sob controle. Roço meus dedos pelas lombadas empoeiradas das capas de couro dos livros. Percebo que há uma falha no meu raciocínio. As únicas pessoas que poderiam querer me desmascarar são aquelas que estavam por perto. Os caçadores e os oficiais. Mas eles ficaram comigo a noite toda; em nenhum

momento saímos de perto uns dos outros. Ninguém teve a oportunidade de fugir e fazer um buraco em cinco centímetros de aço reforçado.

Volto até o blecaute e observo o furo mais de perto. As beiradas estão desgastadas e cegas, não brilhantes e afiadas como estariam se fosse um corte recente. Eu me inclino até o chão em busca de vestígios. Nada. O furo foi feito há algum tempo.

Isso me deixa em uma situação meio complicada. Se eu fingir raiva amanhã e reclamar do buraco, funcionários virão dar uma olhada antes de fechá-lo. Mas o incidente fará surgirem perguntas sobre meu primeiro dia de sono aqui: por que não reclamei logo? Por outro lado, se eu não disser nada e isso realmente for uma trama para me pegar, serei descoberto.

Então tenho um *insight*. Talvez o raio de sol seja apenas efeito colateral de algo mais importante. Talvez seja o buraco, e não a luz, a chave para o mistério.

Olho com atenção para o furo agora, avaliando cada arranhãozinho na área próxima, a altura em relação ao chão, o diâmetro pequeno.

Mas é claro. É do tamanho perfeito.

Para espiar.

Mas, quando olho por ali, a luz lá de fora me cegando, não há nada. Só a Vastidão monótona e sem graça, estendendo-se infinitamente à minha frente, e o clarão do sol quente. Nem mesmo o Domo está visível. Terra e poeira e areia e luz. Só isso. Não tem nada para ver.

Depois disso passo uma hora andando de um lado para o outro, observando o raio de sol que entra por ali, olhando pelo buraco; mas é inútil. Não consigo entender. O que me mata é sentir que estou bem perto, que estou literalmente olhando para a resposta. Acabo me sentando, os pés doloridos e exaustos. Fecho os olhos para me concentrar e, quando volto a abri-los, algumas horas depois, o raio de sol sumiu, as janelas estão abertas e alguém está batendo à porta. O anoitecer chegou.

Três noites para a Caçada

— Acredita-se que os epers estejam em algum ponto entre cinco e dez mil anos atrás de nós na escala evolutiva. — A voz do Diretor se propaga a partir do púlpito, seu tom distante, antisséptico. — É certo que os epers exibem os traços de comportamento mais primitivos, que nossos ancestrais descartaram muitos séculos atrás. Vejam, por exemplo, a excepcional habilidade deles para natação. Esse traço remete às suas origens anfíbias, relativamente recentes; eles viviam então no mar, de onde se originaram todas as formas de vida. Essa habilidade, comparável à dos peixes, de fazer manobras na água denuncia a relativa falta de progresso evolucionário desde aquele estágio elementar. Consideremos também a primitiva capacidade de tolerar a luz solar. Essa característica é uma relíquia genética anterior à era das cavernas, quando os animais existentes no planeta não tinham inteligência para procurar abrigo nas cavernas. Eles então desenvolveram resistência ao sol, o que, por outro lado, inibiu o desenvolvimento do cérebro. Uma pena.

Suas palavras chegam até mim como algas em água turva. Estou sentado quase nos fundos do auditório, o mais longe possível das pessoas. Troquei rapidamente de roupa (enquanto o oficial batia à minha porta), mas estou preocupado com meu cheiro. Ninguém parece ter sentido nada; todos estão imóveis, nenhum estalar de pescoço. Passei pelo café da manhã, pelas palestras do começo da noite, pela visita ao local e pelo almoço sem ninguém reparar em mim. Uma grande janela à esquerda do palanque está aberta, felizmente, deixando entrar uma brisa que dissipa qualquer odor aqui dentro. Pelo menos assim espero.

— As expressões faciais deles, que tanto mudam por conta das emoções desenfreadas e irrestritas, remetem à era pré-verbal, pré-linguagem, quando as expressões serviam como uma espécie de linguagem dos sinais. Próximo slide.

Uma foto das pernas de um eper macho, cobertas de pelos. Todos se inclinam para a frente. A baba começa a pingar das presas, como aranhas descendo para as mesas.

— Um recurso genético residual de uma era anterior à descoberta do fogo. Como não sabiam controlar o fogo, os pelos eram o único mecanismo para afastar o frio do inverno. Grandes estudiosos postularam que essa evidência de pelos no corpo é anterior até mesmo à era da pedra, quando os primitivos conseguiam confeccionar armas rudimentares para caçar e usavam as peles dos animais abatidos como roupas. Eu escrevi um livro sobre o assunto, a primeira obra na minha área a postular essa agora bem aceita teoria. Próximo slide.

A foto de um eper comendo uma fruta de casca vermelha com polpa amarela. As pessoas inclinam a cabeça para trás, enojadas.

— Pois bem. Bastante inexplicável essa característica, para não mencionar quanto é terrível. Representa a falta de habilidades predatórias deles, a incapacidade de matar qualquer presa maior do que insetos. Como consequência, eles precisam caçar essas coisas que não fogem: elementos da terra, vegetais e frutas. Com o tempo, essa característica se exacerbou a ponto de que seus corpos passaram a exigir frutas e vegetais. Prive-os de legumes, verduras e frutas e os corpos deles começam a falhar. Pontos avermelhados aparecem no corpo, feridas atacam

seus lábios, depois as gengivas, o que acaba levando à perda dos dentes. Eles ficam imobilizados, caem em estado depressivo e vegetativo. Próximo slide.

Uma foto do grupo de epers debaixo do Domo. Eles estão sentados ao redor de uma fogueira com as bocas abertas e as cabeças inclinadas para o lado, de olhos fechados.

— Nada intriga e confunde mais os estudiosos que a capacidade dos epers de chilrear palavras, e com afinação incrível. Estudos realizados aqui no Instituto revelaram que os epers são capazes de duplicar essas ululações, que eles chamam de "cantar", com precisão incrível. Na verdade, uma música pode ser replicada minutos, dias, meses e até anos depois de ser cantada pela primeira vez, e com frequências sonoras praticamente idênticas. Há uma variedade de teorias sobre o assunto; nenhuma tão satisfatória quanto a que eu apresentei na Conferência Anual de Estudos Epers, no ano passado. Em resumo, essa teoria explica que os epers desenvolveram a capacidade de "cantar" por conta da crença errônea de que a prática ajudava no crescimento de frutas e vegetais. É por isso que os vemos "cantar" mais comumente quando estão cuidando da terra ou arrancando frutas das árvores. Alguns acadêmicos creem também que os epers talvez acreditem que "cantar" ajuda a manter um fogo aceso e a limpar o corpo melhor. Isso fica evidente na tendência deles de chilrear quando se reúnem ao redor de uma fogueira ou quando se banham no lago.

Fico aqui sentado me divertindo por dentro. Tudo que Diretor diz sobre os epers tem um tom de verdade e autoridade, mas desconfio que não passe de especulações e baboseiras. Imagino que seja fácil errar tão feio quando se trata de epers, desviar rapidamente da verdadeira pesquisa científica para teorias sem o menor fundamento. Afinal, se os papéis fossem invertidos e fossem as pessoas que tivessem sido extintas, as teorias provavelmente seriam carregadas de exageros e distorções: em vez de dormir em suportes, eles dormiriam em caixões; como criaturas da noite, seriam tão invisíveis ao olho humano que, mesmo na frente do espelho, não teriam reflexo; pálidos e macilentos, seriam tomados como seres fracos e benignos capazes de coexistir pacificamente com epers, de se controlar para não devorá-los e sugar-lhes o sangue; todos seriam sempre incrivelmente bonitos e teriam cabelo perfeito. Provavelmente haveria puras invenções também: a capacidade de nadar a uma velocidade vertiginosa *debaixo* d'água; e ideias risíveis e ridículas de romance entre pessoas e epers.

Duas fileiras na minha frente, a cabeça de Bonitão estremece violentamente para trás. Um filete de saliva voa de suas presas e cai sobre seu rosto na diagonal. Ele balança a cabeça.

— Perdão — murmura ele.

O Diretor o encara e então prossegue:

— Outra aberração é a tendência um tanto grotesca deles de ficarem cobertos de gotas minúsculas de água salgada quando sentem calor ou estão estressados. Sob essas condições extremas, eles também emitem forte odor, principalmente a região debaixo do braço, que contém um punhado de pelos corporais, principalmente nos machos adultos. É comum que eles…

Bonitão vira a cabeça para trás de novo.

— Desculpe, desculpe — diz ele —, eu não queria interromper. Mas ninguém mais está sentindo o cheiro? Cheiro de eper? — Ele se vira, e por um momento terrível seus olhos pousam em mim. — Você não?

— Um pouco. Só um pouco — digo.

Os olhos do Diretor se voltam para mim. Um arrepio se espalha pelo meu corpo.

Respiração controlada; manter as pálpebras semicerradas; não mexer os olhos de um lado para o outro.

— Está tão forte que está entrando no meu nariz, na minha cabeça, é difícil me concentrar. — Bonitão aponta para uma janela aberta. — Podemos fechar a janela? Mal consigo me concentrar…

Tanquinho, sentada a duas cadeiras dele, de repente inclina a cabeça para trás e a joga para a frente de novo.

— Agora mesmo eu senti. Cheiro de epers. Bem forte. Deve estar entrando pela janela. Estamos em época de acasalamento eper?

O Diretor segue até a janela aberta, o rosto plácido, impassível, mas fica claro que ele está considerando cuidadosamente a questão.

— Também sinto um cheiro. Será que está vindo com a brisa? — A voz dele se torna incerta no fim da frase. — Vou fechar a janela, vamos ver se ajuda. Os epers devem estar suando muito durante o dia. O que será que estão tramando?

A palestra continua, mas quase ninguém está prestando atenção agora. Todos estão curiosos, farejando o ar. Em vez de impedir o cheiro de eper de entrar, fechar a janela só intensificou o odor. Sou eu; o cheiro está vindo de mim. Quanto tempo vai levar para que os outros percebam? A inquietação e os balanços agitados de cabeça deles ficam mais frequentes e violentos a cada minuto. Não estou ajudando muito as coisas nem a mim mesmo: tenho que continuar fingindo, de forma que meus próprios balanços de cabeça e estalos de pescoço me fazem exalar ainda mais odor.

Julia Brasa fala de repente:

— Talvez eles tenham vindo aqui durante o dia. Neste prédio. É por isso que o cheiro deles está em toda parte.

Olhamos para o palanque para ver o que Diretor vai dizer. Ele sumiu. Misteriosamente. E no lugar dele está Vestido Frufru, que, como sempre, se materializou do nada.

— Impossível — diz ela, com a voz mais aguda do que o habitual. — Não tem como um eper entrar aqui, no vespeiro. É morte certa.

— Mas esse cheiro… — insiste Julia Brasa, nitidamente salivando. — Está muito forte.

De repente a cabeça dela se inclina para trás violentamente. Ela se vira devagar, baixando a cabeça. Olha para todos nós, para mim.

— E se um dos epers tiver entrado aqui ontem à noite? E se um dos epers ainda estiver escondido neste prédio?

E, de um estalo, saímos correndo pelas portas, com os oficiais ao nosso lado, primeiro tentando nos convencer a voltar para o auditório, mas em seguida, quando dobramos esquinas e descemos andares (“O cheiro está ficando mais forte!”, grita Lábios Escarlate ao meu lado), eles se juntam ao frenesi, tornam-se parte da confusão. Presas batendo, saliva escorrendo, mãos balançando no ar, unhas arranhando paredes.

⋆ ⋆ ⋆

É difícil me separar do grupo. Meu plano é o seguinte: me afastar rapidamente, voltar para a biblioteca e torcer para que ninguém preste muita atenção à minha ausência. Mas, cada vez que dobro uma esquina para fugir, eles estão ali. É meu cheiro. Que, com tanta correria, só está piorando. Eu tinha esperança de eles passarem correndo por mim e me darem a oportunidade de voar escada abaixo e sair pela porta antes de poderem voltar. Mas não saem do meu lado. É apavorante estar tão perto das presas e garras. Não me resta muito tempo até que eles se deem conta da verdade.

Quando finalmente consigo me livrar do grupo, é mais por acidente do que intencional. Desmaio, talvez por não mais do que um segundo ou dois. Em um momento estou correndo, no outro estou deitado no chão, grupos correndo por mim e desaparecendo em uma curva do corredor. É a falta de água arranhando minha garganta, atrofiando meus músculos, paralisando meu cérebro. Passei do meu limite.

Quando volto a mim (é mais um piscar de olhos do que um apagar), sei que tenho que me mover. Os outros vão voltar quando perderem a pista do cheiro; vão seguir a trilha de volta e chegar até mim, e eu estarei deitado, enfraquecido e prostrado no chão, com suor na testa e cheirando a eper. *Mexa-se*, digo a mim mesmo, *mexa-se*. Mas é difícil até me levantar. Sinto-me tão seco quanto poeira de sótão, mas pesado como um saco de cimento.

O corredor está em silêncio, mas depois ouço o som de passos cada vez mais altos. Eles estão percebendo. Estão voltando.

O medo põe meu corpo em movimento bruscamente. Eu rolo e fico de pé. Portas. Preciso colocar o máximo de portas possível entre mim e eles. Isso vai retardá-los, cortar um pouco meu cheiro. Por pouco que seja, faz diferença.

Saio empurrando portas; segundos depois, ouço as mesmas portas sendo abertas com violência, como o som de tiros. Não estou nem mais correndo para descer as escadas; estou saltando, vários degraus de uma só vez. A dor atinge minha perna e sobe pelas minhas costas.

Eles estão me alcançando. Por mais que eu tente me forçar a ir mais rápido, por mais perigosamente que eu desça a escada, o som do grupo atrás de mim está cada vez mais próximo. Sons fortes de movimento, sussurros rápidos de roupas sendo lançadas pelo deslocamento do ar para cá e para lá. É só uma questão de tempo agora.

A não ser que…

— É por aqui! — grito. — O cheiro vem daqui, está muito forte agora, acho que estou quase lá!

— Como ele conseguiu se adiantar tanto? — grita alguém um andar acima.

Atravesso um par de portas e, na metade do corredor, mais outro; começo a subir a escada, três degraus de cada vez.

— Espere por nós! — grita alguém logo abaixo de mim.

— De jeito nenhum! Estou quase chegando.

— Como o garoto lento está ganhando da gente?

Seguindo tão rápido, é só uma questão de segundos.

Entro por outro par de portas, em uma corrida desenfreada pelo longo corredor. Dou uma rápida olhada para trás: a horda está em cima de mim como uma onda raivosa; Decrépito pula do chão para a parede e para o teto, Bonitão corre pelo ponto em que a parede encontra o

teto, com todos os outros o acompanhando, seus rostos estoicos e suas presas à mostra. Três segundos.

Eu me jogo pelo par de portas à minha frente, que se abre com um toque estranho de familiaridade. Eis o motivo: estou de volta ao auditório. Completei o círculo. Não há mais ninguém aqui dentro. Todo mundo se lançou na caçada.

Onde você quer morrer?, eu me pergunto. *Nos fundos? De pé em uma mesa, dramaticamente? Perto do púlpito?*

E é aí que vejo a janela.

Dou um pulo e a abro.

Nem um milissegundo depois, o grupo entra como uma onda negra. Estão completamente sincronizados: nas paredes, no chão, no teto, não há luta por posição, ninguém empurrando ninguém. Só uma entrada rápida e coordenada no auditório, olhos girando, narinas se dilatando.

— Ele pulou! Ele pulou lá para fora! — grito, de pé em frente à janela aberta, apontando para fora.

Mesmo antes de eu terminar de gritar, quatro deles estão no peitoril, em disputa pela melhor posição, olhando pela janela comigo, suas cabeças perto de mim de maneira perturbadora. Uma brisa forte começa a soprar e entra pela janela.

— Posso sentir o cheiro por toda a nossa volta! Como se ele estivesse bem aqui, escondido, mas onde?

— Foi embora…

— Podemos ir atrás, ele não pode ter ido longe…

— Talvez — digo. — Se formos rápidos, acho que conseguiremos pegá-lo.

Eles estão encolhendo as pernas, prontos para pular pela janela, quando um sussurro os paralisa:

— Vocês foram enganados.

Um sussurro molhado, baixo, sinistro, fervilhando de ameaça.

É o Diretor.

Ele não está olhando para nós, apenas para as próprias unhas, admirando o brilho em tom pastel sob o luar. Ele fala em voz baixa, como se pouco se importasse se alguém o está ouvindo.

— Tem gente aqui que se acha tão esperta… — murmura ele. — Vocês se acham tão sagazes, acham que sabem mais do que os especialistas daqui. Dois dias na *minha* instituição e de repente acham que são mais inteligentes do que os especialistas que dedicaram suas vidas a estas pesquisas. Acharam mesmo que o instituto que *eu* dirijo seria tão descuidado a ponto de permitir um eper à solta, andando livremente por estas instalações? — Ele fala sem desviar os olhos das unhas.

Uma pausa, e então ele continua, com a voz ainda mais suave agora:

— E vocês acharam mesmo que um eper seria tão burro a ponto de ser pego fora da proteção do Domo depois do anoitecer? — Ele baixa a mão direita. — Eles podem ser animais, mas não são burros. Como alguns de vocês aqui.

O silêncio agora é mortal.

— Há muita arrogância e ignorância nesta sala. É engraçado como as duas andam de mãos dadas. Vocês precisam se lembrar de quem são. Foram selecionados por sorte, não por mérito, não por terem provado suas habilidades, não por suas conquistas. Foi *pura* sorte. E agora vocês vagueiam pelo *meu* instituto e acham que são donos do lugar.

"Não tem eper nenhum. Sim, entrou pela janela um aroma discernível de eper. Está mais forte que o habitual, sim. Mas não tem eper algum, não aqui dentro, não do jeito que vocês pensam. Vocês todos foram vítimas de histeria coletiva.

Barrigudo, apesar das palavras do Diretor, treme de repente. De desejo. Não consegue se controlar, não consegue negar o cheiro de eper que lhe invade o nariz. Do teto, onde Bonitão está pendurado, saliva pinga em uma cadeira. Eles ainda estão sentindo meu cheiro. Não conseguem se controlar.

— Ah — continua Diretor, observando essas reações —, o poder da histeria coletiva. Uma vez que dizem haver o rosto de um eper no desenho de um tronco de árvore, como deixar de ver a imagem? Não importa o que dissermos, vocês ainda verão um eper. A convicção é… pegajosa. Irreversível. Olhem só para vocês. Quase me convenceram.

Alguma coisa cai no meu cabelo, algo grudento e ligeiramente ácido. Olho para cima: lá está Tanquinho, de cabeça para baixo, olhando para o Diretor e tentando se controlar. Mais saliva pinga lá de cima, prateada e brilhante como um fio de teia de aranha.

— Essa suscetibilidade de vocês à histeria coletiva é compreensível. Todos são virgens de eper: nunca viram, cheiraram nem ouviram um, pelo menos não um eper vivo. Assim, ao primeiro sinal de sugestão, saem todos enlouquecidos como lemingues em disparada por uma colina. E agora é impossível impedi-los. Já vimos isso acontecer várias vezes aqui no Instituto, com os funcionários recém-contratados. Eles chegam aqui completamente inexperientes. Alguns chegam a ver epers na própria sombra e perdem a capacidade de trabalhar. Acabam não conseguindo executar nem as tarefas mais simples.

Ele olha para cada um de nós por vez, virando a cabeça lentamente.

— No entanto, temos alguns recursos para esse problema.

Ao dizer isso, ele recua para periféricas sombras. Vestido Frufru surge momentos depois, satisfeita.

— É um programa que elaborei. Os funcionários novos estavam ficando muito distraídos, então tivemos que bolar um jeito de, bem, dessensibilizá-los. A opção de aspirar pó acidífero para entorpecer os nervos do olfato no nariz até foi considerada, mas não a sério. Meu plano foi mais humano.

Ela indica os fundos do auditório com um movimento da cabeça.

Um raio de luz de mercúrio atravessa o auditório. Uma imagem é projetada em uma tela acima dela. Vemos uma sala grande, como uma espécie de arena fechada. Espalhados em círculo, há postes de madeira que surgem do chão como tocos de árvores. Tiras grossas e ásperas de couro estão amarradas em cada tronco. Mesmo no vídeo, a atmosfera ameaçadora é palpável. A imagem transmite uma sensação de terror. *Nada de bom acontece ali*, penso. Sinto um frio na barriga, quase como se ela estivesse coberta por uma camada de gelo.

O local é estranhamente familiar. Forço a memória, tentando…

E então eu lembro. O sorteio. O eper velho e magro pegando os números. Foi filmado bem

naquela arena.

Vestido Frufru, sentindo que tem a atenção de todos, faz uma pausa dramática. Puxa o lóbulo da orelha.

— Esse espaço de trabalho foi convertido em uma nova função e agora é carinhosamente conhecido como Apresentação. Isso já diz tudo. É onde vocês serão apresentados a seu primeiro eper vivo. Em carne, em sangue, bem à frente de vocês.

Lábios Escarlate solta um grande rosnado. Barrigudo começa a grunhir. Uma cachoeira de baba pinga do teto agora.

— Acalmem-se. Ninguém vai comer um eper. Não hoje, pelo menos. Nem um só dente, nem um só dedo vai tocar em carne de eper. Graças às tiras de couro que prenderão vocês aos troncos. — Ela pega uma régua longa e a usa para indicar uma porta circular na tela; mais parece um alçapão. — O eper vai sair desta porta no chão. Ele vai aparecer depois que vocês forem presos aos troncos, e durante cerca de cinco minutos vocês vão ver e ouvir e cheirá-lo. Os únicos sentidos que não vão usar, ao menos agora, são o tato e o paladar, obviamente. Mas ele vai estar bem perto. E vocês vão conseguir cheirá-lo, um eper de verdade, e não sua imaginação histérica. Isso vai dar um jeito em vocês. A Apresentação tem sido incrivelmente bem-sucedida com nossos novos funcionários. Depois dessa exposição, eles não são mais virgens de eper. A capacidade de se concentrarem e não serem distraídos por leves odores epers melhora muito. Achamos que esse programa vai ser ótimo para vocês.

— Então tem um eper no prédio! — grita Decrépito, rouco. — É por isso que o cheiro está tão forte!

— Sim, há um eper. Mas vocês não estão sentindo o cheiro dele. Ele fica em seus aposentos. E essa porta que vocês veem na foto tem reforço de aço e é trancada por dentro. É um local completamente seguro. Nunca tivemos problema, e isso há três anos. E lá a criaturinha tola tem comida suficiente para um mês.

— Mas como vocês fazem com que ele saia para a Apresentação? Como sabemos que vai sair quando estivermos lá?

Ela coça o pulso.

— Digamos apenas que fazemos ofertas irrecusáveis. Frutas, vegetais, chocolates doces. Além do mais, ele sabe que não corre perigo. Já fez isso mais de dez vezes, sabe que todos estão bem presos. Desde que ele fique na área segura e não chegue perto demais de um tronco, fica tudo bem. Ninguém pode tocar nele. Ele fica livre para pegar quanta comida quiser.

— Será aquele eper que…

— Agora vamos — interrompe Vestido Frufru. — Vocês querem mesmo ficar me fazendo perguntas ou preferem seguir para a Apresentação?

A julgar pela velocidade com que saímos, esta é uma pergunta retórica.

⋆ ⋆ ⋆

Estamos eufóricos como crianças em um passeio de escola ao parque de diversões. Levamos cinco minutos para chegar à arena, ou melhor, para descer até lá. Acontece que os cinco

andares acima do solo são apenas a ponta de um iceberg muito frio e negro. Há uma quantidade enorme de andares subterrâneos. Quanto mais descemos, mais frio e escuro se torna. Não há sinal de que alguém more ou trabalhe nesses andares-fantasma, ou mesmo os use ou visite. Descemos para as profundezas da terra, a claustrofobia fechando o cerco.

⋆ ⋆ ⋆

Quando chegamos ao último andar do subsolo, estou exausto. Meus joelhos parecem ter sido esmagados por uma britadeira, e eu estou completamente tonto depois da descida em espiral. Mais ninguém está cansado; na verdade, o nível de energia aumentou com a expectativa. Há muita conversa entre o grupo, muito ranger de dentes.

— Há troncos suficientes para todos nós? — pergunta Julia Brasa.

Todos estão disputando uma boa posição em frente às portas duplas, ainda fechadas.

— Não se preocupem — responde Vestido Frufru. — Há dez troncos lá dentro. Vocês são só sete. Os troncos são equidistantes do centro, ninguém fica mais perto do que ninguém. Um alimento é colocado na frente de cada tronco, de forma que todos vocês terão a chance de ver o eper bem de perto.

Apesar das palavras dela, eles ainda estão se empurrando. Chego discretamente para o lado.

— O que estamos esperando?

— Só um pouco mais. A papelada precisa ser preenchida lá em cima. Vão avisar quando pudermos ir.

— Como?

Vestido Frufru balança a cabeça.

— Você vai ver.

— É mesmo tão bom quanto ela está dizendo? — pergunta Bonitão ao oficial que o acompanha.

— É ainda melhor. *Muito* melhor.

— Já sinto o cheiro! — diz Barrigudo. — Mais forte do que nunca!

— Bobagem — diz Vestido Frufru em tom de reprovação. — O eper ainda está preso.

Mas sua convicção parece diminuir, suas narinas dilatando-se.

— É o mesmo cheiro! Estamos sentindo o cheiro *desse* eper o tempo todo.

Dou dois passos para trás e me afasto lentamente deles.

— Está ficando mais forte a cada segundo.

Mais baba e tremores.

Danço conforme a música. Mas é melhor essas portas se abrirem logo, porque é um enclave pequeno em que esperamos, e em um ambiente tão apertado e não ventilado, meu cheiro se torna mais forte.

A cabeça de Decrépito se vira bruscamente na minha direção. Ele não está apenas sibilando; está babando profusamente. Cometo a tolice de olhar nos olhos dele. Ele está me observando como quem finalmente compreende um segredo, os olhos piscando, piscando, piscando com uma nova…

Neste exato momento a porta dupla se abre, e somos envolvidos por uma nuvem de vapor

e fumaça.

Gritamos de empolgação ao entrarmos correndo. O teto alto e curvo (redondo e abobadado como um estádio fechado) e o extenso chão de terra me surpreendem. A passagem por onde sairá o eper fica no chão, no centro da arena, no formato e tamanho de um alçapão. Dez troncos altos de madeira estão posicionados ao redor, equidistantes uns dos outros. Espalhamo-nos rapidamente, correndo como crianças que escolhem cavalos em um carrossel. Como Vestido Frufru disse, há mais do que o suficiente para todos, mas isso não impede o tumulto. É por causa dos alimentos: estão todos disputando os troncos localizados em frente aos alimentos julgados mais apetitosos para o eper. Tanquinho e Julia Brasa se engalfinham para ver quem fica em frente ao cacho de bananas.

— Cheguei primeiro — rosna Julia Brasa.

— Pois eu já estou até amarrada — retruca Tanquinho. Ela agilmente fecha a fivela da tira ao redor dos tornozelos. — Pronto. Presa. Não poderia sair agora mesmo que quisesse. E eu não quero mesmo.

À minha frente, Lábios Escarlate e Bonitão estão disputando um tronco em frente a algumas espigas de milho. Minha atenção é desviada para Decrépito, cujos olhos brilham em minha direção como os de um morcego. Não sei exatamente o que significa essa expressão dele, mas percebo que está confuso. Ainda está intrigado comigo, perguntando-se se realmente sentiu o odor de eper vindo de mim.

Eu o ignoro e me ocupo com as tiras que nos prendem aos troncos. São quatro algemas metálicas para os pulsos e tornozelos, cada uma presa ao tronco por grossas tiras de couro. Mesmo amarrados, conseguimos avançar um pouco: uns três palmos. Desde que o eper não passe do perímetro delineado pelos alimentos, estará em segurança, fora de nosso alcance.

Um oficial entra, com ar estoico, para entregar a cada um de nós um par de óculos.

— As luzes logo serão acesas — murmura ele —, para que o eper consiga enxergar.

Ele confere se estamos bem presos, mas perde a maior parte do tempo com Decrépito, cujas tiras estão frouxas demais. Decrépito reclama, levanta o braço, e quando faz isso, sua camisa sai de dentro da calça; ele rapidamente abaixa o braço para ajeitá-la.

Mas não a tempo: eu vejo. Algo brilha em seu cinto, um objeto curvo e longo como a lâmina de uma adaga.

Sinto um arrepio desagradável na nuca. Quando o oficial verifica minhas amarras, estou prestes a dizer algo. Mas o oficial se afasta antes que eu consiga falar. Ele para bem no centro da arena e diz:

— Bem-vindos à Apresentação, senhoras e senhores.

Antes de sair, ele pisa três vezes na porta circular, bem forte, gerando um som profundo e reverberante. As luzes na arena ficam mais fortes. Colocamos os óculos.

E esperamos.

Da porta circular no chão, ouvimos sons mecânicos, de uma engrenagem em movimento, seguidos por uma série de bipes robóticos. A porta se abre, só uma fresta. Mas logo volta a se fechar, levantando uma nuvem de terra do chão. Cabeças se inclinam para o lado. Não se passa nem um segundo antes que a porta se abra novamente, um pouco mais desta vez. O bastante para vermos o contorno de uma cabeça. E os dois pontinhos dos olhos espiando.

Todos os caçadores se lançam de repente na direção do eper. Quase em sincronia, corpos tentam se soltar das algemas, saltam e caem no chão.

A porta se fecha mais uma vez.

Em um piscar de olhos, todos estão de pé e tentando se soltar. Faço o mesmo, babando e balançando a cabeça para a frente e para trás. Meus óculos caem.

Pisco ante a repentina luminosidade na arena, agora tomada de cores vívidas. Vejo os caçadores com uma claridade que parece enchê-los de vida. São animais, bestas tomadas de luxúria eper. Bonitão e Lábios Escarlate começam a arranhar os próprios pescoços, deixando longas marcas brancas nos pontos em que a unha fere a pele. Suas bocas se escancaram e então se fecham como uma armadilha de aço, o som de dentes contra dentes preenchendo o ar fétido.

O alçapão se abre de novo; um braço levanta a porta. Uma cabeça surge de baixo, espiando como um periscópio. Aparentemente tranquilizado, ele sai e deixa a porta aberta para facilitar uma fuga rápida.

Por um momento tudo fica em silêncio. Todos param de salivar, de estalar os pescoços e dedos e colunas. Observamos o eper com uma curiosidade quase inocente, como se não pretendêssemos arrancar os intestinos dele e sugar-lhe o sangue e engoli-lo em um piscar de olhos. É o mesmo eper da tevê, frágil e franzino. Ele pisca várias vezes, avalia as pilhas de alimentos distribuídas ao redor.

E então Julia Brasa solta um grito horrível de desejo. Em segundos, estamos todos uivando e choramingando.

O eper não se deixa afetar pela cacofonia e caminha até a primeira pilha de comida. Dois pães em frente ao tronco de Lábios Escarlate. O eper pega um pão, enfia-o na boca e arranca um pedaço. Então passa a se mover com eficiência, pega o segundo pão e o joga pela porta aberta sem nem olhar para Lábios Escarlate. Ele já fez isso antes. Vai até a pilha seguinte: garrafas d’água. Abre uma delas e bebe. Não demora. Segura as outras garrafas com o braço dobrado, carrega-as até a porta aberta e joga tudo lá dentro. Em seguida, vai até outra pilha, a de doces. O tempo todo, mesmo com rosnados e gritos ao redor, o eper não ergue o olhar. Está cuidando da própria vida, sem se abalar.

O eper passa por uma pilha de cadernos na frente de Decrépito, indo em direção aos doces. Meus olhos captam um reflexo na cintura de Decrépito. A adaga; ele a está pegando agora mesmo. As veias brancas de sua mão ossuda saltam como minhocas se contorcendo quando ele começa a cortar a tira de couro. Ele sabe que tem que ser rápido: o eper não está exatamente estendendo uma toalha de piquenique para jantar no meio de nós. Ele vai jogar toda a comida e bebida e cadernos pelo alçapão e desaparecer. Vai embora em menos de um minuto. Uma fúria enche a arena, uma explosão de frustração pela sensação de sermos enganados. Julia Brasa solta outro grito apavorante. Ela luta contra as tiras e algemas com um misto de desespero e desejo.

Decrépito ataca as amarras com fervor redobrado. Estica a tira que prende seu pulso esquerdo enquanto, com o braço direito, faz força para a frente e para trás, serrando.

De repente a tira se parte em duas. Ele olha estupidamente para aquele pedaço de couro pendurado. E então ele entende; vejo seu corpo ficar ereto. A fantasia agora é uma realidade

que se aproxima. E ele está inclinado de novo, cortando as amarras das pernas, seu braço direito um borrão de tão veloz.

O eper não desconfia de nada. Está de pé junto à pilha de doces. Está abrindo um chocolate, lambendo-o, alheio ao que acontece às suas costas.

Decrépito já cortou as duas tiras dos tornozelos. Ele troca a adaga de mão, começa a cortar a última tira, a do pulso direito.

O eper faz uma pausa e levanta a cabeça no ar como um cachorro que captou um cheiro.

Mas logo volta a se abaixar para pegar outro doce.

Decrépito está tendo mais dificuldade em cortar a última tira.. Talvez a emoção do momento o impeça de se concentrar direito, ou talvez o problema seja ter que usar o braço esquerdo. De qualquer forma, ele está indo mais devagar, o que o frustra. Ele solta um grito de agonia que perfura meus tímpanos.

O eper faz uma careta e se vira. Ele vê Decrépito, com as tiras cortadas penduradas no braço esquerdo e nos tornozelos, e entende a situação imediatamente. Em um piscar de olhos, ele vira e solta o doce, já correndo para o alçapão. São apenas cinco passos até lá.

Neste mesmo momento, Decrépito corta a última tira. Ele se vira. Está a vinte passos do alçapão. O eper está voando para lá; agora a apenas três passos.

Mas, antes que o eper possa dar mais um passo, Decrépito o derruba.

Eles rolam na terra, pois Decrépito, ao saltar sobre ele, os fez voar dez metros. Eles se separam brevemente: o eper fica de pé e corre para o alçapão.

Decrépito dá um novo bote e o derruba na terra. O eper arranha o chão como um caranguejo raivoso; Decrépito se joga sobre ele. Os dois são mais ou menos do mesmo tamanho, mas o eper não tem a menor chance. Os dedos de Decrépito se afundam de maneira repugnante nas costas do eper; logo sua camisa fica ensopada de sangue.

A visão de sangue eper tão perto, o cheiro, deixa os outros caçadores quase delirantes. Os gritos explodem nos meus tímpanos, ameaçam perfurá-los. *Não tape os ouvidos! Não tape os ouvidos!* Faço a única coisa que posso: levanto a cabeça, olho para o alto e grito. Pela dor, pelo horror do que sei que está acontecendo. Meu grito se junta aos dos outros ao meu redor. Por alguns momentos é o meu que preenche meus ouvidos, abafa todos os uivos de chacais e hienas ao meu redor. É tudo que quero. Só alguns momentos sem os gritos deles.

Então, pela primeira vez, o eper produz um som. Um grito, muito diferente dos gritos de desejo e fome ao redor. É um grito de horror e resignação. Que me assombra. É a expressão do que sinto dentro de mim há anos.

Ouço seus ossos sendo esmagados e se partindo. Decrépito quebrou uma das pernas do eper. Está brincando com ele, como um gato faz com um rato ferido, demorando-se, aproveitando o momento. Está fazendo isso também para irritar os outros caçadores, provocando-nos ao exibir o prêmio tão fora de alcance para nós mas tão garantido para ele. O eper rasteja agora, usando os braços e a perna boa, enquanto arrasta a esquerda na terra, seus olhos delirantes de dor inimaginável.

— Jogue a faca pra mim! — grita Tanquinho.

Ela está falando com Lábios Escarlate, que pegou a faca largada por Decrépito. Lábios Escarlate é um borrão em movimento frenético; ninguém tinha reparado até agora que ela

estava serrando as próprias tiras.

— Jogue a faca para mim!

— A faca… Ei, jogue a faca para mim! — grita outra pessoa.

Decrépito levanta a cabeça, percebe o que está acontecendo. Ele não pode mais demorar. Em segundos, Lábios Escarlate vai cortar as amarras e atacar o eper. Com um grito furioso, ele pula no eper e crava as presas na nuca dele.

Lábios Escarlate corta a última tira; mesmo antes de ela cair, a caçadora já está se virando e pulando como um guepardo sobre o eper. Mas erra a mira e termina em cima de Decrépito, e os dois caem para longe do eper, que fica repentinamente livre.

O eper foge sobre mãos e pé, deixando um rastro de sangue atrás de si, e tenta freneticamente encontrar a abertura da porta. Seus olhos são poças de medo e dor febris. Ele está desorientado, cego pelo sangue que lhe cai nos olhos. Em sua confusão, está vindo bem na minha direção.

Lábios Escarlate e Esquelético levantam e vão atrás do eper. Os dois pulam nele exatamente ao mesmo tempo, derrubando-o. Bem em cima de mim.

A cabeça dele bate no meu ombro uma fração de segundo antes de seu corpo se chocar no meu. Estranhamente, ele me abraça, seus braços enlaçando minha cintura. Instintivamente o agarro. Tanquinho e Decrépito estão logo atrás, afundando as unhas na pele dele e arreganhando as presas, que estão prestes a perfurar a pele dele.

Ele levanta a cabeça e, por um momento terrível, nossos olhos se encontram. Nunca vou saber se os olhos dele se arregalaram de repente por causa da onda de dor percorrendo seu corpo ou por reconhecimento. Por reconhecer outro eper.

⋆ ⋆ ⋆

Quando tudo acaba, somos soltos. Um funcionário nos instrui, com ar muito sério, a voltar para nossos aposentos e não sair de lá pelo resto da noite. A esta altura não sobrou nada do eper, só as roupas rasgadas. O sangue que caiu ou respingou foi lambido; os caçadores comeram até a terra, arrancando-a aos montes nos pontos molhados pelo sangue do eper, enfiando-a na boca, mastigando-a, chupando-a.

Meu oficial acompanhante está esperando do lado de fora da área reservada à Apresentação.

— Vá mudar de roupa — diz ele, com as narinas tremendo. — Você está fedendo a eper.

⋆ ⋆ ⋆

Sair para a Vastidão é um alívio. Depois que subo as intermináveis escadas, demorando muito mais que todo mundo, finalmente chego ao térreo. Os outros seguem para seus aposentos. Saio para a área externa, para o céu noturno cheio de estrelas. Uma brisa sopra do leste, balançando minhas roupas e bagunçando meu cabelo. Vou cambaleando para a biblioteca, aliviado por poder me afastar, por estar sozinho. Grãos de areia voam no meu rosto, mas mal reparo.

Na metade do caminho, caio no chão.
Estou tão fraco que não consigo me levantar. Apoio a cabeça no caminho de tijolos. É a falta de água. Meu cérebro, de tão desidratado, parece ter se transformado em uma ameixa seca. A escuridão me cerca.

⋆ ⋆ ⋆

Minutos depois (ou terão sido horas?), eu volto a mim. Sinto-me melhor, a força tendo voltado aos meus membros. O céu está menos escuro, as estrelas menos numerosas e menos brilhantes. Olho para o Instituto. Ninguém reparou em mim.

⋆ ⋆ ⋆

Apesar de ser inútil, faço uma nova busca na biblioteca, na esperança de encontrar alguma coisa para beber. Meia hora depois, desabo na cadeira do saguão, com o corpo parecendo um galho seco, sem nem uma molécula de líquido dentro. Meu coração martela meu peito, alarmado, como se soubesse o que estou tentando negar. Que minha situação é desesperadora. Não vou durar nem mais uma noite. Virão atrás de mim quando escurecer e eu não aparecer, e vão me encontrar caído no chão. Poucos momentos depois estará tudo acabado.
Um clique metálico soa na biblioteca, depois um som de movimento automático. O blecaute das janelas. Baixando para trazer a escuridão, como minhas pálpebras lentamente se fechando. Na escuridão, o ar fica frio. Consigo sentir meu próprio cheiro, um fedor enjoativo de eper. Levanto os braços e cheiro minhas axilas. Muito forte. Amanhã, depois que o sol descer e a lua subir, serei um homem morto.
Um eper morto.

⋆ ⋆ ⋆

Imagens da morte do eper preenchem meu sono: reinterpretações febris, com gritos mais altos e cores mais intensas. No meu pesadelo, o eper pula nos meus braços, o sangue escorre pelas minhas bochechas. De tanta sede, estico a língua ressecada para lamber o sangue. Sugo o líquido vermelho, deixo que encharque minha língua como água fresca da montanha em uma esponja seca, depois deixo escorrer pela minha garganta seca, sentindo a energia se espalhar por meu corpo exaurido. Quando começo a ficar quente, o eper grita mais alto, até eu perceber que o grito não está vindo dele, mas de todos os outros caçadores, todos ainda presos, apontando para mim, gritando, enquanto me ajoelho com o eper morto nos braços, sua pele pálida e azulada.
Acordo tremendo. Minhas pálpebras, desidratadas, arranham meus globos oculares.
O dia ainda está pela metade. O raio de sol voltou, atravessando a biblioteca de novo, uma corda iluminada de uma ponta a outra. É ainda mais forte e largo do que lembro.

Estou cansado demais para fazer qualquer coisa além de observar. Meus pensamentos se misturam em penumbras incoerentes e irregulares. É tudo que consigo fazer, observar preguiçosamente o raio de luz. Faço isso por minutos (horas?). O raio muda um pouco de posição com a passagem do tempo, viaja em diagonal pela parede da biblioteca.

E então uma coisa interessante acontece. Quando o raio se desloca pela parede, bate de repente em algo que faz com que seja refletido diagonalmente para a parede adjacente. A princípio, penso que é apenas impressão minha. Eu pisco. Ainda está lá, só que mais óbvio agora. O raio original batendo na parede mais distante e agora o raio mais curto, o refletido, batendo na parede da direita.

É o bastante para me fazer levantar da cadeira. Vou até a parede mais distante. Quando meus joelhos doloridos se dobram, parecem cactos arranhando concreto. Onde o raio bate na parede mais distante, há um pequeno espelho circular, do tamanho da palma da minha mão, preso à parede. Está ligeiramente virado e reflete o raio para a parede lateral.

Quando vou até a parede lateral, acontece de novo. Aquele segundo raio refletido é, por sua vez, também refletido: agora há três raios de sol se espalhando pelo aposento. O terceiro é fraco e efêmero. Fica mais forte por cerca de dez segundos e some. E, quando some, corro para o ponto em que brilha, um leve ponto iluminando a lombada de um livro. Vou até lá e pego o livro. Sinto o couro macio e gasto. Levo-o até o primeiro raio de luz do sol e o segundo raio agora desaparece. Seguro o livro sob a luz e o viro para ver a capa.

A Caçada Eper, diz o título.

Muitas luas atrás, a população eper (que em eras passadas, de acordo com teorias infundadas e absurdas, já dominou a terra) se reduziu a números perigosamente baixos. Atendendo à Ordem Palaciana 56, os epers foram então reunidos e passaram a ser criados no recém-construído Instituto Eper de Pesquisa Refinada e Descoberta. Para acalmar a população insatisfeita, cidadãos de boa reputação eram escolhidos aleatoriamente para participar da Caçada Eper anual. Era um sucesso estrondoso.

O primeiro sinal de corrupção foi observado no número cada vez menor de epers na Caçada anual. O número, que variava tipicamente entre vinte e vinte e cinco epers, logo diminuiu para quinze. Depois de um tempo, só dez epers passaram a ser soltos na Caçada, e depois, sete; por fim, em uma noite que poucos esqueceram, o Palácio fez um pronunciamento: não havia mais epers em cativeiro no Instituto.

Ainda assim, rumores de expedições secretas de caçada persistiram: encontros clandestinos no Instituto Eper para oficiais palacianos de alto escalão; comboios de carruagens chegando lá no meio da madrugada; gritos estranhos ouvidos nos arredores da Vastidão. Boatos circularam e cresceram, alegando que a corrupção tinha chegado “até o alto”.

Mas, depois de alguns anos, até mesmo esses boatos cessaram.

No décimo primeiro dia do sexto mês do quarto ano do décimo oitavo Soberano, foi anunciado que os epers estavam extintos.

A capa do diário é feita de pele de ovelha cinza-escuro adornada com minúsculos entalhes. É macia, mas está rachada, presa por dois pedaços de arame. As páginas dentro, com beiradas banhadas em mercúrio, estalam e se separam facilmente quando as viro. São milhares de folhas de notas manuscritas, em uma caligrafia clara e segura. Mas não tem nada de original nestas páginas. E, apesar do título, praticamente nenhum material sobre a Caçada Eper. Só uma breve história da Caçada nas duas primeiras páginas, e depois o assunto é deixado de lado, como um conto escrito às pressas, por impulso. O restante do diário é material extraído e simplesmente copiado dos milhares de livros da biblioteca: longas listas de genealogias; poemas de muitos séculos atrás; fábulas famosas. Até mesmo diagramas detalhados, que devem ter

levado dias para serem reproduzidos com tanto cuidado.

O Cientista. Está claro que é ele o autor do diário. Mas por que ele passou milhares de horas preenchendo inutilmente estas páginas é um mistério. Lembro-me do que os outros disseram sobre ele: mentalmente instável, desapareceu de modo misterioso.

E, ainda por cima, há o raio de luz, fraco, agora que a noite se aproxima. Por que ele se deu ao trabalho de criar esse esquema do raio de sol (e dos dois outros) sendo refletidos e apontando para o diário? O diário era para ser encontrado, isso é óbvio, mas por quem e por que, aí já é bem mais difícil.

Estou fechando o diário quando reparo em uma página em branco bem no meio. Que estranho! As centenas de folhas antes e depois estão preenchidas de cima a baixo; ainda assim, esta folha foi deixada em branco, frente e verso. Não há uma só gota de tinta. Sua brancura é quase um grito. A última frase na página anterior nem está completa; ela para no meio e continua na folha depois desta em branco, exatamente onde foi interrompida. Tamborilo os dedos na lombada do diário, confuso. Como o raio de sol que me levou ao livro, a brancura da folha parece estar propositalmente chamando minha atenção. Mas, por mais que eu a examine, não vejo coisa alguma ali.

Eu me sento, cansado. A biblioteca está sufocante; levo a mão ao pescoço, sinto a camada de suor e poeira debaixo do queixo. Nem preciso levantar o braço para sentir o fedor que exalo como uma cadela no cio.

Meu acompanhante é quem vai me encontrar aqui. Quando o oficial vier me chamar, depois do anoitecer, vai sentir meu cheiro pelas frestas da porta. Vai dar a volta correndo, olhar pelas janelas, pois o blecaute já terá se erguido. Vai me ver ainda sentado nesta cadeira, triste e cansado, com o peito subindo e descendo, respirando com dificuldade e os olhos arregalados, porque, apesar de resignado, ainda vou estar com medo. Vai ver a emoção se derramando de mim em ondas. E então vai entender. Não vai chamar os outros. Vai me querer apenas para si. Vai atravessar as janelas de vidro — tão frágeis frente ao desejo dele como gelo fino sob o poder de um maçarico — e, antes mesmo de os pedaços de vidro atingirem o chão, vai estar em cima de mim. E vai me comer, vai me devorar com suas presas e garras…

E então, de repente, eu me dou conta de algo.

⋆ ⋆ ⋆

A brancura cegante do exterior é como ácido nos meus globos oculares. Deixo a luz entrar aos poucos, até conseguir enxergar sem piscar, depois sem nem apertar os olhos.

Faltam horas para a noite e o sol está iniciando sua lenta descida no céu. E não é algo que ele faça com discrição: vai sangrando o céu, enche a planície de um tom laranja e roxo. Sem o Domo para cobrir o vilarejo eper, as cabanas parecem muito mais expostas e insignificantes na planície, como excrementos de ratos. Em pouco tempo, os sensores de luz vão detectar a chegada da noite e as paredes de vidro vão subir em arco do chão, para formar um domo perfeito e proteger os epers do mundo exterior. Preciso me apressar.

Há um brilho na frente das cabanas, como cem diamantes piscando ao crepúsculo. O lago. Estava bem ali na minha cara o tempo todo, enquanto a sede me destruía e meu corpo

exalava cada vez mais cheiro. Como pude ser tão cego? Toda a água que eu poderia querer, para beber e me lavar, ao alcance das mãos. O único perigo seriam os epers, é claro, que poderiam não aceitar bem minha intromissão. Vão ficar confusos, sem dúvida, com a chegada de um estranho capaz de suportar a luz do sol. Mas eu sei como lidar com eles. Mostro as presas, estalo o pescoço de um lado para o outro, estalo os ossos; sou um mestre do disfarce. Eles provavelmente vão sair correndo para todos os lados.

Animado de repente, corro na direção do vilarejo eper. Gradualmente, as cabanas começam a ganhar forma, ficam maiores e mais detalhadas. Então vejo os epers, um grupo de pessoas magras se movendo devagar ao redor do lago, parando, se movendo, parando. Vê-los me empolga e me enerva ao mesmo tempo. São cinco. Eles ainda não repararam em mim, e por uma razão simples: ninguém nunca se aproximou do vilarejo durante o dia.

Quando estou a uns cem metros, eles me veem. Um deles, agachado em frente ao lago, fica de pé e estica o braço como uma lâmina apontada para mim. Os outros se viram rapidamente, giram as cabeças na minha direção. A reação deles é instantânea: fogem para dentro das cabanas. Vejo janelas e portas se fechando. Em apenas alguns segundos, todos saíram do lago, deixando panelas e baldes virados. Exatamente o que eu esperava.

Nada se mexe. Nenhuma janela, nenhuma fresta se abre nas portas. Ando mais rápido, com meus ossos secos se sacudindo, estalando a cada passo. Meu olhar sedento está fixo no lago, embevecido. Estou chegando, faltam cinquenta metros.

A porta de uma das cabanas se abre.

Uma fêmea, *aquela* fêmea eper, sai. A expressão em seu rosto é de raiva, mas também de medo. Ela segura uma lança na mão direita. Pendurada em seu quadril há uma tira simples de couro escuro, quase como um cinto largo. Adagas perigosas estão presas à tira, as lâminas estranhamente curvas na base.

Levanto as mãos abertas. Não sei quanto a eper compreende, então uso palavras simples:

— Machucar não! Machucar não! — grito, mas o que sai de minha boca são sons roucos e indecifráveis.

Tento de novo, mas não consigo reunir saliva suficiente para lubrificar a garganta.

O sol poente, bem atrás de mim, colore o vilarejo eper, como tinta de cores fortes pingando em sapatos de couro. Minha sombra se estica à minha frente, comprida e sobrenaturalmente estreita, como um dedo comprido e torto na direção da garota eper. Não sou nada além de uma silhueta para ela. Mentira; sou mais que isso. Sou o inimigo, o predador, o caçador. Foi por isso que os outros epers fugiram. Mas também sou outra coisa: um mistério. Uma contradição confusa, porque, apesar de eu estar ao sol, não estou me desintegrando. E é por isso que a fêmea eper, em vez de fugir, está de pé à minha frente, intrigada, curiosa.

Mas não por muito tempo. Com um grito primitivo, ela corre na minha direção, com o corpo curvado e um braço esticado para trás. Ela lança o braço para a frente em um movimento rápido e violento.

Demoro um momento para perceber o que está acontecendo. E aí é tarde demais. Ouço a lança cortando o ar, posso até ver o cabo de madeira vibrando levemente de um lado para o outro enquanto ela avança na minha direção. Bem para cima de mim. No fim, acabo tendo sorte. Não desvio do golpe, não há tempo, e ela passa entre minha cabeça e meu ombro

esquerdo. Escuto *e* sinto o zumbido ao lado da orelha esquerda.

E então a eper está levando a mão até a tira de couro; em menos de um segundo, ela solta uma adaga e a joga com um rápido movimento lateral. A adaga voa da mão dela, refletindo o sol. Mas ela erra. Erra *feio*. A arma mais parece voar a quilômetros de mim, inofensiva.

Faz sentido, penso. *Esses epers não passam de…*

Mas então a adaga reluzente começa a fazer uma curva e a voltar, vindo na minha direção, como um bumerangue, refletindo o sol. Como uma piscadela maldosa. E, antes que eu perceba, está vindo *bem* na minha direção. Mergulho para a direita e caio no chão. A adaga passa assobiando por cima da minha cabeça com um ressoar metálico. Caio desajeitado, perdendo o fôlego. O solo é duro, apesar da camada de areia e brita.

A eper sabe o que está fazendo. Não é só para se mostrar. Ela realmente quer me atingir, se não matar.

Levanto-me de um pulo, as mãos erguidas bem alto. Ela já está levando a mão ao cinto, onde há mais três adagas presas. Como cães de caça puxando sem parar a coleira. Em um piscar de olhos, a eper desamarrou mais uma adaga e já está se preparando para lançar novamente. Não vai errar desta vez.

— Pare! Por favor! — grito, e pela primeira vez as palavras saem nítidas.

A eper para no meio do movimento.

Não perco tempo. Vou na direção dela, tirando a camisa. Ela precisa ver minha pele, o sol iluminando minha pele, precisa ver que não ofereço perigo. Jogo a camisa no chão. Estou tão perto que vejo seus olhos acompanharem a camisa até o chão e depois voltarem rapidamente para mim.

A eper está forçando a vista; eu paro na mesma hora. Nunca vi ninguém fazer isso. É tão… *expressivo*. As pálpebras entreabertas, como um eclipse, as pequenas rugas que surgem nos cantos dos olhos como o delta de um rio, as sobrancelhas franzidas e próximas, até a boca paralisada em uma careta de confusão. É uma expressão facial estranha, uma expressão linda. E então ela prepara o braço de novo, a adaga brilhando ao sol.

— Espere! — grito, com um grasnar áspero.

Ela para, e seus dedos ficam brancos ao segurar a arma com mais força ainda. Desabotoo a calça e a tiro também. Meias, sapatos, tudo. Fico só de cueca.

Fico parado assim na frente dela, e avanço devagar.

— Água — digo, indicando o lago. — Água.

Junto as mãos, imitando uma tigela.

Ela me olha de cima a baixo, insegura e desconfiada, com emoções tomando conta de seu rosto de forma nua e primitiva.

Sem deixar de encará-la, passo pela eper, contornando-a a uma boa distância, e sigo para o lago. Parece mais uma piscina por causa da borda metálica e do formato perfeitamente circular. Antes que eu perceba, estou de joelhos, com as mãos em concha abaixo da superfície. A água desce pela minha garganta como o frescor molhado do paraíso sobre o fogo ardente do inferno. Minhas mãos voltam apressadas para a água, prontas para levar mais à minha boca; mas então decido parar com as formalidades: enfio a cabeça no lago até as orelhas e engulo o líquido frio, doce e maravilhoso.

Levanto a cabeça para respirar. A eper não saiu do lugar, mas seu rosto agora expressa ainda mais confusão. Ela deixou de ser perigosa. Por enquanto. Enfio a cabeça toda no lago, e meu cabelo seco e áspero absorve a água como palha. Os poros na minha nuca doem ao primeiro contato, mas então se abrem e se deliciam com a água fria.

Quando levanto a cabeça para respirar outra vez, a eper se aproximou do lago. Está agachada com os braços apoiados nos joelhos, como fazem os macacos. Faz sentido. Ela ainda está com a mão em uma das adagas presas à cintura, mas com menos urgência agora.

O efeito da água é quase instantâneo. As sinapses no meu cérebro voltam a ocorrer; ele não parece mais feito de algodão, e sim uma máquina recém-lubrificada. As coisas começam a ficar claras para mim rapidamente. O crepúsculo, por exemplo, que dá lugar à noite em uma velocidade surpreendente. Muito em breve, em questão de minutos, o Domo vai surgir do chão.

Tiro a cueca e mergulho no lago.

A princípio, a água é fria demais; o frio repentino é como um soco, me deixando sem ar. Mas não há tempo a perder. Mergulho o corpo todo na água, e o líquido gelado atinge meu organismo como um choque elétrico. A água, mesmo na luz cálida do final do crepúsculo, é surpreendentemente límpida.

A profundidade dá pé. O fundo é uma inclinação suave, macia e metálica. Não perco tempo. Esfrego-me, o rosto, as axilas, todos os cantos e orifícios do corpo. Não sou delicado; me lavo com força. Transformo os dedos em tridentes e arranho o couro cabeludo, lavando o cabelo da melhor e mais rápida maneira que consigo.

E então eu sinto. Uma vibração profunda vinda do fundo do lago, fraca a princípio, mas que logo fica mais forte.

A eper se levanta. Está olhando para os arredores do vilarejo e para mim. Eu entendo imediatamente. O Domo está prestes a começar a se fechar. Preciso sair agora.

Saio correndo do lago, espirrando água. Pulo a margem e disparo para fora dali.

A vibração agora faz o chão tremer. Ouve-se um clique alto, e o zumbido vira um gemido. Uma parede de vidro surge do chão, me cercando.

A parede sobe mais rápido do que eu esperava. Muito mais. Está na altura das minhas canelas e, em questão de segundos, já alcançou meus joelhos. Corro até o vidro, pulando sobre ele ainda a alguns metros de distância. Minhas mãos encontram uma parte um pouco menos escorregadia no topo do Domo e consigo me pendurar na parede. Minhas pernas, buscando algum apoio onde se firmar, arranham e batem na parede de vidro, que continua a subir. Mas a água que pinga do meu corpo não ajuda. Estou quase caindo. E, se isso acontecer, não conseguirei subir de novo. Eu ficarei preso.

Fecho os olhos, dou um grito por dentro e passo o braço por cima da parede de vidro. Minha mão encontra a beirada externa, e então fica mais fácil. Eu me ergo, rolo por cima e caio do outro lado.

Não caio graciosamente. Aterrisso de lado; minha visão fica toda branca por um momento. A parede já está com o dobro da minha altura e continua a subir.

A garota eper está de pé junto ao lago. Ela pega minha cueca e a ergue para examinar melhor. Ela franze o nariz (“franzir” é o que acontece quando os epers enrugam a pele do

rosto) com um pouco de nojo. Mas há também outra emoção no rosto dela, uma que não me é familiar, cheia de nuances. É nojo, mas há um toque de algo mais: divertimento? Não, isso seria forte demais. Um leve sorriso toca-lhe os lábios e a boca, quase imperceptível. Como se o sorriso não tivesse energia suficiente para romper a superfície.

A garota eper fura minha cueca com uma das adagas voadoras. Um rápido olhar para mim, e ela a lança, minha cueca balançando como uma bandeira, descrevendo uma curva por cima do Domo, bem junto ao topo. A adaga cai a alguns metros de mim, com a cueca agarrada à lâmina como um bicho morto.

O Domo se fecha em surpreendente silêncio.

Solto minha cueca da adaga. Está fedendo *mesmo*. Na verdade, agora que me lavei, o cheiro é insuportável. E então faço algo que nunca fiz antes. Franzo o nariz. Só para ver como é. A sensação no meu rosto é forçada e estranha, como se algum objeto apertasse meu nariz.

A garota eper aproxima-se do Domo. Não consigo vê-la com clareza; o céu arroxeado lança um reflexo sobre o rosto dela. Volto alguns passos, até estarmos a poucos metros um do outro, separados pela parede de vidro. Ela está bem perto do Domo, sua respiração enevoando o vidro. É um círculo pequeno que desaparece tão rapidamente quanto aparece.

Há medo no rosto da eper, há raiva, há curiosidade. E também algo mais. Olho nos seus olhos e, em vez do brilho plástico que estou acostumado a ver nas pessoas, vejo algo diferente. Manchas dançam em seus olhos, como os flocos presos em um globo de neve.

Eu me viro e saio andando. No caminho, pego minhas roupas e as visto rapidamente. Volto-me para dar uma última olhada para trás. A eper não saiu do lugar; está imóvel, me observando.

Duas noites para a Caçada

— O QUE TRANSCORREU ontem à noite durante a Apresentação — diz o Diretor — foi um tanto agressivo.

Estamos de volta ao auditório depois de um café da manhã rápido e soturno. Decrépito e Lábios Escarlate ficaram sentados à mesa, nervosos, enquanto todo mundo se manteve afastado. Pelo olhar deles, haviam passado o dia em claro. Um silêncio estranho pairava sobre tudo — as mesas, as cadeiras, a comida pingando sangue —, como a névoa que flutua sobre um béquer de ácido. E a sala de jantar estava mais vazia que o habitual: os oficiais, estranhamente, não estavam por perto. A expectativa era que, no meio da refeição, Decrépito e Lábios Escarlate fossem levados embora por oficiais. Mas ninguém veio buscá-los. Os dois pareciam mais tranquilos quando saímos para o auditório, depois do café.

Também estou aliviado, mas por um motivo diferente: não estou mais fedendo. Pelo menos não o bastante para atrair atenção. Pelo visto, o rápido banho no lago funcionou; ninguém parece agitado nem incomodado. Ou talvez a matança do eper na Apresentação, ontem à noite, tenha feito todos perderem um pouco da sensibilidade a pequenas doses de odor eper. Seja como for, melhor para mim.

O Diretor está de pé atrás do púlpito. Se há raiva borbulhando dentro dele, ele esconde bem sob o discurso clinicamente preciso. Suas sobrancelhas não se arqueiam, sua cabeça não estala para a frente. Ele fala com o desinteresse de alguém lendo epitáfios aleatórios, sem nenhum sinal de censura pela grave violação cometida. Sua voz baixa: o silêncio de uma navalha balançando de um lado para o outro, desafiadora.

— Vocês se divertiram. Mas as consequências… As ações de vocês têm consequências. — Os olhos dele não chegam nem perto de encarar Decrépito e Lábios Escarlate, que agora estão sentados muito rígidos. — Em sociedade, as regras são claras. É crime capital caçar e matar um eper. Mate e será morto. No entanto, a morte de ontem não foi, vamos dizer *tecnicamente*, ilegal. Era parte do treinamento da Caçada Eper, sancionada pelo Palácio. Assim, cai sob proteção geral da Caçada.

Vejo Decrépito e Lábios Escarlate relaxarem um pouco.

— Mas há consequências. Porque um eper, mesmo velho e emagrecido como ele, foi morto. Eliminado. Não existe mais. Anos de possíveis pesquisas científicas nunca serão levados a cabo. A morte dele não pode passar em branco. Um crime contra um eper é um crime contra o Palácio. Assim, deve haver consequências para esses atos covardes. Punições serão aplicadas.

Decrépito e Lábios Escarlate ficam tensos novamente.

— É claro — continua o Diretor, fixando o olhar nos dois —, nada pode ser feito contra vocês.

Eles inclinam a cabeça para o lado.

— Já investimos muito em vocês — continua o Diretor. — Expulsá-los e procurar substitutos a essa altura do jogo, a poucas noites da Caçada, não é uma opção viável. — Ele fala mais baixo ao olhar para os assentos vazios no fundo do auditório. — Mas punições

precisam ser aplicadas. Para que ninguém fique com a ideia de que o governo está amolecendo. Porque um crime capital exige uma punição capital. Ou duas. Ou três. Ou sete.

As palavras que ele pronuncia em seguida são afiadas como uma navalha.

— Vocês certamente repararam que os oficiais sumiram.

É uma afirmação ambígua. E então deixa de ser. Um calafrio percorre minha coluna. O Diretor não diz mais nada ao andar lentamente pelo palco até outro púlpito, feito de vidro.

— Agora que já tratamos deste incômodo, tenho boas notícias a dar. Uma surpresa até bem agradável, na verdade. O Palácio nos orientou a organizar um banquete. Centenas de dignitários comparecerão, oficiais de alto escalão, homens influentes, com suas esposas e acompanhantes. É um evento de última hora, mas temos um tempinho livre amanhã à noite. Este Instituto costumava organizar muitos banquetes antigamente, portanto estamos muito bem preparados. Só precisamos de uma boa arrumação. Tudo será preparado. E vocês também. Vamos cancelar os outros eventos de treinamento previstos. Quem precisa de treino, afinal? É só caçar as malditas criaturas e comer.

Ele puxa a manga do paletó como uma cobra trocando de pele, coça delicadamente o pulso ossudo.

— E tem mais uma coisa. A imprensa cobrirá o evento. Queremos que vocês estejam com a aparência impecável. Alfaiates chegarão em duas horas para tirar as medidas de cada um de vocês. Passarão o resto da noite nesta tarefa. — Ele corre os dedos pelo cabelo em arco, cheio de gel. — Na noite seguinte ao banquete, a Caçada começará. Todos os convidados do banquete precisam ficar para o início deste grande evento. Assim, vocês terão uma despedida caprichada, com centenas de espectadores e cobertura da imprensa. Deverá ser um espetáculo e tanto.

Ele olha para nós e coça o pulso.

— Ai, ai, ai, não fiquem tão chocados. Vocês precisavam ver como estão com cara de bobos e preocupados. Sei exatamente qual é o motivo dessa apreensão: estão com medo de as centenas de convidados saírem correndo atrás dos epers. Mas não precisam se preocupar. Este prédio será trancado três horas antes do crepúsculo na noite da Caçada. Completamente trancado. Ninguém além dos caçadores poderá sair.

Sem dizer mais nada, o Diretor, como de hábito, recua para as sombras; e no lugar dele, como sempre, surge Vestido Frufru. Isso aconteceu tantas vezes que estou começando a me perguntar se os dois não são a mesma pessoa Se os tipos físicos não fossem tão diferentes (ele, esguio; ela, corpulenta), eu realmente consideraria essa possibilidade.

Com o Diretor longe, o grupo relaxa de forma quase palpável. Vestido Frufru tem uma presença bem menos imponente e costuma ter tão pouco a dizer que demoramos um momento para perceber que ela está anunciando algo importante.

—... assim, fui incumbida de dar a vocês algumas informações específicas sobre a Caçada. No grande dia, ao amanhecer, os epers receberão uma carta dizendo que o Domo teve um problema de funcionamento: o sensor está quebrado e há uma boa chance de a parede de vidro não se erguer ao crepúsculo. Como medida de precaução, eles precisarão se transferir imediatamente para um abrigo temporário, como indicado no mapa que forneceremos. A jornada só deve levar oito horas, supondo que eles não se demorem, o que permite que

cheguem lá antes de escurecer. Além de servir de esconderijo, o abrigo terá comida e água. Eles deverão voltar depois de uma semana. Perguntas?

Bonitão levanta a mão.

— Não entendi. Se eles chegarem lá antes de escurecer, estarão muito bem entocados antes de sequer começarmos. Isto é para ser uma caçada, não um cerco.

Pelo número de cabeças se sacudindo, está claro que ela tocou em um detalhe importante para todos.

Mas Vestido Frufru não se deixa perturbar. Ela coça lentamente o pulso.

— Ora, ora, estamos meio impacientes esta noite, hã? Vocês esqueceram como os epers são crédulos. Eles vão acreditar em qualquer coisa que dissermos. Afinal, nós os domesticamos, sabemos como manipulá-los. — O rosto dela fica austero de repente. — Não existe abrigo. Nenhum prédio, nenhuma proteção, nenhum muro, nem mesmo um tijolo. Os epers estarão completamente expostos para vocês os caçarem.

Ao ouvir isso, segue-se um estalar de lábios, tão alto que, mais uma vez, mal conseguimos ouvir Vestido Frufru falando.

—... estoque de armas — conclui ela.

Bonitão levanta a mão de novo.

— O que você quis dizer com "estoque de armas"?

Vestido Frufru coça o pulso, obviamente satisfeita consigo mesma. Faz uma pausa, sabendo que tem nossa atenção.

— Esta edição traz uma mudança significativa em relação às Caçadas anteriores. Decidimos armar os epers. Isso, sem sombra de dúvida, vai prolongar a Caçada, torná-la mais desafiadora, e vai deixá-los mais satisfeitos com ela. Quanto maior o desafio, maior o prazer.

— Armá-los? Com que tipo de armas? — pergunta Barrigudo, com uma voz rouca, mais curioso do que alarmado.

A imagem de uma lança e de uma adaga é projetada no telão. Reconheço-as como as que a eper fêmea brandiu (e jogou em mim) ontem.

— Antigamente, tínhamos esperança de que os epers aprendessem a usar a lança e a adaga como armas. Eles até aprenderam, mas, dada sua falta de força, essas armas tornaram-se tão inúteis em seu poder quanto palitos de dentes. Felizmente, porém, nossos funcionários aqui do Instituto elaboraram uma arma mais robusta, com grande vigor. Uma arma que pode realmente ferir. E talvez mutilar.

A coçação de pulsos que começou com as imagens da lança e da adaga para de repente.

— Que tipo de armas? — repete Barrigudo, agora com preocupação.

Vestido Frufru se vira para ele, e de repente não há nada de frufru nem de elegante no olhar dela.

— Isto — sussurra ela, e outra imagem é projetada na tela.

Parece uma xícara retangular, mas com três lâmpadas dentro e um tampo de vidro. A superfície da arma é coberta de um metal altamente reflexivo, como um espelho. Um grande botão de cromo fica na outra extremidade da arma.

— Este é o Flash Uniemissor, ou simplesmente FLUN, para abreviar. Os FLUNs podem emitir brilhos devastadores. Se o botão localizado na parte de trás é apertado, um raio

contínuo de luz é emitido, não de mercúrio, vejam bem, e dura até dois segundos. O raio de luz é bastante poderoso: com eficácia luminosa de cerca de noventa e cinco lúmens, ele queima sua pele dolorosa e profundamente ao contato inicial. Se a luz for mantida por um segundo ou mais, a ressonância ultravioleta provoca vômitos e perda de consciência. Se você, por acaso, olhar diretamente para a luz, vai ficar cego, talvez de forma irreversível.

Como diz o ditado, o silêncio é tamanho que daria para ouvir um fio de cabelo eper cair no chão.

— E este é o primeiro nível.

Silêncio.

— Quantos níveis são? — pergunta Barrigudo.

Depois de uma pausa dramática, Vestido Frufru responde:

— Cinco. No nível mais alto, um único disparo é suficiente para abrir um buraco em vocês. A potência é cinco vezes maior que a do sol ao meio-dia.

O braço de Julia Brasa se levanta graciosamente.

— Quantos são?

A pergunta dela é vaga, mas Vestido Frufru parece entender perfeitamente.

— Há cinco FLUNs no total. Cada eper estará armado com um. Cada FLUN faz no máximo três disparos. Tem um alcance de dez metros. — Ela repuxa os lábios como se estivesse sugando restos de comida presos nos dentes.

Está tudo muito, muito silencioso.

— Por quê? — pergunta Barrigudo.

Essa pergunta também é ambígua, porém, mais uma vez, Vestido Frufru não tem dificuldade em entender.

— Estamos fazendo isso por vocês, meus queridos. Para tornar esta Caçada realmente memorável, para deixá-la mais emocionante que qualquer edição anterior.

Ninguém se mexe agora, ninguém nem respira, ao que parece. Só o vestido dela se mexe, ondulando levemente ao redor de seu corpo largo, os bordados de folhas e samambaias e girassóis girando ao seu redor.

— Na verdade, não só queremos aumentar a combatividade entre os caçadores e os epers como também queremos aumentar o nível de competição entre os caçadores. — Seu tom se tornou robótico, como se ela estivesse lendo um roteiro. — Isso vai indubitavelmente tornar a Caçada muito mais interessante e proporcionar uma satisfação ainda maior ao vencedor.

— Como vão fazer isso? — pergunta Julia Brasa, olhando para os outros. Com a brisa que corta o auditório, a voz dela é um sussurro. — Aumentar a competição entre nós?

— Ainda esta noite vocês receberão um equipamento. Nada que vá ajudá-los na matança em si, mas vai tornar a caça aos epers mais interessante. Os equipamentos foram projetados para dar a cada caçador uma vantagem sobre os outros. Talvez. Ainda estão todos em estágio de protótipo, de forma que sua eficácia nunca foi testada.

— Que tipo de equipamento? — pergunta Tanquinho.

Ela está inclinada para a frente, intrigada.

— Bem, alguns de vocês receberão sapatos projetados para dar mais impulso e velocidade. Estimamos que isso vai deixá-los dez por cento mais rápidos. Outros vão receber uma Capa

de Sol ou um Protetor Solar. Se usados e aplicados de maneira correta, ambos podem protegê-los dos primeiros e últimos raios de sol do dia. Pelo menos é o que achamos. Vocês poderão sair talvez dez minutos antes dos outros, uma vantagem decisiva em uma competição como esta. Outro recurso serão as injeções de adrenalina. Vocês imaginam o que sejam. Coisas que vão dar a vocês pequenas vantagens sobre os outros. No entanto, mais uma vez quero enfatizar o seguinte: esses produtos não foram completamente testados. Vocês vão usá-los por sua própria conta e risco.

— Eu estava esperando alguma coisa mais na linha de uma roupa protetora… contra os FLUNs — comenta Lábios Escarlate.

— Eu não me preocuparia com os FLUNs — diz Decrépito antes que Vestido Frufru tenha a chance de responder. — Lembrem-se, eles são animais. Não vão nem conseguir entender como funcionam essas armas.

— Acredite nisso se quiser — diz Vestido Frufru, com a voz firme e fria. — Se você acha que isso lhe dá uma vantagem em relação aos outros, então pense assim. Seus adversários ficarão felizes em se beneficiar de sua ignorância deliberada.

— Ei, você não pode falar assim comigo…

— Engraçado. Eu ia pedir um voluntário, obrigada por se oferecer.

— Voluntário? Para quê?

— Isso mesmo, venha até o palco. — Vestido Frufru coloca um par de óculos escuros que tirou do cinto. — Sugiro que todos vocês coloquem seus óculos agora. Menos você — diz ela, olhando para Decrépito.

Ele se levanta devagar, erguendo a mão discretamente para puxar os lóbulos das orelhas. Mas se obriga a parar.

— O que é isso? O que está acontecendo?

— Nada que os oficiais já não tenham experimentado hoje de manhã.

— O que é isso? Não vou sair da minha cadeira — diz ele, voltando a se sentar.

— Isso não é problema. — E então Vestido Frufru pega um FLUN escondido debaixo do vestido. — Não acabei de dizer que essa coisa tem um alcance de dez metros?

Decrépito fica rígido na cadeira. Está encurralado, sem ter para onde ir.

— Considere-se um homem de sorte. Coloquei no primeiro nível. Mas acho que você vai ficar impressionado mesmo assim.

— Espere! — Decrépito sacode a cabeça para a frente, depois de um lado para o outro. — O Diretor disse que os oficiais já tinham sido punidos. Não há mais nada…

—… além de mostrar a vocês como foram sortudos em ser poupados. Embora seja uma demonstração bastante fraca em comparação ao que eles tiveram que encarar. Você vai sobreviver.

Ouve-se um clique quando ela aperta o botão com o polegar. O FLUN emite um raio de luz intenso. Erguemos os braços para proteger os olhos, pois somos todos cegados pela luz. Exceto eu, é claro. Vejo o raio atingir Decrépito no peito. Ele levanta os braços para se proteger, mas já há fumaça negra saindo de seu peito. Ele cai no chão como se atingido por um martelo, contorcendo-se de dor. Sua boca está escancarada, mas nenhum som lhe sai da garganta. Ele se vira de lado, a língua grossa e seca para fora da boca; um jato de vômito

amarelo sai de dentro dele.

Vestido Frufru solta o botão.

— Ah, não seja tão dramático — diz ela ao passar tranquilamente por ele, em direção à saída.

⋆ ⋆ ⋆

Somos levados para fora do auditório rumo a outra visita pelo Instituto, em direção a mais salas de aula vazias e laboratórios. Depois de ontem, quando nos vimos frente a frente com um eper vivo, olhar para dentes de epers e diagramas anatômicos não nos empolga mais. A única área minimamente interessante é a cozinha. Decrépito nos encontra lá, depois de liberado pelos médicos; parece mais amargo que o habitual. Os cozinheiros estão ocupados preparando o jantar, cortando enormes pedaços de uma vaca. Atraídos pela visão e pelo aroma da carne sangrenta, todos rondamos a principal mesa de trabalho da cozinha. Todos exceto Julia Brasa, que seguiu discretamente para uma mesa lateral, onde um assistente está trabalhando. Vou até lá.

— Isso — digo, salivando ao ver batatas fritas e macarrão — é muito nojento.

O assistente, um homem pequeno com olhinhos brilhantes, me ignora. Ele serve a comida em uma embalagem grande de plástico. Abre um forno às suas costas, coloca a embalagem lá dentro e volta a fechá-lo. Depois aperta um botão.

— Comida de eper — murmura ele ao se afastar.

Depois de dar uma rápida olhada ao redor para ter certeza de que ninguém além de Julia Brasa está me observando, abro a porta do forno. Só que não é um forno. A embalagem seguiu por uma esteira e sumiu na escuridão de um túnel comprido e estreito.

Passos se aproximam do grupo. Alguém com uma cadência militar. É um funcionário, com o rosto tenso e sério.

— Sua presença é requisitada — diz ele, com o queixo pontudo indicando Julia Brasa. — Imediatamente.

— Do que se trata? — pergunta ela.

Ele ignora a pergunta e se vira para mim.

— E você também. Venham comigo agora.

E com isso ele se vira e sai andando, não se dando ao trabalho de olhar para trás.

⋆ ⋆ ⋆

Tem algo estranho acontecendo; sinto isso quando seguimos o funcionário para fora do prédio, pelo caminho de tijolos, em direção à biblioteca. O andar dele é mais do que brusco e urgente; suas botas são movidas pelo *medo*. Ninguém fala.

Ao passar pela porta e entrar na biblioteca, sinto como se entrasse na cova dos leões.

A primeira coisa que detecto são corpos. Muitos deles, talvez dezenas, funcionários e oficiais de pé logo à entrada, no saguão. Todos de óculos escuros, todos junto às paredes, de pé em

posição de sentido.

Não fique olhando de um lado a outro. Não.

Ninguém se mexe. Permito que meus olhos se ajustem à escuridão lentamente, respirando fundo de modo controlado. Está frio aqui dentro.

Isso não vai acabar bem. O único lado positivo: eles ainda não sabem. Que sou eper. Se soubessem, eu não estaria mais de pé aqui. Teriam caído em cima de mim assim que entrei.

Ouço a voz dele antes mesmo de vê-lo.

— Achou satisfatórias essas acomodações? — pergunta o Diretor, em tom contido.

Ele está de pé no centro do aposento, próximo a uma mesa, com o lado direito do rosto iluminado por uma lâmpada de mercúrio e o lado esquerdo coberto pela escuridão. Seu corpo magro, que traça uma discreta linha à frente, é fino como uma navalha. Quando ele fala, até os livros nas prateleiras parecem recuar sutilmente.

— Sim, está tudo maravilhoso. Obrigado.

Ele olha para cima, como se acompanhando o movimento de um bando de pássaros a levantar voo rapidamente.

— Estávamos preocupados com o tamanho dos suportes de dormir. Não foram feitos sob medida para você. Lamento por isso.

— Por coincidência, eram do tamanho perfeito.

— Ah, é?

— É.

Ele me observa com aparente desinteresse, mas, escondida no olhar, uma frieza persiste. Do nada, seus pés se erguem do chão e ele vai parar no teto. Seu corpo gira, e, de cabeça para baixo, meio segundo depois ele encaixa os pés nos suportes de dormir, os mesmos que nunca usei. Seu corpo se balança lânguida e diligentemente, como o pêndulo de um antigo relógio de piso. Seus olhos, mesmo nessa posição, continuam friamente fixos nos meus.

— É incrível como o mundo fica diferente daqui de cima, quando está tudo de ponta-cabeça. Não acha?

— Sim. Acho — respondo.

— Faz você ver as coisas de uma perspectiva diferente. E é por isso que estou assim agora, olhando para você.

— Senhor?

— Porque estou tentando ver você por um ângulo diferente. Tentando ver o que você tem de tão especial. Tentando ver por que o Palácio o está tratando de forma diferenciada, dando tratamento especial. Porque simplesmente não vejo nada de excepcional em você.

Ele fecha os olhos e se permite piscar demoradamente.

— Tratamento especial, senhor?

— Ah, bancando o desentendido, veja só.

Não respondo.

— Dê uma olhada ao redor — sussurra ele —, em toda esta imensa biblioteca só para você. É maior até que os *meus* aposentos! E você quer me convencer de que o Palácio não está lhe dando tratamento especial.

Ele desce dos suportes e cai assustadoramente perto de mim; eu poderia tocá-lo a essa

distância.

Resisto ao forte desejo de dar um passo para trás.

— Sabe, apenas alguns minutos atrás eu recebi outra diretiva do Palácio. Relacionada a você. De novo. — Ele faz uma pausa; há um brilho em seus olhos. — Poucas coisas na vida me deixam desnorteado. Mas esse tipo de atenção que o Palácio vem dedicando a uma pessoa tão sem graça e insignificante como você… bem, francamente, me deixou desnorteado.

— Confesso que não sei bem ao que o senhor está se referindo. Outra diretiva?

— Não precisa se confessar assim, por favor.

Ele dá um passo para trás, até uma mesa próxima, passa o dedo pelas costas de uma cadeira. Puxa-a e se senta. E é quando percebo as duas pastas de couro. Sobre a mesa, refletindo o brilho suave das luzes de mercúrio. Estão de pé como todo mundo no aposento, em posição de sentido. Mas com ar ameaçador.

— Se tem algo que me irrita é não saber o que está acontecendo. É um puro e franco desrespeito. E o Palácio tem feito isso inúmeras vezes nas últimas semanas. *Comigo*. Diretivas aleatórias chegam à minha mesa todos os dias, sem explicação nem lógica, além de mudanças e alterações de último minuto nesta Caçada. Felizmente, meu intelecto desenvolvido me permite ver o sentido em toda a loucura dessas diretivas. — Seus lábios se curvam para baixo. — Menos quando envolvem você.

De pé à minha direita, Julia Brasa não se mexeu. Seus braços pendem imóveis junto ao corpo e seu rosto está imerso em sombras escuras.

— Eu pesquisei sobre você. Pelo que parece, você é um destaque intelectual na escola, nem de longe tão burro quanto anda fingindo ser aqui. Um tremendo crânio, pelo que dizem. Um talento natural, apesar de suas notas pouco acima da média. Como o relatório dizia? Ah, sim, que você tem uma inteligência *estupenda* e *prodigiosa* não completamente aproveitada. É o que se diz de você, pelo menos. — Ele faz uma pausa. — Será isso o que atrai toda essa atenção, todo esse favoritismo? Sua suposta inteligência? — questiona ele, olhando para mim com condescendência e com o desdém evidente de alguém que se sente ameaçado. — Vamos, me diga: do que você acha que se trata esta Caçada?

Ele está me testando. Avaliando.

— Caçar ep…

— E não diga "caçar epers". Porque essa história de caçar, de epers, de caçar epers, nada disso é o que realmente importa. Então não use nenhuma dessas palavras, nem separadamente nem combinadas.

— A questão toda é o Soberano — respondo, estranhamente ousado.

Os olhos dele encontram os meus na mesma hora, mas não carregam ameaça.

— Ah, o rapaz talvez tenha cérebro, afinal. Desenvolva a ideia, por favor.

Faço uma pausa antes de responder.

— Prefiro não fazer isso, eu acho.

Ele joga a cabeça para trás.

— Você prefere fazer sim, pode acreditar.

Depois de um momento, digo, no tom mais neutro que consigo:

— O Soberano sabe que sua popularidade vem diminuindo nos últimos tempos. Isso é

injusto, porque ele é um líder verdadeiramente dinâmico, o melhor que esta terra já conheceu em todo o seu passado glorioso. Mas nosso Soberano não está tão interessado nos seus índices de popularidade quanto na felicidade de seu povo. E nada promove mais êxtase público e senso de camaradagem social quanto uma Caçada Eper. É por isso que ele planeja e executa a Caçada Eper com tanta destreza e habilidade. É claro que é meramente incidental o fato de que, como prova a história, nada o ajuda mais em termos de aprovação pública quanto uma Caçada Eper.

— Na mosca — sussurra o Diretor, seus olhos se fechando em êxtase. — Ai, ai, ai. O garoto prodígio de fato surpreende, afinal. — Ele coça o pulso. — Mas essa foi uma pergunta fácil. O aquecimento.

Um leve balançar de cabeça e seus olhos encontram os meus, e seu rosto se torna severo.

— Agora me explique… tudo isto — diz ele, erguendo o braço acima da cabeça, como uma bailarina. — Quero que me explique por que toda esta preparação. Afinal, quem precisa de treinamento para caçar epers? Por que as palestras idiotas, os workshops, as sessões de treino? E explique também as festividades, o alarde do banquete, explique a presença da imprensa, os repórteres e fotógrafos invadindo este Instituto bem agora enquanto conversamos. E explique por que diabos estamos armando os epers com FLUNs.

— Lamento, não sei dizer.

— Não diga que lamenta — diz ele.

E espera.

— Não sei.

— Não é tão inteligente, afinal. — Seu lábio superior se curva de forma reprovadora, expondo as pontas das presas. — O fato é que você é como todo mundo aqui, como todos esses incompetentes funcionários que precisam ser alimentados de colherzinha com bocados de inteligência, a minha inteligência. Ignorantes. Descerebrados. Mentes vazias. — Ele me encara, seu nariz se dilatando e seu queixo erguido. — Vazios como este Instituto — diz ele, a amargura permeando-lhe as palavras. — Vazios como este Instituto — repete ele, desta vez mais baixo.

Ele vira as costas para mim e põe-se a olhar pela janela. Quando volta a falar, o enorme vazio em sua voz me surpreende.

— Não foi sempre assim. Nesses corredores antigamente ressoava o som de passos; as salas de aula viviam abarrotadas das mentes mais inteligentes e especiais; os laboratórios eram ativos, transbordando de experimentos conduzidos por cientistas de primeira. E as jaulas de epers! Eram lotadas, dezenas de epers jovens e velhos. Nosso programa de procriação, *meu* programa de procriação, estava prestes a deslanchar. Havia energia neste lugar, fagulhas brilhando nas paredes. Tínhamos propósito, reconhecimento, admiração, respeito, até inveja. Tínhamos tudo. — Ele para de falar, para de se mexer, seu peito tão imóvel que é como se tivesse deixado de respirar. — Tudo, menos autocontrole.

Ele se volta para os guardas e funcionários de pé ao nosso redor, seu olhar gelado perfurando cada um como quem prende mariposas com alfinetes em um quadro.

— Até que um dia não sobrou praticamente eper nenhum — prossegue ele, virando-se para me olhar. — Esta vai ser a última Caçada Eper. O Soberano sabe disso. Mas não está disposto a

permitir que a principal fonte de sua popularidade se esgote. Assim, planejou um modo de tirar proveito desta Caçada durante anos, até mesmo perpetuamente.

Julia Brasa, à minha direita, não se mexeu. Nem emitiu nenhum som.

— Um livro. Um relato de não ficção sobre esta Caçada. O público sempre teve uma curiosidade insana sobre o evento. Os bons cidadãos, que salivam a cada detalhe que ouvem a respeito da Caçada Eper, vão manter esse livro na lista dos mais vendidos durante décadas. E não será um mero trabalho jornalístico sem graça. Não; na verdade, e este é o toque de genialidade, será um livro de memórias escrito pelo vencedor. O vencedor *desta* Caçada.

Ele acaricia o próprio rosto com a parte externa dos dedos, subindo e descendo, subindo e descendo.

— Está vendo como tudo se encaixa agora? Entende por que temos um período de treinamento? O banquete? A imprensa lotando o Instituto?

E eu entendo. Tudo faz sentido agora.

— É tudo por causa do livro — sussurro. — Para prolongar a Caçada, fazê-la durar toda uma semana, criar material para o livro. Torná-la mais empolgante. Aumentar as apostas. Quanto mais intensa a experiência da Caçada, mais arrebatadora a vitória.

O Diretor assente, indicando que devo prosseguir.

— Só o período de treinamento vai ocupar uns cinco capítulos. E será uma oportunidade para apresentar os caçadores. Mostrar a competitividade entre nós, os conflitos internos, tudo vai servir de material. Vai aumentar a expectativa até a hora do banquete, e depois até o clímax, a Caçada em si. O livro praticamente vai se escrever sozinho.

Os olhos do Diretor brilham, transmitindo uma aprovação relutante.

— E os FLUNs? Por que armar os epers com FLUNs? Continue, continue, você está indo tão bem até agora.

— Para dar mais emoção. Não, não só isso. — Penso por alguns instantes. — Para prolongar a Caçada. Porque eles são os últimos epers vivos. Que desperdício devorá-los e torná-los extintos em poucos segundos! Algumas dentadas e pronto, lá se foram eles para sempre, engolidos em um frenesi desesperado de gula. Seria quase um anticlímax. Não, é melhor prolongar a experiência, matar os epers lentamente, um de cada vez. Um capítulo vira três. — Resisto à tentação de franzir a testa. — Mas isso só é possível se a Caçada for mais devagar, com *o armamento dos epers*. Vai aumentar o drama, a empolgação e a recompensa para o vencedor. E o último capítulo será incrível. O ápice da emoção quando o caçador vencedor beber as últimas gotas de sangue eper. Que vão descer pela sua garganta… até o esquecimento. — Olho para Julia Brasa, depois para o Diretor, finalmente compreendendo. — Tudo é para o livro. Para o Soberano.

O Diretor me encara com expressão de genuína surpresa, os olhos arregalados e o queixo caído, frouxo. Até que sua cabeça se desloca para a frente e para trás em um movimento rápido que faz seu pescoço estalar.

— Muito bem. Você é uma verdadeira surpresa.

O pescoço dele estala alto mais uma vez, um *tec* que ressoa pela biblioteca.

Ele faz uma pausa: seus olhos se apertam em intenso e sombrio desdém.

— O que nos leva de volta a você. A única coisa que não consigo entender. Como você se

encaixa nisso tudo? E qual é o motivo da diretiva que recebi alguns minutos atrás, mais uma vez sobre você?

— Que diretiva, senhor?

— Por que o Palácio está tão interessado em você? — pergunta ele, ignorando minha pergunta. — Todo o resto eu já entendi.

E nisso o último vestígio de brilho nos seus olhos desaparece. Só restam lâminas negras agora, encarando-me tão ávidas que as sinto perfurando meus globos oculares.

— Não sei.

— É mentira — diz ele, acariciando o próprio braço como se afagasse um gatinho pelado. — Diga. Agora mesmo. Quero saber o que está acontecendo. O Palácio se acha tão esperto com essas diretivas aleatórias, acha que pode me manter de fora dos planos maiores. A cada dois dias chega uma nova diretiva, uma nova mudança na Caçada. Querem me manter alerta, querem me deixar sem saber o que está acontecendo. Mas eu tenho minhas maneiras de descobrir. — Suas palavras caem da boca como pedaços afiados de gelo despencando em um abismo escuro. — À força, se necessário.

Meus braços pendem ao lado do corpo; meus dedos começam a tremer. Aperto a perna para impedi-los.

— Eu não…

— Fale!

A voz dele reverbera nas paredes com um estrondo. Suas palavras ecoam pelo piso, e eu vejo a raiva crescendo nos olhos dele. Ele começa a vir na minha direção…

— Eu sei por quê — sussurra Julia Brasa de repente.

O Diretor para no meio do caminho. Todos se viram para olhar para ela.

Ela olha para mim brevemente, como se estivesse prestes a cometer uma traição imperdoável, e diz:

— É porque — o volume de sua voz diminui ainda mais — ele é diferente.

— O que quer dizer com isso? — pergunta o diretor.

De pé nas sombras, ela agora dá um passo à frente, adentrando uma área iluminada pelo luar.

— Ele é exatamente o que o Palácio está procurando.

Hesitação. Depois:

— Explique.

— O senhor disse que o vencedor vai escrever o livro. Então eles precisam de alguém capaz de escrever. E com a imprensa aqui, depois da Caçada vai haver entrevistas para revistas, aparições em programas de tevê e nas rádios. Então eles precisam de alguém que fale bem. Mas vencedores de Caçadas Eper costumam ser brutamontes, pessoas em excelentes condições físicas, mas não exatamente das mais articuladas e inteligentes. O Palácio precisa de alguém que saiba se comunicar, seja ponderado, comedido, atento a detalhes. — Ela aponta para mim com o queixo. — E ele tem isso tudo. Eu sei: estudamos na mesma turma há anos. Ele sempre se destacou intelectualmente, mesmo sem querer. Tem uma inteligência nata. Ele vai se sair muito bem. Nas entrevistas, na frente das câmeras, na hora de escrever as memórias. E o Palácio sabe disso; parece que o investigaram detalhadamente. De todos os caçadores aqui, ele é de longe o mais preparado para lidar com a imprensa.

O Diretor se vira para mim e me avalia como se por um novo ângulo.

— Ele pode ser um pouco tímido e calado — continua Julia Brasa —, mas até isso é positivo: esse jeito reservado e misterioso é interessante. As garotas adoram. — Ela faz uma pausa. — Pode acreditar em mim.

O Diretor desvia o olhar para o exterior, com um toque de irritação transparecendo em seu rosto.

— Quem vem informando você?

— Ninguém. São só palpites. — Os olhos dela brilham, em estado de alerta. — Nada que já não tenha ocorrido ao senhor, tenho certeza.

— Entendo. — Com a pálida mão esquerda, ele acaricia uma das caixas. Seus dedos ossudos percorrem a alça com medo e desdém. — Então você está apenas supondo. Poderia estar muito errada.

— Talvez. Mas acho que não. — Ela faz uma pausa. — E eu? Por que estou aqui?

O Diretor levanta o olhar até ela e coça o pulso em movimentos longos e letárgicos. O prazer dele é evidente.

— Você é o que chamaríamos de Plano B.

— Não sei se entendi.

— Que pena! E pensar que você estava indo tão bem. — O Diretor funga. — Evidentemente, você é como todo mundo, sempre precisando que eu explique tudo. Uma hora atrás, recebi mais uma diretiva. A respeito de vocês dois. Você é o Plano B. Caso o Plano A, ele, não seja bem-sucedido, caso ele falhe no cumprimento da missão, você é a nossa segunda opção. Se alguma coisa der errado durante a Caçada e ele não conseguir vencer ou ficar impossibilitado de continuar, você estará lá para tomar o pódio. Você é a apólice de seguro, a vencedora substituta.

— Isso não vai dar certo.

— Mas é claro que vai! — insiste ele, com uma leve irritação se fazendo notar em sua voz. — Você tem tudo que ele tem. É inteligente, embora eu esteja começando a ter minhas dúvidas; eloquente, embora um pouco demais, estou achando; e uma grande conhecedora dos epers. Ouvi falar sobre você, garotinha, sobre todos os clubes e sociedades epers de que você participou ao longo dos anos. Seu conhecimento vai ser útil durante as entrevistas pós-Caçada e tudo mais. Além do mais, você é uma bela visão. Perfeita para as câmeras, as fotografias. Com esse rostinho bonito na capa, o livro seria um best-seller instantâneo. Sim, agora entendi tudo.

— O senhor precisa considerar o aspecto mais geral da Caçada — diz Julia Brasa, com frieza.

— Eu preciso considerar?…

Ela cai em silêncio: o silêncio do arrependimento.

— Você acha que sabe mais do que eu? — As palavras dele são como balas saindo de uma metralhadora, rançosas, com escárnio. — Não me diga o que preciso considerar, garotinha.

O Diretor semicerra os olhos, seus longos cílios se entrelaçando delicadamente. E com isso a temperatura na biblioteca, já baixa, despenca. Raios do luar se congelam, tornando-se pilares de gelo cinza, transparentes. Olho para Julia Brasa. Ela sabe que foi longe demais: sua pele está

ainda mais pálida do que antes e suas pálpebras tremem de leve.

Os olhos do Diretor pousam nas duas caixas. Ele as puxa para mais perto.

— Um de vocês precisa vencer a Caçada Eper para que o plano dê certo. Era isso que você ia me dizer, não era, garotinha? Por favor. Não venha com a presunção de querer compartilhar comigo suas ideias triviais. Porque eu já sabia disso. Para vocês adornarem as capas de revistas, aparecerem em programas de tevê, serem o assunto do momento, um de vocês precisa ganhar. Porque, sim, estou ciente de que há outros caçadores, muitos dos quais tão sedentos pela vitória quanto vocês, mas não só isso: também muito mais capazes de triunfar.

Ele aperta um botão e as pastas se abrem com um estalo. Ele as gira para que vejamos seu conteúdo. Há um FLUN dentro de cada uma. O Diretor pega um.

— Ninguém sabe o que realmente acontece na Vastidão durante a Caçada, que sujeiras podem acontecer. Primeiro, porque a Caçada nunca foi filmada: além de as câmeras de vídeo serem pesadas demais, os cinegrafistas simplesmente as largariam para se juntar a ela, incapazes de resistir. Além do mais, ninguém se importa que se cometam atos… não muito esportivos. Todos sabem que os caçadores… bem, recorrem a truques sujos. É cada um por si, a qualquer custo, e, quanto maiores os custos, mais interessante será ler sobre o evento. Usem esses FLUNs contra seus adversários. Todos vão pensar que foram os epers que dispararam contra eles. Em algum lugar da Vastidão, quando vocês estiverem bem longe do Instituto. Um FLUN para cada um de vocês, três disparos em cada. Deve bastar, não?

— E se derrotarmos todos os outros caçadores — pergunta Julia Brasa, em voz baixa porém nada hesitante — e só sobrarmos nós dois? O que devemos fazer?

A reação do diretor é quase violenta. Ele cruza as mãos na altura dos pulsos e os coça até marcar a pele macia, sua cabeça se arqueando para trás como se houvesse uma mola em seu pescoço.

— E você acha que eu ligo para isso? — Seus olhos faíscam, delirantes. — Que me importa, desde que um de vocês dois vença? Ah, sua garota boba! — Mas de repente ele para de se mexer como se lhe ocorresse algo; olha para nós com severidade. — Saibam apenas de uma coisa: eu quero um único vencedor. É sempre melhor assim. Nada de empate, de alianças. O público não gosta de ambiguidade. Se só sobrarem vocês dois… bem… só pode haver um no fim. Vocês vão saber o que fazer. Correto?

Nem Julia Brasa nem eu respondemos.

E ele começa a se coçar de novo, em movimentos longos e lentos.

— Entendo. Entendo. Entendo que não me fiz claro. Que não transmiti integralmente a vocês quanto estou interessado no sucesso desta Caçada. Que não deixei claro quanto isso é importante para mim, que um de vocês, e só um, precisa vencer a Caçada. — Ele leva a ponta dos dedos a cada sobrancelha, traça os arcos finos e delicados. — Muita gente acha que eu tenho um emprego dos sonhos aqui no Instituto. Por poder trabalhar tão próximo aos epers. São uns tolos ignorantes. Este lugar é um inferno.

Seu rosto fica imóvel, as sombras dominando suas feições.

— Uma Caçada bem-sucedida me daria a oportunidade de ir embora deste lugar — sussurra ele. — Este purgatório onde o paraíso fica a uma parede de vidro de distância; mas esse vidro é tão grosso quanto mil universos enfileirados. Não dá para aguentar muito tempo,

ser provocado pela visão e pelo cheiro de epers mas ter isso negado todas as vezes. É um tipo muito particular de inferno estar tão tentadoramente perto, mas tão impossivelmente longe. Deixar para trás este falso paraíso… e ser promovido para trabalhar onde o paraíso é real, o Palácio do Soberano. Finalmente ser elevado a Ministro da Ciência.

Outra longa pausa, repleta de angústia.

— Vocês já… Não, é claro que não. Mas eu estive lá um dia. No Palácio do Soberano. Quando fui oficialmente indicado para este trabalho. Testemunhei toda a glória e grandiosidade do Palácio. A realidade superou até minhas maiores expectativas. Esfinges gigantescas de hienas e chacais, edifícios de mármore liso, o séquito infindável e elegante de copeiros, escribas, harpistas, pajens, mensageiros, servos, guardas, o harém de virgens em túnicas de seda. Mas isso nem é o melhor. Têm alguma ideia do que seja?

Não falo nada.

— Vocês podem pensar que são as elegantes piscinas com cascatas d'água, ou as grutas, ou o hall sinfônico com candelabros de mercúrio em formato de pétalas. Mas não, vocês estariam enganados. Ou o aquário cheio de ostras e mariscos e lulas e polvos que você pode puxar como uma flor e devorar. Mas vocês estariam enganados de novo. Ou os quadros, ou o estábulo real com fileiras de garanhões até perder de vista. Só que mais uma vez vocês estariam enganados.

Ele levanta o dedo indicador com um anel com uma enorme esmeralda. Imediatamente os funcionários e guardas se viram e saem.

Quando a porta da frente se fecha, ele umedece os lábios e prossegue:

— É a comida. As carnes mais exóticas e gordurosas, as partes mais seletas e sangrentas para enfiarmos os dentes enquanto o coração do animal ainda bate. Tum-tum, tum-tum, bem assim, enquanto você mastiga o fígado e o rim e o cérebro. De cachorros, de gatos. E isso é apenas a entrada. Depois disso, o prato principal. — Do nada, escuto os lábios dele tremerem, úmidos. — Carne de eper — sibila ele.

Mantenho o olhar fixo à minha frente, tomado pelo horror. *Não arregale os olhos*, grita a voz do meu pai, *não arregale os olhos!*

— E se eu lhes contasse que existe uma reserva secreta? — sussurra ele. — Que em algum lugar do Palácio há uma fazenda de criação eper ultrassecreta? É apenas suposição, claro. Porque todo mundo sabe que os últimos epers da face do planeta estão naquele Domo lá fora. Mas vamos supor que esse criadouro eper seja subterrâneo, afastado, e que ocupa toda a largura e o comprimento do terreno do Palácio. Mas é apenas suposição, claro. Quantos epers há?, vocês podem estar se perguntando. Quem pode dizer? Mas, durante a única noite que passei lá, ouvi os uivos e gritos deles à noite. Parecia haver dezenas, possivelmente centenas. — Ele acaricia o próprio rosto. — Talvez, apenas supondo, o bastante para fornecer ao Soberano carne de eper pelo resto da vida dele. Mas não passa de suposição, é claro.

Ele olha para nós, um de cada vez.

— Então agora vocês sabem, certo? Estou comprometido com o sucesso desta Caçada. O que quer dizer que um de vocês, e apenas um!, vai sair vencedor. Vocês nem vão querer saber as consequências caso fracassem. — Ele fica de pé. — Confiem em mim. Então vocês vão atender a esse meu pedido. Um de vocês vai ganhar. E pronto. Agora me fiz bem claro.

Ele passa por mim e sai. A porta se fecha.
Solto a respiração, e só depois de muito tempo inspiro de novo.

⋆ ⋆ ⋆

Depois disso, Julia Brasa é orientada a voltar ao seu quarto para lhe tirarem as medidas. Uma equipe de alfaiates, sombrios e com ar servil, chega mais tarde à biblioteca para fazer o mesmo comigo, suas vozes baixas no amplo aposento. É uma experiência estressante para mim, principalmente quando eles chegam perto demais. Vejo suas narinas se dilatando; um até me lança um olhar curioso. Eu rapidamente o afasto, mas ele me lança outro olhar estranho quando estão todos recolhendo seus instrumentos para ir embora.

Saio um pouco. Quero estar em algum local aberto. As últimas horas foram muito estressantes. E está uma noite linda, perfeita para acalmar meus nervos. O céu está salpicado de belos e delicados pontos de luz das estrelas; a lua crescente está alta e lança uma luz prateada sobre os picos nevados das montanhas. Leves sopros de ar cruzam as planícies, aliviando a tensão em meus ombros.

Ouço passos atrás de mim, o delicado som de areia sendo pisada.

É Julia Brasa que vem em minha direção, observando-me com ar hesitante. Quando a encaro, ela baixa o olhar timidamente. Ela trocou de roupa: usa uma camisola preta de cetim, decotada e justa. Seus braços longos e pálidos estão soltos ao longo do corpo, brilhando ao luar como colunas de mármore. A areia se move e gira debaixo de mim, me dando vertigem, desorientando-me.

— Eu vim até aqui, o mínimo que você podia fazer era dizer oi — começa ela. Está de pé à minha frente. — Ah, entendi, agora você não quer nem falar comigo mais.

— Não, não é isso. Desculpe.

Uma brisa faz o cabelo dela ondular delicadamente, expondo assim a pele do seu pescoço.

— Olhe, eu não sou sua inimiga aqui. Ainda não. — Ela coça o pulso. — Acho que devemos esperar até a Caçada para isso.

E me vejo coçando o pulso em resposta.

— Você me faz um favor? — peço. — Se sobrarmos só nós dois no fim, você dispara no meu dedinho do pé, tudo bem? Não precisa me derrotar furando meu olho.

— Dedinho do pé direito ou esquerdo?

Coço o pulso.

— Pode ser o esquerdo. Mas mire com cuidado, viu? É um dedinho pequeno.

— Combinado — diz ela.

Bem acima de nós, um grande pássaro cruza o céu noturno, suas asas tão grandes que chegam a ser desproporcionais, além de desajeitadas e rígidas. Depois de desenhar alguns círculos lá no alto, ele desaparece ao longe.

— Vim aqui pedir uma coisa — diz ela.

— Não, não vou lhe dar o meu FLUN.

Ela não diz nada. Eu me viro para olhá-la, e a vejo à espera com aqueles olhos verde-esmeralda, em silêncio, esperançosa. Como se estivesse esperando há tempos por este

momento em que estou realmente sozinho com ela, sem distrações, nossos olhos finalmente se encontrando e se fundindo.

— Quero que me leve ao banquete — diz ela, tranquila e firmemente.

Quase levanto o braço para coçar o pulso. Mas os braços dela estão caídos ao lado do corpo, imóveis.

— Sério? — pergunto.

— Sério.

— Nem sei se é… Não é como um baile de escola, sabe? É um banquete. Um evento exibicionista do governo. É bem diferente.

— Eu sei. Não vai ter nada a ver com um baile. Vai ser mil vezes mais especial.

— Eu não… não sei.

— Vai significar muito para mim.

Olho por cima do ombro dela, para o horizonte.

— Olhe, não sei como lhe dizer isso. Sei que o banquete vai ser especial e elegante por causa da música, da imprensa, do tapete vermelho, da dança, da comida…

— Vai ser especial por sua causa. Porque você vai estar comigo.

Afasto o olhar.

— Não sei.

E ela se aproxima de repente, pega meu cotovelo em sua mão. O toque da pele dela na minha me causa um choque.

— É tão difícil assim gostar de mim? — sussurra ela, seus olhos perscrutando os meus. — Tão difícil?

Não respondo.

— Você pode só fingir, usar uma máscara, então? — E algo nessas palavras, ou talvez na forma como ela as pronuncia, me faz olhar nos olhos dela por mais tempo do que já olhei para qualquer pessoa além do meu pai. — Porque você está me destruindo por dentro.

— Não é você o problema…

— Apenas finja — sussurra ela — que está muito a fim de mim. Que gosta do formato da minha boca, da maciez da minha pele, do aroma do meu hálito, da cor dos meus olhos. E finja que até consegue ver além disso tudo, da superfície, que me conhece mais a fundo. O que há escondido por baixo. E que ainda assim se sente atraído por mim, na verdade ainda mais até. Imagine que não existe outra coisa agora além de mim, aqui de pé à sua frente, que não existe mais ninguém no mundo. Nem os outros caçadores, nem os funcionários, nem os epers. Nem mesmo a lua, as estrelas, as montanhas. E que você me deseja há muito tempo, e eu estou aqui agora, bem à sua frente. Finja isso tudo, só por uma noite.

Sinto a mão dela nas minhas costas, me puxando para mais perto. Estamos a centímetros de distância agora. Uma brisa sopra; meu cabelo cai nos olhos.

Ela então afasta minha franja, passeando os dedos delicadamente pela lateral da minha cabeça, acima da minha orelha, descendo pelo meu pescoço.

Foram anos empenhado em congelar meu coração e cauterizar meus sentimentos por ela, mas este único momento é o primeiro toque pessoal e genuíno que experimento em todos estes anos vivendo sozinho e solitário. Alguma coisa é deflagrada dentro de mim. Uma

mudança sísmica interior, uma erupção do que estava apenas levemente adormecido. Os olhos dela capturam irreversivelmente os meus, seu olhar tão tangível quanto a sensação de sua mão em meu cotovelo, só que ainda mais profundo, mais explorador. Sinto a intensidade extrema de emoções que eu pensava estarem mortas há tempos. Um desdobrar dentro de mim.

— Por favor — implora ela. — Você me leva?

E surpreendo a mim mesmo ao assentir. Ela treme de alegria, apertando ainda mais meu cotovelo, seu bíceps alongado e fino se flexionando, relaxando, se flexionando, relaxando. Seguro o cotovelo dela também, o gesto que simboliza a aceitação do convite. Ela inclina a cabeça para trás e fecha os olhos ligeiramente e entreabre os lábios. Mas então seu lábio superior se curva em um esgar trêmulo e duas presas surgem, brancas, úmidas e afiadas. Presas que em meros cinco segundos iriam perfurar meu peito, romper minha caixa torácica e arrancar meu coração ainda batendo.

Por que me permiti esquecer? Por que, em um momento de fraqueza, cedi? Nunca posso esquecer que a beleza dela é entremeada de veneno, que seus lábios escondem fileiras idênticas de facas, que seu coração fica em uma caixa torácica afiada como uma navalha. Ela é impossível para mim, intocável, inalcançável.

Ainda segurando seu cotovelo, aperto-a com raiva, com ódio, afundando os dedos em sua carne sem sangue. Mas ela interpreta de outra maneira a força das minhas emoções e levanta o rosto para o céu noturno, tremendo ainda mais fervorosamente. E me dou conta de como, para quem vê de fora, do outro lado da máscara, como é fácil confundir ódio com desejo.

⋆ ⋆ ⋆

Como o alvorecer se aproxima rapidamente, acompanho Julia Brasa até seu quarto. Combinamos de nos encontrarmos amanhã depois do crepúsculo. Ela quer ir se vestir na biblioteca para que possamos seguir para o banquete juntos, de braços dados.

— Vai ser incrível — diz ela com entusiasmo quando vou embora.

Volto para a biblioteca. Em questão de minutos, o blecaute cobre as janelas. Espero mais um pouco, por questão de segurança, e então saio. Estou novamente com sede e precisando me lavar. Ao sair sob o céu a clarear, olho para o prédio principal para ter certeza de que o blecaute foi acionado. E então sigo para o Domo às pressas. Desta vez carrego três garrafas de plástico vazias, amarradas com um pequeno pedaço de barbante, jogadas por cima do ombro. As garrafas batem umas nas outras, produzindo sons ocos em um ritmo aleatório. O Domo ainda não se abriu; fico repetindo *agora* e apontando. *Agora.* Ele não se move. *Agora.* Ainda não obedece à minha ordem; as paredes de vidro nem tremem.

Na metade do caminho, o chão começa a tremer, a princípio de modo quase imperceptível, depois de um jeito inconfundível. As paredes do Domo descem e a abertura circular no alto se alarga conforme o vidro afunda no chão. A luz do amanhecer se reflete no vidro em movimento, lançando raios coloridos na planície. Até que as luzes desaparecem e o chão para de tremer. O Domo sumiu.

Paro a cerca de cem metros do lago e espero. É melhor não me arriscar: apesar de já saberem sobre mim, ainda podem sair correndo das cabanas (pelo menos a garota eper)

prontos para me atacar com a lança. Esse é o problema com epers: eles podem ser muito imprevisíveis, como animais de zoológico enlouquecidos. Um eper macho, jovem — mais ou menos da minha idade —, cambaleia para fora com o cabelo desgrenhado e as pernas vacilantes, seguindo em direção ao lago. Ele não me vê; está apertando os olhos por causa da claridade intensa.

Só quando o eper joga água no rosto e está bebendo nas mãos em concha, seus olhos me encontram. As mãos imediatamente descem para a lateral do corpo e a água cai aos seus pés. Ele corre em direção às cabanas, depois para de repente, como se percebendo alguma coisa. Olha para trás. Vê que ainda estou de pé, que não me mexi.

Levanto as mãos, querendo dizer: *Não quero fazer mal a ninguém.*

Ele se vira e sai correndo.

— Espere! Pare!

E ele realmente para. Por cima de seu ombro, vejo olhos arregalados e o rosto tomado de medo. Mas também de curiosidade. Assim como testemunhei na garota eper ontem, sentimentos afloram ao rosto dele sem o menor pudor, como um animal de zoológico coçando o traseiro sem constrangimento enquanto os visitantes riem. Essas expressões… são tão extremas, e fluem como uma cachoeira. Ele me encara com olhos arregalados.

— Sissy! — grita ele, e é minha vez de dar alguns passos para trás. Em choque. A criatura fala. — Sissy! — repete ele, mais alto, pronunciando com clareza surpreendente até mesmo esta palavra tão curta.

— Não, eu… — gaguejo, sem saber o que dizer.

Sissy? Por que ele está me chamando de Sissy?

— Sissy! — grita ele desesperado, como se estivesse pedindo ajuda.

— Não estou entendendo — eu digo, porque, bem, não estou entendendo. — Eu só quero água. — Aponto para o lago. — Á-gua.

— Sissy — grita ele de novo, e a porta de uma cabana se abre de súbito.

É a garota eper, um tanto desgrenhada, forçando os olhos a ficarem alerta, piscando várias vezes na tentativa de afastar o sono. Ela avalia a cena rapidamente, observa tudo. Ela me estuda por um segundo, olha atrás de mim e depois volta a me fitar.

— Está tudo bem, David — diz ela ao primeiro eper. — Lembra o que contei ontem? Ele não vai nos machucar. É um de nós.

Estou estupefato. Esses epers falam. São seres pensantes, não selvagens.

A garota eper vem na minha direção, com passadas largas e confiantes. À medida que passa por outras cabanas, portas se abrem e mais epers surgem, passando a seguir a garota. Ela para na frente do lago.

— Não é mesmo? — pergunta ela, me encarando.

Só consigo olhar para ela.

— Não é mesmo? — repete ela, e pela primeira vez percebo que ela está segurando um grande machado na mão esquerda.

— É — digo.

Ficamos nos encarando por um longo momento.

— Você voltou para pegar mais água? — pergunta ela.

— É.

Outros quatro epers, todos machos, estão reunidos atrás da garota eper, olhando para mim. Vejo um cochichar alguma coisa com outro, depois assentir em concordância.

— Pode pegar — diz a garota eper.

Minha sede me tira do transe. Ajoelho-me na beirada do lago e bebo água das mãos em concha, mantendo todos, principalmente a garota eper, no meu campo de visão. Em seguida, encho as garrafas e as tampo. É então que hesito.

— Você vai tirar a roupa de novo? — pergunta ela. Isso parece fazer o grupo atrás dela relaxar; eles sorriem e trocam olhares zombeteiros. — Se for, não se esqueça de levar sua cueca dessa vez.

Ao longo dos anos eu me treinei para não ficar vermelho. Mas não consigo me segurar dessa vez. Uma onda de calor atinge meu rosto, emanando em ondas.

Ao verem isso, os epers de repente ficam em silêncio. Em seguida, a garota eper dá um passo para a frente e o grupo a segue de perto. Ela vem até mim, chega tão perto que posso ver as leves sardas que pontilham seu nariz. Ela toca meu rosto, aperta minha bochecha; até as pontas dos seus dedos são calejadas. Ela assente e faz sinal para os outros. Eles se aproximam, lentamente, cercando-me. Não me mexo. Eles esticam a mão na direção do meu rosto, tocam minhas bochechas, meu pescoço, cutucam, apertam. Eu deixo.

Eles se afastam. A garota eper ainda está de pé diante de mim, mas sem o machado agora. E pela primeira vez vejo em sua expressão algo que não é medo nem curiosidade. Não sei o que é. Não exatamente. Mas as pequenas chamas ardendo nos olhos dela são delicadas e calorosas, como brasas em uma lareira.

— Meu nome é Sissy. E o seu?

Olho para ela sem entender.

— O que é "nome"? — pergunto.

— Você não sabe o seu nome? — pergunta um eper atrás dela.

É o mais jovem de todos, um garoto baixo, de uns dez anos, com jeito de levado. — Meu nome é Ben. Como você pode não ter nome?

— Ele não disse que não sabe o próprio nome. Disse que não sabe o que é um nome. — O eper que diz isso está afastado dos outros. Um dos cantos de sua boca está um pouco levantado, como se puxado por um anzol. Ele é bem mais alto que os outros, e o que tem de altura tem também em magreza, como se, no processo de crescimento, seus membros tivessem sido apenas esticados, sem adição de músculo ou gordura.

O garoto eper baixinho se vira para mim.

— Como as pessoas chamam você?

— Como me chamam? Depende.

— Depende?

— Depende de onde estou. Os professores da escola me chamam de uma forma, meu técnico me chama de outra. Depende.

A garota eper segura o braço do eper mais próximo e o puxa para a frente.

— Este é Jacob. — Ela vai até outro. — Este ao lado dele é David, o que viu você primeiro agora cedo. Aquele ali sozinho é Epaphroditus. Nós o chamamos de "Epap".

Repito as palavras mentalmente: *David, Jacob, Epap*. Sons estranhos, diferentes. David e Jacob parecem jovens, talvez tenham uns onze ou doze anos. Epap é mais velho, talvez dezessete.

— Você quer dizer *designação*. Qual é a minha designação.

— Não — responde a garota eper, balançando a cabeça. — Como sua família chama você?

Estou quase contando a ela que não tenho família, que eles nunca me chamaram por "nome" nenhum… quando paro. Uma lembrança aparece de repente, frágil e falha. A voz de minha mãe, cantando em fragmentos: só uma melodia a princípio, as palavras exatas indecifráveis. Mas então partes emergem à superfície, as palavras dela tomam forma, uma expressão aqui e ali, ainda obscuras, mas…

Gene.

— Meu nome é Gene — digo, e é ao mesmo tempo uma apresentação para eles e uma grande revelação para mim.

⋆ ⋆ ⋆

Eles me mostram o vilarejo. Fizeram o melhor que podiam ali. Há uma pequena horta na parte de trás e árvores frutíferas espalhadas pela área. Varais cruzam um campo de treinamento, onde lanças, facas e adagas estão espalhadas sobre a areia. Fico surpreso com a quantidade de luz que entra nas cabanas. Os tetos têm buracos grandes, como uma peneira. É tão estranha a ausência de uma barreira entre eles e o céu. Uma brisa fresca sopra dentro das moradias.

— Só tem brisa durante o dia — diz a garota eper, reparando em como estou fascinado. — Quando o Domo sobe, o ar fica parado.

As cabanas são pouco decoradas, com desenhos e pinturas presos às paredes e algumas prateleiras com uma coleção de livros gastos. Mas é o que há no meio de cada uma que mais me surpreende, de uma ousadia quase insolente. Uma "cama". Não alguns cobertores jogados no chão, mas uma estrutura de madeira sólida com pernas e base. Não há um só suporte de dormir por perto.

Do lado de fora, fora do perímetro do Domo, há uma estrutura quadrada feita de metal, mais ou menos do tamanho de uma pequena carruagem. Uma pequena lâmpada verde pisca no alto.

— O que é aquilo? — pergunto, apontando.

— O Umbilical — explica David.

— Hein?

— Venha, vamos até lá. Parece que chegou alguma coisa.

— O quê? — pergunto.

— Venha. Você vai ver.

Na lateral do Umbilical há uma portinha larga que se abre puxando a parte de cima. Jacob olha lá dentro, pega um recipiente grande de plástico que reconheço. Sinto o cheiro de batatas e macarrão.

— O café da manhã — diz David.

A luz verde para de piscar e fica vermelha.

Eu me inclino com curiosidade e enfio a cabeça na abertura. Um túnel longo e estreito, da largura da minha cabeça, segue por baixo da terra em direção ao Instituto. Esta é a outra extremidade do túnel — o tal Umbilical — que eu vi na cozinha.

— É assim que recebemos nossa comida — explica Jacob. — Depois que terminamos de comer, mandamos todos os pratos de volta. De tempos em tempos, eles nos mandam roupas. Às vezes, quando é aniversário de algum de nós, mandam um presente. Bolo, papel e giz de cera, livros, jogos de tabuleiro.

— Por que fica tão longe de tudo? — Avalio a distância. — Fica fora do Domo, não? Quando o Domo sobe, o Umbilical não fica do lado de fora?

Eles assentem.

— É de propósito. Eles tinham medo de que alguém pequeno tentasse se espremer pelo túnel para chegar até nós. À noite, obviamente. Então colocaram a abertura fora do Domo. Assim, mesmo que uma pessoa pequena conseguisse atravessar o túnel à noite, acabaria do lado de fora.

— E ninguém pensaria em fazer isso durante o dia — diz Ben. — Por motivos óbvios.

— Faz pouco tempo eles começaram a nos mandar livros — acrescenta o eper chamado David. — Livros de defesa pessoal, de arte da guerra. Não entendemos. E então uma noite, há alguns meses, deixaram lanças e adagas e facas do lado de fora do Domo para pegarmos de manhã. Andamos treinando com elas, Sissy está ótima em lançar adagas, mas não sabemos bem por que recebemos isso. Não tem animais para caçarmos aqui.

— E ontem recebemos essas caixas metálicas — diz Ben, animado. — São cinco, uma para cada um. Mas a carta diz que não devemos abrir até recebermos permissão. Então Sissy não nos deixa nem tocar nelas.

Olho para Sissy.

— Não sei para que servem — diz ela. — Você sabe?

Baixo o olhar.

— Não faço ideia.

— Então é isso — prossegue Ben, contente —, temos todas essas armas. Temos treinado usá-las, as lanças, os machados e as adagas. Sissy é a melhor, mas não tínhamos alvos para praticar.

— Até você chegar.

Não preciso me virar para saber que foi o eper chamado Epap quem falou isso.

— Aliás, o que você veio fazer aqui? — continua ele.

Eu me viro. A expressão no rosto dele é inconfundivelmente hostil e desconfiada. Eles são como livros abertos, esses epers, as emoções nuas em seus rostos.

— Ele veio pegar água — diz Sissy antes que eu possa responder. — Deixe-o em paz, entendeu?

O eper Epap dá a volta até parar bem à minha frente. De perto, ele parece ainda mais magro e alto.

— Antes de começarmos a dar comida a ele — diz Epap —, antes de começarmos a mostrar onde moramos como se ele não passasse de um cachorrinho abandonado e fofinho, ele tem que responder a algumas perguntas.

Ninguém diz nada.

— Por exemplo, como sobreviveu lá fora por tanto tempo, convivendo com eles. E o que exatamente está fazendo aqui. Precisamos conversar.

Olho para a garota eper.

— Espécime irritadinho, hein? — falo, apontando para Epap.

A garota eper me encara.

— O que você disse?

— Espécime bem irritadinho. Por que está tão preocupado com…

A garota eper se aproxima de mim e, antes que eu perceba, ergue o braço e bate na lateral da minha cabeça.

— Ei…

— Não o chame assim.

— Assim como?

Apalpo a cabeça. Não está sangrando, é só a dor da humilhação.

— Não o chame de *espécime*. Você pode se referir a animais como espécimes. Até a plantas. Mas não nos chame de *espécime*, é um insulto. O que há com você, aliás? O que o torna tão superior e importante? Se acha que somos um bando de bichos, pode ir embora e nem pense em voltar. Além do mais, se acha que somos bichos, então logicamente você é tão *bicho* quanto nós.

— É verdade — digo, ainda sentindo a cabeça doer. — Peço desculpas.

Mas, na verdade, penso que há uma enorme diferença entre mim e eles. Eles são selvagens, não domesticados, sem educação. Eu não sou nada disso. Sou um sobrevivente, evoluído, civilizado, educado. Perto de mim, embora pareçamos iguais, eles estão bem longe do que eu sou. Mas, enquanto eu precisar deles para sobreviver, vou representar meu papel pelo tempo que for necessário.

— Eu falei sem pensar, não quis ofender. Sinto muito, Sissy. Epap, me desculpe.

Ela me olha sem emoção.

— Você se acha tão superior.

O momento fica tenso quando os outros epers, imitando Sissy e Epap, olham para mim com desconfiança.

É o pequeno Ben quem quebra a tensão:

— Venha, vou lhe mostrar a minha fruta preferida!

Ele vem correndo me pegar pelo braço e me puxa até uma árvore próxima.

— Ben, não… — grita Epap atrás de nós, mas já saímos andando.

— Venha — chama ele, pulando para pegar uma fruta de um galho baixo. — As maçãs dessa árvore são as melhores. Tem uma mais para lá que também tem maçãs, mas não são tão boas. Eu amo essas.

Como é estranho usar a palavra *amar* assim tão abertamente. E ao se referir a uma fruta.

Antes que eu perceba, uma maçã rechonchuda é colocada na minha mão. Ben já está cravando os dentes na que ele pegou para si. Mordo a fruta, e os sumos explodem na minha boca. Então ouço passos atrás de nós. O grupo nos alcançou. Mas, talvez por me verem saboreando a maçã com uma alegria tão infantil, não parecem tão hostis quanto antes. À

exceção de Epap, é claro, que ainda me fuzila com o olhar.

— Essas frutas não são maravilhosas? Espere só até você experimentar as bananas do…

Sissy coloca a mão gentilmente no ombro de Ben. Ele para de falar na hora e vira a cabeça para ela, que assente suavemente para o menino e depois se vira para mim. É o mesmo olhar que ela acaba de dirigir a Ben: tranquilizador, mas com uma estranha autoridade, uma insistência gentil.

— Na verdade, gostaríamos de saber por que você está aqui. Vamos, conte logo.

Respondo depois de alguns prolongados instantes.

— Vou contar — digo, a voz trêmula por algum motivo. — Vou contar. Mas podemos entrar?

— Não, aqui — retruca Epap, impaciente. — Aqui está perfeitamente bom, e…

— Tudo bem, vamos entrar — diz Sissy. Vendo que Epap está prestes a interromper mais uma vez, ela diz para mim: — O sol pode não ser confortável, já que você não está acostumado.

Ela já está indo em direção à cabana mais próxima, sem se dar ao trabalho de ver se os outros a seguem.

Gradualmente, um a um, eles vão atrás. E o último a ir sou eu, depois de todos eles, para dentro da cabana.

⋆ ⋆ ⋆

O que conto a eles é quase a verdade. O ideal seria a verdade completa, eu sei; mas gosto de pensar que não exatamente minto, apenas omito algumas partes. Ainda assim, como meu professor do segundo ano costumava dizer, a quase verdade é o mesmo que uma mentira deslavada. Mas é com autoconfiança que eu minto; o que é fácil quando sua vida toda é essencialmente uma mentira. É fácil enganar quando sua identidade toda foi construída na base da enganação.

Há muitos de nós lá fora, minto. Em todos os setores e níveis da sociedade, há epers em abundância. Nossa existência é tão espalhada e múltipla quanto flocos de neve em uma noite de tempestade. Ainda assim, como os flocos de neve à noite, nossa existência passa despercebida. Somos unidos pelo segredo em que baseamos nossa vida, pelo hábito de nos passarmos por normais para a população como um todo. Raspamos nossos pelos, usamos presas falsas e nos comportamos sem emoção, tudo meticulosamente. Não formamos sociedades secretas, mas construímos pequenas redes de famílias de três a cinco pessoas. É uma existência perigosa, mas não desprovida de alegria e prazer.

Como o quê?

Como os prazeres da vida em família, digo, continuando a mentir, e a liberdade que desfrutamos dentro de nossas casas enclausuradas depois que as persianas se fecham, após o nascer do sol. Comidas que amamos comer, músicas que amamos cantar, gargalhadas e sorrisos e (raramente, apenas quando necessário) o derramar de lágrimas. As tradições que mantemos, os livros e histórias antigos. E há também ocasionais encontros secretos com outras famílias epers em plena luz do dia, enquanto o resto da cidade dorme atrás de paredes escuras. E,

quando ficamos mais velhos, há a possibilidade de romance, a alegria de se apaixonar, e formamos nossas próprias famílias.

Por que você está aqui?

Fui contratado recentemente para integrar a equipe de pesquisadores do Instituto.

Entrou no lugar do Cientista?

Sim, estou no lugar do Cientista, ocupando a casa dele, dando continuidade à pesquisa dele. Ele era muito cuidadoso, extremamente esforçado; vou demorar meses até ler todo o material.

Então você sabe sobre ele.

É claro.

Que ele era eper.

Uma pausa. Sim, é claro.

Para onde ele foi? Ele desapareceu do nada.

O quê? O que você disse?

Para onde ele foi?

Posso tomar mais um pouco de água, por favor?

Para onde ele foi? Ele disse que ia nos tirar daqui. Ia nos levar para uma terra de leite e mel, frutas e sol. Um novo começo, uma nova origem.

Então vocês pensam em sair daqui?

É claro. Todos os dias. Passamos a vida toda aqui. Aprisionados pelo vidro, aprisionados pelo deserto, aprisionados por presas e garras. O Cientista dizia que ia nos tirar daqui. Mas nunca disse como nem para onde iríamos. Você sabe para onde?

Sei.

Para onde?

Aponto para as montanhas ao leste. Para lá. Além daquelas montanhas. Que é de onde viemos originalmente. Onde há milhares da nossa espécie. Uma terra de leite e mel, frutas e sol.

Como? É longe demais. Vamos morrer.

Eu assinto. De sede, de fome.

Mas eles balançam as cabeças. Não: seremos caçados e mortos antes de chegarmos à metade do caminho.

É claro. É claro.

Como vamos fugir?

Respondo sem olhar para eles. O Cientista. Ele vai tirar vocês daqui.

Sissy assente com empolgação. Foi o que ele disse. Que nos tiraria daqui. Que devíamos sempre confiar nele. Mesmo quando parecesse não haver mais esperanças; ele nos disse para nunca desistir, que viria nos buscar. E aí, um dia, ele desapareceu. Foi difícil para nós; quase desistimos de tentar. E agora, você. Você aparece do nada depois de tanto tempo. Você pode nos ajudar, certo?

Preciso de tempo, um pouco de tempo. O Cientista deixou uma montanha de papéis para eu ler.

Bem, isso temos de sobra. Tempo.

★ ★ ★

Acordo assustado. Leva um segundo até eu me dar conta de onde estou. Ainda no vilarejo eper, ainda em uma cabana. No chão, deitado, com a cabeça apoiada em um saco macio. O sol entra pelo teto-peneira, projetando uma colcha de retalhos de pontos iluminados em cima de mim.

Eles estão sentados em um semicírculo ao meu redor. Alguns deitados, quase dormindo.

— Ele acordou! — exclama Ben.

Fico de pé de um salto, o coração disparado. Nunca acordei no meio de outras pessoas. Em qualquer outro momento da minha vida, eu já estaria morto a essa altura. Mas eles me olham com ar de divertimento, inofensivos. Eu me sento, nervoso.

Sissy manda Jacob buscar mais água, David ver se o pão chegou pelo Umbilical e Ben pegar mais frutas e legumes. Os três saem. Só os dois mais velhos, Sissy e Epap, ficam comigo. Por algum motivo, duvido que isso seja acidental.

— Por quanto tempo dormi?

— Duas horas. Você estava falando e de repente caiu no sono — diz Sissy.

— Até roncou — conta Epap, com desdém.

A julgar pela posição do sol, deve ser aproximadamente meio-dia.

— É geralmente a essa hora que eu durmo. E os últimos dias foram muito intensos. Lamento ter apagado assim, mas é que estou exausto.

— Eu ia chutar você para ver se o acordava — diz Epap —, mas ela falou para o deixarmos dormir.

— Obrigado — murmuro, com minha voz rouca de tão seca. — E pelo travesseiro também.

— Pelo visto você estava precisando. Tome. — Ela me entrega uma garrafa d'água. — Parece que precisa de água também.

Agradeço com um movimento de cabeça. A água desce por minha garganta seca e áspera. Não tenho fundo: por mais que eu beba, nunca me sinto saciado.

— Obrigado — agradeço, devolvendo a garrafa.

Penduradas ao meu redor há pinturas coloridas de arco-íris e do mar mítico. À minha direita há uma estante cheia de livros velhos e algumas estátuas de argila.

— Como vocês aprenderam a ler? — pergunto.

Epap baixa o olhar.

— Com nossos pais — responde Sissy.

Olho para ela.

— Alguns de nós tivemos os pais aqui, embora a maioria tenha tido só pai ou mãe. Não somos irmãos, caso você esteja se perguntando, exceto Ben e eu. Somos meios-irmãos.

— Quantos pais eram?

— Oito. Eles nos ensinaram tudo. A ler e escrever, a pintar, a plantar. Também nos passaram histórias folclóricas e tradicionais, nos ensinaram a ficar fisicamente fortes, a correr longas distâncias, a nadar. Não queriam que ficássemos gordos e preguiçosos, só esperando a comida aparecer. Tínhamos uma coisa chamada "escola" todos os dias. Você sabe o que é uma "escola"?

Assinto.

— Nossos pais eram exigentes, nos faziam aprender rápido. Como se tivessem medo de o tempo ser curto. Como se acreditassem que um dia fossem sumir.

— E o que aconteceu com eles?

— Um dia, sumiram — diz Epap, suas palavras carregadas de raiva.

É a vez de Sissy falar, mais baixo:

— Faz uns dez anos. Eles receberam uns mapas indicando como chegar a uma fazenda cheia de frutas. Ficamos desconfiados, é claro, mas fazia semanas que não recebíamos frutas nem legumes. Estávamos cheios de feridas e bolhas nos lábios, na boca, e doía muito. Como precaução, nossos pais foram sozinhos. Saíram ao amanhecer. Nunca voltaram.

— Vocês cinco deviam ser bem pequenos na época — digo.

Ela faz uma pausa antes de responder:

— Ben tinha semanas de vida. Por pouco, não morreu. E não éramos só cinco. Éramos nove.

— E os outros quatro?

Ela balança a cabeça, os olhos baixos.

— Você precisa entender. Éramos só Epap e eu cuidando de todo mundo. Tínhamos uns sete anos. Quando o Cientista veio, nos ajudou muito. Não só com a comida extra que trazia escondido, os livros, os cobertores, remédios quando um de nós ficava doente: ele era o tipo de pessoa que eleva o moral da gente, contando ótimas histórias, nos encorajando. Por isso é que ficamos arrasados quando ele nunca mais apareceu. — Ela olha para mim. — E você está nos dizendo que ele vai de alguma forma nos levar para as montanhas do leste um dia? Para a terra onde há leite e mel, fruta e sol?

Assinto de novo.

— Você está mentindo — diz Epap. — Sobre o Cientista. E sobre a civilização eper além das montanhas. Não tem nada além daquelas montanhas.

— Não é mentira.

— Você e esse seu maldito descaramento. Pensa que pode se esconder atrás dessa máscara e nos enganar? Talvez os mais novos, mas não a nós. Eu não, com certeza.

— Conte-nos o que você sabe, Gene — pede Sissy, com delicadeza e sinceridade em seus olhos castanhos. É tão estranho ser chamado por esse nome. Com o reflexo do sol no chão, os olhos dela estão um tom mais claro do que eu lembrava. — Como você sabe sobre a civilização eper além das montanhas?

— O Cientista a menciona em alguns dos seus diários, que eu tenho lido. Ele escreveu algumas coisas. Tinha motivos para acreditar na existência de uma civilização inteira, só de gente da nossa espécie, além daquelas montanhas. Centenas, talvez milhares de nós.

As mentiras escorregam pela minha boca com a delicadeza da seda.

— Como ele conseguiu essa informação?

— Não sei. Mas parece que ele acreditava nisso.

— Mentiroso! — exclama Epap. — Se existem tantos da nossa espécie, por que nunca vimos nenhum deles? Por que não se aventuraram até aqui?

— Você faria isso? — pergunto. — Sabendo o que sabe, você viria até aqui, ao alcance deles?

Ele não responde.

— Faz sentido — diz Sissy. — Qualquer colônia eper além das montanhas estaria protegida das pessoas. Por mais rápidos que eles sejam, demoraria no mínimo dezoito horas só para chegar até lá. E aí já teria amanhecido. Não há cobertura alguma lá, a luz do sol os incineraria. A distância é a proteção perfeita.

— Não me diga que acredita nele — fala Epap, incrédulo. — Não sabemos nada sobre esse cara. Ele aparece do nada, com essa pose de sabe-tudo.

— Epap — diz ela baixinho, a mão no ombro dele. Ela não precisa dizer, ou fazer, mais nada. A irritação dele desaparece na mesma hora. — Sabemos muita coisa. Gene é de verdade, não dá para negar isso. Nós o vimos ao sol, comendo fruta, dormindo, agindo simplesmente como… bem, como nós. Você o viu ficar vermelho. Não tem como fingir esse tipo de coisa. Então ele é um de nós. E também sabemos, apesar da sua opinião pessoal sobre ele, que é um sobrevivente. Aprendeu a viver no meio deles. Durante anos. Ele é valioso para nós, é bom ter alguém assim do lado de fora.

— Mas como sabemos que ele está do nosso lado? Ele pode ser um de nós, mas isso não quer dizer que esteja *a favor* de nós! Concordo que ele é um sobrevivente. Mas ele está interessado na própria sobrevivência, não na nossa.

Em vez de discutir, Sissy olha para mim. Seus olhos transparecem cautela e desconfiança. Ela sabe. Que estou escondendo alguma coisa. Mas não sabe até que ponto. Senão, jamais diria o que diz em seguida:

— Acho que podemos confiar nele. Acho que tem algo bom dentro dele.

— Com licença que vou ali vomitar e já volto — diz Epap.

— Epap — repreende ela, com menos paciência agora —, Gene nos trouxe mais informações do que conseguimos reunir em anos. Em dois minutos ele nos contou o suficiente para toda uma vida. Isso quer dizer alguma coisa.

— Informações inúteis — diz Epap, com raiva. — Mesmo que essa história de colônia além das montanhas seja verdade, é inútil. Não temos como chegar lá, não chegaríamos nem perto. Para nós, seriam duas semanas de caminhada. Seríamos caçados e mortos em questão de horas. Mesmo que saíssemos assim que o Domo abrisse, ao amanhecer, tendo assim oito horas de vantagem, logo que escurecesse eles nos alcançariam em duas horas. Não, esse tipo de informação é pior do que inútil. É perigosa. Coloca ideias tolas na cabeça da gente, cria castelos no ar que alguns de nós poderíamos tentar transformar em realidade. Pense em David, em Jacob. Esses dois não nasceram para ficar presos. Querem sair desde que nasceram. Você acha que pode impedi-los se eles decidirem ir?

Enquanto Epap fala, Sissy faz uma coisa meio estranha com a boca. Não é nada que eu já tenha visto antes, e não consigo parar de olhar. Ela enfia os dentes de cima (sem presas, é tão estranho de ver) no carnudo lábio inferior, mordendo de leve, de forma que a pele no local fica esbranquiçada. Ela fica em silêncio por um tempo. E então, quando o som de passos se aproxima, diz:

— Pode me fazer um favor? Não vamos falar disso na frente dos outros de novo, tudo bem?

— Claro — respondo, e nisso entram David e Jacob, trazendo pães e frutas.

Como e bebo o quanto aguento, e a conversa agora fica mais leve, com os jovens epers

felizes em ver um novo rosto. Eles me contam sobre sua vida, sobre a rotina, as estações que passam, a relação de amor e ódio com o Domo: que ele acaba com a circulação de ar e, nas noites quentes de verão, prende o calor úmido dentro do vilarejo, mas que nos meses de inverno mantém o calor e os protege da chuva e da neve. Eles me contam que nessas noites de inverno eles gostam de ficar observando os flocos de neve caindo do céu noturno, derretendo e formando caminhos ao pousar no Domo. Que às vezes, quando está frio demais, eles fazem uma fogueira, mas que tem que ser pequena, para que a fumaça possa escapar pelos poros no alto do Domo. Nessas noites, reunidos em torno do fogo com a neve caindo inofensivamente ao redor deles lá fora, eles quase conseguem imaginar que a vida normal acontece dentro do Domo e que o enorme mundo exterior é que é decaído, disfuncional, temeroso.

⋆ ⋆ ⋆

Mais tarde nesse mesmo dia, eles me dão privacidade para o meu necessário banho. E mais: uma toalha, uma coisa chamada "sabonete" e a promessa de não ficarem espiando. Desta vez, quando tiro as roupas junto ao lago, me sinto mil vezes mais envergonhado sozinho do que ontem, quando tirei a cueca na frente de Sissy. Só de lembrar, estremeço de constrangimento.

Entro no lago e me lavo. O tal sabonete produz pequenas bolhas quando o esfrego no corpo. Não tem cheiro, mas elimina o odor corporal, dizem eles. Perfeito para as minhas necessidades. De vez em quando, lanço um olhar furtivo para a cabana onde todos estão. As portas e janelas, como eles prometeram, encontram-se fechadas. Apuro os ouvidos naquela direção, esperando captar alguma risada sarcástica. Mas está tudo silencioso.

Estou esfregando meu cabelo debaixo d'água quando escuto algo peculiar. A princípio, penso que é porque estou submerso, mas, quando ergo a cabeça, o som fica mais claro. Uma melodia de vozes saindo da cabana.

O som é estranho, mas bonito. Fico imóvel, fascinado, enquanto a água pinga do meu cabelo de volta no lago e provoca pequenos círculos concêntricos ao meu redor. Então saio, me secando ao mesmo tempo em que pego minhas roupas.

A princípio eles não reparam em mim. Olho pela porta, meu cabelo molhado pingando nas roupas que vesti de forma apressada. Eles estão sentados em círculo, Ben e Jacob quase de frente para mim, de olhos fechados, como se estivesse em transe. O gorjeio me lembra minha mãe, as vezes em que ela se sentava na beirada da minha cama e mexia no meu cabelo, o rosto quase impossível de se ver na escuridão da casa. É da voz dela que me lembro, mais do que do rosto, uma voz alegre e não afetada pela tristeza e pelo desespero que mais tarde deixariam a aparência de meu pai tão abatida.

Eu me afasto da entrada e me sento, fora do campo de visão deles, mas com a porta da frente entreaberta para eu poder ouvir. Recostado na parede áspera da cabana, deixo que suas vozes se derramem sobre mim junto com os raios do sol. Sou tomado por uma sensação suave e macia, como se o mundo tivesse virado manteiga.

A música termina e há uma rápida discussão sobre o que cantar em seguida. Pelo menos cinco sugestões (eles devem ter dezenas no repertório) são feitas rapidamente antes de

decidirem cantar uma música chamada "Lá no alto". Começa devagar. A princípio, é só a voz de Sissy, oscilando de acordo com a melodia.

Sob os seus pés o chão
zumbindo com o calor do sol
sozinho, o calor preso no seu coração
até que a noite cai como um lençol.

As outras vozes se juntam no refrão, harmonizando-se com perfeição. São muito afinados, e fica evidente que já cantaram essa música centenas de vezes antes. Isolados e aprisionados no Domo, eles não devem ter mais nada para fazer para passar os infindáveis dias; apenas cantar. O canto lhes dá aquilo de que mais precisam: a ilusão de esperança, transportando-os para outros lugares.

Lá no céu vou velejar
sobre os falcões no ar
e as nuvens a chorar.

A música, apesar de alguns versos sombrios, é inegavelmente fácil de decorar. No começo eu só formo as palavras com a boca, sem som. E então, quase de modo inconsciente, vejo-me forçando o ar pela laringe e emitindo sons. Mas não é fácil. Só solto grasnados.

E, então, eis que uma coisa acontece: é como se algo que estivesse bloqueando minha garganta fosse desalojado. Durante um verso, canto as notas certas. Por apenas alguns poucos momentos, fico completamente absorto no ritmo da música. Voo nela, como uma pipa lançada no ar, carregada pelo mais doce dos ventos.

A música termina, e risadas soam lá dentro. Eles saem segundos depois, Ben na frente de todos.

— Pensei que tivesse um cachorro asmático aqui fora, morrendo de falta de ar — brinca Jacob, com um olhar simpático.

— Cachorro nada — diz David, sorrindo. — Parecia mais um elefante.

— Parecia mais uma manada de elefantes — sugere Ben, tão animado que está pulando de um pé para o outro.

Estão todos rindo agora, o sol brincando em seus cabelos e iluminando seus olhos. O sol brilha nos braços deles, pequenas nuvens de poeira sobem ao redor dos seus pés e as vozes livres soam no dia claro.

— Vamos, é engraçado, você precisa admitir — diz Sissy para mim.

Ela olha para mim, seu rosto totalmente aberto e nu. Há um sorriso nos olhos dela, no nariz, na boca, nas bochechas, na testa, derramando-se de maneira tão contagiante na minha direção, até mesmo me ultrapassando, inundando o mundo tal qual o sol. Ela cai em uma gargalhada doce, fechando os olhos em puro prazer.

E de repente algo que eu pensava estar há muito tempo irremediavelmente perdido flui de dentro de mim. Uma gargalhada, gutural e rouca devido à falta de uso, vibrando por minhas cordas vocais contraídas. E meu rosto (não tem outro jeito de descrever isso) se abre como uma casca de ovo cozido rachada. Um sorriso parte meus lábios e se espalha pela minha face.

Sinto a máscara se desfazer, como pedaços de tinta seca se soltando de uma parede. Rio ainda mais alto.

— Que diabos foi isso? — pergunta Jacob. — Um gorila peidando pela boca?

E eles riem ainda mais alto. Momentos depois, o som da minha própria risada se junta às deles, um riso gutural e rouco, livre e instintivo.

⋆ ⋆ ⋆

Vou embora não porque quero, mas porque preciso. Não que o Domo vá se fechar em breve; depois do aperto que passei ontem, não vou mais me arriscar, e ainda tenho pelo menos mais quinze minutos de sobra. Tenho que voltar para dormir de verdade. No mínimo, pelas duas horas que ainda me restam. Tenho estado esgotado nas últimas noites, e hoje existe um perigo verdadeiro, não tanto de eu dormir durante o banquete, mas de cometer algum descuido na frente de todos os convidados e câmeras: um bocejo, uma testa franzida, uma tosse não contida. Não posso relaxar em um momento tão crucial. Só restam duas noites; depois, desde que eu consiga executar o plano da perna quebrada, estarei livre para voltar para casa.

Tendo comido e bebido, a caminhada de volta à biblioteca parece bem mais curta. O que antes era um exercício um tanto cansativo agora não passa de um trajeto curto. Mesmo com o peso de três garrafas cheias d'água, já estou na metade do caminho e…

Opa, o que é isso?

Ao longe um ponto se move. Bem na frente do Instituto. Não, não um ponto, mas uma mancha negra correndo. Vindo na minha direção.

Fico paralisado. Não tenho onde me esconder. Nem uma rocha atrás da qual me agachar, nem uma depressão no chão onde me enfiar. Só pode ser um animal perdido na Vastidão. Se bem que é raro ver vida selvagem por aqui; a maior parte dos animais aprendeu a não chegar perto demais.

Um cavalo, penso, *deve ser um cavalo que fugiu do estábulo.* E então me lembro do que o oficial me contou: não há cavalos no Instituto, por medo de os epers os usarem para fugir. Em raras ocasiões, como o banquete desta noite, quando os convidados chegam a cavalo ou em carruagens, ficam todos bem trancados no estábulo.

O borrão se aproxima, e então percebo o que é. Não é animal, não é cavalo. É uma pessoa.

Acho que não fui visto. Ainda não. Rapidamente me deito no chão, encostando o queixo na areia áspera do deserto.

É um dos caçadores, só pode ser, testando um dos equipamentos. A Capa de Sol ou o Protetor Solar. A julgar pelo capuz, devem estar experimentando a capa.

Então eu entendo o motivo.

Os epers. Ele está indo atrás dos epers, para tentar pegá-los antes que o Domo protetor suba. Agora é a melhor hora, a minutos do fechamento do Domo e com os raios solares menos potentes.

Nesse momento, uma porta no térreo do prédio do Instituto se abre. E uma coisa, alguém, grita como um cavalo de corrida desembestado. Move-se com uma rapidez louca, tão veloz que parece um borrão. Vai na direção do vilarejo eper. Ou na minha. Estou deitado no meio

do caminho.

A pessoa encapuzada alcançou sua velocidade máxima. Vejo os braços se movendo com força, as pernas batendo no chão. Mas a segunda figura é bem mais rápida. Já cobriu metade da distância que a separava da primeira pessoa. Em menos de dez segundos, os dois estão perto o bastante para que eu possa reconhecê-los.

A pessoa encapuzada é Julia Brasa, seu queixo arrebitado inconfundível sob o capuz. Tem alguma coisa estranha nela. Mas minha atenção é rapidamente desviada para a figura que quase já a alcançou: Barrigudo. A aparência dele é bizarra e assustadora. Está completamente besuntado com o Protetor Solar, o grosso creme amarelado espalhado pelo seu tronco como cobertura de bolo. Ele está completamente nu (será para ficar mais veloz?), exceto pelos óculos de proteção presos à cabeça.

Eu me ergo de um salto, largo as garrafas d'água e saio correndo. Não para a biblioteca, pois fica longe demais. Volto para o Domo. Vou fingir estar me juntando à Caçada, fazer com que pensem que estou correndo com o grupo. É a única forma de explicar minha presença aqui fora. É verdade que não tenho nem a Capa de Sol nem o Protetor Solar, mas espero que esse detalhe seja esquecido em meio à emoção.

Dá certo. Julia Brasa passa correndo por mim, ofegante. A capa não está funcionando, a luz do sol a está afetando. Segundos depois, Barrigudo passa correndo, exalando um cheiro fortíssimo da loção. Ninguém diz nada: somos adversários. É a sobrevivência do mais forte, não do mais simpático.

Nesse momento o sol surge de trás de uma nuvem. Raios de luz ardem na Vastidão, deixando a atmosfera enevoada. Mas para Julia Brasa e Barrigudo isso não é nenhuma névoa. É uma chuva de ácido concentrado. Julia Brasa cai de joelhos e se encolhe em uma pilha de roupas. Barrigudo vacila. À luz do crepúsculo, o creme no corpo dele brilha com uma estranha luminescência amarela, uma icterícia por esteroides radioativos. Mas ele segue em frente.

Eu vou atrás. Sinto outro cheiro, de pele queimada. O Protetor Solar é inútil; a luz afeta Barrigudo mesmo assim. Sua velocidade diminui, eu o estou alcançando, ele não vai conseguir. Olho para trás: Julia Brasa não passa de uma pilha de roupas caídas sob uma capa inútil.

Outra nuvem vem cobrir o sol. Na minha frente, Barrigudo se recupera. Julia Brasa fica para trás, uma trouxa de roupas descartadas, imóvel.

No vilarejo eper, nada se move. A essa distância, posso ver que todas as janelas e portas foram fechadas. Então Sissy aparece, prendendo rapidamente o cinto de adagas ao redor da cintura fina. Braços e mãos surgem de dentro da cabana, esticando-se na direção dela, tentando puxá-la de volta, mas ela se desvencilha, corre em nossa direção. Seu rosto é um misto de determinação e medo, as reluzentes adagas em sua mão pulsando tão rápido quando o martelar do coração dela.

Ao avistá-la, Barrigudo recupera suas forças. Ele ganha ainda mais velocidade e dispara na direção do vilarejo. Mesmo em seu estado debilitado, ele deve saber. Logo não vai poder recuar. Por enquanto ele ainda pode correr de volta para a segurança do Instituto, ainda que não ileso, mas pelo menos vivo. No entanto, se continuar na direção do vilarejo eper, não adiantará mudar de ideia.

Com uma determinação camicase, Barrigudo joga a cabeça para trás e emite um sibilar rosnado por entre presas. Está indo em direção aos epers. Aconteça o que acontecer, ele vai atacá-los. O sol não importa: ele vai entrar no vilarejo, derrubar portas e janelas, devorar os epers, afundar as presas na pele macia de seus pescoços mesmo enquanto seus globos oculares explodirem e o fluido vítreo escorrer pelo seu rosto, nariz e pescoço. Nada disso importará mesmo enquanto ele estiver sucumbindo aos raios, dissolvendo-se em uma poça de pus, desde que ele morra com um eper nos braços e com sangue de um deles na boca. Que morte! Nada de partir tranquilamente à noite.

Sissy também ganhou velocidade e agora corre veloz em nossa direção. Ninguém está tentando fugir de ninguém. Sem diminuir o passo, ela joga uma adaga à minha esquerda, um lançamento violento e baixo. A adaga cruza voando a planície, sua lâmina refletindo a luz do sol. Mais uma vez, a impressão é que ela errou feio, porém mais uma vez a adaga faz a volta em um arco amplo e vem em nossa direção como um bumerangue. Com a primeira adaga ainda no ar e sem deixar de correr em nossa direção, Sissy lança uma outra, desta vez à minha direita. Tento segui-la com o olhar, mas em poucos segundos já a perdi. E não só essa. Perdi a outra também. As duas desapareceram na planície. Consigo, contudo, ouvi-las: um zunido crescente de algo girando, aproximando-se de Barrigudo pelos dois lados.

Um segundo depois, as adagas voadoras colidem em pleno ar, à minha frente. Há um estalo metálico de lâmina contra lâmina, depois uma breve chuva de fagulhas. A mira de Sissy foi impressionante, pois as trajetórias de voo das duas formaram um círculo perfeito. Mas não foi o bastante. Ela errou a cabeça de Barrigudo, seu alvo; em vez de atingir as têmporas dele, as adagas se chocaram e caíram no chão uns três metros *atrás* de Barrigudo. Ela subestimou a velocidade, o desejo de seu inimigo.

Se Barrigudo repara, não sei, mas ele não diminui a velocidade. Pelo contrário: ganha ainda mais. Só que o sol está acabando com ele. Ele respira com dificuldade e, apesar do grande esforço, perdeu um pouco do ritmo. Estou quase o alcançando.

Ouço outro zunido. Sissy jogou outra adaga. Mas não sei em que direção está vindo, se da esquerda ou da direita. Em pânico, viro a cabeça de um lado para o outro, desesperado para vislumbrar um brilho de luz. Mas não consigo localizá-la, só ouvir o som, cada vez mais alto.

A adaga bate precisamente na coxa de Barrigudo. Sissy lançou essa como uma flecha. Mas o impacto, em vez de atrasá-lo, parece fortalecê-lo. Ele ganha velocidade e, apesar de mancar, segue pulando em direção ao vilarejo. Mais dez segundos e estará lá.

Mas Sissy não terminou. Ainda correndo em nossa direção, ela pega a última adaga e a segura pelo lado cego da lâmina. Em um movimento fluido, seu braço dispara da cintura, em diagonal pelo peito, a mão virada para baixo e o pulso se dobrando para cima com a virada rápida de um crupiê. É o perfeito lançamento dissimulado, um movimento baixo reverso que empurra a adaga com velocidade e precisão. Bem na nossa direção. Eu me abaixo.

Nem precisava. A faca atinge Barrigudo, na minha frente, perfurando-o bem no peito. Por causa do efeito destruidor do sol, seu corpo oferece pouca resistência; afunda em seu corpo como uma colher na sopa. Por uma fração de segundo, ele diminui a velocidade; mas então solta um grito agudo de perfurar os tímpanos e corre na direção de Sissy com vigor renovado, a adaga perdida em algum lugar dentro dele.

Uma auréola bruxuleante se forma de repente no chão em torno do vilarejo. O Domo. Está subindo. Mas é tarde demais. Barrigudo vai saltar a parede de vidro facilmente. E, quando estiver lá dentro, ele vai para cima dos epers, desimpedido. O Domo vai se tornar um globo ensolarado de morte, uma prisão de violência para os epers em seu interior e, logo depois, também para ele. Mas ele já não se importa.

Barrigudo de repente diminui o passo e dá um grito gorgolejante e intumescido. O sol o está afetando. A distância entre nós diminui. Quando ele está se preparando para saltar a parede que sobe, pulo em cima dele, dando-lhe uma rasteira. Minha pele fica toda grudenta. Ele desaba na terra de qualquer jeito.

Quando ele me olha, vejo como seu rosto está horrendo. Das feridas abertas na pele, escorre pus, emulsões amarelas leitosas que coagulam com a loção cremosa do Protetor Solar. Seu lábio superior, derretido e descolado em um dos lados, está pendurado, batendo na bochecha, de forma que os dentes de cima estão expostos, como um rosnado perpétuo. Ele não perde tempo comigo. A seu ver, não passo de um concorrente, outro caçador querendo vencer e comer os epers primeiro. Ele me dá um safanão com as costas da mão, lançando-me para trás, e logo está novamente de pé, correndo para o Domo que se fecha.

Estou caído no chão, tonto, sem conseguir me levantar.

Ele está muito mais lento. O sol agora derrete não só sua carne, como também os músculos. As pernas já viraram sacos de pus, os músculos da panturrilha e da coxa rapidamente se desintegrando. Com um grito, ele pula ao encontro da parede de vidro quase totalmente fechada.

Não chega nem perto. Seu corpo bate no vidro, mal alcança metade da altura em que está a parede. Quando ele desliza até o chão, sua pele gruda no vidro como queijo de pizza. Amarela, grudenta, grossa. Ele se levanta, delirante de desejo diante de Sissy, delirante de angústia diante do inalcançável.

— Sinto seu cheiro! — sibila ele, recuando alguns passos para logo saltar de novo.

Mas ele desliza mais uma vez. Então gruda as palmas das mãos no vidro e começa a escalar. A pele grudenta e derretida lhe dá um apoio inesperado, e ele está rastejando para cima com uma eficiência surpreendente.

Ele vai conseguir. A abertura no alto do Domo se fecha muito devagar. Quando ele entrar, não vai ter muito tempo até que o sol o desintegre completamente. Mas ali, vendo e cheirando e sentindo a proximidade dos epers, a renovada adrenalina vai permitir que ele pegue ao menos dois, se não todos.

Sissy vê o que está acontecendo. Grita ordens para os outros, que correm para as cabanas. Ela se vira, tentando encontrar uma arma. Mas não há nenhuma, embora nada possa ajudá-la a essa altura. Mas seus ombros não cedem; seus braços ficam rígidos, preparando-se para a luta que ela sabe que está próxima. Exceto pelos olhos: mesmo de onde estou, caído no chão, consigo ver o medo dominá-los. Os olhos dela encontram os meus. Por um momento, pelo vidro do Domo, nos encaramos. Eu me lembro da primeira vez que a vi, pelo vidro da tela na mesa da escola. É o mesmo olhar. Desafiador, mas amedrontado.

Ben sai correndo de uma cabana, com lágrimas nos olhos e um machado na mão. Sissy pega o machado e o manda voltar para dentro. Ele fica onde está, de punhos cerrados.

Barrigudo está na metade da parede de vidro. Ele vai conseguir, pois o Domo…

Não há tempo para pensar ou refletir. Apenas reajo. Levanto-me de um pulo e corro para o Domo em poucos segundos. Só há um jeito de alcançá-lo. Coloco as mãos e os pés nos pontos grudentos de pele que ele deixou. Degraus de escada com a textura de queijo derretido. Subo desajeitado, usando a gosma como apoio.

Lá em cima, quase na abertura circular, ele escorrega alguns metros. Então se recupera e recomeça a subida. É minha última chance. Dou um pulo e estico o braço direito o máximo que consigo. Minha mão agarra a canela dele. Aperto seu tornozelo. Puxo-o para baixo alguns metros. E então meus dedos *entram* no tornozelo dele, como se apertando um tablete de manteiga em temperatura ambiente. Em seguida, deslizo vidro abaixo, produzindo um ruído agudo que me acompanha o caminho todo.

Não foi o bastante para puxá-lo para baixo, mas ele está mais lento. Um pouco. Ele tem dificuldade para subir. Solta um grito cheio de loucura e desespero; a abertura no topo, cada vez menor, agora tem o diâmetro de um bueiro de rua. Ele coloca uma perna lá dentro, está prestes a lançar o corpo pelo buraco, quando…

Ele não passa. Tenta se espremer pela abertura, torce o corpo, tentando girar para conseguir entrar, mas não adianta. Ele é grande demais. E o buraco se fecha rapidamente como um torno eficiente, prendendo-o. Não há para onde ir. Ele fica sentado no alto do Domo, uma perna pendurada para dentro, banhado pela luz do sol.

O Domo então se fecha por completo, cortando a perna esponjosa, que cai lá dentro e lança um chafariz de esguichos amarelos ao explodir no chão. Os gritos dele são horríveis, e só param depois que suas cordas vocais se desintegram em um líquido viscoso. E então ele finalmente se vai. De Barrigudo, sobram apenas rios de líquido amarelo descendo pelo Domo de todos os lados, como um ovo jogado em uma cabeça careca.

Eu me levanto. Preciso ir embora. Saio correndo com as pernas bambas e caio de repente de joelhos. Meu corpo se dobra como se em penitência. Minhas entranhas se contraem, me fazendo botar para fora toda a comida e a água que ingeri no vilarejo eper. Fico de pé, ainda com ânsias de vômito mas já sem nada no estômago. Meus pés seguem em ziguezague, um esbarrando no outro, cambaleantes. Um último olhar para o Domo: Sissy está correndo para uma cabana com um braço nas costas de Ben.

Minutos depois, a caminho da biblioteca, estou melhor. Pego as garrafas d'água que larguei antes, lavo a gosma grudenta das mãos. Jogo água no rosto.

Ao fechar a garrafa, vejo a pilha de roupas onde Julia Brasa caiu. Foi uma burrice ela sair tão cedo. O equipamento protetor é projetado para o fim do crepúsculo, não para agora, com o sol ainda a duas horas de se pôr. Eu me lembro do que o oficial me contou dias atrás, que a visão e o cheiro dos epers fizeram alguns funcionários correrem para o Domo no meio do dia. Achei difícil de acreditar quando ouvi isso, mas não acho mais.

Estranho, penso, olhando para o amontoado de roupas. Tudo que vejo no chão é a Capa de Sol. Nenhum sinal das outras roupas dela: sapatos, meias, calça. Só a capa. Será que ela estava nua por baixo, assim como Barrigudo? Sigo até lá e chuto a capa, esperando encontrá-la molhada e grudenta de fluido amarelo e pele derretida. Mas não há nada. Nenhum sinal de gosma amarela. E então eu me dou conta.

Ela está na biblioteca. De alguma forma, conseguiu escapar lá para dentro a tempo.

Mas, quando me viro em direção à biblioteca, vejo uma coisa que…

Meu queixo cai. Meus olhos se arregalam.

O exterior da biblioteca está banhado no sol poente, transformando as paredes, as janelas e o caminho de tijolos em um mar de roxo e laranja. E de pé, no meio de toda essa cor, está Julia Brasa. A cor irradia de sua pele pálida, se mistura ao laranja do seu cabelo, ao verde dos seus olhos. Sua boca está entreaberta, perfeita e inteira. E ela não está gritando, não está se desintegrando.

Olhamos um para o outro, mudos, meus olhos esbugalhados, cheios de impotência.

Ela enfia a mão na boca, inclina um pouco a cabeça para trás e puxa algo.

Um par de presas falsas.

Estende-as em minha direção como uma oferta de paz.

⋆ ⋆ ⋆

A primeira coisa que ela pede quando entramos é água.

— É claro — digo, lembrando-me de como estava desidratado dois dias atrás. — Você ficou esse tempo todo sem água?

Como resposta, ela bebe uma garrafa inteira.

— Foi por isso que desabei lá fora — explica ela, de olho na minha outra garrafa.

— Quer mais?

— Quero, mas não para beber. — Ela pega a garrafa. — Caso você não tenha reparado, coisa que os outros fizeram, estou começando a feder. Muito.

— Você devia se lavar aqui dentro. O sol vai queimar você, sua pele é muito clara.

Ela me lança um olhar como se dissesse: *É mesmo? Não sobrevivi dezessete anos por sorte, amigo.*

— Nos fundos — apresso-me em dizer. — Tem um lugar com ralo no chão.

Ela passa pela recepção e desaparece. E me deixa ali com meus pensamentos confusos, perplexos, curiosos.

⋆ ⋆ ⋆

Quando ela volta, dez minutos depois, não saí do lugar. Seu cabelo está molhado, o rosto limpo. Ela está mais pálida e parece cansada, mas os olhos estão mais vivos.

— Espero que não se importe — diz ela timidamente.

— O quê?

— Eu disse que espero que você não se importe. Tive que vestir as suas roupas. As minhas estão… fedidas.

— Não tem problema — digo, baixando o olhar. — Tudo que eles me deram é meio pequeno mesmo. Nunca usei essa roupa, fica para você.

Estamos de pé meio de lado, olhando para tudo menos um para o outro.

— Sinto muito por ter usado duas garrafas d’água.

— Não tem problema. Ainda temos meia garrafa.

Assim que digo *temos*, é como se alguma coisa se partisse dentro dela. Ela vira a cabeça para mim; quando olho nos seus olhos, vejo que estão molhados. Ela então os fecha e, quando volta a abri-los, estão secos. Ela é boa, é experiente; assim como eu.

— Você mora sozinha? — pergunto.

Ela faz uma pausa.

— Sim — responde baixinho, com tristeza. — Praticamente desde que me entendo por gente.

⋆ ⋆ ⋆

A história dela, que ouço depois de nos sentarmos, não é muito diferente da minha.

Ela se lembra de uma família: pais, um irmão mais velho. Conversas alegres em casa, risadas, a sensação de segurança depois que as persianas se fechavam no amanhecer e o mundo ficava trancado lá fora, refeições ao redor de uma mesa, corpos quentes dormindo ao redor dela. E ela se lembra daquele dia. Estava de cama com febre e ficou em casa enquanto os pais e o irmão saíram em busca de frutas. Fazia apenas dez minutos que amanhecera. Ela nunca mais os viu.

Um dia com a família, no outro, sozinha. A solidão foi sua companhia constante, uma presença irritante e fria, como meias úmidas no pé em um dia de inverno.

Isso foi há dez anos. Ela só tinha sete anos. No começo foi muito difícil. Viver. Não se passava uma hora em que ela não pensasse em se entregar na escola. Seria tão fácil. Sucumbir. Ficar de pé no meio do campo de futebol durante o recreio, furar o dedo, deixar uma gota de sangue pingar. Ver todos irem voando para cima dela. O fim seria brutal, mas rápido. Por meio da morte, escapar daquela solidão insuportável.

Mas seus pais lhe haviam ensinado duas coisas. Incutiram em sua mente. A primeira foi como sobreviver: não só o básico, mas também as nuances, os detalhes, todas as situações concebíveis em que ela poderia vir a se encontrar. A segunda foi a vida, sua importância, sua preciosidade, o dever de perseverar e nunca deixar que terminasse de forma prematura. Ela odiava aquela doutrinação clínica: quando sumiram, ela já tinha se tornado, involuntariamente, uma especialista em sobrevivência.

A beleza era uma maldição, principalmente quando ela (e os colegas) chegou à puberdade. A atenção, algo que seus pais lhe diziam repetidamente para evitar, lhe era dirigida com a força de uma enorme onda de testosterona. Garotos lhe mandavam cartinhas de amor, olhavam para ela, conversavam com ela de forma constrangida, jogavam bolinhas de papel nela, entravam nos mesmos clubes que ela. As garotas, ao se darem conta das vantagens sociais de serem suas amigas, viviam querendo se aproximar. Por mais que tentasse disfarçar sua beleza, nada adiantava. Cabelo desgrenhado, cortado por ela mesma; uma personalidade áspera e ácida; indiferença; fingir desinteresse pelos garotos; até mesmo pura grosseria. Mas nada disso ajudou. Ela continuava recebendo atenção.

Um dia, ela reparou que estava tudo errado. Sua defesa estava muito… defensiva. Não combinava com ela, e esse tipo de falsa vida defensiva acabaria sendo sua ruína. Ela viu isso. E

decidiu que a melhor defesa era o ataque.

Em vez de disfarçar a beleza, resolveu usá-la. Desistiu do papel de menina humilde e burra e passou a exalar confiança e segurança. Era fácil fingir isso, principalmente porque não parecia fingimento. Mais do que tudo, essa nova atitude lhe deu poder. Ela estava no controle do jogo e, e em vez de ser empurrada pelos cavalos e bispos e rainhas ao redor, transformava todos em peões. Deixou o cabelo crescer e fez um corte que combinava com o corpo esguio. Retribuía os olhares dos garotos, segurava as facas sociais que seriam enfiadas em suas costas e as usava para cortar fora as concorrentes. Só deixava de ser implacável com os que confiavam nela.

Até que ficou claro que era preciso arrumar um namorado. Enquanto fosse descomprometida, os garotos continuariam atrás dela como vermes magnéticos. E haveria perguntas demais a seu respeito se ela não arrumasse um.

Assim, ela escolheu o *quarterback* do time da escola, um aluno do último ano antipático e surpreendentemente inseguro que agia com indiferença quando estava com ela em público mas que em particular fervia como lava. Matá-lo acabou sendo mais fácil do que ela pensava. No aniversário de um mês de namoro (adolescentes podem ser tão tapados), ela sugeriu um piquenique em um local isolado, a horas de distância dos limites da cidade. Ele ficou doido com a ideia. Eles levaram vinho e cobertores. Quando chegaram lá, ele bebeu muito (ela não parou de encher o copo dele), até apagar. Ela o amarrou em uma árvore, que, por ser final de outono, estava sem folhas e não ofereceria proteção quando o sol nascesse. Deixou-o ali desmaiado e voltou a pé para casa.

Nunca mais voltou a vê-lo. Quando foi até a árvore, no dia seguinte, só havia uma pilha de roupas pendurada na corda frouxa, um pouco corroída pela pele derretida, que é tóxica. Ela pegou as roupas e a corda e queimou.

Assim como acontece com a maior parte dos "desaparecimentos", o assunto virou tabu e só era debatido em sussurros apressados. Uma rápida busca foi feita, encerrada após apenas doze horas; a questão foi arquivada como DES (desaparecimento por exposição ao sol). Ela fingiu ficar arrasada com a tragédia, de coração partido pela perda de sua "alma gêmea". No velório, confessou devoção e amor eternos e prometeu que sua alma ficaria eternamente ligada à dele.

Isso lhe deu exatamente o que ela queria. Os garotos a deixaram em paz; as meninas se solidarizaram pela perda trágica e sua popularidade aumentou ainda mais. Ninguém questionou sua vida amorosa estagnada, mesmo com as outras Desejáveis se envolvendo com garotos nas festas. Ela era a figura trágica, precisava de tempo e de espaço. Daqui a alguns anos ela se recupera, pensavam as amigas.

Ela continuou a investir na aparência. Entrou para a SBH (Sociedade de Busca dos Epers), um grupo que se baseava na teoria de que ainda havia epers soltos por aí, infiltrados na sociedade. Os membros do SBH queriam encontrar esses epers.

— Por que se colocar no meio das pessoas com mais probabilidade de sentirem seu cheiro? — pergunto.

Porque, responde Julia Brasa, o SBH era o único lugar onde ninguém desconfiaria dela. Pertencer a esse clube era estar no olho da tempestade, onde nem a desconfiança nem a acusação lhe seriam dirigidas. E havia um benefício adicional: ela seria a primeira a saber

sobre outro possível eper. Seu plano era simples: primeiro confirmar que aquela pessoa era um eper, depois acabar com a desconfiança destruindo seus fundamentos.

— E depois, o quê?

Ela se vira para olhar para mim, fazendo menção de dizer algo e desistindo.

— Estabelecer contato — responde ela por fim.

Julia Brasa está sentada na ponta do sofá, uma perna dobrada debaixo do corpo, parcialmente virada para mim.

— Você é boa — digo. — Nunca desconfiei. Nem por um segundo.

— Já você, nem tanto.

— O quê?

— Você escorregou algumas vezes. Vi emoções surgirem no seu rosto. E você dormiu na aula. É verdade que foi só por uma fração de segundo, mas aquele ligeiro bater de cabeça foi inconfundível. — Seus olhos se acendem quando ela se lembra de uma coisa. — Eu salvei a sua pele mais de uma vez. Na aula de trigonometria, por exemplo, alguns dias atrás, quando você não estava conseguindo ler o quadro. E ontem mesmo, aqui na biblioteca com o Diretor. Suas mãos começaram a tremer.

— Eu me lembro disso. — Uma coisa me ocorre. — Por que você não se aproximou de mim? Na escola. E aqui. Por que não se aproximou quando me descobriu? Só para me dizer que sabia o que eu era.

— Porque podia ser um truque. Você podia estar tentando fazer outros epers se aproximarem de você. Era uma possibilidade real. Então eu continuei observando. Até fui xeretar a sua casa por fora, durante o dia.

— Então *tinha* alguém do lado de fora!

Os ombros dela pendem para a frente.

— Você devia ter saído. Era o que eu queria que acontecesse. Fiquei esperando, torcendo para você abrir a porta, para sair ao sol. Para me ver, ali de pé no sol junto com você. Sem mistério, tudo às claras, simples assim. — Ela faz uma pausa. — Imagine só como as coisas teriam sido diferentes. Se isso tivesse acontecido aquele dia, e não agora.

Pego a garrafa aos meus pés, abro a tampa e a entrego a ela. Ela assente em agradecimento. Observo suas feições quando ela vira a garrafa em direção ao rosto, o lábio superior pressionado na abertura enquanto a boca se abre lentamente. A água desce pelo gargalo; algumas gotas escorrem pelo seu pescoço até a clavícula.

— Bem — diz ela, tampando a garrafa —, aqui estamos.

Mexo as pernas debaixo do corpo, me ajeitando.

— Você tem um plano — digo. — Eu a vi tramando alguma coisa no Centro de Controle, xeretando, fazendo perguntas.

— Eu *tinha* um plano — diz ela, com uma leve frustração. — Não ia dar certo, eu logo percebi.

— Qual era?

— Eu sabia que não podia deixar a Caçada acontecer. Eles iam me descobrir muito fácil. Não tem como eu acompanhar o ritmo, a corrida. E, mesmo que eu conseguisse, ficaria sem fôlego e suada quando chegássemos aos epers. E, mesmo que eu não estivesse toda ofegante e

suada, coisa que eu certamente estaria, não teria como eu comer os epers. Matar, sim, eu poderia fazer isso, mas comer? De jeito nenhum.

Verdade. É exatamente como vejo as coisas.

Ela prossegue:

— Então, pensei: e se eu pudesse de alguma forma sabotar a Caçada toda? E se eu pudesse baixar as paredes do Domo à noite? Os epers estariam expostos e prontos para ser pegos. Todo mundo voaria lá para fora, caçadores e funcionários, em segundos. Seria só isso, de uma tacada só, e não haveria mais Caçada.

— Só que…?

— Só que não tem como baixar as paredes do Domo. Não tem um botão, uma alavanca, ou mesmo uma combinação de botões. É tudo automatizado por sensores de luz do sol. — A voz dela, que vinha em um crescendo, para de repente. E ela completa, mais baixo: — Então isso me levou ao plano B. Foi o que aconteceu hoje. Só que, no final das contas, o plano B falhou.

— Você usou o equipamento de proteção solar — digo baixinho, finalmente entendendo por que ela e Barrigudo correram para fora. — Você o usou para convencê-lo. De que, com o equipamento, ele poderia chegar ao vilarejo eper mesmo durante o dia. Onde teria todos só para si.

Ela assente.

— Foi o que falei para ele. Era o que eu esperava que acontecesse. Eu sabia que o equipamento não funcionaria por muito tempo, não no sol da tarde. Mas, se ele chegasse na metade do caminho, o suficiente para ver e sentir o cheiro dos epers, não importaria mais. O desejo dele por carne de eper faria com que perdesse o controle e ele escolheria sentir o gosto de eper na boca, mesmo que isso significasse morrer ao sol.

— Você acertou. Foi o que aconteceu. Ele perdeu completamente a cabeça.

— No início ele não queria acreditar em mim. Mas aí eu falei que não ligava se ele acreditava ou não, que *eu* ia sair para pegar os epers só para mim, que ele podia ficar lá dentro e comer restos de sangue pasteurizado e carnes processadas. Ele me viu correndo para fora com a capa, viu que o equipamento parecia estar mesmo funcionando, então saiu também.

— Quase funcionou — digo baixinho.

— Até onde ele chegou?

— Você não viu?

Ela balança a cabeça em negativa.

— Eu desmaiei, apaguei completamente. Quando acordei, você já estava voltando, o Domo já tinha fechado. Quer dizer, que ele não conseguiu chegar, isso eu vi.

Fico feliz que ela não tenha visto, pois estaria me perguntando por que tentei impedi-lo. E eu não saberia responder. Porque nem eu sei.

— Você tem um plano C? — pergunto.

Ela coça o pulso.

— Que tal eu contar depois de você me contar o *seu* plano A?

Faço uma pausa.

— Quebrar a perna.

— Como?

— Horas antes de começar a Caçada, cair da escada.
— De verdade?
— É.
— Que plano ruim! Tem tantas falhas nele que eu não sei nem por onde começar.
— O que, por exemplo?
— Bem, para começar, quebrar a perna sem derramar sangue é possível, talvez, mas eu não iria querer correr o risco. E isso só para começar.
Não digo nada.
— Algum outro plano?
— Bem, acabei de pensar em outro. Temos FLUNs agora. Podemos acabar com os outros caçadores.
Ela olha para mim com incredulidade.
— O que foi? — pergunto.
— Você não pode estar falando sério.
— Por quê? Qual é o problema com esse plano?
— Vejamos: dez segundos depois do início da corrida, eles já estarão longe. Vamos ficar para trás. Com centenas de espectadores assistindo a tudo, se perguntando por que somos tão lentos. Mal teremos saído pelos portões e seremos destroçados.
Levanto a mão, mas paro no meio do caminho. Bem lentamente, deixo-a cair.
— Quer que eu continue? — pergunta ela, com um sorrisinho simpático e debochado no rosto.
— Não, tudo bem…
— Meu plano C, então. Também só pensei nele faz pouco tempo — um brilho de humor nos olhos dela —, então vamos ter que corrigir as falhas. Mas lembra quando o Diretor estava nos contando sobre como seria o início da Caçada? Que uma hora antes do anoitecer o prédio seria trancado para impedir caçadores invasores? Pois então, isso me deu uma ideia. E se de alguma forma a gente conseguisse desativar o sistema de confinamento? Com todas as centenas de convidados já aqui para o banquete, vai…
— Vai haver uma disparada caótica — digo, assentindo. — Desativamos o sistema de confinamento e de repente todo mundo sai em disparada do prédio para caçar os epers. Vai haver um pandemônio quando todos os convidados e funcionários correrem para a Vastidão. Ninguém vai nem reparar na nossa ausência.
— E duas horas depois, com todos os epers mortos, a Caçada vai ter terminado. Nós dois teremos sobrevivido. Nós — sussurra ela.
Seus olhos encontram os meus. Alguma coisa se agita dentro de mim.
Fico olhando para ela enquanto assinto devagar. Mas então paro e balanço negativamente.
— Tem um problema.
— Qual?
— Não sabemos como desativar o confinamento.
Os olhos dela brilham.
— Sabemos sim. E é fácil. Ao menos para nós. Aquela noite, quando estávamos visitando o Centro de Controle, eu dei uma xeretada. Um cara começou a me contar sobre como

funciona. Acredita que é um simples botão? Apertando esse botão, o trancamento é ativado para uma hora antes do anoitecer; para desativar, é só apertar de novo.

— Não é possível. Não pode ser tão simples. Por segurança, eles teriam que…

— Eles já têm um sistema seguro. O sol. Eles nem fecham as janelas do Centro de Controle durante o dia, lembra? Para manter as pessoas longe. Isso significa que a única hora em que se pode cancelar a ativação, antes do anoitecer, é quando tem luz do sol em toda parte. Ninguém pode chegar lá. *Eles* não podem chegar lá. É mais eficiente do que se aquele botão fosse cercado de raios laser e um fosso de ácido. É genial.

— Assim como o nosso plano.

— Meu plano — acrescenta ela rapidamente, um sorriso se insinuando em seus lábios.

— Pode mesmo dar certo. — Estranhamente, a empolgação se infiltra em meu tom de voz. — Pode dar certo de verdade.

Queimamos nossos neurônios tentando descobrir pontos fracos no plano. Pelo nosso silêncio, sei que não conseguimos encontrar nenhum.

— Preciso me lavar. E me barbear.

A sensação da água no meu rosto é muito boa. Esfrego o pescoço e as axilas e a água acaba. Pego a lâmina e passo de leve no rosto. Minhas unhas estão lascadas em algumas partes, mas não é nada preocupante. Só mais algumas noites e eu vou voltar para casa. Esse é o plano, pelo menos.

Quando volto, vejo que ela já foi embora. Olho para o relógio. Acabou de dar seis horas, temos mais dez minutos de luz do dia.

Mas não, ela não foi embora. Está na seção de referências, que é onde entra o raio de sol. Está segurando um livro no ar com as costas para mim. O raio bate bem no peito dela.

— Então você encontrou o fiapo de luz.

Ela se vira, e a visão do seu rosto rodeado por um halo de luz me faz parar. Há um sorriso delicado em seu rosto, uma ousada demonstração de emoção. Sinto muros entre nós despencando, tijolos de terra e pedaços de cimento caindo no chão, como a sensação do ar fresco e da luz do sol sobre uma pele pálida e carente de sol.

— Oi.

A voz dela é hesitante mas simpática, como braços tímidos estendidos, esperançosos mas incertos, pedindo um abraço.

Olhamos um para o outro. Tento não encarar, mas meus olhos insistem em voltar para ela.

— Você encontrou o raio de luz.

— É difícil não ver. Mas o que é isso?

— Você nem imagina. Tem muito mais por trás disso. — Vou até ela. — Na hora certa do dia, o raio bate naquela parede de trás — passo por ela — e se reflete nesse espelhinho, o que gera um segundo raio que vai até outro espelho bem ali. Então bate neste ponto bem aqui, nesta prateleira, bem neste diário…

Mas o diário sumiu.

— Ah, está falando disso aqui? — pergunta ela, erguendo-o nas mãos.

— Como você…?

— Era o único livro que não estava na prateleira, mas em cima da mesa. Está aqui faz um

tempo, desde que o Diretor se reuniu com a gente aqui na biblioteca. Então eu somei dois mais dois. Você deve ter esquecido de guardar.

— Você deu uma olhada nele? O tal Cientista escreveu um monte de coisas aí. Coisas bem estranhas. — Olho para ela. — Ele era como nós, sabe?

— Como assim?

— Você sabe.

Baixo os olhos.

— Ah — diz ela, baixinho. — Não acredito.

Faço que sim com a cabeça.

— Mas ele era muito estranho. Deve ter passado meses escrevendo esse relato e copiando trechos. Tudo, de livros teóricos a tratados científicos e antigos textos religiosos. E tem uma folha em branco que é muito estranha…

— Você está falando desta — diz ela, e abre o livro na página em branco. E, antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela prossegue: — A folha que revela um mapa quando você a ergue contra o raio de sol?

Faço uma pausa. *Um mapa?*

— Exatamente — digo baixinho. — Era exatamente dessa folha que eu estava falando.

Ela olha para mim, um sorriso se abrindo em seu rosto.

— Mentiroso. Você não fazia *ideia* do mapa.

— Ok, você tem razão. — O sorriso dela se alarga. — Eu não sabia sobre o mapa. Mas me deixe dar uma olhada. Levante a folha na luz. O sol está se pondo, não temos muito tempo.

E, de fato, quando ela levanta a folha até o raio de sol, um mapa surge no papel. E mais: não apenas o contorno de um mapa, mas também uma tapeçaria de cores vivas se espalha na folha como uma pintura.

— Você devia ter visto esse mapa cinco minutos atrás, quando o sol estava mais forte. As cores saltavam da folha, chegavam a queimar os olhos.

A imagem retratada no mapa é detalhada e abrangente. No canto inferior esquerdo, vejo o prédio cinza do Instituto Eper. Bem ao lado fica o Domo, desproporcionalmente grande e cintilante. O restante do mapa mostra as áreas do norte e do leste, o marrom tedioso da Vastidão que vira verde exuberante nas montanhas do leste. O mais curioso de tudo é um rio grande que corre do sul para o norte, pintado de um tom profundo de azul-turquesa. Sigo com o dedo o curso do rio no desenho.

— O rio Nede — diz Julia Brasa.

— Pensei que fosse um mito.

— Não de acordo com este mapa.

Paro o dedo.

— Epa, o que é isso?

No ponto em que o rio Nede faz uma leve curva na direção das montanhas ao leste, há o desenho de um barco marrom parecido com uma jangada. Está ancorado ao lado de um pequeno píer. Também reparo em uma seta grossa: seu desenho começa no barco e segue pelo rio, apontando para as montanhas.

— Pois é, também fiquei confusa quando vi isso. É como se quisesse dizer que o barco deve

seguir pelo rio Nede. Em direção às montanhas ao leste.

— Não faz sentido. Rios nascem nas montanhas, não deságuam nelas.

— Será — a voz dela ganha ânimo — que era a rota de fuga dele? Do Cientista? — Ela percebe minha confusão. — Todo mundo diz que ele morreu por exposição ao sol. Mas se ele era mesmo eper, como você diz, tem que haver outra explicação para o desaparecimento dele. Talvez tenha fugido. De barco. Nesse barco.

É possível, penso. Mas então balanço a cabeça.

— Por que ele deixaria um registro da rota de fuga que pretendia usar? Não faz sentido.

— Verdade. Mas uma coisa é certa.

— O quê?

— Esse mapa foi feito só para os olhos de epers. Ninguém mais conseguiria ver isso, nem acidentalmente. Quer dizer, se é que só é possível enxergá-lo na luz do sol.

Aproximo o rosto do mapa para observá-lo com mais atenção. De perto, a quantidade de detalhes é ainda mais impressionante. A fauna e a flora se revelam com minúcia surpreendente.

— O que será que isso tudo significa? — pergunto.

— Não sei.

— Mas nós vamos descobrir.

Ela fica em silêncio e, quando levanto o rosto, seus olhos estão marejados. Ela está sorrindo.

— Eu gosto — diz ela — quando você diz *nós*.

Meus olhos se prendem às covinhas do sorriso dela. Quero tocar sua boca, traçar essas pequenas linhas com as pontas dos dedos. Olho nos olhos dela e sorrio em resposta.

Ela observa meu rosto como se fosse a página de um livro, tal qual uma criança aprendendo a ler, enunciando na mente as sílabas de emoção que vê em mim.

Não sei bem o que fazer ou dizer em seguida; a incerteza toma conta do momento. Assim, desvio o olhar e finjo observar o mapa.

— Para onde você acha que vão mandar os epers?

— Pode ser qualquer lugar. Não faz muita diferença, eles poderiam simplesmente colocar um X em qualquer ponto do mapa que ficasse a oito horas de distância daqui. Meu palpite é que não vai ser para o oeste. Não iriam querer os epers chegando perto demais do Palácio. Dependendo do vento, o cheiro deles poderia chegar aos oficiais do Soberano, que poderiam sabotar a Caçada. Eles não iriam querer correr esse risco.

Ela não diz nada por um bom tempo. Quando levanto o olhar, está esfregando os braços nus.

— Aquela noite — diz ela, baixinho. — Quando o Diretor estava aqui. Você se lembra do que ele falou sobre os criadouros de epers do Palácio? — Ela balança a cabeça. — Ele estava só brincando, certo? Essa história toda de fazendas de criação, centenas de epers… Era só a imaginação doentia dele, não era?

— Não sei. Talvez. Não consegui identificar.

Ela continua esfregando os braços.

— É tão apavorante pensar nisso. Estou com os pelos dos braços todos encrespados. — Ela olha para mim. — Você também fica assim?

Vou até ela e vejo os pequenos pontos que cobrem seus braços.

— Também. Mas eu digo "arrepiados", não "encrespados".

— "Arrepiados" — repete ela. — Gostei. Não soa tão mal quando "encrespados".

Antes que eu possa evitar, toco-a no braço. Com as pontas dos dedos. A pele dela, muito macia, treme sob meu toque. Ela recua.

— Desculpe — dizemos nós dois simultaneamente.

— Não, eu é que peço desculpas, eu não devia — digo.

— Não, eu… eu… eu não queria me afastar. Tipo, eu não recuei por nojo nem nada disso… é difícil explicar.

Então ela de repente pega minha mão e a pousa no próprio braço.

Um choque sobe pelo meu braço, uma onda de calor e eletricidade. Eu retiro a mão, mas seus olhos me convidam, me pedem para continuar.

— Eu só… — começa ela.

Ela fica toda arrepiada de novo. Desta vez, quando afundo a palma da mão em sua pele macia, ela não se encolhe e eu não tiro a mão. Ficamos nos olhando, as lágrimas nos olhos dela refletindo o marejado dos meus.

⋆ ⋆ ⋆

Pouco tempo depois, ela adormece no sofá. Desmorona. Seu corpo se desfaz como um origami que não deu certo, a cabeça torta para o lado, apoiada no encosto. Da boca ligeiramente entreaberta, ela respira de leve. Torta como está, vai acordar com dor no pescoço. Deito sua cabeça no braço do sofá. Ainda dormindo, ela aceita o gesto, ajeitando a cabeça depois de eu puxá-la de leve. É tão estranho estar tocando outra pessoa.

Eu me sento na outra ponta do sofá, o corpo pesado mas relaxado. Lá em cima estão os suportes de dormir, pendurados no teto, dois aros ovais olhando para baixo como olhos oniscientes que jamais piscam, me observando com raiva, com um ar de acusação debochada. Eles me insultaram por toda a minha vida, esses suportes de dormir. Houve uma época em que eu tinha uma fantasia, em que eu vivia a vida normal de uma pessoa normal. Todas as noites eu ia até os suportes de sono, meus bebês gêmeos (na minha mente, sempre meninas) dormindo no quarto ao lado, com seus rostinhos de anjo ainda mais gordinhos, ali penduradas de cabeça para baixo. E minha esposa dormia pendurada ao meu lado, seu rosto pálido mas iluminado pela luz de mercúrio da noite, seu cabelo comprido caindo para baixo a ponto de tocar o chão, seus pés graciosos mesmo presos às tiras dos suportes de dormir. E na minha fantasia eu não sentia o sangue pulsar em meu rosto de cabeça para baixo; os suportes de sono não me causavam dor, cortando a pele dos meus pés; não havia lágrimas pingando no chão lá embaixo. Só calma e frio e silêncio. Tudo normal. Inclusive eu.

Olho para Julia Brasa, tão maravilhosamente jogada no sofá, seu peito subindo e descendo, subindo e descendo. Por baixo das pálpebras fechadas, as pequenas elevações de seus olhos se movem de um lado para o outro. Há um pouco de saliva no canto de sua boca aberta. Acabo por permitir que meus olhos se fechem, e o sono me conduz para um poço profundo e delicioso. É nova essa sensação. De adormecer deitado ao lado de alguém. Caio no sono, um ato tão íntimo e ousado e confiante que nunca arrisquei antes.

Uma noite para a Caçada

A PRINCÍPIO NINGUÉM fica muito alarmado quando Barrigudo não aparece para o café da manhã. Ele é famoso por ter um sono pesado, coisa da qual o falecido oficial acompanhante dele sempre reclamava. Só depois que os pratos foram retirados da mesa e estamos a caminho do auditório é que um funcionário é enviado ao quarto dele para procurá-lo.

A notícia do desaparecimento causa surpresa, mas não tristeza. Estamos no auditório a essa altura, no meio da palestra maçante de um funcionário mais antigo sobre a previsão do tempo (pancadas de chuva e vento) e sobre como essas condições meteorológicas podem afetar a Caçada amanhã à noite, quando outro funcionário entra. Ele sussurra alguma coisa para seu superior, que fica de pé e se afasta, deixando o funcionário mais novo no palanque.

— Um dos caçadores desapareceu — anuncia ele. E então faz uma pausa, por não saber mais o que dizer. — Há grupos vasculhando o prédio para tentar encontrá-lo. Outra equipe de busca está procurando na área externa. Estamos trabalhando com a possibilidade de desaparecimento por exposição ao sol. Mas não há motivo para preocupação.

Não que alguém esteja preocupado. Não vamos desperdiçar lágrimas: a notícia só significa menos concorrência para nós. Mas também não chega a ser motivo de grande alegria; Barrigudo nunca foi um competidor forte. Se tivesse sido Bonitão ou Tanquinho, haveria uma festa agora mesmo.

— Lamento ter que dizer isto — prossegue ele —, mas, com todos os funcionários ocupados no momento com a busca, as palestras do começo da noite estão canceladas. Vocês estão liberados para fazer o que quiserem. Lembrem que o banquete começa daqui a três horas, à meia-noite em ponto. Sugiro que usem esse tempo para descansar um pouco, renovar as energias. Vocês devem estar resplandecentes para as câmeras e os convidados.

Decrépito vem falar comigo quando estamos saindo.

— Viu as palestras que foram canceladas? — Ele se curva para ler o panfleto que tem na mão. — *"Tirando proveito da fauna e da flora da Vastidão"* e *"As tendências sociológicas dos epers em um ambiente ameaçador: como melhor se valer dessas vantagens"*. Eu não falei que tudo isso era enrolação, que essas palestras, essa orientação e até a Caçada em si eram apenas um showzinho?

Assinto em concordância, tomando cuidado para esconder minha irritação. Quero sair, mas ele se plantou na minha frente e não parece nem um pouco disposto a me deixar em paz. Quando ele começa, pode falar por um bom tempo. Do outro lado do corredor, Julia Brasa me lança um olhar de compreensão. Ela se recosta na parede e espera.

— Quer mais prova que isso? — continua Decrépito. — Estão admitindo que é tudo fingimento, dada a facilidade com que cancelam palestras. Sem nem pensar duas vezes. É tudo piada. — A ponta da língua dele surge da boca, molhada e oleosa, e lubrifica os lábios. — Que soltem logo os epers. Que nos deixem logo pegá-los.

— O que você acha que aconteceu com ele? — pergunto, tentando mudar de assunto.

— Com o grandalhão? Ele é um imbecil. Estava tentando me imitar. Foi lá fora tentando mostrar como era esperto e corajoso como eu. Um idiota! Deve ter saído com o Protetor Solar, crente que ia funcionar. Garanto que essas equipes de busca deviam começar a procurá-lo lá fora, quer dizer, procurar os restos dele, em algum lugar entre este prédio e o Domo.

— Talvez — digo de forma evasiva. Faço uma pausa, esperando que ele se vá embora. Mas ele não vai. — O que deram para você vestir?

Decrépito já demonstrou tanto desdém pelo evento de hoje que talvez o assunto o faça ir embora.

— No banquete? — resmunga ele. — Um smoking tradicional e tedioso. Só faltava escreverem na gravata: "Velho Irrelevante". E você? Alguma coisa elegante e exibicionista, imagino.

— Por que diz isso?

— A imprensa vem chegando aos montes desde ontem à noite. Repórteres, fotógrafos, jornalistas. A cada hora que passa, essa Caçada se torna cada vez mais um evento para a mídia. Ouvi dizer que estão brigando pelas entrevistas pós-Caçada — diz ele, com irritação. — E no banquete vão querer exibir os caçadores em grande pompa. Inclusive você, rapaz bonito; devem mandar você vestir um terno bem elegante.

— Duvido — digo.

Mas ele tem razão. Meu terno, de lã pura de duzentos e vinte fios com forro de seda e meu nome bordado na barra, parecia um tapete real quando o experimentei ontem à noite.

— Andei ouvindo algumas coisas sobre você.

— O quê?

— Que você tem uma parceira. Que vocês dois estão fazendo uma aliança. A dupla dinâmica, você e a bonitinha.

— A bonitinha?

— Aquela ali — diz ele, apontando para Julia Brasa, que ainda espera por mim no corredor. — É o que dizem por aí, pelo menos.

— Onde você anda ouvindo essas coisas?

— Eu tenho minhas fontes — responde ele. — E aí, qual é a sua estratégia? — pergunta. Seu tom agora é mais ousado. Finalmente entendi por que ele se aproximou de mim para falar sobre isso. — Vocês pretendem disparar bem rápido logo na largada, nos deixando para comer poeira dos dois? Ou acham melhor começar com o grupo e nos superar aumentando gradualmente o ritmo?

— Bem, você sabe que nós…

— Dividir a quantidade de epers entre vocês dois? Ou mantê-los juntos para se aproveitar da histeria coletiva deles?

— Não posso falar sobre isso agora.

Ele fica em silêncio, como se refletindo a respeito.

— E aí — sussurra ele —, tem espaço para um velho como eu? Na sua aliança, quero dizer. Posso não ter força, mas tenho cérebro. Não estou dizendo que você e ela não são inteligentes, mas tenho a sabedoria das ruas, coisa que só vem com a experiência. Talvez eu possa ajudar.

— Sabe, preferimos trabalhar em um grupo pequeno. Só nós dois, na verdade.

— Como é mesmo que dizem? "Um pode ser superado e as duplas sabem se defender, mas os trios são imbatíveis."

— Não sei…

Ele me encara, seu olhar tornando-se frio.

— Entendo.

Decrépito começa a se afastar, mas então para e se vira parcialmente para mim.

— Eu sei algumas coisas sobre você — diz ele. — Não pense que não reparei em como você estava cheirando a eper outro dia. Não pense que não sei que, de alguma forma, você conseguiu acesso a carne de eper. O que acontece naquela biblioteca durante o dia, quando você está sozinho? Que tipo de acesso a carne de eper você tem lá? Foi algum estoque ilegal que você descobriu? Informações assim poderiam ser prejudiciais a você. — Ele funga cruelmente, suas narinas se retraindo. — *Ainda* estou sentindo o cheiro.

Um funcionário se aproxima; Decrépito lança um olhar para ele e sai andando.

— Sim? — digo para o funcionário.

— Com licença. Só vim lhe informar que seu smoking está pronto e foi levado aos seus aposentos. E o vestido da sua acompanhante — o funcionário olha rapidamente para Julia Brasa — também já foi entregue. O Diretor consentiu que ela se vista lá.

— Certo.

— Mais uma coisa. Quando vocês forem sair da biblioteca para o banquete, a imprensa estará ao longo do caminho de tijolos, à espera.

— Isso é mesmo necessário?

— Ordens do Diretor. Quando ele percebeu que vocês dois iam como casal, decidiu que juntos fariam uma entrada triunfal.

— Entendo.

— Mais uma coisa.

— Sim?

— Você e a garota não podem passar o dia no aposento um do outro de novo.

— Como você…?

— Como sabemos é irrelevante. Mas o Diretor teme o que podem pensar. Com a imprensa aqui, ele quer evitar a menor sugestão de que esteja havendo impropriedade entre os caçadores.

— Você só pode…

— Tratem de acordar cada um no próprio quarto amanhã.

— Escute, eu…

— Ordens do Diretor — diz ele, e sai.

Eu o vejo caminhar até Julia Brasa. Depois de uma breve conversa, ele sai andando. Sigo na direção dela.

Quando passo por Decrépito, agora conversando com Tanquinho e Bonitão, ouço-o jogar o mesmo papo de que quer se juntar à aliança. Ele está desesperado. Desesperadamente faminto por carne de eper, desesperadamente necessitado de ajuda. E não tem a menor chance de conseguir nenhum dos dois. É o tipo de pessoa com quem se deve tomar cuidado. Ninguém sabe o que as pessoas são capazes de fazer quando o desespero toma conta. Ele pode fazer

qualquer coisa.

⋆ ⋆ ⋆

Na biblioteca, Julia Brasa e eu nos arrumamos para o baile, ela na seção de periódicos, eu na área da recepção. O smoking, que encontro pendurado na prateleira de livros de consulta, enrolado em plástico, fica perfeito em mim. É cheio de frufrus que eu dispensaria: abotoaduras com diamantes, botões de ferro com o rosto do Soberano em alto-relevo. Apesar disso, porém, é uma roupa impressionante que me cai muito bem.

Julia Brasa toda hora repete, do outro lado da biblioteca, que eu só posso olhar quando ela estiver pronta. E ela demora, bem mais do que eu acho que é preciso para meramente tirar as roupas e colocar um vestido feito sob medida.

Ela ainda está se aprontando quando batem à porta. Um grupo de funcionários entra, cada um carregando uma pequena maleta.

— Maquiagem — dizem eles laconicamente, e indico onde Julia Brasa está.

Para minha surpresa, uma funcionária fica para trás.

— Vou preparar seu rosto — diz ela.

— Não mesmo — respondo.

É arriscado demais: ela pode ver um folículo de pelo no meu corpo ou no rosto ou, por chegar perto demais, sentir meu cheiro.

— Ordens do Diretor. Agora sente-se e incline a cabeça para trás.

— Não. De jeito nenhum.

— É apenas um retoque. Nem vai dar para reparar.

— Então não precisa fazer. Não fui bastante claro?

Ela me olha com irritação.

— Você vai responder ao Diretor.

— Ótimo. Pode ir lá chamá-lo.

A raiva ferve nos olhos semicerrados da funcionária. Ela fecha a maleta com violência e vai se juntar aos outros na seção de periódicos. Não há a menor chance de ela contar isso ao Diretor. Sabe muito bem o que aconteceu aos oficiais. Punições. Alguém sempre será punido, mas não aos caçadores, que aparentemente têm imunidade.

Do fundo da biblioteca, ouço os protestos de Julia Brasa. Mas com menos sucesso. Estão ignorando as objeções dela.

Vou até lá pronto para usar minha cartada de imunidade de caçador. Ela está cercada por eles, que lhe exigem: sente-se! puxe o cabelo para trás! pare de franzir o rosto! Só consigo ver os dedos dela, apertando com força os braços da poltrona de couro.

— Saiam — ordeno, com uma voz firme e baixa.

Eles se viram, visivelmente irritados e surpresos.

— Não é ela quem decide. Nem você.

— Saiam.

— Você vai responder ao…

— Diretor? Lamento, mas já ouvi essa antes. Agora saiam. — Vejo a menor e mais jovem do

grupo, uma garota da minha idade, agarrada à maleta de maquiagem. Ela está com medo e, por um instante, sinto uma pontada de pena. — Olha, não se preocupem. Deixem um kit de maquiagem e um espelho aqui; nós mesmos podemos nos maquiar. Agora, saiam.

Eles oferecem pouca resistência depois disso.

— Essa foi por pouco — diz Julia Brasa depois que a porta da frente se fecha. Mas de repente um olhar de horror cruza o rosto dela. — Saia!

— O quê?

— Saia!

Eu me viro, esperando ver um dos funcionários ainda ali.

— Não, você! Feche os olhos. Feche, já falei! Agora saia!

— O que está acontecendo?

— Você ainda não pode me ver. Não enquanto eu não estiver pronta. Agora vá, saia!

Fico estarrecido. Julia Brasa, uma romântica inveterada. Mesmo após escapar por um triz da morte, pelo visto.

⋆ ⋆ ⋆

Uma *hora* depois, ela fica pronta. Eu passo esse tempo me familiarizando com os FLUNs. São simples de operar: têm uma trava de segurança embaixo que é fácil de desarmar e um botão grande de gatilho no alto. Nem tento atirar como treino. Com capacidade para apenas três disparos cada um, seria um enorme desperdício.

Enquanto examino os FLUNs, meus pensamentos se desviam para os epers. Rapidamente tento pensar em outra coisa, mas minha mente insiste em voltar para eles. Vejo-os andando em plena Vastidão, com o mapa na mão, olhando para todos os lados, tentando desesperadamente encontrar um abrigo que não existe. Até que eles veem as nuvens de poeira ao longe, os caçadores se aproximando: aos poucos, entendem tudo, para depois serem tomados pela sensação de impotência. Em seguida veem as garras e unhas e dentes, um mar de desejo ardente a varrê-los.

Eu queria nunca tê-los conhecido, nunca ter falado com eles; queria ter continuado a pensar neles como selvagens primitivos, incapazes do diálogo, da inteligência e da humanidade que eu achava que me separavam deles.

Julia Brasa, surgindo com o vestido e a maquiagem, rapidamente afasta esses pensamentos mórbidos. Em uma palavra, ela está resplandecente. Não economizaram no traje dela. É um vestido de alcinhas, em seda fina, cor vermelho-fogo, com cristais na frente. Há um toque elegante de plumas. Mas a verdadeira maravilha é o rosto dela. Suave e gracioso, sem comprometer os ângulos delicados do maxilar. E os olhos. Eles enfeitiçam, esses olhos verdes-castanhos; de verdade.

— Eu queria — diz ela, com um pouco de timidez — que o vestido fosse um pouco mais brilhante. Com um pouco de verde, para combinar com os meus olhos, e de um vermelho mais claro, para cair melhor com a cor do meu cabelo.

— Ficou bom. — Sacudo a cabeça: sei que posso fazer melhor. — Você está incrível. É sério.

— Você está dizendo isso só para me agradar — Mas vejo que nem ela acredita no que diz.

— Agora já era. Estou acabado. Você sabe disso, não sabe? Vou passar a noite toda, na frente de todo mundo, admirando você com os olhos arregalados, as palmas das mãos suadas e o coração disparado. Você vai ser o meu fim, Julia Brasa, ah se vai!

Ela me lança um olhar estranho, a testa franzida.

— Sinto muito — digo. — Exagerei na breguice?

— Não, não é isso. Eu gostei. Mas quem é *Julia Brasa*?

Eu olho para ela.

— Você.

* * *

No dia em que meu pai e eu queimamos os diários e livros, saímos de casa ao meio-dia carregando pesados sacos de lona. Eu era só um garotinho e chorei durante todo o trajeto. Não em voz alta; nem um soluço escapou de meus lábios. Mas lágrimas se derramavam de cada olho e, apesar de o dia estar quente e a distância ser relativamente grande, elas não secaram.

Encontramos uma clareira no bosque. Àquela altura, nossos ombros doíam devido ao peso dos sacos, e ficamos felizes de nos livrar do fardo. Meu pai me mandou pegar madeira, pequenos galhos e gravetos, nada grande demais. Quando voltei, ele estava de joelhos e com o rosto quase tocando o chão, como se em oração profunda e penitente. Em sua mão estava a lupa que ele usava para direcionar o raio do sol para uma pilha de folhas. Ele disse para eu não me mexer, e fiquei onde estava, completamente imóvel. De repente, um fiapo de fumaça subiu da pilha de folhas e foi ficando mais densa e escura. Uma chama surgiu e devorou as folhas ao redor.

— Os gravetos — disse ele, estendendo a mão para mim.

O fogo cresceu. De vez em quando, ele se abaixava e soprava a chama, fazendo-a recuar de raiva e surpresa e soltar fagulhas. Ele colocou dois galhos secos no fogo e se afastou. O fogo cresceu com uma ferocidade que me assustou. Ele então me mandou pegar os livros e diários, e eu levei tudo até ele.

Por bastante tempo, eles ficaram ao lado do meu pai. Ele permaneceu sentado sem se mover até eu perceber que ele não conseguia reunir aquela última gota de força de vontade para o ato final e irrevogável. Então pediu que eu me aproximasse. Eu obedeci, sentei no calor aconchegante do seu colo. Peguei um caderno de desenhos: da minha irmã. Eu conhecia todas as imagens lá dentro, a cor de todos os cachorros e gatos e casas e vestidos. Ele respirou fundo, e por um momento pensei que fosse explicar de novo por que íamos queimar os livros. Mas a parte superior do seu corpo começou a tremer, como se ele estivesse tentando conter fortes soluços. Peguei na mão larga dele, sentindo os músculos e calombos sob sua pele fina, e falei que estava tudo bem. Falei que entendia por que íamos queimar os livros, que, como mamãe e minha irmã tinham desaparecido, não podíamos ficar com nada em casa que pudesse levar visitantes inesperados a perguntar sobre elas. Falei que "era perigoso demais", repetindo as palavras que ele mesmo me dissera e que eu não tinha entendido, ainda não entendia.

Acho que ele pretendia rever cada caderno comigo uma última vez. Mas, não sei por quê, ele não fez isso. Apenas os pegou, um a um, e os jogou no fogo. Ainda me lembro da sensação do caderno de desenhos da minha irmã sendo arrancado das minhas mãos. Não ofereci resistência, mas, quando meu pai o tirou de minhas mãos e o jogou no fogo, senti que algo se perdia para sempre.

Fomos embora uma hora depois, quando não restava mais nada da fogueira (nem dos livros) além de cinzas e brasas se extinguindo. Como meu pai, empalidecido e cinzento, seu fogo interior extinto. Antes de atravessarmos a clareira, voltei para pegar os sacos de lona que havíamos esquecido. Estavam ao lado dos resquícios da fogueira. Quando me inclinei para pegá-los, alguma coisa tomou conta de mim: soprei delicadamente as brasas, como eu vira meu pai fazer. Cinzas finas subiram no ar até tocarem meus cílios. Mas, pouco antes de eu fechar os olhos, que lacrimejavam para se proteger do ardor, vi um pequeno brilho no meio das cinzas. O brilho vermelho e laranja de uma brasa ressurgindo. A brasa era um toque do sol quente de julho em um mar de cinzas.

⋆ ⋆ ⋆

Só anos depois, em um pátio de escola à luz cinzenta e sombria da noite, vi aquele brilho vermelho de novo. Era a cor do cabelo dela, uma garota que eu nunca tinha visto antes, mas que não conseguia parar de olhar. Quando ela se virou para mim, do outro lado do pátio, com tantos outros alunos entre nós, e nossos olhos se encontraram, eu me lembrei daquela brasa vermelha brilhando nas cinzas escuras como o sol de julho.

A designação dela é Julia Brasa, pensei.

⋆ ⋆ ⋆

Sozinhos na biblioteca, frente a frente, banhados pelos raios da lua da meia-noite, essa é a lembrança que compartilho com ela.

⋆ ⋆ ⋆

A imprensa está toda lá fora quando saímos da biblioteca. Repórteres e fotógrafos se enfileiram dos dois lados do caminho de tijolos que leva ao prédio principal. Flashes de mercúrio piscam por todos os lados, sem nos afetar. Um oficial nos conduz em um ritmo absurdamente lento, parando a cada poucos passos para posarmos para uma câmera ou respondermos a algumas perguntas.

O braço de Julia Brasa permanece preso ao meu o tempo todo, seu pulso encaixado na curva do meu cotovelo. É uma sensação incrível. Sozinho, eu teria odiado essa confusão e excesso de atenção por parte da imprensa. Mas, com ela ao meu lado, estou à vontade, e sinto que o mesmo é verdade para ela. O leve peso da sua mão no meu braço, os momentos

ocasionais em que a lateral do seu quadril roça no meu, a sensação de união enquanto seguimos pelo caminho. Acho que é por sermos mestres nesse jogo de projeção de imagem e enganação que ficamos tão à vontade com a imprensa. Uma pose, uma declaração curta, uma imagem: somos especialistas.

— Como foi o treinamento? Vocês se sentem preparados para a Caçada?

— Foi ótimo, estamos ansiosos para começar.

— É verdade que vocês dois formam uma aliança?

— Não é segredo. Estamos juntos nessa.

— Quais caçadores vocês acham que serão o maior desafio para vocês?

E assim por diante, sem parar.

A caminhada, que costuma ser curta, desta vez demora quase uma hora, e mesmo quando chegamos ao prédio principal a imprensa e os convidados não dão descanso. Eles continuam chegando, em bandos, convidados e imprensa, em carruagens de vários formatos e tamanhos; os cavalos estão suados e sem fôlego quando são levados para o estábulo nos fundos.

Lá dentro, há ainda mais repórteres e curiosos. Eles ficam separados por cordas de veludo, e o oficial que nos acompanha felizmente nos conduz direto por eles.

— Vamos logo para o salão principal — diz ele, olhando rapidamente para o relógio.

Não economizaram nada na decoração do salão principal. Há candelabros dourados pendendo dos tetos ornados, projetando uma enevoada luz de mercúrio acima de cada mesa. Talheres entalhados com ônix, pratos de porcelana da era do Soberano neogótico, taças de vinho entalhadas com pó de diamante pousadas em toalhas de mesa de linho bordadas. Uma cesta de flores ocupa o centro de cada mesa, com uma camada de jade dupla original da dinastia Selah. Janelas altas com cortinas de veludo decorado nos rodeiam. Convidados se aglomeram nas janelas que dão para o leste a fim de olhar o Domo, que parece uma bola de gude cortada ao meio. A imponente escadaria ao final do salão leva ao segundo andar; o tapete vermelho, perfeitamente centrado, é intenso e vivo como uma língua inchada. No meio do salão há uma grande pista de dança, cintilando sob as luzes de mercúrio.

Os caçadores são separados, indo cada um para a mesa que lhe foi designada. Quando Julia Brasa retira o braço do meu para ser levada à sua mesa, sinto a dor de uma separação trágica. Oficiais de alto-escalão do Palácio estão sentados à minha mesa, seus cônjuges me cobrindo de perguntas chatas. A comida chega em abundância, trazida por garçons de smoking e garçonetes com blusas cheias de babados. Eles contornam as mesas equilibrando bandejas de carne pingando sangue. Babadores grandes amarrados em nossos pescoços protegem nossos smokings e vestidos até os joelhos. Rapidamente ficam sujos de sangue. Depois de dias ingerindo pratos infindáveis de carne ensanguentada, não suporto nem mais olhar para isso. Mal toco no meu prato, o que justifico alegando nervosismo com a Caçada de amanhã.

Durante a infindável sucessão de pratos de carne, lanço olhares furtivos para Julia Brasa. Ela está em sua zona de conforto, entretendo os convidados à mesa com seu charme. Mesmo durante o prato principal, quando as porções de carne com mais gordura são servidas, ela ainda tem a atenção total deles. O ambiente favorece seus pontos fortes. É como ela sempre viveu sua vida de enganação. *O ataque é a melhor defesa.* Lembro-me das suas palavras.

Depois da sobremesa — bolos e suflês, para os quais alego ter recuperado o apetite —,

alguns oficiais de alto-escalão se lançam em uma série de discursos. Passo o tempo olhando para Julia Brasa, que está na minha linha de visão. Seus braços finos fluem graciosamente do vestido, e o brilho de luz prateada ao longo do braço parece o reflexo da lua em um rio. Ela puxa o cabelo das costas e, com um movimento experiente, o passa por cima do ombro, o que expõe a forma sinuosa de sua nuca. Eu me pergunto se ela está pensando em mim como estou pensando nela: incessante, obsessiva e descontroladamente.

Não sou o único que olha para ela. Decrépito, a duas mesas da minha, a encara com olhos arregalados e saltados. Ele toma um gole de vinho. E outro, sem nunca tirar os olhos dela.

O último a discursar é o Diretor. Ele passou pó no rosto, ajeitou o cabelo, pintou as unhas de vermelho-sangue.

— Queridos e estimados convidados, espero que tenham sentido que o Instituto, com sua reputação imaculada, correspondeu às suas altas expectativas hoje. A comida, a decoração, a grandiosidade deste salão; tudo, eu espero, satisfatório para convidados tão honrados quanto os senhores, que normalmente não se dignariam a viajar para tão longe por diversão. Mas esta não é uma ocasião qualquer, correto? Pois amanhã à noite começa a Caçada Eper!

Os convidados, já tendo entornado alguns drinques, brindam e batem nas mesas.

— Esta é a noite em que celebramos o benevolente governo do nosso amado Soberano, sob cuja liderança a Caçada Eper se tornou possível. E eis-nos aqui, a celebrar! Desmedidamente celebrar! Pois amanhã teremos bastante tempo durante o dia para dormir e deixar para trás os excessos de hoje!

O som de pulsos sendo coçados se espalha pelo salão.

O Diretor oscila de leve; eu me dou conta de que ele também já bebeu demais.

— Agora, caso alguns dos senhores estejam nutrindo certas ideias, ideias de, humm… vamos dizer, juntarem-se "extraoficialmente" a esta Caçada amanhã, sobre mim recai o peso de destruir tais esperanças. Este prédio entra em modo de trancamento automático uma hora antes do anoitecer. Os senhores simplesmente não poderão sair daqui enquanto durar a Caçada.

Ele balança sua taça de vinho solenemente, observando-a à luz de mercúrio.

— Em determinado momento antes de o prédio ser trancado, os caçadores serão levados para um local confidencial, secreto. Pouco antes do anoitecer, cabendo à ousadia de cada um determinar exatamente quando, eles sairão para a Vastidão atrás dos epers. E assim — sua voz vai aumentando de volume — terá início a mais empolgante, mais genial, mais extravagante, mais sangrenta, mais violenta Caçada Eper de todos os tempos!

O salão explode em um espasmo de sibilos e estalos de ossos e taças de vinho sendo quebradas.

Depois do discurso, quando os convidados se acalmam, um quarteto de cordas se reúne junto à pista de dança, tocando uma melodia lenta e livremente, em um arranjo moderno. Aos poucos, casais ocupam a pista. Na metade da primeira música, vejo Decrépito se levantando da cadeira. Ele está com os olhos grudados em Julia Brasa e, quando começa a ir na direção dela, coloca a língua para fora e lambe os lábios. Empurro minha cadeira para trás e rapidamente me aproximo dela, mais rápido que Decrépito. Ela está sentada com as mãos no colo, as costas eretas e a cabeça erguida com expectativa.

Quando chego à sua mesa, a cabeça dela se inclina um pouco e ela olha para mim com o canto do olho. Será que percebo um leve sorriso em seus lábios, um breve surgimento da covinha na bochecha? Ofereço o braço e ela aceita, levantando-se graciosamente ao se apoiar de leve em mim. Seguimos para a pista de dança e, no caminho, passamos por Decrépito, que fica ali de pé, rígido e constrangido e sozinho.

Como se tivesse sido combinado, o quarteto começa outra música, mais lenta e mais romântica. Há sussurros e murmúrios por toda parte, e os outros casais na pista de dança abrem espaço, cedendo os holofotes para mim e Julia Brasa, o casal caçador. A pista é nossa. E de repente, involuntariamente, todos os olhos do salão estão em nós. Alguns fotógrafos assumem posição, câmeras na mão. Eu me viro para olhar para Julia Brasa: há uma pontada de medo nos olhos dela. Nenhum de nós dois quer esta atenção. Mas é tarde demais. Meus ombros se alinham com os dela, tão próximos que sinto o calor de seu corpo. E, apesar de tudo, há um *clique* quase audível de tudo se encaixando em seu devido lugar. Uma forte atração nos aproxima ainda mais, como se nossos corações fossem ímãs poderosos, insistentes, opostos.

Lembrando tudo que aprendi na escola, fecho as mãos e encaixo os nós dos dedos aos dos dedos dela. Na escola, eu tinha medo de aulas de dança e odiava a proximidade, temendo não ter raspado direito os pelos das mãos, muito embora fossem bem finos. Mas agora, com Julia Brasa, estou livre do medo. E livre para sentir: a textura da pele dela, a proximidade almiscarada do seu corpo, seu hálito tocando delicadamente meu pescoço. Seus olhos verdes radiantes se fixam nos meus. Eu queria poder falar com ela, mas há olhos demais em nós e a música está muito suave. Há tanto a dizer.

Estou tão perdido no momento que quase esqueço que temos que dançar. Aperto a mão dela para que ela saiba que estou prestes a começar. Ela faz o mesmo em resposta, e nós começamos. Para duas pessoas que nunca dançaram juntas, somos surpreendentemente hábeis. Nossos corpos se movem em sincronia fluida, bem próximos um do outro. Fora alguns leves esbarrões, nossas pernas se movem no mesmo ritmo, nossos pés param a poucos centímetros uns dos outros, nunca mais perto que isso. Nas aulas que tive na escola, dançar não passava de uma progressão a ser seguida, uma lista de passos a seguir. Mas com Julia Brasa é uma fluidez, uma questão de apenas hastear uma vela e se permitir levar. No final da música, deixo-a solta para o giro de três passos, e seus braços longos e esguios se erguem acima da cabeça como um dervixe rodopiante. Ela dá um giro provocante, seu cabelo cai de forma sedutora sobre o rosto, seus olhos verdes se cravando bem fundo em mim. Ouço algumas exclamações de apreciação vindo das mesas.

— Uau — digo em silêncio, apenas com o movimento da boca.

A música seguinte começa. Julia Brasa e eu nos separamos. Agora vou começar as danças obrigatórias com as mulheres dos oficiais, que vêm todas para perto de mim. Seus importantes maridos, desinteressados demais nas músicas ou nas próprias esposas (ou ambos), nem se dão ao trabalho de se levantar das cadeiras. As danças sem-fim e as conversinhas triviais são cansativas, e depois de um tempo uma camada de suor começa a se formar na minha testa. Preciso fazer uma pausa, mas há mulheres demais esperando por sua vez.

— Está sentindo esse cheiro? — pergunta a mulher à minha frente.

Estamos dançando juntos há um minuto, mas é só quando ela faz essa pergunta que eu a vejo realmente pela primeira vez.

— Não, não estou sentindo nada.

— O cheiro de eper está tão forte! Não sei como vocês conseguem se concentrar. É perturbador. Sei que dizem que a gente se acostuma depois de um tempo, mas está tão intenso que é como se tivesse um bem aqui na minha frente.

— Às vezes o vento do oeste traz o cheiro de dentro do Domo.

— Não parecia haver nem brisa hoje — diz ela, olhando pelas janelas abertas.

A mulher seguinte é ainda mais direta:

— Eu diria — declara ela — que tem um eper em algum lugar deste salão. O cheiro está muito forte.

Uso com ela a mesma história do vento do oeste.

— Não, não — insiste ela —, está tão forte que é como se fosse você o eper!

Coço o pulso; ela também. Felizmente.

Depois que a música termina, despedimo-nos com uma reverência; a mulher seguinte na fila já está se aproximando, mas há um movimento ligeiro e outra pessoa passa sua frente. É Julia Brasa. Vejo em seus olhos que ela sabe exatamente o que está acontecendo e que está preocupada. A outra mulher fica aborrecida e está prestes a reclamar quando se dá conta de quem é. Ela recua. Julia Brasa e eu começamos a dançar. Algumas câmeras começam a disparar de novo.

Desta vez, falta prazer à nossa dança. Estamos cientes demais das pessoas ao redor, com medo demais de uma camada de suor aparecer no meu rosto a qualquer momento, do odor que estou exalando. Dancei demais. Quando a música termina, digo (alto, para que os outros possam ouvir) a Julia Brasa que preciso ir ao banheiro. Não sei bem como isso pode me ajudar, mas não posso gastar mais energia dançando. Preciso me afastar, deixar meu corpo esfriar. Ela diz que vai me esperar.

Estou esfriando e usando o mictório quando alguém entra. Ele se coloca no mictório adjacente ao que estou usando, apesar de todos os outros estarem desocupados. O banheiro inteiro está vazio, na verdade.

— Quanto tempo você vai durar? — pergunta ele.

— Perdão?

— É uma pergunta bem simples. Quanto tempo você vai durar?

É um homem alto e imponente, de ombros largos. Tem um par de óculos elegante apoiado no nariz que não combina em nada com o corpo musculoso. O smoking não lhe cai bem, é pequeno demais e está apertado debaixo dos braços.

Decido ignorá-lo e me concentro em acertar o adesivo de alvo no mictório. É supostamente a zona em que o jato respinga menos e que permite escoamento otimizado. Na maior parte dos lugares, o adesivo é de uma mosca, abelha ou bola de futebol. Aqui, é uma imagem do Domo.

— Muito ou pouco? — insiste o homem.

— O quê?

— Muito ou pouco tempo?

— Olhe, ainda não sei do que você está falando.

O homem funga em desdém.

— Eu diria que pouco tempo. Uma meia hora. Assim que vocês estiverem fora de vista, vai ser nessa hora que os outros caçadores vão eliminar vocês. Você e a garota.

Repórter. Talvez um paparazzo que entrou com credenciais falsas em busca de um furo. É esse o método deles: lançam sobre você uma história absurda, para provocar uma reação, e depois relatam essa reação. O melhor a fazer é ignorá-lo.

Fecho o zíper e vou até a maquininha de toalhas de papel ao lado da porta.

Ele fecha o zíper e se aproxima novamente, para ao meu lado, a mão debaixo da pequena máquina; está bloqueando a porta. Uma pequena toalha de papel é cuspida na mão dele.

— Usem os FLUNs — diz ele, amassando o papel. — Usem logo, usem sem hesitar. Os caçadores, principalmente os universitários, vão querer eliminar vocês no começo do jogo. Tomem muito cuidado.

Nem uma só vez ele olha para mim enquanto fala, só para a maquininha, como se fosse um teleprompter.

— Quem é você? — pergunto. *E como sabe sobre os FLUNs?*

— Quer um conselho? — diz ele. — As coisas não são o que parecem. Esta noite, por exemplo. Todo o glamour do banquete. O que lhe disseram? Que foi uma decisão de última hora? Veja a comida, o vinho, a decoração, o número de convidados e me diga se parece um evento organizado às pressas. E pense no suposto sorteio, impossível um esquema mais manipulado que aquele. Acha que está aqui por acaso? As coisas não são o que parecem.

Ele coloca a mão na maçaneta, prestes a sair. Mas se vira de novo para mim.

— E a garota. Aquela bonitinha com quem você estava dançando. Tome cuidado com ela. — Ele me encara pela primeira vez. Eu já esperava a severidade que encontro em seu olhar, mas o traço de gentileza me surpreende. — Você precisa tomar cuidado. Ela não é o que você pensa que é. Não deixe que ela engane você.

E, com isso, ele abre a porta e desaparece.

Que cara mais esquisito, penso. Pego uma toalha de papel e estou prestes a esfregar minhas axilas quando um grupo de quatro ou cinco homens entra com estardalhaço. Eles falam alto, estão cambaleantes, obviamente alcoolizados. Eu saio. Procuro rapidamente o paparazzo, mas não o encontro em lugar algum.

— Venha comigo. — É Julia Brasa, que se materializou ao meu lado do nada e sussurra para mim. — Já cumprimos nossa obrigação. Todos estão tão bêbados que nem vão reparar em nosso sumiço. Venha.

E eu vou.

Ela me leva para fora do salão, seu corpo esbelto ziguezagueando pela pista de dança, por entre formas escuras em movimento. Do lado de fora do salão, os corredores estão vazios, e o volume da música fica mais baixo à medida que andamos. Acho que estamos indo para o quarto dela, mas, ao subirmos a escada, passamos direto pelo terceiro andar e continuamos a subir até os lances de escada acabarem. No alto, ela abre uma porta. A luz das estrelas explode sobre nós.

— Já subi aqui algumas vezes. Ninguém vem aqui — diz ela baixinho.

A Vastidão se estende à nossa frente como um mar congelado, seu leito calmo e tranquilo. E, acima de nós, uma enorme quantidade de estrelas brilha suavemente, sugerindo um vazio ainda mais amplo.

Ela me leva até o centro do telhado, e as pedrinhas deslizam sob nossos pés conforme andamos. Então ela para e olha para mim.

Estou logo atrás. Nossos ombros se tocam quando ela se vira, mas Julia Brasa não se afasta. Está tão perto que sinto sua respiração nos meus lábios. Quando ela levanta o olhar para mim, vejo o reflexo das estrelas nos seus olhos úmidos, como se estivessem cheios de orvalho da noite.

— Seus pais lhe deram uma designação? — pergunta ela.

Faço que sim com a cabeça.

— Deram. Mas um dia simplesmente pararam de usar.

— Você lembra qual era?

— Gene.

Ela fica em silêncio por alguns momentos; vejo seus lábios delicadamente formando a palavra, como se experimentando-a.

— E você?.

— Não lembro — diz ela, baixinho. — Mas não devemos mesmo nos chamar por nossas designações de família. Poderíamos, por algum descuido, acabar falando isso na frente dos outros. Poderia atrair atenção…

—… desnecessária — concluo por ela.

Por um momento sufocamos o sorriso que tenta se formar tanto no meu rosto quanto no dela, como se nossos lábios pertencessem à mesma boca. Como de hábito, paramos e começamos a coçar os pulsos.

— Meu pai me dizia isso o tempo todo. Não atraia atenção desnecessária. O tempo todo. Acho que o seu também.

Ela concorda, e uma sombra de tristeza cruza seu rosto. Juntos, olhamos para a Vastidão, para o Domo não muito longe. Abaixo de nós, ouvimos um grupo de convidados saindo, provavelmente para ir ao Domo, suas vozes bêbadas soando arrastadas e confusas. As vozes vão diminuindo até sumirem completamente.

— Ei, vou lhe mostrar uma coisa — diz Julia Brasa. — Quero ver se você sabe fazer isso, é divertido. Precisamos nos sentar primeiro. — Ela apoia apenas a ponta do pé direito no chão e começa a balançar a perna, um movimento rápido e vibrante. — Quando eu ficava impaciente ou inquieta, me dava vontade de fazer isso com a perna. Meus pais me proibiram, mas eu ainda faço quando estou sozinha. Depois que começa, a sua perna continua no piloto automático. Olhe, nem estou mais controlando, ela se mexe sozinha.

Eu tento. Não dá certo.

— Você está pensando demais — diz ela. — Relaxe, não pense nisso. Faça movimentos mais rápidos e mais curtos.

Na quarta tentativa, acontece. A perna começa a pular sozinha, uma britadeira vibrando por conta própria.

— U-hul! — grito de surpresa.

Ela abre o maior sorriso que eu já vi; um som curto escapa de sua garganta.

— Isso se chama "risada" — digo.

— Eu sei. Mas meus pais às vezes chamavam de "ataque de riso". Já ouviu essa?

Balanço a cabeça em negativa.

— Para nós era só "risada". E não fazíamos muito. Meu pai sempre tinha medo de eu esquecer e cometer um deslize em público.

— É, o meu também.

— Toda manhã ele me lembrava. Não faça isso, não faça aquilo. Nada de rir, nada de sorrir, nada de espirrar, nada de franzir a testa.

— Mas foi o que nos fez chegar até aqui. Ainda vivos, quero dizer.

— Pois é. — Eu me viro para ela. — Meu pai repetia uma frase estranha. Será que os seus pais também diziam isso para você? "Nunca esqueça quem você é."

— "Nunca esqueça quem você é"? Nunca ouvi essa.

— Meu pai dizia uma vez por ano, talvez. Eu sempre achava estranho.

Olho para os meus pés.

— Quando é que os seus… você sabe.

— Meus pais?

Ela assente suavemente.

Olho para as montanhas ao leste.

— Minha mãe e minha irmã, muitos anos atrás. Não me lembro bem delas. Simplesmente sumiram um dia. Meu pai, faz uns sete anos. Ele foi mordido.

Ficamos em silêncio depois disso, um silêncio confortável. A música do salão chega até nós baixa e indiferente, a mil quilômetros de distância. Nossos olhos acabam seguindo na direção do Domo, tranquilo e cintilante.

— A ignorância traz felicidade — sussurra ela. — Esta noite, dormindo, alegremente ignorantes do que espera por eles amanhã. O fim de suas vidas. Pobres criaturas.

— Tem uma coisa que você precisa saber — digo depois de um tempo.

— Sobre o quê?

— Sobre os epers.

— O que é?

Faço uma pausa.

— Quando fui pegar água no lago, eu não entrei simplesmente e saí. Eu interagi com eles. Passei um tempo lá. Sabe, eles falam. Até leem. Não são os selvagens que achei que fossem, nem um pouco.

— Eles falam? E leem?

Ela olha com incredulidade para o Domo. Nada se move lá dentro.

— Eles adoram. Tem livros lá nas cabanas. Prateleiras cheias. E são criativos: desenham e pintam.

Ela balança a cabeça.

— Não entendo. Pensei que fossem criados como animais. Por que foram domesticados e treinados?

— Não, não: eu sei que é difícil entender, mas não é uma questão de terem sido

domesticados e treinados como animais de circo. Eles estão acima disso. São, tipo, normais. Eles pensam, são racionais, brincam. Como você e eu.

Ela franze a testa. Fica em silêncio, refletindo sobre alguma coisa.

— Então você não contou a eles sobre a Caçada.

É uma constatação.

— Eles não fazem ideia — respondo. — Às vezes a ignorância traz *mesmo* felicidade.

— O que contou a eles sobre você?

— Que entrei no lugar do Cientista. — Hesito. — Teria sido… muito estranho dizer que eu era um caçador de epers. Talvez eu devesse ter dito alguma coisa a eles. Talvez devesse ter contado sobre a Caçada.

— Não, você fez a coisa certa — diz ela. — De que adiantaria? Eles ainda estariam praticamente mortos.

Milhões e milhões de pensamentos disparam por minha mente nos segundos seguintes. E então:

— Você acha que deveríamos fazer alguma coisa?

Ela se vira para mim.

— Essa foi boa.

— Não. Estou falando sério. Em vez do nosso plano, será que deveríamos fazer alguma coisa para ajudá-los?

Ela arregala um pouco os olhos, mas logo volta ao normal.

— O que você quer dizer? — pergunta ela.

— A gente não deveria…?

— O quê?

— Fazer alguma coisa para ajudar?

— Não seja ridículo.

— Não tem nada de ridículo. Eles são nós. Nós somos eles.

Ela parece extremamente surpresa.

— Não são não. São bem diferentes de nós. Não estou nem aí se sabem falar, ainda são gado de luxo. — Ela aperta minha mão ainda mais. — Gene, não quero parecer fria. Mas não tem nada que a gente possa fazer por eles. Eles vão morrer durante a Caçada quer a gente os use ou não a nosso favor.

— Podíamos, sei lá, podíamos dizer a eles para não saírem do Domo. Avisar que a carta informando sobre o defeito no Domo é mentira. — Passo a mão pelo cabelo, apertando mechas com força. — Isso tudo é muito difícil, Julia Brasa.

Quando ela volta a falar, sua voz está mais suave.

— Se eles morrerem amanhã à noite, de acordo com o nosso plano, então pelo menos a morte deles nos dá uma chance real de sobreviver. Mas, se não fizermos nada, não só a morte deles terá sido por nada, como nós também vamos sem dúvida morrer. Podemos dar sentido à morte deles e nos dar a chance de uma vida real, Gene. — Seus olhos estão arregalados e parecem implorar. — Uma nova vida *juntos*, Gene. Será mesmo tão ruim da minha parte querer tirar algo bom dessa situação horrível?

Não respondo.

Lágrimas começam a se acumular nos olhos dela, e, talvez pela primeira vez na vida, ela não as reprime; deixa que escorram pelas suas faces. Estico o braço para limpá-las com a manga do paletó, mas ela segura minha mão e a pousa no próprio rosto, sobre a trilha de lágrimas. A pele macia, a umidade, um formigar na palma da minha mão. Meu coração, derretendo-se completamente, misturado às lágrimas dela.

— Por favor — sussurra ela, e o apelo na voz dela me quebra.

Nossos ombros se tocam. Quando me movo, ela já se virou para ficar de frente para mim. Tão perto que consigo ver uma pinta minúscula no canto do seu olho. Eu a toco de leve com a ponta dos dedos, acariciando-a.

— É uma pinta. Pode esfregar quantas vezes for que não vai tirá-la daí — sussurra ela.

— Não estou tentando tirar.

Não sei o que estou fazendo. Só sei que meu coração está explodindo e inundando e não sei o que fazer quanto a isso.

Ela levanta um pouco o braço nu. Seus olhos estão abertos e convidativos. A pele da axila está exposta e ela está esperando. Ela olha para o meu cotovelo e para mim.

O mais gentilmente que consigo, estendo a mão e abaixo seu braço.

— Por favor — digo delicadamente, um sussurro de um sussurro —, não me entenda mal. Mas… eu nunca… isso não me faz sentir nada.

Em vez de mágoa nos olhos dela, vejo alívio. Ela abaixa o braço.

— Digo o mesmo. Sempre fingi que gostava. — Ela vira a cabeça na outra direção. — Às vezes com o meu namorado, aquela vez com você no armário. Eu achava que tinha alguma coisa errada comigo. — Ela suspira, treme. — É claro que tinha uma coisa errada comigo — diz ela, com um tremor na voz. — Eu não sou normal. Sou eper. — A última palavra sai como uma libertação, a declaração final de culpa.

Sem saber direito o que estou fazendo, pego a mão dela pouso a minha por cima da sua. Sinto o leve tremor dos ossos, o suave susto nos dedos dela. Afasto minha mão, mas ela me puxa de volta. E encosta a mão aberta na minha, palma contra palma, sua pele na minha, como um abraço completo. Olhamos um para o outro de olhos arregalados. A sensação, diferente de qualquer coisa que já experimentei antes, é esmagadora. Não ouso respirar. Os olhos dela se fecham e ela inclina a cabeça para trás; seus lábios se abrem, cheios e estranhamente sensuais.

E então ela entrelaça os dedos nos meus. Nunca vi isso antes, nunca soube que algo assim era possível. Mas a pele macia nas laterais dos dedos dela, ao roçarem nas laterais dos meus dedos, é como a sua nuca, macia e lisa, enviando um tremor e um calor pelo meu corpo.

— Julia Brasa — sussurro.

Ela não diz nada, só fica assim, com a cabeça erguida para o céu e os olhos fechados.

— Eu sei — sussurra ela por fim. — Eu sei.

⋆ ⋆ ⋆

Estrelas esmaecendo. A cabeça de Julia Brasa pousada no meu ombro, seu braço envolvendo meu peito, ainda segurando minha mão. Não nos soltamos, mesmo quando deitamos e

adormecemos. Ouço os sons suaves da respiração dela, o batimento leve do seu coração junto a caixa torácica. Meus olhos se fecham. Adormeço de novo.

⋆ ⋆ ⋆

Quando acordo, o céu clareou, as estrelas mudas se esconderam no céu cinza. O aroma do amanhecer paira no ar. Julia Brasa sumiu. Ergo o corpo, sentando-me, e as pedrinhas se deslocam embaixo de mim.

Ela não está no telhado. Vou até a beirada, intrigado.

Vejo-a ao longe. Andando, absorta em pensamentos.

Minutos depois, estou no caminho de tijolos, correndo na direção dela. Há vestígios da farra da noite em toda parte: pratos de papel, espetos de carne, taças de vinho, garrafas vazias, tudo espalhado pelo caminho. Até mesmo poças de vômito. Quando me aproximo, ela sente minha presença e se vira, espera que eu a alcance.

— Oi — diz ela, com um leve sorriso, e segura minha mão.

— Tomara que ninguém nos veja!

— Que nada, estão todos bêbados e caídos por aí.

— Espero que sim. O que está fazendo?

— Tinha uma coisa me incomodando. Eu precisava dar uma caminhada para espairecer. — Ela aperta minha mão. — Que bom que você veio! Venha comigo. — E seguimos na direção do Domo.

De mãos dadas, andamos debaixo do céu que se ilumina, com mãos que se encaixam perfeitamente, nossos braços que se entrelaçam com uma facilidade surpreendente, sua pele macia na minha. Nossos corpos se inclinam na direção um do outro com intimidade enquanto nos aproximamos do Domo. É fácil esquecer que dia é. Um dia que vai terminar na Caçada, em violência e morte.

Paramos em frente ao Umbilical.

— Abra — diz ela.

Lá dentro, no meio da esteira, tem um envelope grande. Olho para Julia Brasa e ela assente, seus olhos grandes e penetrantes.

Pego o envelope e sinto as letras grandes em alto-relevo, tudo em caixa alta:

URGENTE: ABRAM IMEDIATAMENTE

— Achei que já estaria aqui. É a carta informando aos epers sobre o suposto defeito no Domo. É o que vai fazê-los sair daqui e seguir para a Vastidão. É o que os tira de sua proteção e os transforma em presas involuntárias. É o que torna a Caçada possível. É o que vai matar os epers.

Olho para ela e para a carta.

— Por que está me mostrando isso?

— Porque eu não fui justa com você antes, Gene. — Tento interrompê-la, mas ela balança a cabeça. — Não, é importante, então me deixe falar. Sinto que posso ter forçado você a concordar com uma coisa da qual vai se arrepender depois.

— Isso não é…

— Não, Gene, escute! Não quero que você se sinta coagido a alguma coisa. Então, quero lhe dar mais uma chance. Para pensar bem sobre o assunto e decidir o que quer fazer.

— Do que você está falando?

— Se você colocar esta carta de volta no Umbilical, a Caçada acontece. *Nós* acontecemos. Mas você pode também não colocá-la de volta; pode rasgá-la em pedacinhos. E aí os epers sobrevivem. Depende de você. Depende mesmo de você, estou falando sério.

— Se eu rasgar isso, a Caçada será adiada. Talvez alguns dias, quem sabe até uma semana. Não vou durar tanto. Serei descoberto bem antes.

— Eu sei — diz ela.

— Por que está fazendo isso?

— Porque — sua voz sai trêmula — vejo como uma coisa assim pode vir a consumir você. Eu não conseguiria viver tranquila sabendo que fiz isso com você. Mas agora, veja, está nas suas mãos, literalmente. Você escolhe.

Olho para o envelope nas minhas mãos, quadrado e grosso. Balanço a cabeça. Não consigo decidir.

— Não faça isso — peço, mas ela desvia o olhar, mordendo o lábio, seus olhos brilhando, mais uma vez marejados.

Olho para o Domo, para as cabanas, as portas e janelas ainda fechadas. Penso nos epers lá dentro, dormindo em suas camas, seus peitos subindo e descendo, os olhos fechados, a pele pulsando de leve com a passagem do sangue.

O sol do amanhecer surge acima dos picos das montanhas do leste. Uma faixa laranja-rosada surge na Vastidão e atinge o topo do Domo; os raios refletidos se espalham lá dentro e fazem o lago cintilar. A aurora chegou.

Julia Brasa não consegue me encarar. Seus olhos vão da esquerda para a direita, por cima do meu ombro. Olho para ela, esperando que seus olhos finalmente pousem nos meus. O amanhecer laranja acende uma fogueira no cabelo dela. E, por fim, seus olhos verdes, brilhando com uma intensidade de diamante atrás da camada de lágrimas, encontram os meus.

Isso basta, aparentemente. Para me converter integralmente, para me destruir. O brilho quente da luz da aurora, a garota mais bonita que já conheci, a possibilidade de me juntar a ela em uma vida que nunca ousei desejar.

— Tudo bem — sussurro.

Abro a porta e coloco a carta de volta no Umbilical. A porta se fecha definitivamente.

⋆ ⋆ ⋆

Vamos embora dali logo depois, pois não queremos ser vistos por algum eper madrugador. Apesar de querermos ficar juntos, decidimos que é melhor cada um ir para seus aposentos. A ordem do Diretor para dormirmos separados — ou, tecnicamente, acordarmos separados —

parece séria; e apesar de não haver ninguém acordado para conferir, é melhor não arriscar atrair atenção negativa a essa altura. Além do mais, precisamos estar bem focados esta noite, quando a Caçada Eper começar, e ajudaria muito se conseguíssemos descansar um pouco — o que provavelmente não vai acontecer se estivermos juntos.

— Estamos fazendo a coisa certa — diz ela, de forma tranquilizadora, em frente à porta do Instituto.

— Eu sei — digo, tanto para ela quanto para mim mesmo. — Eu sei.

— Você não precisa me levar até meu quarto. Posso ir sozinha daqui. O sol já saiu, e não devemos abrir e fechar essas portas mais do que o necessário.

— Certo.

— Vejo você em algumas horas. Vamos nos reunir com os outros caçadores para o início da Caçada. Até lá, as pessoas já terão começado a se dar conta de que o sistema de trancamento não funcionou. Vai ser uma debandada geral. Vamos encontrar um lugar para nos escondermos.

— Certo.

Franzo a testa.

— O que foi?

— Só estou me perguntando onde estão todos os caçadores. Os funcionários já deviam ter nos dito onde precisamos nos reunir para o começo da Caçada.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que vão nos informar.

— Tudo bem.

— Ah — diz ela —, se você for até meu quarto e não me encontrar, me procure no Centro de Controle. Estarei lá, desarmando o sistema de trancamento. E quero checar os monitores, encontrar o melhor esconderijo durante a debandada.

Despedimo-nos com um abraço demorado e apertado, nossos corpos cansados mas os corações em chamas. Ela abre uma fresta na porta e entra. A porta se fecha rapidamente, em silêncio.

⋆ ⋆ ⋆

Minutos depois, estou de volta na biblioteca. A porta se fecha com um clique atrás de mim. A escuridão ocupa e satura todo o ambiente; preciso dar um tempo para meus olhos se adaptarem. Avanço lentamente; a escuridão é tamanha que é como se meus olhos estivessem fechados. Então vejo um ponto de luz a distância na seção principal. É o furo no blecaute. Ainda não tem raio de luz nenhum; o sol vai levar horas para subir e assumir a posição naquele lado. Por enquanto é apenas um leve ponto de luz, como um olho me encarando.

O cansaço me atinge como uma cachoeira. Corro para a poltrona mais próxima. Não demoro para adormecer. Meu corpo mal afundou no acolchoado e minhas pálpebras ainda estão descendo como cortinas de teatro quando caio no sono. E neste último momento, antes de eu sucumbir completamente, um pequeno pensamento levanta a mão como uma farpa: tem alguma coisa fora do lugar, algo *errado*. Mas já é tarde demais, e estou mergulhado no sono.

* * *

Acordo com o coração em disparada. Mesmo sem abrir os olhos, sinto que há algo *errado*. Meus músculos estão tensos, minhas costas doem. Abro os olhos lentamente. Por um momento só consigo ver a mancha de luz do outro lado do aposento, saindo pelo furo no blecaute languidamente mas se intensificando a cada segundo. E, enquanto observo, vejo um raio começar a se formar, anguloso e confuso, mas se alongando como o estigma de uma flor.

A julgar pela intensidade e pelo ângulo, horas se passaram desde que caí no sono.

E ainda aquele sentimento de que alguma coisa está estranha permeia o ar, só que agora mais forte. Levanto-me lentamente, o medo e a sede fazendo meus ossos estalarem. A luz difusa está partida, como a face fragmentada da lua vista pelos galhos nus de uma floresta no inverno.

Sigo na direção dessa luz, os braços esticados para a frente, o entorpecimento ainda presente apesar do medo.

E então.

Longas mechas de cabelo roçam no meu rosto, uma carícia doentia e íntima. Um grito baixo e involuntário escapa da minha boca. É como ser pego em uma teia de aranha, mas muito pior; fios de cabelo que não se dissipam ao toque, que se arrastam por meu corpo, meu rosto, pelas laterais do meu nariz, se entremeiam com meus cílios e sobrancelhas, dedos delicados que tateiam meu rosto como uma pessoa cega lendo em Braille.

É preciso reunir toda a minha energia para eu não empurrar o cabelo violentamente. Abaixo-me até o chão e olho para cima. Alguém está dormindo no suporte de dormir. Tanquinho. Seu cabelo preto e comprido cai como uma cascata doentia, seu rosto branco, mais acima, como uma lua repugnante. O resto do corpo dela está escondido nas sombras do teto, o que cria a ilusão de uma cabeça decapitada flutuante.

Fecho os olhos, conto os segundos, torço para que ela não se mexa. Apuro os ouvidos. Nada além de um leve estalar de madeira do outro lado do aposento. Abro os olhos, vejo os livros no chão, centenas deles retirados apressadamente das prateleiras, empilhados embaixo como neve após uma avalanche.

Bonitão está pendurado de cabeça para baixo em uma estante, dormindo, as pernas enfiadas na prateleira de cima, os sapatos presos em uma pequena abertura para dar apoio. Conseguiu dormir nessa cama-estante improvisada.

E não só ele. Conforme a biblioteca clareia, vejo Lábios Escarlate mais adiante, também pendurada na prateleira mais alta. E também Decrépito, com o cinto amarrado em um duto de ventilação, pendurado no teto. Vestido Frufru está amarrada no candelabro central; ela gira lentamente, e o candelabro pende torto por causa do peso dela. Todos os caçadores. Eles vieram para cá ontem à noite. Não sei por quê.

O tempo todo eu estava dormindo dentro do vespeiro.

Tento não entrar em pânico e observo o aposento. O ambiente aqui dentro passa de preto a cinza a cada segundo, a luz difusa se transformando em um raio mais concentrado e mais longo. Então eu vejo a pilha de equipamentos perto da recepção: Capas de Sol, pares de sapatos, embalagens de Protetor Solar e seringas cheias de doses de adrenalina. Equipamentos e

acessórios para a Caçada.

Estão aqui para a Caçada. Para dormir durante o dia. Para terem um local onde ficar enquanto o Instituto entra no modo confinamento. A biblioteca é o ponto de partida.

Mas é claro que é. Como não percebi isso antes?

O raio de sol se intensifica e se alonga; uma sensação apavorante de inevitabilidade toma conta de mim como um nó sendo apertado no meu pescoço. E então, de repente, percebo o que vai acontecer nos próximos momentos.

Primeiro, os caçadores adormecidos vão sentir uma leve queimadura, uma irritação que vai aumentar conforme a luz começar a queimar suas pálpebras. Talvez já estejam sentindo os efeitos da luz: uma náusea se espalhando por suas entranhas, uma sensação de queimação na pele. Vão acordar e fugir do sol, espumando pela boca. Vão correr gritando e sibilando para o outro lado da biblioteca, para longe da luz.

E lá vão ficar, protegendo-se do raio ainda incômodo. Vão se perguntar (pois terão horas para conversar até a noite) sobre o jovem caçador que foi instalado aqui, como ele pôde sobreviver? Ele nunca reclamou do seu dormitório, nunca reclamou de problemas com a luz, e, pensando bem, ele sempre parecia cheirar a eper.

Balanço a cabeça para afastar os pensamentos mórbidos. Porque ainda há tempo para agir. Só preciso tapar o buraco. E rápido. Desvio com cuidado do corpo pendurado de Tanquinho e sigo pelo aposento.

— Ah, aí está você.

Eu me viro. O Diretor está olhando para mim, pendurado de cabeça para baixo no meio do corredor.

— Estávamos procurando você mais cedo. Não conseguimos encontrá-lo. Nem a bela garota. Precisávamos informar aos dois que os caçadores iam se reunir na biblioteca para a Caçada. Bom, parece que alguém conseguiu lhe avisar.

— Nós estávamos…

— Não, não, não precisa me explicar. Só fico feliz que você tenha conseguido chegar aqui antes do amanhecer. — Ele olha para mim, depois para além de mim, ao redor. Seus olhos são tomados por espanto. — Você deixou a porta aberta? Está muito claro aqui.

— Não, eu…

— Você parece nervoso. Qual é o problema?

— Não, não. Não é nervosismo. Só estou empolgado, só isso. Com a Caçada. Começa em poucas horas. Cinco, seis? Não sei bem que horas são agora.

— Daqui a umas quatro horas. Ouvi dizer que uma tempestade terrível está se aproximando. Vai escurecer mais cedo que o habitual. — Ele olha para mim. — Não perca a cabeça. Mantenha o controle.

— Eu sei. Mas é difícil não ficar empolgado. As pessoas matariam para estar no meu lugar.

— Será mesmo?

— Sim. Acho que sim.

— Que bom — diz ele, assentindo. — É assim que você precisa pensar. — Seu olhar é desviado para a minha esquerda. — Os FLUNs estão embaixo de mim. Achei que era melhor deixar longe dos outros.

— Claro.

As caixas estão a alguns metros dele. Ao lado do diário do Cientista.

— Eu não estava conseguindo dormir. Então comecei a ler aquele diário que encontrei na mesa. — Ele olha nos meus olhos. — Sabe, tem uma coisa que eu não entendo…

Bem neste momento, um grito felino estraçalha o silêncio. É Tanquinho. O raio de sol se intensificou com uma pureza violenta, atingiu sua mão e fez um buraco na pele. Sinto o cheiro de carne queimada e ouço ao meu redor uma erupção de gritos a plenos pulmões e uivos — os outros estão acordando. Tanquinho abre os olhos de repente, despertada pela dor. Eu me viro. O Diretor ainda está pendurado, os olhos fixos em mim. Ele olha para o lado; vê o raio de luz, reto e puro, atrás de mim, e eu de pé bem na frente, inabalado. Outra coisa surge nos olhos dele além da dor lancinante: uma desconfiança, uma percepção, uma acusação.

Fui descoberto, e a culpa é desse fiapo de luz. De todas as coisas que imaginei capazes de vir a ser minha ruína, jamais pensei em um raio de sol. Sempre achei que seria um espirro, um bocejo ou uma tosse o que acabaria por me expor. Alguma coisa fora do meu controle, uma traição do meu organismo.

Mas não isso; não algo tão simples, tão puro, tão bonito, até. É engraçado como são as coisas belas da vida que no fim acabam nos traindo.

Dou um passo para trás; meu pé bate nos FLUNs e eu tropeço neles, fazendo-os sair deslizando pelo chão. Olho para cima. O Diretor sumiu. Mais gritos, os baques pesados de corpos pousando no chão, mobília sendo empurrada para o lado de qualquer jeito, unhas e garras arranhando o piso de madeira. E então, silêncio.

Faço uma pausa e espero mais barulho. E então escuto: um uivo longo e irregular. Vindo da ala leste. Todos fugiram para lá, para longe do raio de sol. E então o som de inúmeros sussurros, intensos, acusatórios. Um único grito agudo, agora tomado não de medo, mas de ânsia, misturado a um desejo carregado. Um coro de outros rapidamente se une ao primeiro. O pânico aperta meu coração e eu saio correndo. Eles estão se reagrupando; estão percebendo. Preciso ir.

Fico de pé. O raio agora está com toda força, uma corda esticada até a parede oposta.

Alguém se move na minha direção, um vislumbre de movimento, alguém saltando de móvel para móvel e estantes, todas as vezes caindo agachado como um sapo. É só uma mancha, e então a pessoa pula do alto de uma estante com rapidez impressionante. É Tanquinho, voando pelo ar com velocidade absurda. Para cima de mim.

Fecho os olhos. Estou morto.

Um grito terrível explode no ar e é seguido por pequenos estalos de queimadura e o aroma de fumaça. O raio de sol. Ela aterrissou bem em frente à projeção da luz, que abriu uma cratera no peito dela. Tanquinho agora está no chão, mais para o lado do raio de luz, apertando os olhos com os braços, a boca retorcida em um grito de dor, o lábio superior trêmulo.

Tento me levantar às pressas e saio cambaleando, ainda meio desequilibrado. Uma mesa virada me faz tropeçar; enquanto caio, vejo com o canto do olho as formas indefinidas dos outros vindo pelo corredor na minha direção, os braços na frente dos olhos, a uma velocidade quase obscena. Os gritos deles, na verdade uivos sussurrados, rasgam meus tímpanos como

unhas afiadas.

Ao aterrissar no chão, bato a cabeça em alguma coisa dura e metálica. O sangue jorra; imediatamente os rosnados se elevam a um nível insano.

Eles saltam na minha direção, estranhamente sincronizados, cada um com o braço esquerdo cobrindo o rosto e com o direito apontando para mim, as garras afiadas estendidas. E, ainda em sincronia, os rosnados viram gritos quando eles encontram o raio de luz. Como se fossem um só, eles são lançados para trás.

Sinto um cheiro horrível e fétido de carne podre e pele queimada. Penso em me mexer, mas estou praticamente cego por causa do sangue que escorre em meu olho direito, do corte acima da sobrancelha. Limpo o sangue com a manga da camisa; e, quando faço isso, vejo os caçadores se levantando, trêmulos de desejo. Meu sangue; eles estão enlouquecidos pelo aroma fresco e irresistível do meu sangue. Eles vêm para cima de mim de novo, mas de uma maneira mais inteligente agora. Em vez de tentar passar pelo raio, estão escalando as paredes e cruzando o aposento pelo teto.

Isso faz com que eu me mova, uma onda de adrenalina disparando dentro de mim tão de repente que quase não percebo: uma caixa de FLUNs. Foi nisso que bati a cabeça. E, debaixo da caixa, o diário do Cientista. Sem pensar, pego-o pela corda que marca a página — sinto como se segurasse o rabo fino de um rato magro — e o guardo na camisa. Posso sentir a tira de madeira da lombada incomodando minha barriga. Então pego a caixa e começo a erguê-la, sentindo-a balançar em minha mão. Os gritos e uivos estão ao meu redor agora, tanto uivos de dor quanto de desejo ardente. Corro até a porta pelo corredor estreito que leva ao saguão de entrada.

É então que…

Um deles, Bonitão, cai bem na minha frente, um pedaço afiado de gelo negro. Dou um murro nele um milissegundo depois, o que o pega de surpresa. Ele estica a mão para me pegar quando passo correndo. Acaba me golpeando de raspão no ombro (será que ele me cortou? será que ele me cortou?), fazendo meu corpo girar, e parte para cima de mim quando ainda estou no meio do movimento, balançando os braços em desequilíbrio, a caixa ainda na mão.

A caixa o atinge em cheio, e machuca seu rosto ao se abrir sozinha. O FLUN sai voando lá de dentro e vai deslizando pelo chão.

O impacto o deixa momentaneamente atordoado. Eu me jogo no chão para pegar o FLUN, alcançando-o na mesma hora em que Bonitão me pega pelo tornozelo. Ele começa a me puxar com tanta força que quase arranca fora minha perna. Sinto suas unhas perfurando minha calça jeans, rasgando minha pele.

— *Gah!* — grito, sem nem perceber direito que estou soltando a trava de segurança.

Ele me puxa, está com minha perna junto ao rosto, a boca aberta e as presas prontas para atacar.

Puxo o gatilho, mas o raio de luz atinge meu pé.

No entanto, é o bastante para ele me largar. Ele recua momentaneamente, mas logo vem de novo para cima de mim.

Desta vez, atinjo-o bem nos olhos. Ele cai para trás como se tivesse levado uma martelada no rosto.

Atrás dele, os outros estão vindo, correndo.

Bonitão, gritando de dor, levanta-se de um pulo. Da sua testa, escorre um líquido grosso de pus. Preciso ajustar o FLUN para o nível mais alto. Mas não tenho tempo a perder nisso agora: quando eu parar para fazer isso, eles já terão me alcançado.

Lábios Escarlate, gritando como uma hiena, voa para cima de mim.

Disparo a última carga e atinjo-a no peito. Ela cai para trás e agarra o peito, gritando de dor. Mas logo está novamente de pé, o rosto retorcido horrivelmente em dor e luxúria.

— Quem quer mais? — grito. — *Quem quer mais?*

Eles param na mesma hora, com fios de baba que chegam até o chão. Vejo incerteza em seus olhos, misturada ao desejo. Eles movem a cabeça rapidamente para trás e para a frente, mordendo o ar e trincando os dentes.

— Quem quer mais?

É uma ameaça vazia. Já disparei a terceira e última carga. Só me sobrou blefar.

— Você? — grito, apontando o FLUN para Decrépito, que se aproxima lentamente de mim. — Que tal você? — Giro a arma para o outro lado, para Vestido Frufru. Recuo em direção à porta da biblioteca.

A cada passo que recuo, eles avançam um metro. Os rosnados ficam mais altos, mais úmidos, o desejo individual começando a vencer o medo coletivo. Bonitão, que está na frente, se agacha, pronto para pular. Eles não vão me deixar recuar muito mais.

— Vocês é que são os animais! Vocês são os epers! — grito, ao mesmo tempo em que giro e jogo o FLUN descarregado neles.

Eles gritam em uníssono, membros de um coral insano.

No fim, o que me salva é a mesma coisa que ameaça me matar: o desejo insaciável deles pelo meu sangue. Quando Bonitão pula para me pegar, é puxado pelos que estão atrás. Eles avançam e o pisoteiam. Isso me dá uma vantagem de dois segundos, e é tudo de que preciso.

Corro para a porta de saída e, cinco metros depois — no mesmo instante em que sinto as mãos deles roçando minhas costas, as unhas arranhando minha nuca —, pulo na barra de abertura da porta. Nunca vou esquecer a sensação do metal frio na minha mão. Meu impulso empurra a barra para baixo, fazendo a porta se abrir, e uma brancura capaz de cegar enche minha visão. A ardência da luz em meus olhos é uma dor linda.

Os gritos deles, antes de puro desejo, agora estão dominados por dor e sofrimento. Ouço-os recuarem desajeitadamente.

Mas não terminei. Não mesmo. Reabro a porta — eles se afastam da luz em desespero, como ratos fugindo — e coloco a caixa para impedir que se feche. Mesmo entrando pouca luz, é o suficiente para inundar a biblioteca, mesmo as alas mais distantes, tornando o resto do dia insone e doloroso para os caçadores lá dentro.

— Durmam bem, seus animais! — grito, e começo a me afastar.

Mas então ouço uma voz, rouca e áspera de raiva, ecoando pelo saguão como cuspe rançoso subindo pela garganta. Decrépito.

— Você acha que vai escapar? — grita ele da escuridão. — Acha que nos venceu, seu eper burro? Acha que é assim tão inteligente? Ei, seu eper suado, fedido e cantarolante! Só estamos começando! É melhor você correr! Está ouvindo? Porque, quando anoitecer, a Caçada

começa. E vamos sair daqui correndo para caçar você, para rasgá-lo, para fazê-lo em pedaços. Está me ouvindo? Você veio para fazer parte da Caçada? Pois bem, você vai fazer parte da Caçada! *Entendeu*? *Você vai fazer parte da Caçada!*

⋆ ⋆ ⋆

Todos ainda dormem no prédio principal. Meus passos ecoam pelos corredores escuros e vazios. Passo pelo salão de banquete. Parece uma caverna de morcegos: uma quantidade enorme de pessoas está pendurada no candelabro principal, suas silhuetas escuras e de cabeça para baixo como um emaranhado pútrido de cabelos. Em um lado, pendurado em dutos de ventilação, há um grupo de repórteres com as câmeras ainda ao pescoço, quase tocando no chão.

Julia Brasa não responde quando bato à porta de seu quarto. Abro a porta. Está vazio.

Ela está no Centro de Controle (como bem disse que estaria), em frente aos monitores, movendo a cabeça de um lado para outro.

— Oi — digo.

Entro silenciosamente, para não assustá-la. O sol inunda o aposento. Vou até ela.

— Ei, você. Por que não está dormindo? — Ela se vira. — Acho que encontrei o esconderijo ideal…

— Julia Brasa.

— O que aconteceu? — pergunta ela, vendo a expressão em meu rosto.

Balanço a cabeça.

— Gene, o que foi?

— Sinto muito.

Ela olha bem fundo nos meus olhos e me avalia.

— O que está acontecendo, Gene?

— Uma coisa terrível.

Ela toca meu braço.

— O que aconteceu?

— Acabou para mim.

— O que você quer dizer?

Eu conto a ela. Sobre os caçadores na biblioteca, o raio de sol, a descoberta do que eu sou. Seu rosto é tomado de preocupação.

— Acabou — digo. — Estão atrás de mim. Quando o sol sumir, virão me caçar.

Ela fica de pé e anda alguns passos. Seus braços ficam rígidos ao lado do corpo, a cabeça inclinada, mergulhada em pensamentos.

— Temos os FLUNs. Podemos voltar para a biblioteca, acabar com eles.

— Julia…

— Não, escute, podemos fazer isso. Mais ninguém sabe sobre você, só os caçadores na biblioteca.

— Ju…

— Se os matarmos, ninguém vai saber, seu segredo ainda vai estar seguro.

— É uma missão suicida…

— Temos os FLUNs…

— Sobrou *um* FLUN, eu usei o outro. E está em algum lugar da biblioteca, não sei onde. Eles são em maior número, têm velocidade, força, dentes, garras…

— Vamos encontrar o FLUN, colocar no nível mais alto, é fatal…

— Não vamos encontrar!

— Podemos…

— Ju…

— O quê! — grita ela, sua voz falhando de repente. — O que quer que eu diga? Que outra escolha nós temos?

Ela começa a soluçar incontrolavelmente. Tomo-a nos braços. Seu corpo está frio; ela está tremendo.

— Temos que tentar, temos que continuar tentando — diz ela.

— Acabou. Fizemos o melhor que podíamos. Mas não há mais nada a se fazer.

— Não! Eu me recuso a acreditar nisso!

Ela se afasta com um grito. Suas mãos ficam brancas e se fecham com força. Mas sua respiração se acalma e seu corpo atinge a imobilidade perfeita. A imobilidade de uma pessoa que tomou uma decisão.

— Podemos construir uma vida para nós no Domo — diz ela, baixinho, ainda olhando para as janelas, de costas para mim.

— O quê?

— No Domo. Vamos sobreviver, assim como os epers sobreviveram, durante anos.

— De jeito nenhum. Não posso acreditar…

— Vai dar certo. O Domo funciona em piloto automático contínuo. Levanta-se ao anoitecer, desce ao amanhecer. Vai sempre nos proteger.

Olho para ela. Não consigo mais suportar ver suas costas. Vou até ela, seguro-lhe o braço e a viro.

O rosto dela trai a firmeza da voz e de sua postura. Lágrimas descem pelas suas faces.

— Julia…

— É a única opção que *nós* temos. — Ela olha nos meus olhos. — E você sabe disso, não sabe?

Nós. A palavra ecoa nos meus ouvidos.

— Não vou deixar que você… É só a mim que eles querem agora — digo a ela. — Você pode prosseguir com a sua vida.

— Eu odeio aquela vida! Mais do que você.

— Não, você é boa. Eu vi, você poderia prosseguir…

— Não! Eu *odeio*, com todas as fibras do meu ser. *Jamais* poderia voltar para aquilo tudo sozinha. O fingimento, o desejo escondido. — Os olhos dela assumem um brilho de emoção pura que a princípio penso ser raiva. Mas então vêm as palavras: — Você fez isso comigo, Gene. E agora não posso voltar para aquilo, não sozinha, não sem você. — Ela funga. — O Domo. É o único jeito de ficarmos juntos agora.

— O Domo é uma prisão. Lá fora, pelo menos você vai estar livre.

— Lá fora eu sou prisioneira na minha própria pele. Os desejos contidos, os sorrisos reprimidos, as coçadas falsas, os dentes falsos… são as barras de uma prisão mais profunda.

Meus pensamentos estão em disparada e giram em um turbilhão louco. Mas os olhos dela desaceleram tudo, me seguram. Vou até ela, sem conseguir fazer outra coisa, e tomo seu rosto. Minhas mãos nas bochechas dela, meus dedos no seu maxilar, acariciando aquela pequena pinta molhada de lágrimas.

— Tudo bem — digo, sorrindo apesar da situação. — Tudo bem, vamos fazer isso.

Ela retribui o sorriso e aperta os olhos; mais lágrimas caem. Ela me puxa para mais perto e me abraça com força.

Um grito alto e agudo soa lá fora. Eu e Julia Brasa nos entreolhamos. Depois outro, cheio de dor e sofrimento. Silêncio. E mais outro grito infernal. Corremos até as janelas.

Alguém está tentando sair da biblioteca. Bonitão. Ele segura uma Capa de Sol acima da cabeça. Mas a capa não foi feita para ser usada em plena luz do dia, de forma que o efeito é imediato e arrasador. Bonitão tropeça, depois levanta-se e sai empurrando as pernas esponjosas. Conforme se aproxima, vejo sua pele, brilhando com uma palidez quase radioativa, começar a se desmanchar sob o sol forte, já escorrendo pus dos seus globos oculares. Ele grita de novo, e de novo, mesmo enquanto suas cordas vocais começam a se desintegrar. Mas, embora não seja perfeita, a Capa de Sol funciona: ele vai conseguir chegar ao prédio principal. Onde vai poder contar aos outros sobre mim, que sou um eper disfarçado, que sou um eper dentro deste prédio.

Julia Brasa interpreta a situação com uma precisão apavorante:

— Talvez nosso tempo acabe bem antes do anoitecer.

Assistimos, incrédulos, a Bonitão abrir a porta da frente e entrar. Ele está aqui dentro agora. Aqui dentro do prédio.

Balanço a cabeça em negativa.

— Você tem que ir. Eles só sabem sobre mim. Você não pode ser vista comigo. Senão, vão envolvê-la nisso e você será culpada por associação.

— Vou ficar com você, Gene.

— Não. Eu vou sair correndo lá para fora. Posso conseguir se for rápido o bastante. Você sai quando puder. Se não hoje, amanhã. Vamos nos encontrar no Domo. Enquanto não desconfiarem de você, vai estar tudo bem. É atrás de mim que eles estão.

Um uivo horrendo ecoa pelo corredor, um grito que sacode o prédio. Ruídos chegam pelas paredes. Baques distantes. Outro uivo, mais baixo porém mais sofrido.

Ela fica paralisada de repente: vejo a compreensão atingi-la em cheio. Ela fica tensa. De medo.

— O que foi?

Julia Brasa se vira de costas para mim. Quando fala, sua voz está trêmula. Ela não consegue me olhar.

— Gene — diz ela —, vá para os fundos. Dê uma olhada nos monitores de segurança, veja se consegue entender o que está acontecendo.

— O que você vai fazer?

— Vou ficar aqui — diz ela em um tom estranho, com um olhar dissimulado.

Vou até os monitores, curioso para ver o que está acontecendo ao redor do Instituto. A princípio, vejo pouco movimento. Todo mundo ainda dormindo. Tudo está cinza e parado. Mas um monitor do canto me chama a atenção. Há movimento. No saguão, onde Bonitão se contorce no chão, as pernas chutando o vazio. Sua boca está escancarada, como se em um bocejo silencioso. Mas eu sei que não é bocejo nem silencioso. É um grito de gelar a espinha. No monitor do salão de banquete, pessoas dormindo, ainda penduradas no candelabro, começam a se mexer. O candelabro está tremendo agora. Em outros monitores, as pessoas penduradas em dutos de ventilação nos corredores estão acordando, começando a abrir os olhos.

— Tenho que ir agora! — grito para Julia Brasa. Dou as costas para os monitores, me preparando para fugir.

Mas ela foi embora.

⋆ ⋆ ⋆

Não sei como interpretar esse desaparecimento repentino. *Ela me ouviu*, penso, mas, não sei por quê, isso não me parece verdade. Tem mais alguma coisa acontecendo.

Abro a porta e saio do Centro de Controle. O corredor está vazio.

— Julia Brasa! — grito a plenos pulmões, sem me importar se os outros me ouvem.

A única resposta é o som do meu eco reverberando até mim.

Não tenho um segundo a perder. Corro pelo corredor, entro em outro. Depois da claridade do Centro de Controle, o corredor está um breu completo. Se eu conseguir chegar a Bonitão antes dos outros, posso levá-lo para fora, acabar com ele. Isso o silenciaria e me daria tempo, pelo menos até o anoitecer.

E de repente sei que Julia Brasa foi até lá. Até o saguão, para arrastar Bonitão para fora. Ela sabe que eu nunca a deixaria ir.

Com a frustração aquecida por uma afeição louca, sigo às pressas pelo segundo corredor até chegar a uma porta que dá acesso à escada. Ali no alto dos degraus, ao olhar para o fosso escuro, ouço gritos e berros. O som de botas, o som de pés descalços se arrastando em paredes e escadas. Portas se abrem e fecham. Os sons chegam até mim confusos, ecos quicando pelas paredes e escadas ao longe.

É tarde demais agora.

Eles sabem. Todos sabem agora.

E então, como um tiro de canhão, portas explodem alguns andares abaixo. O som desesperado de pés em degraus cromados, o *tec-tec* de garras compridas no corrimão de metal. Subindo. Vindo me pegar. Um sibilar coletivo, como um enxame de vespas, voa até os meus ouvidos. E um berro primitivo sobe pelo vão: de repente, eles me farejaram. Estão vindo atrás de mim.

Eu me viro e corro. Volto pelo mesmo caminho, para o Centro de Controle. Eles vêm com rapidez e fúria, seus gritos ecoando pelas paredes. Só dois corredores até lá, só dois.

O primeiro corredor já foi; viro no segundo quando ouço a porta da escada se abrir. *Mais rápido, mais rápido…*

A maçaneta da porta do Centro de Controle está na minha mão. Eu a giro. Ela escorrega, pois as palmas das minhas mãos e meus dedos estão suados demais. Seguro com as mãos e empurro o corpo pela passagem, fechando a porta com um chute depois que passo.

A porta bate; um segundo depois, o estrondo de um *bum!* gigantesco empurra a porta do outro lado. É uma corrida até a maçaneta agora. Dou um pulo e aperto o botão de trancar. Um segundo depois, a maçaneta gira na minha mão — alguém tentando abrir pelo outro lado —, mas ela já está trancada. O uivo terrível que se segue chega a balançar a porta. Depois, outro *bum!* Estão se jogando na porta, tentando derrubá-la.

Recuo até os fundos do Centro de Controle. A porta não vai aguentar muito tempo. Talvez uns dez golpes, no máximo. Eles vão entrar, uma enxurrada de pele branca como alabastro e dentes brilhantes e olhos saltados ardendo de um desejo louco. A luz do sol não será suficiente para detê-los. Eles vão sofrer alegremente queimaduras na pele e cegueira temporária por uma gota que seja de sangue eper.

Os monitores de vídeo nos fundos, que momentos atrás mostravam pouco movimento, agora exibem uma atividade enlouquecida. Em cada um deles há pessoas pulando pelos corredores, de camisola ou pijama de flanela, os olhos flamejantes. Todos sabem. Sabem que estou no Centro de Controle.

Bum! O estrondo na porta soa ainda mais alto: mais corpos, mais força. Garras arranham do outro lado, acompanhadas de uivos e gritos. E respirações ofegantes, as risadas dos insanos.

Agarro uma cadeira de aço e a jogo na janela. Ela quica inutilmente como uma bola de pingue-pongue. Eu me viro e procuro outra saída. Não há nenhuma.

Todos os monitores estão agora tomados por borrões que têm a energia de uma besta despertada. Todos menos um: na terceira fileira de monitores, à direita. Algo na tela chama minha atenção, não por algo se mover nela, mas justamente pela falta de movimento. Uma figura solitária, de pé, um pouco curvada, escrevendo alguma coisa.

É Julia Brasa. Alívio e uma estranha sensação de orgulho tomam conta de mim: ela fugiu. A julgar pelas panelas e travessas atrás dela, deve estar na cozinha. Então vejo-a levantar a cabeça de repente, como se ouvisse algo. Eu também ouço. Um grito de gelar o sangue que faz as paredes do prédio vibrarem. Julia Brasa faz uma pausa e volta a escrever. De repente ela para e ergue o olhar; seu queixo cai.

Ela se deu conta de alguma coisa. Uma luz se acendeu em sua cabeça.

Ela se debruça sobre o papel de novo, escrevendo furiosamente na folha, sua mão um borrão indistinto.

Gritos altos e gemidos ressoam em todo o prédio.

Ela para, com uma careta de indecisão no rosto. Balança a cabeça, joga a caneta de lado com irritação e dobra rapidamente a folha de papel. Corre até um buraco na parede, abre-o, coloca o papel dentro. O forno? Em seguida, aperta um botão grande. Uma luz emana do botão e ilumina seu rosto. Lágrimas escorrem por suas bochechas. Inclina a cabeça para trás e vejo o pavor em sua expressão. Ela está ouvindo. Os uivos de desejo que sobem na minha direção.

BUM! Este estrondo é mais alto e deforma a porta. A dobradiça do alto fica torta como uma fratura exposta. Só mais uns poucos golpes e será arrancada.

É assim que vou morrer, concluo. Recostado na porta que explode para dentro, os olhos

grudados na imagem de Julia Brasa no monitor. Que essa seja minha última imagem. Que minha morte seja rápida, que meu último pensamento e a última coisa que vi sejam Julia Brasa.

No monitor, ela de repente faz uma coisa estranha. Pega uma faca de um suporte, uma faca com lâmina longa e curva. Encosta-a na palma da mão esquerda e, antes que eu entenda o que está fazendo, aperta.

Sua boca se abre em uma expressão de dor, se escancara em um berro.

E então eu entendo. Grito:

— *Julia Brasa!*

Na tela, ela larga a faca e sai correndo.

BUM! A porta se entorta para dentro, mas ainda aguenta. Por pouco. Apenas mais um golpe e será derrubada.

Mas de repente um grito febril soa do outro lado. Ouço unhas arranhando o chão e as paredes e o teto. Afastando-se da porta. Depois, silêncio. Foram todos embora.

Olho para o monitor e vejo Julia Brasa voando escadaria abaixo, seu cabelo voando atrás. Ela está pulando de um lance para o outro; mal pôs os pés no chão e já está pulando para o andar seguinte. Indo direto para a Apresentação.

Nos monitores, vejo hordas de pessoas descendo correndo a escada, sincronizadas.

Em busca do sangue e da carne de uma fêmea eper virgem.

Eles se movem como se fossem um, sem palavras mas com ferocidade, sua velocidade surpreendente nos monitores. A gravidade lhes dá ainda mais velocidade conforme eles voam pelos degraus. Caindo como chuva negra.

Julia Brasa corre para baixo, o pânico entalhado no rosto. Cada vez que seus pés tocam o chão, ela segura o corrimão com a mão esquerda, gira o corpo rapidamente e pula para o andar seguinte.

A chuva negra continua a cair, a se aproximar dela.

Ela chega ao último pavimento subterrâneo. Seu rosto está vermelho, o suor pingando e criando um anel escuro e úmido ao redor do pescoço. Mechas de cabelo molhado estão grudadas em seu rosto. Sua respiração está entrecortada; ela voa para a porta que leva à Apresentação.

Eles aterrissam atrás dela, uma cachoeira preta e viscosa a despencar, espalhando-se pelas paredes e pelo chão. Vão direto para cima dela.

Ela se espreme pela pequena abertura entre as portas duplas, que por um milagre estão abertas. Meio segundo depois, uma dezena deles pula naquele mesmo ponto. A massa que eles formam os faz entalar, impede que apenas um passe pelas portas. Ela ganha tempo, talvez mais alguns segundos de vida.

Olho para outro monitor. Agora vejo o que ela planejou desde o começo. Está indo para o aposento onde o velho eper macho morava. Ela passa correndo por um dos postes, por manchas escuras no chão, e segue em direção à porta em formato de alçapão, que está aberta. Três pessoas — dois homens e uma mulher — conseguiram entrar: completamente nus, suas roupas tendo sido arrancadas durante a perseguição, e vão direto para cima dela. Suas bocas estão pavorosamente abertas em um grito que, apesar de silencioso para mim pelos monitores,

deve ser ensurdecedor para Julia Brasa. Mais à frente, ela se joga no chão e, deslizando, percorre os últimos metros que a separam do alçapão, indo direto para a abertura. Ao cair, ela agarra a barra da portinha, puxando-a para fechá-la. A entrada se fecha com um baque, levantando poeira. Os três chegam ao alçapão; circulam a entrada, seus músculos contraídos, os dedos agarrando as beiradas, tentando levantá-la.

Horrorizado, vejo a pequena porta começar a se levantar. Ela não conseguiu trancá-la ainda. Eles conseguem enfiar os dedos na abertura…

… quando uma massa de corpos os atinge, derrubando-os. Corpos nus por todos os lados, cotovelos lutando por uma boa posição, braços acertando o ar a esmo. A porta se fecha. E desta vez, mesmo com dez mãos agarrando as beiradas, não volta a se erguer. Ela a trancou.

Corra!, grita uma voz na minha cabeça. É minha própria voz, berrando comigo. *Corra!* Mas meus pés estão grudados no chão, meus olhos estão colados nos monitores. Preciso ter certeza de que ela está bem.

Ela está bem, me diz minha voz de novo. *Está trancada, não tem como eles entrarem. Todos sabem disso.*

Ou vão saber, e muito em breve. Vão saber que não têm como chegar à fêmea eper virgem.

E logo vão se lembrar de outra coisa: de que o eper macho virgem ainda está no Centro de Controle. E que esse macho, ao contrário da fêmea, está muito acessível.

Corra, Gene! E desta vez a voz não é a minha, mas a de Julia Brasa. *Corra! Agora é sua chance de sair!*

Foi por isso que ela cortou a palma da mão. Foi por isso que os levou até a Apresentação. Para me dar uma pequena janela pela qual escapar para a área externa.

Corra, Gene!

Eu corro.

⋆ ⋆ ⋆

Por enquanto, os corredores estão estranhamente silenciosos. Até na escada só ouço um leve murmúrio, um leve sibilar. Preciso descer quatro lances, na direção deles, para chegar ao térreo e sair.

Piso no primeiro degrau… e é como se, sem querer, tivesse apertado um botão. No mesmo instante, um rugido sobe pela escada, um grito de raiva, frustração, entendimento, desejo. E depois uma confusão de sons: unhas, presas, sibilando, rasgando, subindo pelas paredes e pela escada. Vindo na minha direção.

Tão rápido, e eles já estão vindo.

Pulo para o andar de baixo, na direção deles, e o impacto reverbera por minhas pernas e coluna. Ao ver Julia Brasa, parece fácil. Seguro o corrimão com a mão esquerda e, imitando-a, giro e pulo para o andar seguinte, meu corpo ainda vibrando.

Mais abaixo, os gritos se intensificam. Eles farejam o medo que emana de mim. Jogo o corpo no andar seguinte, e só falta mais um, enquanto eles sobem correndo na minha direção. O impacto é um soco nos meus intestinos. Desabo sobre as pernas, abraço a barriga, me dobro

de dor. Minha visão fica amarela, vermelha, preta.

Eu me levanto, trinco os dentes para suportar a dor e lanço o corpo no andar do térreo. Olho para o vão pouco antes de cair: mãos de unhas compridas agarrando o corrimão, uma confusão de corpos aparecendo na escada, olhos brilhando no escuro. Óleo negro escorrendo desenfreado na minha direção.

Saio pelas portas à minha esquerda, forço minhas pernas. Direita, direita, esquerda, e então estarei no saguão. Faltam vinte segundos.

Eles estão a cinco, dez segundos de distância.

Com minhas pernas já tomadas pelo ácido lático, me forço em direção à saída e ignoro a certeza matemática da minha própria morte. Esta é a expressão exata que surge em minha mente turbulenta: *a certeza matemática da minha própria morte.*

Viro à direita, sabendo que tenho no máximo dois segundos de vida.

Sigo pelo corredor, a forma do meu corpo completamente abstraída: sou apenas um boneco de pano arrastado pelo medo, sacudindo os braços.

Cinco segundos depois, quando pego o último corredor que leva ao saguão, ainda estou vivo. Mal posso acreditar.

Eles devem ter passado direto pelo patamar do térreo, pensando que eu estava no Centro de Controle. Tenho tempo, vou conseguir…

Um estrondo explosivo. Eles passaram pela porta do térreo e já estão disparando pelos corredores na minha direção, rápidos e furiosos e cheios de desejo, impulsionados pelo pânico, o pânico de me perderem para o sol lá fora. Um mar negro, uma maré de ácido preto.

Meus pés afundam no macio tapete real turco do saguão. Viro para a esquerda. A porta dupla de entrada, com as frestas iluminadas pela luz do dia lá fora. Vinte metros para a liberdade. Saio correndo naquela direção. Cada gota de energia em meu corpo já foi esgotada, mas de alguma forma consigo imprimir velocidade.

As vozes alteradas atrás, o som de garras arranhando o mármore, deslizando e escorregando.

Dez metros. Estico os braços em direção à maçaneta.

Alguma coisa agarra meu tornozelo.

É quente e úmida e grudenta. Mas com solidez e força suficientes para conseguir me segurar e me fazer cair no chão.

Desabo com um baque, e o ar é expelido de mim como um fole pressionado.

É Bonitão, ou a gosma esponjosa que restou dele, me segurando pelo tornozelo, se alçando na minha direção. Seu rosto é uma pizza escorrendo pus amarelo. Sua boca, parcialmente desdentada agora (vejo os dentes caídos pelo seu peito e pelo tapete), se abre para sibilar, mas o que sai é uma confusão borbulhante de sons.

Eu o chuto, mas ele aperta meu tornozelo ainda mais forte.

— Ah! — grito. — *Ah!*

Chuto com o outro pé: erro a mão, mas acerto seu rosto. Meu pé afunda na gosma úmida (por um momento repulsivo, sinto o globo ocular dele na sola do meu sapato) e chega ao osso. O que costumava ser osso. A cabeça não exatamente explode, mas se *solta* do pescoço.

Não há tempo a perder. Estou de pé, com a mão na maçaneta, passando pela porta da frente. A claridade é cegante, mas eu não paro. Não com os gritos de raiva e frustração bem atrás de

mim. Corro com olhos apertados, mal enxergando, os pés batendo na areia, concentrando-me apenas em abrir mais distância, mais distância entre mim e a porta; e não paro nem mesmo quando sei que estou longe o bastante, continuo a bater com os pés no chão, e estou gritando *“Ah! Ah! Ah!”*, sem saber se é por raiva ou vitória ou derrota ou amor ou medo. Mas continuo a gritar sem parar até não estar mais gritando, e sim chorando, não mais correndo, mas de cara na areia, dobrado de cansaço, minhas mãos apertando e soltando a areia, cheio de areia nos punhos, areia nas narinas, areia na boca, na garganta, e os únicos sons são minha respiração entrecortada e meus soluços roucos, minhas lágrimas pingando na areia, banhadas pela maravilhosa, dolorosa e cegante luz do dia.

⋆ ⋆ ⋆

Estou esgotado, desprovido de energia e pensamentos e emoção, quando ergo o que resta de meu corpo e vou até o Domo. Meus ossos ainda tremem, resquício de ter descido a escada aos saltos. Examino meus tornozelos: sem inchaço e, o que é mais importante, sem cortes e sem arranhões no esquerdo, pelo qual me agarraram. Está tudo quieto agora, não há nem som de vento soprando. Contorno a biblioteca em um arco amplo; não estou muito preocupado com a possibilidade de algum outro caçador sair correndo lá de dentro, principalmente porque a Capa de Sol já foi usada, mas não vou me arriscar. Acho que ouço um sibilar úmido vindo do interior da biblioteca. Mas o som desaparece quando me aproximo do Domo.

No vilarejo eper está tudo quieto.

— Olá! — Silêncio. — Olá!

Vou até uma cabana. Vazia, como eu já esperava. E a segunda cabana também. Partículas de poeira suspensas estão visíveis à luz de sol.

E é a mesma coisa aonde quer que eu vá. Vazio. Não há um só eper por perto. Nem na horta, nem debaixo das macieiras, nem no campo de treinamento, nem nas cabanas.

Eles foram embora. Pelo que percebo, saíram apressados. O café da manhã ainda está aqui, parcialmente comido, na sala de refeições: pedaços de pão mordiscados, copos de leite pela metade. Olho para as planícies em busca de algum ponto em movimento ou nuvem de poeira. Mas não os vejo em parte alguma.

O lago me oferece o alívio que procuro: água. E espaço e luz do sol e silêncio. Bebo demoradamente, depois me deito à margem do lago, com o braço e a perna direita mergulhados na água fria. Em cerca de quatro horas, as paredes do Domo vão subir, sem a presença dos seus antigos ocupantes. Um novo ocupante os terá substituído; não, não um ocupante, um prisioneiro. Pois é assim que vou me sentir, sozinho dentro destas paredes de vidro. Um prisioneiro, do mesmo jeito que Julia Brasa é prisioneira das paredes daquele fosso, nas profundezas mais escuras da terra.

Quanto tempo ela vai durar lá embaixo? O velho eper, pelo que disseram, armazenou comida e água suficientes para um mês. Mas quanto tempo ela consegue ficar ali sozinha no escuro e no frio até perder toda a esperança? Quanto tempo até que sua mente desabe sob os arranhões e batidas e golpes constantes na porta acima?

E por que ela fez isso?

Eu conheço a resposta, é óbvia, mas não entendo.

Ela fez isso por mim. Ela soube, assim que viu o homem com a Capa de Sol entrar no prédio principal, que eu estaria morto em poucos minutos. Fez a única coisa que me salvaria.

Passo a mão esquerda pelo cascalho e deixo que a aspereza belisque a palma da minha mão. Mordo o lábio inferior, incapaz de afastar um sentimento de que estou esquecendo uma coisa essencial. Uma sensação indelével de que estou perdendo tempo. Eu deveria estar fazendo alguma coisa, mas o quê? Bato no lago com frustração e deixo a água espirrar no meu rosto, no meu corpo.

Ergo o corpo e me sento. O que estou esquecendo? Repasso na mente as últimas imagens de Julia Brasa de trás para frente: saltando para o buraco, correndo até a Apresentação, voando escada abaixo, escrevendo uma carta na cozinha, jogando-a no forno…

Levo um choque.

Não era um forno.

Era o Umbilical.

Fico de pé de um salto e corro até lá. Mesmo a metros de distância, vejo uma luz verde piscante, bem acima da abertura, uma pulsação regular. Chego lá em segundos. Abro a portinhola.

Ali está. No canto, um pedacinho de papel dobrado.

O papel estala de leve nos meus dedos quando o desdobro. Uma carta breve, escrita de forma apressada, até mesmo desesperada.

Gene,

Se vc estiver lendo isso é pq conseguiu. Não fique zangado comigo. Nem c/ vc mesmo. Era o único jeito.

~~*Vou ficar bem. Vc me deu uma coisa a ser lembrada; mesmo se ficar mt escuro ou solitário lá embaixo, sempre vou ter nossas lembranças. Essas poucas horas em que*~~

Ainda dá tempo. Busque os epers. Qdo vc voltar, qdo todos estiverem correndo p/ cima deles, aproveite p/ ir me buscar.

Estou na Apresnt. Vou esperar vc.

Seja rápido, galope.

Nunca esqueça

E assim termina a carta, no meio de uma frase, ao que parece. Ela teve que terminar às pressas, as palavras em garranchos, o texto de qualquer jeito, sinais de pânico.

Leio a carta várias vezes, até as palavras estarem entalhadas na minha memória, até a impossibilidade do que ela está pedindo ser absorvida.

Busque os epers. Essas palavras soam na voz de Julia Brasa de modo assustadoramente real. Ouço as inflexões apressadas e desesperadas na voz dela. Mas não tem nada que eu possa fazer, ela deve saber. Não posso buscá-los. Os epers foram embora, e não faço ideia de onde estão. Além do mais, não posso sair procurando pela Vastidão, torcendo para dar de cara com eles. Seria o equivalente a colocar a mão em um trecho qualquer de areia do deserto na esperança

louca de encontrar uma moeda perdida. E quando a noite cair e eu ainda estiver lá fora, será o fim para mim. Vão me farejar, vão me caçar, tão certamente quanto farão com os epers.

Abro os olhos, deixo que o sol penetre nos meus globos oculares, torcendo para que o brilho intenso e doloroso apague as palavras dela da minha mente. Vou até o campo de treinamento em busca de alguma coisa na qual descontar minha frustração, uma lança para partir em duas ou uma adaga para jogar na parede de uma cabana. Mas não encontro nada. Chuto pedras no chão, atiro outras o mais longe que consigo. E, o tempo todo, tenho a sensação inquietante de que estou deixando passar alguma coisa, de que não li a carta direito.

Busque os epers.

Ignoro essas palavras, pego mais pedras. Vou até a macieira para ver se…

Busque os epers.

— Como é que eu vou fazer isso? — grito para o ar. — Se nem sei onde eles estão?

Seja rápido, galope.

Amasso o papel com as mãos e jogo o mais longe possível.

Seja rápido, galope. Chego a ouvir a voz dela na minha cabeça.

Depois de alguns momentos, vou até a bolinha de papel e a pego do chão, aborrecido com meu acesso infantil.

O papel agora está mais amassado do que um espelho quebrado, as palavras e frases presas como insetos na teia de uma aranha. Um amassado segue do alto a baixo, bem entre "seja rápido" e "galope".

Levanto a cabeça porque de repente eu entendo.

Seja rápido, galope.
Seja ~~rápido~~, galope.
Seja galope.
~~Seja~~ galope.
galope

O estábulo se liga à ala sul do Instituto. Paro em frente às portas cromadas reforçadas e escuto com atenção. Silêncio. Não há rosnado, nem choramingo, nem sibilar. Tamborilo com os dedos nas pernas, a indecisão tomando conta de mim. Estico a mão até a maçaneta e puxo. Ela nem se mexe. Está trancada.

Então ouço: o som de um cavalo relinchando. Estranhamente, está vindo de fora, do outro lado. Dou a volta: tem uma carruagem estacionada, o cavalo árabe negro ainda preso ao veículo. Deve pertencer a um convidado que chegou atrasado, depois que os funcionários do estábulo já se haviam recolhido, e simplesmente foi correndo se juntar às festividades. Deixando para trás o presente perfeito.

Sei que, se eu me aproximar do cavalo por trás, vou assustá-lo, então vou pela diagonal, fazendo bastante barulho ao andar. Ele levanta a cabeça imediatamente e vira o focinho na minha direção.

— Bom garoto. Calma — digo, da maneira mais tranquilizadora possível.

Ele resfolega, agitado, e um jato de cuspe sai voando. Suas narinas largas estão se dilatando,

úmidas, quase como se piscassem de surpresa. *Um eper?*, ele parece se perguntar.

Isso é bom. Um cavalo que consegue farejar epers: exatamente o que estou procurando.

Estendo a mão para ele cheirar. O bigode do animal, cortado bem rente, roça e espeta minha pele. Acaricio o pescoço dele, para a frente e para trás, não com delicadeza demais a ponto de parecer que estou fazendo cócegas, mas com a dose certa de firmeza para ser um gesto reconfortante e seguro. O cavalo está bem cuidado, e a cauda alta, o pescoço arqueado e a traseira com músculos fortes deixam claro que é de boa qualidade. E provavelmente bem treinado.

Ele fica agitado a princípio, mas logo se acalma. Quando sinto que está pronto, solto a rédea e o levo comigo. Os cascos estalam no cascalho, mas não me importo. Ninguém vai sair correndo em plena luz do dia atrás de mim.

— Bom menino, você é mesmo um bom menino, hã?

Ele se vira para olhar para mim com olhos grandes e inteligentes.

A carruagem também está em excelente estado. Bem lubrificada, as rodas girando com facilidade e sem ruído. O cavalo bufa, contrariado. Ele pensou que estivesse sendo levado para o estábulo, para descansar.

— Ainda não, menino. Ainda temos que correr um pouco hoje.

Ele bufa em protesto de novo. Mas, quando o acaricio no pescoço, ele se acalma. Puxo-o para a frente, e não é preciso muito para fazê-lo vir. É um bom cavalo. Dei sorte.

Subo na carruagem, coloco o diário do Cientista ao meu lado e seguro as rédeas. O cavalo deveria ser alimentado antes de sairmos, mas a comida deve estar no estábulo — que está trancado. Não posso me arriscar. Nem perder tempo.

— Rá! — grito, lançando as rédeas.

O cavalo nem se mexe.

— Rá! *Rá!* — grito mais alto.

Ele permanece imóvel, impassível.

Não sei bem o que fazer. Sempre montei cavalos, mas nunca usei carruagens.

— Por favor — digo com delicadeza —, vamos.

E, com um relincho, o cavalo sai trotando. Com a cabeça erguida, confiante e orgulhoso.

Adorei esse cavalo.

⋆ ⋆ ⋆

Paro no Domo e deixo o cavalo beber água do lago enquanto pego roupas dos epers nas cabanas. Quando volto, ele ainda está lá bebendo, o focinho parcialmente submerso. Ele ergue a cabeça e resfolega, demonstrando apreciação. Como sinto que ele está com disposição, cooperativo, aproximo as roupas do seu focinho. Ele parece entender; suas narinas encostam nas camisas e nos shorts, um de cada vez, cheirando profundamente até ter certeza do odor que sente. Uma pausa; ele resfolega mais uma vez, fazendo voar uma mistura de água e muco. Em seguida, como um sábio experiente, aponta os olhos grandes e tristes para o horizonte. Pisca uma, duas vezes. E sai trotando, sem precisar ser incitado, sem nem esperar que eu suba na carruagem. Agarro as rédeas, subo e me sento no banco do cocheiro.

Busque os epers.

Outra vez, vejo em minha mente as palavras de Julia Brasa escritas no papel. *Estou tentando*, quero dizer a ela, *o mais rápido que consigo*. São tantas coisas que eu queria dizer a ela. Que estou vivo. Que seu sacrifício não foi em vão. Que eu encontrei a carta. E que agora estou fazendo o máximo que posso para salvá-la. Quero enviar-lhe meus pensamentos, fazê-los cruzar essa porção de terra que nos separa, fazê-los atravessar o cimento e toda a estrutura de metal e a porta do alçapão e penetrar em sua mente.

Não sei, quero dizer a ela. Não sei se dá tempo. Não sei se vou encontrar os epers e se vou conseguir convencê-los a voltar comigo. Não sei se vão perceber minhas reais intenções, se vão saber que os estou enganando. Que pretendo usá-los como isca, trazê-los de volta para cá, para o vespeiro, onde estarão tão perto que ninguém — nem os caçadores, nem os convidados, nem os funcionários, as sentinelas, os oficiais, os auxiliares de cozinha, os alfaiates, os repórteres, as equipes de filmagem — vai conseguir resistir. Certamente não quando o sangue de epers for derramado e encharcar o chão, seu aroma subindo e se espalhando no ar. E nesse momento em que não só dezenas, mas *centenas* de não autorizados se juntarem ao banquete, aí é que…

Mas, mesmo então, Julia Brasa, não sei se vou ter tempo de entrar e salvar você.

Seja rápido.

— Iá! — grito, batendo as rédeas com força, mais do que o cavalo merece. — *Iá!*

E o cavalo vai mais rápido. Vejo os músculos de suas ancas trabalhando, e o chão se torna um borrão debaixo de nós. O aumento repentino de velocidade é revigorante, me deixa fora de mim; arranca meu fôlego e dificulta a respiração. E, quando o Instituto fica para trás, diminuindo até virar apenas um ponto distante, e começamos a seguir para as entranhas da inexplorada Vastidão, alguma coisa no momento me toca. Talvez seja a sensação do vento no meu cabelo, o sol batendo no meu rosto, as montanhas do leste se aproximando aos poucos, o brilho escuro do cavalo, sua crina voando livremente. No entanto, é mais do que apenas beleza. É a *contradição* que acaba comigo: como, neste momento de horror indescritível, eu posso ser agraciado com essa beleza inesperada. Deste lugar, de cima de um cavalo. Sinto-me incontrolavelmente atormentado. Não sei como lidar com essa contradição.

— Rá! — grito a plenos pulmões. A poeira que o cavalo levanta deixa minha voz falhada e rouca. — *Rá!*

Busque os epers.

Estou indo, Julia Brasa. Estou indo.

A Caçada Eper

O céu azul se estende acima de nós enquanto avançamos na Vastidão. Nuvens isoladas cobrem o céu como espaços deixados em branco em uma tela pintada de azul. Quando o chão se transforma em uma terra dura, o cavalo ganha velocidade e segue em frente com fúria implacável. Tão rápido que, quando passamos pelo terreno irregular, meu corpo salta no assento; por alguns empolgantes segundos, eu voo.

Observo a área o melhor que consigo. Fora a rara visão de uma ou outra árvore-de-josué, poucos elementos interrompem a monotonia árida da grama áspera e do terreno ainda mais áspero. Não há vida selvagem alguma, nem uma única hiena ou cachorro. Só abutres circulando lá no céu de maneira perturbadora.

E, depois de meia hora de intensa cavalgada, não há um eper sequer à vista.

— Pare, rapaz, pare — grito, puxando as rédeas. Ele diminui até um trote e depois para. Uma camada de suor brilha no seu corpo negro, escorrendo pelo peito e pelas ancas. — Vou lhe dar um descanso, tá, cavalinho?

Abro o diário na folha em branco. À luz do sol, as cores e linhas do mapa parecem sangrar no papel. Um vento intenso surgiu, e eu tenho que segurar as páginas para impedir que virem sozinhas. Encontro minha localização no mapa a partir de uma pilha de rochas grandes à direita, que uso como ponto de referência. Os detalhes no mapa mais uma vez me impressionam: não só a cor das rochas (cinza desgastado) é perfeita, como também o número é preciso (são quatro).

Cadê os epers? Eles não podem ter caminhado até aqui. E, mesmo que tivessem vindo correndo, eu já os teria encontrado.

Pego as roupas dos epers na carruagem e faço o cavalo cheirá-las novamente. Mas ele não está nem um pouco a fim. Fios de saliva se esticam entre seus beiços, projetados pelo ar quente que exala de sua boca. Não estou a fim de cheirar, muito obrigado.

— Está tudo bem, rapaz, você se saiu bem. Vamos descansar mais um pouco, viu?

Ele olha para mim com aqueles olhos inteligentes de novo, depois pisca e volta a olhar para a frente.

Subo na carruagem e fico de pé no banco do cocheiro enquanto observo o espaço infinito. À minha frente, maiores e mais altas do que jamais vi, estão as montanhas do leste, cobertas de neve no pico; à minha esquerda e à minha direita, não há nada além de planícies nuas, sem movimento algum no horizonte. Olho para o cavalo. Será possível que ele tenha me levado para um mero passeio esse tempo todo? Talvez não tenha ideia de seu destino ao correr freneticamente; talvez eu tenha confundido insanidade com sagacidade.

Como se ouvisse meus pensamentos, ele de repente inclina a cabeça e vira a orelha esquerda para mim. Em seguida, ergue o focinho no ar para farejar. O vento sopra ao nosso redor, levantando poeira. Vejo os bigodes do cavalo tremerem. Ele relincha, e de repente disparamos de novo. Mal tenho tempo de descer do banco e segurar as rédeas e seguimos para a planície, desta vez mais para o sul. Bem mais ao sul, na verdade: viramos quase noventa

graus.

Agora estou realmente questionando se esse cavalo sabe o que está fazendo. Ele não está mais correndo com convicção e, de tempos em tempos, diminui o passo, fica trotando com o focinho no ar, até que muda de direção e dispara de novo. Talvez seja o vento que aumentou e está soprando em várias direções: um segundo para o leste, depois para o norte, antes de soprar para o sul. Isso poderia explicar por que o cavalo está tendo dificuldade para seguir o rastro.

Na primeira vez que vejo o ponto preto no céu, penso que é um bando distante de abutres. Mas então o ponto aumenta em tamanho e escuridão e eu percebo que é uma nuvem negra crescendo como uma mancha de tinta. Uma maré de nuvens vem atrás, tão negras quanto o cavalo.

Seja rápido.

O vento me açoita; as páginas do diário se sacodem de um lado para o outro, quase amassadas pela força e a instabilidade do vento.

— *Rá!* — grito, estalando as rédeas.

O cavalo entende; movimenta as pernas com mais força, como se meu pânico crescente de alguma forma tivesse sido absorvido pelo corpo dele. Lençóis de areia voam pela planície a uma velocidade impressionante, aparições amarelo-amarronzadas espiralando rapidamente pouco acima do chão.

Seja rápido.

Mais atentamente do que nunca, vasculho as planícies com o olhar, na esperança de distinguir movimento na luz cada vez mais fraca. Mas não vejo nada. Por mais que penetremos na Vastidão, o vazio da paisagem não muda.

— Continue, garoto! — grito.

Mas ele fica mais frustrado, agitado, com a respiração penosa e o galope menos fluido. Diminui de velocidade até parar. Pulo de cima do banco e pego as roupas dos epers. Desta vez ele está menos receptivo e as empurra da minha mão com o focinho. Bate as patas de trás na terra compacta, frustrado. O céu escurece. Em pouco tempo, as nuvens vão cobrir o sol e a terra vai mergulhar na escuridão. Será ainda mais difícil encontrar os epers.

— Temos que continuar tentando…

O cavalo levanta a cabeça. Um movimento repentino; ele captou alguma coisa. Suas narinas, das quais pendem fios de saliva, são como olhos cegos que passam a enxergar de repente. O cavalo dá um salto para a frente. No momento certo, agarro uma rédea e subo na carruagem, deixando as roupas dos epers caírem no chão.

Não que o cavalo precise delas. Ele galopa com intensidade e em linha reta, sem a menor dúvida da direção que deve seguir. Certeza e urgência vibram junto com suas patas, como se para compensar o tempo perdido, como se ele soubesse que nuvens pesadas ameaçam escurecer o céu.

Dez minutos depois, eu os vejo. Uma pequena fila de pontos, como formigas.

— Ali, cavalinho! Ali!

Mas ele não precisa de encorajamento nem que eu lhe indique a direção.

Quando alcanço os epers, eles se aglomeraram de maneira defensiva. Faço o cavalo desacelerar e desço ainda um pouco longe. Não quero me aproximar rápido demais.

Eles parecem exaustos e acabados, e seus rostos estão tomados pela angústia.

Quando eles falam, é um com o outro, não comigo.

— Não disse que a gente devia ter dado uma olhada no estábulo? Uma carruagem teria ajudado umas… hã… talvez umas seis horas atrás — diz Epap com desdém.

— Eu olhei lá — diz Sissy. — Enquanto você estava ocupado pegando seus preciosos desenhos. Estava trancado. Como sempre.

— Ah, mas *ele* encontrou um cavalo e uma carruagem.

Todos estão me olhando agora, Epap e Sissy, com desconfiança. Cada um carrega uma mochila pesada, com facas e lanças presas nas laterais, e garrafas de água jogadas por sobre o ombro. Além de caixas, um total de cinco. Uma camada de poeira e areia cobre seus rostos e cabelos e roupas.

— Vocês precisam vir comigo — digo, minha voz artificialmente aguda, pois meu coração abriga a intenção de enganá-los.

Eles olham para mim emudecidos.

— Agora — digo com desespero. — Temos pouco tempo a perder.

Epap dá um passo à frente.

— Para onde? — Sua voz é agressiva.

— Vamos voltar. Para o Domo.

Epap fica boquiaberto, depois faz uma expressão zombeteira.

— Esta carta — diz ele, enfiando a mão no bolso de trás da calça —, nós recebemos isto pelo Umbilical hoje de manhã. Diz que o Domo não está funcionando direito. O sensor de luz está danificado. As paredes não vão se erguer ao anoitecer.

— E eles falaram sobre um abrigo, não? Forneceram um mapa e falaram para irem logo até lá. Disseram que fica a cerca de seis horas de distância. — Faço uma pausa. — E se eu disser que é mentira? O Domo não está quebrado. Não existe abrigo nenhum.

É fácil falar com convicção; tudo que falei até agora é verdade. E eles percebem isso. O pânico toma conta dos seus olhos, contrai seus ombros. Vejo o pequeno Ben olhar com preocupação ao longe. Não há abrigo à vista, embora eles já devessem estar chegando. E eles sabem disso.

Sissy, que estava em silêncio até agora, pergunta:

— Por que eles estão fazendo isso?

— Subam. Posso contar no caminho. Mas temos que ir logo.

— Não vou entrar nessa carruagem, que pode muito bem virar um caixão, até você nos contar o que está acontecendo — diz Epap com raiva.

Então eu conto. Sobre a Caçada Eper. O motivo de eles terem recebido as armas. O motivo de ter havido tanta atividade nos últimos dias no Instituto.

— Mentira — diz Epap. — Vão escutar a besteirada que esse cara está dizendo?

Sissy, olhando para mim com atenção, diz:

— Continue.

— Temos que voltar para o Domo. Não está quebrado. — E agora começa a mentira: — Vocês ficarão mais seguros lá. Chegaremos antes do anoitecer e as paredes vão subir. Imaginem a cara de surpresa deles quando saírem correndo para a Caçada Eper e vocês

estiverem bem ali tomando chá, abrigados na segurança do Domo!

Epap se vira para os outros, olha para Sissy.

— Não podemos acreditar nele. Se ele estiver mentindo e nós voltarmos, estaremos mortos. Se anoitecer e o Domo não subir, a gente já era.

— E se eu estiver falando a verdade e vocês não voltarem, então estarão mortos aqui fora.

— Não podemos confiar nele!

— Como você acha que seus pais morreram? — digo, explodindo. — Não foi em uma expedição em busca de frutas. Foi na Caçada Eper, eles foram enviados para ser caçados! Assim como está acontecendo com vocês agora! Não conseguem perceber? Não é óbvio? A mesma coisa está acontecendo de novo. Uma carta mandando vocês para a Vastidão, para longe da segurança do Domo. Como vocês podem ser tão ingênuos?

O rosto de Sissy está dividido pela incerteza.

— Sissy, não dê atenção a ele! — grita Epap. — Ele poderia ter nos contado sobre essa tal de Caçada Eper ontem, mas não contou, não é? Por que devería mos acreditar em qualquer coisa que ele disser? Aposto que nem é o substituto do Cientista!

À menção do Cientista, uma ideia surge na minha cabeça.

— Esperem aqui. — Corro até a carruagem e pego o diário. — Este diário foi escrito pelo Cientista. Fala da Caçada Eper. Agora me digam se estou mentindo.

Entrego o diário a Sissy, que o vira nas mãos, me lança um olhar desconfiado e abre na primeira página. Os outros se amontoam ao redor dela.

Eles leem em silêncio, ficando mais tensos conforme os minutos passam. A expressão de Sissy passa de horror a descrença e raiva.

— Agora você acredita em mim? — pergunto baixinho.

Nenhum deles fala. Por fim, David dá um passo à frente.

— Não sei em quem acreditar: em você ou nesta carta. Mas, de acordo com o mapa na carta, o abrigo está perto; e agora que temos uma carruagem, vamos conseguir chegar mais rápido. Se não conseguirmos encontrar, então voltaremos para o Domo.

— Esse mapa é mentira. Não existe abrigo.

De repente fica escuro. Eu me viro e olho para o sol. Uma nuvem fina, semelhante a entranhas, o cobre.

Seja rápido.

— Vamos, andem! — digo, elevando a voz.

— Não! — exclama Epap.

— Vejam o mapa, então! No diário. Não existe abrigo aqui. O mapa mostra tudo, desde a flora e a fauna até cada pedra e rochedo, não acham estranho o Cientista ter deixado de fora uma coisa tão óbvia quanto um abrigo? Vão se quiserem, cansei de discutir com vocês, esse abrigo não passa de miragem.

É um grande blefe, na verdade eu preciso que eles voltem comigo, mas minhas opções se esgotaram.

Sissy ergue a cabeça do mapa.

— Vamos fazer o que David disse. Procurar o abrigo e, se não encontrarmos, voltaremos. Assim…

— Não dá tempo! — exclamo. — Temos que ir agora. Estão vendo essas nuvens? O céu vai ficar preto como a noite daqui a uma hora. E eu tenho certeza de que vocês sabem o que isso significa.

Não estou blefando agora. Nuvens negras agourentas correm pelo céu, ameaçando trazer a escuridão prematura, horas antes do pôr do sol.

— Cale a boca! — grita Epap, com o rosto vermelho de fúria. — Você não tem voz aqui!

Ele avança na minha direção, com braços rígidos e dobrados nos cotovelos.

— Calma — digo.

Mas ele continua a se aproximar.

— Não precisamos de você. — Ele lança um olhar para os outros epers e os chama com um gesto. — Venham, vamos pegar a carruagem.

Tento tocar seu braço, mas ele me afasta com um safanão.

— Pare. — A ordem é proferida com calma, mas em um tom cheio de autoridade. — Vamos ficar juntos. Todos nós.

Sissy está olhando para trás, na direção do Instituto.

— Não podemos confiar nele — insiste Epap.

— Podemos sim, e é o que vamos fazer. Ele tem razão. Não dá tempo. Essas nuvens são coisa séria.

Epap cospe no chão.

— Por que você está sempre tão disposta a acreditar nele?

Ela o encara demoradamente, como se quisesse lhe dar a chance de chegar à resposta sozinho.

— Porque — responde ela, já andando para a carruagem — ele não precisava vir até aqui, precisava?

* * *

Ben se senta ao meu lado no banco do cocheiro. Os outros se espremem atrás, e disparamos para o Instituto. Os quatro ficam em silêncio, olhando pelas janelas. Sissy está com o rosto afundado no diário, lendo-o obsessivamente.

— Qual é o nome do cavalo? — pergunta Ben.

— Não sei.

— Talvez a gente possa pensar em um nome.

— Acho que não. Vamos ficar quietinhos, tudo bem? — digo laconicamente.

Não estou com humor para conversar. Levar um garoto para a morte não é algo que me deixa muito disposto a falar.

Mas ele fica em silêncio por pouco tempo.

— Fico feliz que você tenha vindo. Assim que vi a nuvem de poeira, eu sabia que seria você. Todos estavam apavorados, achando que era um deles. Eu sabia que não podia ser, não com o sol no céu. — Ele olha impressionado para o cavalo. — É demais você ter vindo de cavalo. Estamos tentando há um tempão roubar um cavalo do estábulo.

Apesar de tudo, fico curioso.

— E por quê?

— Sissy quer ir embora. Ela odeia o Domo. Chama de prisão.

— Por que vocês não fugiram anos atrás? Bastava correrem para o mais longe possível quando a parede do Domo descesse.

Ben balança a cabeça com tristeza demais para um garoto da idade dele.

— Não conseguiríamos chegar longe o bastante. Mesmo no verão, quando o sol fica por catorze horas no céu, só conseguiríamos percorrer uns setenta quilômetros no máximo. Quando a noite caísse, eles levariam só três horas para cobrir essa distância. Além do mais, não temos para onde ir. É tudo campo aberto, sem-fim.

O vento aumentou de novo e agora empurra as nuvens, dando um tom mais ameaçador ao dia. Mais plumas de areia voam pela planície, fantasmas correndo como se estivessem com medo das próprias sombras. Volta e meia, quando o vento bate na carruagem em determinado ângulo, ouve-se um assovio assustadoramente alegre.

Um aglomerado compacto de nuvens se desloca no céu e acaba tapando o sol. Os poucos raios de luz que conseguem passar pela névoa logo somem completamente.

A Vastidão mergulha na escuridão cinzenta de um dia já morto.

Ben coloca a mão na minha perna, com medo.

Olho para a mão dele, gorducha e confiante. As rodas batem em uma protuberância do solo e ele cai ainda mais perto de mim.

— Está tudo bem — digo a ele.

— O quê?

— Está tudo bem — grito —, vai ficar tudo bem.

Ele ergue o olhar para mim, a boca contraída, os olhos lacrimejando. Duas linhas úmidas cortam a sujeira do seu rosto. Ele assente uma vez, duas, sem tirar os olhos dos meus.

Alguma coisa se quebra dentro de mim. Desvio o olhar.

Seja rápido.

Uma coisa é planejar fazer algo assim; executar é bem diferente.

Nunca esqueça.

Puxo as rédeas e paro o cavalo. Ben olha com curiosidade para mim.

— Ei — digo, olhando para a frente —, você precisa entrar na carruagem.

— Não tem espaço.

— Tem. Tem sim. Preciso ficar sozinho nessa última parte, tá?

— Por que paramos? — pergunta Epap, colocando a cabeça para fora da janela.

— Ele vai ficar aí com vocês — digo sem rodeios. — Não tem espaço aqui em cima.

Salto e faço sinal para Ben vir atrás.

— Não tem espaço aqui — responde Epap. — Vocês pareciam estar bem até agora.

— Por que você não cala essa matraca? — grito.

Eles saem da carruagem depois disso, a tensão dominando o ar entre nós. Olho para David e Jacob ao lado de Epap.

— Você sempre precisa da ajuda deles nas suas brigas? — pergunto.

— Cale a boca! — grita Epap.

— Calma, Epap — diz Sissy, saindo da carruagem —, ele só está tentando provocar você.

— E você sempre precisa dela lhe dizendo o que fazer? — continuo.

Ele está se preparando para pular em mim (vejo suas pernas se dobrarem, a boca se inclinar para baixo) quando uma corneta soa na planície. Vem do oeste, da direção do Instituto.

Por um momento estamos tão perplexos que simplesmente olhamos uns para os outros. Mas então lentamente viramos a cabeça para observar a distância.

Não vemos nada acima da planície. Só uma área cinzenta e escura no horizonte.

Outro som de corneta, um som triste e fluido.

— O que está acontecendo? — pergunta Epap. — Que som foi aquele?

Todos os olhos se viram para mim.

— A Caçada — digo. — Começou. Eles estão vindo.

— São só nossos ouvidos nos enganando, o vento batendo naquelas pedras — diz Epap, apontando para nossa esquerda, para cinco rochas grandes empilhadas de qualquer jeito umas sobre as outras.

Ninguém responde.

— Ali — diz Ben, de pé no banco do cocheiro, seu dedo no ar como uma biruta, apontando bem para a nossa frente, para o Instituto. Sua voz está neutra, quase despreocupada.

— Não estou vendo nada, Ben — diz Sissy.

— Lá! — diz ele, ficando mais agitado, com medo.

E então todos nós vemos. Ao longe, uma nuvem de poeira subindo.

Sinto meus órgãos despencarem por um alçapão aberto de repente.

Os caçadores estão vindo. Tão rápido.

Tento não pensar em Julia Brasa, ainda em uma cela escura e fria, ainda esperançosa...

Alguém me agarra pela nuca.

— Você tem explicações a dar. — A voz é de Epap. — O que está acontecendo?

— Ei, me solte! — grito, jogando o braço para trás.

Atinjo-o no rosto. A cabeça dele é empurrada para trás, mas ele logo se endireita, furioso. Ele revida, e me surpreende com um punho duro como pedra. Antes que eu possa reagir, ele me dá um soco na barriga, me deixando meu fôlego. Dobro o corpo e caio de joelhos. Mas ele ainda não terminou. Ele agora me chuta na lateral do corpo, bem nas costelas. Minha visão fica branca.

— Você é um fraco! Não passa de um mentiroso engomadinho e fracote! Não conseguiria arrancar uma planta do chão nem que sua vida dependesse disso.

Busque os epers.

— Conte o que está acontecendo! — grita ele.

Cuspo sangue no chão. O líquido vermelho mancha a terra, irregular, como uma pegada de pombo. Fecho os olhos: continua tudo branco.

— Eles estão vindo — digo.

— Quem está vindo?!

— Os caçadores!

Há um longo silêncio. Não consigo levantar a cabeça e olhar nos olhos deles.

Então ouvimos de novo. Desta vez, não apenas um uivo solitário, mas um coro de uivos.

Meu sangue. Eles já sentiram o cheiro.

— Agora você conseguiu, seu idiota — digo. — Graças a você, agora eles vão nos encontrar com muito mais facilidade.

— Não. Vão encontrar você, não a nós. — Epap se vira para os outros. — Vamos deixar esse cara aqui. Vamos fugir na carruagem. Isso vai…

— Não — diz Sissy.

— Mas Sissy, nós…

— Não, Epap! Você tem razão: não podemos confiar nele. Tem muito mais coisa acontecendo do que ele nos contou. Mas é exatamente por isso que não podemos deixá-lo. Precisamos descobrir o que ele sabe. — Ela vem até mim, chutando areia. — Ele é um sobrevivente. Isso nós sabemos. Se conseguiu sobreviver, então ficar com ele só vai aumentar nossas chances. — Ela me lança um olhar intenso. — Então, comece a falar. O que devemos fazer agora?

Fico de pé, meu coração deprimido se reanimando.

— Nós os enfrentaremos. — Bato a areia da roupa. — Vamos surpreendê-los se não fugirmos. Porque essa seria a última coisa que eles esperariam de vocês. Eles pensam que vocês são fracos, covardes, desorganizados. Mas se os enfrentarmos, se fizermos frente a eles… Isso vai pegá-los de surpresa.

Epap começa a me interromper:

— Não temos chance…

— Temos sim! Ora, eu já vi vocês usando as adagas e as lanças. Vocês podem realmente machucá-los. Eles nunca imaginaram que vocês fossem chegar a esse nível de perícia, essas armas eram para servir só como enfeite. Além do mais, olhem para nós. Estamos em maior número. Só sobraram três caçadores. E nós somos seis. Sem contar os cinco maravilhosos FLUNs! Podemos fazer isso. Podemos acabar com eles. E então não haverá nada entre nós e a segurança, o Domo.

— Você não pensa? — grita Epap. — Você não faz ideia do que eles são capazes. Cada um deles tem a força e a velocidade de dez de nós. Então na verdade eles estão em vantagem, seu idiota, trinta contra seis. Estamos em número menor, temos menos força e somos menos velozes. Lutar contra eles é puro suicídio.

Epap tem razão; eu sei disso. Não há a menor chance de derrotar os caçadores. Mas minha única esperança de salvar Julia Brasa é se os epers e eu de alguma forma conseguirmos passar por eles e chegar ao Instituto. E, para que isso aconteça, primeiro preciso convencer os epers a lutar em vez de fugir. Se fugirmos, Julia Brasa morre. É simples assim. Mas, se ficarmos e lutarmos, ainda há um vislumbre de esperança para ela, mesmo que bem pequeno.

Epap se vira para Sissy.

— Precisamos fugir. Agora. Deixaremos esse cara para trás, ele vai nos dar o tempo necessário para abrirmos distância.

Já estou balançando a cabeça.

— Você não entende mesmo, hein? Correr vai lhe dar uns vinte minutos, no máximo. Menos, até. O cavalo está cansado, correu o dia inteiro. Eles vão alcançar a gente, mais cedo ou mais tarde.

Eles ficam em silêncio depois disso. Sabem que estou certo. Na carruagem, Ben começa a

chorar. Até o cavalo olha para as nuvens e começa a choramingar.

Sissy dá dois passos na minha direção.

— E o mapa? — pergunta ela.

Sou surpreendido pela delicadeza de sua voz, pela imensa calma que ela transparece apesar da situação.

— O que tem o mapa?

— Havia o desenho de um barco ao norte. Preso a um cais. Se conseguirmos chegar lá a tempo, talvez tenhamos alguma chance.

— Você enlouqueceu? Não podemos confiar nesse mapa. O Cientista era um louco.

— Não para nós. Ele parecia são.

Olho para o norte, na direção de onde o barco estaria.

— Se o barco é real, por que ele nunca contou a vocês sobre essa possibilidade?

Ela franze a testa.

— Não sei. O que sei é que todo o resto do mapa está certo. As colinas, as montanhas, tudo está onde o mapa mostra. Até aquelas rochas ali — diz ela, apontando. — Então, por que não o barco?

Balanço a cabeça.

— Olha, mesmo que esse barco existisse, e não existe, vocês nunca chegariam lá a tempo.

— Prefiro morrer tentando.

Não podemos fugir, temos que ficar e lutar, eu lembro a mim mesmo. *A única chance de salvar Julia Brasa é enfrentando os caçadores.* Levanto a voz:

— E eu estou dizendo que a única chance de sobreviver é enfrentá-los.

Epap avança, dizendo:

— Vamos, Sissy. Vamos embora. Vamos deixá-lo aqui, pronto.

Os epers não são burros. Sabem quando é inútil lutar, sabem que suas chances são melhores se fugirem. Preciso bolar um plano. Um plano que os convença a ficar e lutar. Olho para eles. Vejo seus rostos apavorados; eles parecem pequenos e vulneráveis aqui na Vastidão, sem a proteção do Domo ao redor. Então eu tenho uma ideia. Os caçadores não sabem que estou com os epers. Devem pensar que estou sozinho, um fugitivo solitário, mesmo porque não há motivos para considerarem outra possibilidade. E o cheiro do meu sangue, mesmo pelos quilômetros da Vastidão, agora é mais intenso do que qualquer trilha de eper.

Olho para os epers, para as armas deles, para os FLUNs. E para o amontoado de rochas altas e com reentrâncias. Ali está. Um plano.

Sissy avança um passo e se coloca bem na minha frente, com uma expressão de curiosidade.

— O que foi? Você parece ter pensado em alguma coisa.

Olho para eles, para cada par de olhos, um de cada vez.

— Enfiem o rabo entre as pernas, fujam se tiverem medo demais. Mas, caso queiram se juntar a mim e lutar, eu tenho um plano — digo por fim.

⋆ ⋆ ⋆

A noite negra surge. Não há um único ponto de luz no céu, as estrelas estão escondidas por

gigantescas nuvens escuras em movimento, massas inchadas de um negrume agourento. As montanhas do leste sumiram, seus contornos apagados pela escuridão.

Estou sozinho. Sentado no chão, recostado em uma rocha. Seguro a lança que Sissy me deu pouco antes de desaparecer na escuridão. Coloco a ponta da lança na palma da mão e faço uma pausa. Só há vazio à minha frente, a Vastidão se estendendo em um cinza infinito, ainda não exatamente preto. A rocha na qual estou encostado é minha única companhia. Sinto a superfície gelada e áspera nas minhas costas, mas, nesse mar infinito de escuridão aquosa, a solidez da pedra é estranhamente consoladora.

Pressiono a ponta da lança na pele e a deslizo para baixo.

Ela deixa um pequeno corte, e só brotam algumas gotas de sangue. Mas, para os caçadores que se aproximam, isso é mais do que o suficiente; é um farol piscando em um mar de breu.

Apenas alguns segundos depois, o grito faminto corta a Vastidão. Já tão perto, tão mais alto, os tons do desejo aumentados. Estarão aqui em pouco tempo, menos de um minuto.

Fecho a mão e aperto. Mais sangue escorre. O bastante, agora, para sobrecarregar o sentido olfativo deles; não há a menor chance de serem distraídos por qualquer leve odor de eper. Sinto a pulsação do sangue no corte, um gotejar como o de uma infiltração, estranhamente fora de sincronia com as batidas rápidas e apavoradas do meu coração.

Os epers me deixaram com essa lança e mais nada.

Sons de agitação, de areia sendo lançada pelo chão, e sibilos sussurrados chegam aos meus ouvidos.

Os caçadores chegaram.

Fico de pé, meus joelhos trêmulos.

Uma vibração indistinta de movimento, da esquerda para a direita. Outra na direção oposta, fora do meu campo de visão. Três formas surgem na escuridão, quase imperceptíveis a princípio, depois se tornando discerníveis.

Tanquinho.

Lábios Escarlate.

Decrépito.

E então, em meio ao cinza leitoso, mais duas formas aparecem, fantasmagóricas a princípio, mas logo depois horrivelmente reais.

Vestido Frufru.

O Diretor.

Eu esperava só três, não cinco.

Todos os cinco estão horrivelmente nus, seus corpos completamente besuntados de Protetor Solar, como glacê de bolo. Nas partes em que a loção não foi suficiente, feridas abertas pontuam a pele como crateras vulcânicas, o vermelho-vivo se destacando mesmo no escuro. Os efeitos de um dia inteiro na biblioteca com luz do sol entrando. São seus olhos que mais causam pavor, a raiva nua brilhando nos globos oculares, ódio puro misturado a um desejo pulsante pelo meu sangue.

— Que bela visão vocês são para meus olhos cansados — digo.

Eles se aproximam, rosnando para mim. Bem devagar, poucos metros de cada vez, avançando furtivamente.

Tem algo errado: não foi o que imaginei que aconteceria. Eles estão controlados demais; achei que fossem chegar em um frenesi desenfreado, voando para cima de mim, com dentes à mostra, em uma corrida para chegar primeiro, para arrancar pedaços de mim. Imaginei que eu seria feito em pedacinhos em segundos. Mas isto parece metódico demais.

— Vocês não tiveram seu sono da beleza hoje? — pergunto. — Porque estão todos com uma aparência péssima.

Eles começam a se posicionar em um arco largo.

Observo todos eles, mas presto especial atenção no diretor, que está bem à minha frente. Ele é o mais calmo do grupo, respirando fundo, os pés pisando com meticulosidade no cascalho do deserto. Seu longo braço esquerdo está pendendo ao longo do corpo, as unhas delicadamente batendo no joelho, e seu braço direito está estranhamente às costas.

— Decidimos fazer um jogo — diz ele.

— Pode contar.

Decrépito é o último à minha esquerda, abaixado mas sem sair da formação.

— Estou tentando decidir como chamar esse jogo. O Jogo da Partilha e o Jogo do Saborear estão entre as melhores opções.

Vestido Frufru está à minha direita, avançando lentamente, quase rolando, como uma bola de boliche esfarrapada, os olhos tomados de expectativa salivante. A farta gordura de seu corpo pende em vários pontos, como gotas d'água prestes a cair. Seus dentes estão à mostra, emitindo um leve sibilar. Ela continua a avançar até chegar à rocha.

Decrépito, à minha esquerda, faz o mesmo. Cada um dos caçadores assume uma posição; eles olham para o Diretor como se esperassem instruções. Em seguida, chegam mais perto, apertando o círculo.

— Sabe, precisamos fazer com que você sirva de exemplo — continua o Diretor. — Você debochou da Caçada, do Instituto, do Soberano. E de mim. Minha reputação sofreu danos irreparáveis. Que tipo de especialista em eper não seria capaz de detectar um deles bem debaixo do seu nariz? — E pela primeira vez sua voz demonstra emoção. Um tropeço. — Não basta apenas devorá-lo. Isso seria rápido demais, para nós e para você. Assim, decidimos, por minha sugestão, é claro, *partilhar* você, *saborear* você. Devagar. Um pedaço de cada vez.

E eles continuam a se aproximar, com os olhos indo de um lado para o outro, me examinando, olhando atrás de mim.

Lábios Escarlate de repente corre para cima de mim.

— *Pare!* — grita o Diretor.

Ela cai agachada, imóvel, o corpo rígido como um gato em alerta. E pela primeira vez vejo um FLUN na mão direita do Diretor, apontado para Lábios Escarlate. Deve ser o FLUN de Julia Brasa, o que ficou na biblioteca.

Ela volta para a formação.

— É difícil jogar esse jogo, às vezes somos tomados pela empolgação. — Ele vira a cabeça para cada um dos caçadores. — Prossigam — diz ele.

Eles se aproximam, fechando o círculo, cada um em sua posição. Seus olhos se movem o tempo todo, me esquadrinhando.

— Vamos comer você pedaço a pedaço, um membro de cada vez — diz o Diretor. — Os

dois caçadores machos vão arrancar seus braços, e as duas moças vão arrancar suas pernas, uma a uma. Vamos dar tempo, talvez cinco minutos entre cada membro? Vamos tomar o cuidado de manter você vivo todo o tempo. Vai ser *tão* bom para o livro, sabe? Vai prolongar o final, para manter os leitores na expectativa. Um clímax de acelerar o coração, como nenhum outro. — Ele olha para mim, seus olhos brilhando, úmidos, como se estivessem babando. — O último serei eu. Vou pegar sua cabeça.

— E depois?

O Diretor se reclina como um lobo uivando para o céu noturno e coça o pulso com um delírio raivoso.

— Você realmente disse "e depois?" Que importância tem para você? Você vai estar morto! — Ele faz uma pausa e me observa. — Ah, está preocupado com os seus amiguinhos epers? Não se preocupe. Vamos acabar chegando até eles. Mesmo nesse deserto grande, vamos encontrá-los.

Eles não sabem onde os outros epers estão, penso.

— E depois vamos voltar para a sua namorada, para contar a ela o que fizemos com você! — zomba Decrépito, babando agora.

— É o que vamos fazer — retoma a palavra o Diretor, lançando um olhar frio para Decrépito, com a expressão irritada de um homem que foi privado de contar o fim da piada. — E depois vamos fazer o mesmo com ela. Membro a membro. O Jogo do Saborear. Ah, gosto muito desse nome, aliás, acho que é esse que vai ficar.

O círculo se fecha ainda mais. Os corpos deles borbulham de excitação faminta agora, suas cabeças indo para cima e para baixo, seus braços se contorcendo nas laterais do corpo, sons de estalos escapando dos seus lábios.

— Quem será que vai gritar mais alto, você ou ela? Ela tem muita paixão, aquela garota, então talvez grite mais alto. Mas, por outro lado, tem também muita coragem, não acha? Pelo que fez? Muito diferente de você, que fugiu como um covarde e a deixou lá sozinha.

Tanquinho grita de frustração e impaciência.

— Chega de falar, nos deixe ir logo para cima dele! — A língua dela percorre o lábio inferior, que está ferido; uma língua dura e insistente como uma lixa calejada. — Deixe-me ir para cima dele! — Ela se agacha e se prepara.

O Diretor levanta a cabeça, avalia o cenário, como se recolhendo informações para repassar aos futuros leitores.

— Muito bem, então, lembre-se de pegar só a perna esquerda e mais nada. Todos os outros ficam na fila — diz ele, batendo no FLUN. — Vocês vão ter sua vez. E agora, para o prazer do Excelentíssimo Soberano e para a satisfação de seus bons cidadãos, eu…

Mas, antes mesmo que ele termine de falar, Tanquinho parte para cima de mim, avançando de quatro como uma hiena infectada com raiva, o cabelo voando atrás de si em linhas impossivelmente retas. E, apesar de ela estar se movendo com rapidez impressionante, tudo parece desacelerar. Vejo cada detalhe: seus lábios repuxados, o rosto que não passa de um buraco negro cheio de dentes afiados, os olhos adornados com um brilho vermelho.

E vejo os outros caçadores, uma fração de segundo depois, pulando para a frente também, seus corpos incapazes de resistir, as pernas de trás se esticando como as de um guepardo,

empurrando os corpos aerodinâmicos pelo ar, suas unhas e garras ganhando impulso no cascalho do deserto quando caem no chão e pulam de novo, avançando em minha direção com uma graciosidade que esconde as intenções violentas.

Vejo o Diretor, com o rosto impassível, mas com os olhos tomados de raiva fervente, apontando o FLUN para Lábios Escarlate e Tanquinho, a mão tremendo de fúria e surpresa.

E Tanquinho se lança para cima de mim pela última vez, os braços esticados, voando pelo ar, deixando um rastro de saliva e catarro, a boca aberta se virando de lado ao mirar no meu pomo de Adão.

Um raio intenso de luz, depois uma breve cegueira branca. Um grito corta a noite. O fedor de carne queimada invade meu nariz. Um segundo depois, vejo Tanquinho encolhida no chão, gritando, com um buraco na altura da clavícula.

O Diretor está olhando estupidamente para o FLUN, sem entender.

Outro raio de luz surge, de *trás* e de *cima* de mim. Vindo de alguém de pé na rocha. Esse atinge Lábios Escarlate. Na sua coxa superior, quando ela está saltando sobre mim.

— *Ah!* — grita ela, esticando a mão para baixo inutilmente. Sai fumaça da coxa dela.

— *Gene! Abaixe-se!* — grita Sissy.

E eu caio de joelhos bem na hora em que Vestido Frufru voa, o impulso acabando por lançá-la por cima de mim. Suas unhas rasgam as costas da minha camisa. Ela cai do meu outro lado com uma cambalhota ágil e começa a vir para cima de mim na mesma hora.

Outro disparo vindo de cima, mas esse erra de longe e bate no chão do deserto.

Pelo canto do olho, vejo uma forma escura, Decrépito, subir nas rochas com um pulo.

— Jacob! — grito. — Cuidado, ele está indo para o seu lado!

Vestido Frufru está saltando sobre mim, rosnando de tal forma que sua boca parece sorrir.

Alguém grita atrás de mim (David? Ben?), um som de puro medo.

Outro raio é disparado, este vindo do outro lado da rocha, um disparo perdido na direção do céu. Escuto Epap:

— Sissy! Me ajude aqui! — Sua voz está tomada de medo.

Então uma série de brilhos cria um efeito de luz estroboscópica: vislumbro Vestido Frufru pulando em minha direção. Mas de repente ela está voando por cima de mim, caindo com seu terrível tamanho e peso. Os olhos estão grudados nos meus, intensos e concentrados como os de uma amante.

Um círculo de luz brilha de cima; a cabeça dela é instantaneamente envolvida por uma nuvem de luz. Mesmo antes de desabar fica inerte no ar.

O corpo dela cai em cima do meu, desconjuntado, me esmagando. Eu a empurro para longe, sentindo o cheiro rançoso e nauseabundo de carne queimada. Sua nuca solta fumaça. Olho para cima. Sissy está olhando para mim, mas se vira para Epap ao ouvir a voz dele.

— Acabou, Sissy, acabou o primeiro FLUN!

Eu me viro e avalio a cena à minha frente. Só Vestido Frufru permanece prostrada no chão; Tanquinho e Lábios Escarlate estão se levantando agora. Mesmo cobertas de queimaduras, a adrenalina, a raiva e a fome as impulsionam. Estão correndo para a rocha ao mesmo tempo.

Jacob, em cima de uma das rochas, está inclinado em cima de seu FLUN, puxando o gatilho várias vezes, inutilmente. A trava de segurança, ele esqueceu de soltar a trava, por isso não fez

um único disparo. Esse é um dos motivos para o plano estar falhando tão terrivelmente. A metros de distância, Decrépito subiu no alto da rocha e está se aproximando dele.

Nada está indo como planejado. Incapazes de usar os FLUNs, os epers jogaram fora toda a nossa vantagem: a emboscada a partir dos recantos escondidos das rochas já era; o elemento surpresa já era; um ataque poderoso e coordenado já era. Meu plano está destroçado. Como provavelmente estaremos todos em breve, a não ser que alguma coisa seja feita. E rápido.

— Jacob! — grito para ele. — Jogue o FLUN para mim! — Ele se vira na minha direção com medo nos olhos. Do outro lado das rochas, raios de luz atirados em pânico piscam inutilmente em rápida sucessão. É Epap, desperdiçando estupidamente todos os disparos em seu segundo e último FLUN. A cada raio de luz disparado vejo lágrimas escorrendo pelo rosto de Jacob, sua boca contorcida em pânico. — *Agora*, Jacob, me jogue o FLUN!

Ele o joga; é o lançamento perfeito. Tudo de que eu precisava. Solto a trava e disparo um raio enquanto ainda levanto o braço. O raio atinge Decrépito bem no nariz. Mas o FLUN ainda está na regulagem mais baixa, de forma que Decrépito é apenas derrubado, caindo de costas atordoado. Já está se levantando de novo e indo para cima de Jacob.

Coloco o FLUN na regulagem mais alta e olho para o alto. Decrépito está quase em cima de Jacob agora. Disparo mais uma vez. O raio passa à esquerda de Decrépito, a cerca de um metro dele. Ele se vira e rosna para mim. Miro entre seus olhos e faço meu último disparo. Erro por alguns centímetros, o raio voando por cima da cabeça dele. Mas ele fica momentaneamente cego. Ao menos por alguns segundos.

— Saiam das rochas! — grito, jogando fora o FLUN gasto. — Pessoal, saiam agora. Reagrupem-se aqui embaixo.

Vejo os epers descendo, todos com o rosto rígido de medo. Epap cai perto de mim; eu o seguro pelo colarinho e o levanto.

— Cadê seu FLUN? — pergunto.

Ele balança a cabeça com uma expressão sombria.

Sissy, logo atrás, pula do alto da rocha, puxando Jacob consigo. Eles caem no chão como uma trouxa de roupas; Epap e eu já estamos colocando-os de pé.

Ninguém tem mais nenhum FLUN.

Começamos a recuar imediatamente, afastando-nos da rocha. Epap pega a lança que eu larguei no chão, e começamos a correr.

Os caçadores estão pulando das rochas agora. Decrépito cai em cima da ainda prostrada Vestido Frufru, o corpo flácido e imóvel dela amortecendo sua queda. Todos os três caçadores estão feridos por raios de FLUN, mas a dor só faz aumentar sua sede de sangue.

— *Agora, David. Precisamos de você agora!* — grita Sissy para o ar.

Os caçadores se abaixam e começam a correr em nossa direção. Seus gritos estridentes são de perfurar os ouvidos.

— Cadê ele? — grita Epap, correndo para a direita à procura do rapaz. — *David!*

— Precisamos de FLUNs — grito.

— Danem-se os FLUNs — grita Sissy, e pega uma adaga presa à cintura.

Em um piscar de olhos, ela tirou a adaga da bainha e em um único movimento me empurra para o lado, afasta a mão do cinto e move o braço, na altura do peito, da esquerda para a

direita. No momento em que seu braço se esticou ao máximo, a adaga sai voando de sua mão virada para baixo. A adaga segue como uma mancha de luz. Ela não espera para ver se atingiu seu alvo; imediatamente pega outra adaga, solta-a do cinto e a lança, depois solta uma terceira e a lança também. São três adagas no ar agora, cortando a noite em direção aos três caçadores que nos atacam.

Precisamos de um FLUN, penso. *Adagas não vão adiantar de nada…*

A primeira adaga atinge Lábios Escarlate na perna. Para minha surpresa, ela grita de dor, cai no chão e agarra a coxa, o punho da adaga despontando para fora.

A segunda atinge Tanquinho no ombro. Ela gira no ar como se atingida por um golpe violento, depois cai desajeitada no chão, gritando. A adaga perfurou seu corpo de tal forma que a lâmina a transpassa, saindo pelas suas costas, debaixo da omoplata.

Como ela está fazendo isso? Como as adagas podem estar carregando essa força tão devastadora?

Então eu percebo o que Sissy fez. Ela mirou no ponto exato de cada caçador em que o FLUN já provocou dano significativo. No alvo já marcado pelo FLUN, aquele pedaço de carne frouxa coberta por uma ferida amarelo-leitosa, em que os músculos já estão se desintegrando. Na clavícula de Tanquinho, na coxa de Lábios Escarlate. Só assim a adaga poderia causar verdadeiro dano.

Mas a terceira adaga… está seguindo direto para o nariz de Decrépito. E ele já viu o que aconteceu com os outros dois caçadores. Ele desvia no último milissegundo; a adaga passa voando por cima da cabeça dele. E, sem alterar o ritmo, ele continua a vir para cima de nós. Mais especificamente, para cima de Sissy, tentando alcançá-la antes que ela possa jogar outra adaga.

E ele vai conseguir, com facilidade. Sissy é fluida e rápida ao pegar uma adaga no quadril, mas não rápida o bastante, nem de longe. Ela está soltando a adaga, está com os dedos na lâmina, quando Decrépito pula para cima de nós. Sissy ergue o olhar; seu rosto desmorona. Ela sabe que é tarde demais.

E bem naquele momento, de lado, Epap joga a lança.

Que zumbe no ar da noite em um lançamento incrível, sem o mínimo de hesitação. Ele atinge na mosca o nariz de Decrépito.

Um som horrível de líquido esguichando. A cabeça de Decrépito é empurrada para trás com a força do impacto, suas pernas saem do chão; ele parece pendurado no ar, com o corpo paralelo ao chão, e depois cai. A lança empalou seu rosto, ridícula como o famoso nariz do Pinóquio.

Puxo Jacob e Epap para trás. Sissy conseguiu apenas ganhar tempo, mais nada. E ela sabe disso.

— *David!* — grita ela. — Precisamos de você *agora*!

E então ouvimos, finalmente, o som de cascos batendo no chão, os mecanismos da carruagem em ação, se aproximando.

— Por que vocês demoraram tanto? — grita Epap.

— Cavalo burro — reclama David, com o rosto apavorado ao ver os caçadores espalhados no chão, gemendo. — Saiu correndo na direção errada, estava tentando fugir.

— Vamos, por favor, vamos logo.

É Ben na carruagem, as lágrimas fazendo seu rosto brilhar.

— Está tudo bem, vamos embora agora, está tudo bem — diz Epap.

Estamos entrando. Mas tem alguma coisa errada, alguma coisa que não consigo identificar.

— Esperem — grito. Agarro o ombro de Epap para impedi-lo de entrar. — Saiam!

— O que foi?

Seus olhos não estão zangados como eu temia. Em vez disso, estão marcados pelo medo.

Eu me viro, tentando enxergar. Meus olhos pousam nos de Sissy. Vejo neles um reflexo do meu: uma sensação de perigo iminente, de que esquecemos alguma coisa…

Alguém.

— O Diretor — sussurro.

Eu me viro, meus olhos vasculhando a escuridão. Nada.

— Ninguém se mexe — sussurro.

Todos ficamos imóveis, mal conseguindo respirar. Ele está por perto, atrás da parede de escuridão, nos observando. Eu *sei*. Estava esperando que usássemos todas as nossas armas, que nos cansássemos enfrentando os outros caçadores. Observando e esperando que entremos na carruagem; quando estivermos amontoados como ovelhas em um curral, ele vai chegar voando para uma orgia fechada de banquete frenético, seus dentes e garras trabalhando loucamente como navalhas, transformando a carruagem em um caixão sangrento.

Sissy sabe. Sem se mover, ela sussurra:

— David, me dê o FLUN que está com você.

— Não está funcionando — diz ele. — Eu tentei disparar, mas não saiu nada…

— A trava — diz Sissy. — Gene falou para soltar…

— Como?! Eu não sei como…

A cabeça do cavalo se vira para a esquerda de repente, seu nariz dilatando de pânico.

Uma forma negra surge da escuridão, a uma velocidade ameaçadora. O Diretor parte para cima de nós em silêncio, de quatro, cada um de seus pulos cobrindo vinte metros, a velocidade repuxando a pele de seu rosto, seus lábios, deixando os dentes à mostra no que parece um sorriso jovial e doentio. Ele está vindo na minha direção. Vem para cima de mim primeiro.

Fecho os olhos para morrer.

Segundos depois, ainda estou vivo; quando abro os olhos, ele está de pé na nossa frente, a dez metros. Não está olhando para mim. Nem para Sissy. Está olhando para trás de nós.

Eu me viro. David está de pé no banco do cocheiro, com o FLUN apontado para o Diretor. Atrás da mão dele, fora do campo de visão do Diretor, vejo a trava de segurança. Ainda engatada.

— Está no nível mais alto — diz David, com voz firme. — Regulado para matar.

O Diretor coça o pulso.

— Um garotinho que quer bancar o herói. Que fofo!

— O FLUN que está preso às suas costas — diz David, ignorando as palavras dele. — Pode jogar para cá.

— Que diferença faz para você? Aquilo não pode feri-lo mesmo…

— Jogue logo! — grita David, o medo vibrando em suas palavras.

Seus olhos se desviam para as rochas. Formas escuras estão começando a se levantar do

chão.

— Ah, entendo — diz o Diretor, observando. — Você está preocupado com os outros caçadores.

— Não — diz David. — Só com você. É com você que estou preocupado neste momento. E é por isso que vou atirar em três segundos se você não entregar o FLUN.

E alguma coisa no tom de David leva o Diretor a fazer exatamente isso. O FLUN cai aos pés de Sissy. Ela o pega.

— E agora? — pergunta o Diretor, observando o rosto de David. — Vai mesmo me matar? Eu conheço você desde que nasceu. Vi você crescer, desde que era um bebezinho. Fui eu que mandei todos aqueles presentes no seu aniversário, os livros, o bolo, não se lembra disso? Você vai mesmo…

— Sim — diz Sissy, e dispara no peito dele.

Em uma fração de segundo, o Diretor recua. O raio atinge de raspão o peito dele, causando danos superficiais. Mas o bastante para deixá-lo mais lento. Ele some na escuridão.

Sissy assente para nós; todos rapidamente entram na carruagem. Pulo para o banco do cocheiro, pego as rédeas. Sissy se senta ao meu lado, com o corpo torcido, observando a escuridão, o dedo no gatilho do FLUN.

— Vocês acham que venceram? — É a voz do Diretor, retumbando da escuridão. — Acham que nos superaram? *Vocês?* Seus epers *fedidos*.

Olho para Sissy; ela balança a cabeça. *Não consigo vê-lo.*

— Vocês apenas adiaram o inevitável. Escutem; estão ouvindo?

Nada além do vento.

E então eu ouço. Um leve ruído de movimento, como folhas secas de outono sendo esmagadas. Mas, em meio a isso, sons agudos, confusos, como pedaços de metal esfregados em estilhaços de vidro. Sissy se vira na direção do barulho, na direção do Instituto. Sua expressão muda, tomada de pavor.

Uma muralha enevoada de escuridão mais profunda se ergue como um tsunami vindo para cima de nós.

— Os bons cidadãos estão vindo — zomba o Diretor. — Todos os convidados, todos os funcionários, toda a imprensa. Centenas de pessoas. Alguém desarmou o confinamento. Quando eles perceberam isso, não houve como segurá-los, os bons cidadãos, não houve como detê-los. Só pude torcer para chegar antes deles, os caçadores e eu, usando os acessórios da caçada para ganhar vantagem. Ai de mim…

Mais sons vindos de longe, gritos distantes e berros de desejo.

— Minha Nossa, já imaginaram o frenesi quando eles se derem conta de que *todos* os epers ainda estão vivos?

Pego as rédeas e açoito o cavalo. Começamos a nos mover. Em direção à única opção que nos resta. O barco. Se é que ele existe.

Sinto muito, Julia Brasa, sinto muito…

— Eles estão chegando! — grita o diretor, sua voz soando atrás de nós quando saímos em disparada pela planície. — Eles estão chegando, estão chegando, estão chegando, estão…

⋆ ⋆ ⋆

Seguimos pelo terreno irregular, o cavalo mais rápido do que nunca. Mas o movimento que antes era gracioso está agora agitado, desesperado, em pânico. Conforme os minutos passam, o cansaço vai se tornando mais óbvio.

A muralha de poeira que nos segue ficou um pouco mais indistinta. Mas é a escuridão que se aprofunda que dá a ilusão do desaparecimento, e não porque tenhamos aberto distância. O volume de rosnados e gritos só cresceu. Sissy está sentada ao meu lado, olhando o mapa. Agora que a luz do sol sumiu faz tempo, o mapa está esvanecendo na página, as cores se desfazendo em branco. Seus dedos traçam um caminho irregular pelo mapa, e ela gira a cabeça, em busca de marcas no terreno.

— Temos que ir mais rápido! — grita ela no meu ouvido.

O corte na minha mão continua sangrando. Tento estancar o fluxo apertando uma tira de pano, manobra difícil enquanto se tenta guiar um cavalo.

Sinto dedos na minha mão tirando o pano.

Ela o dobra e aperta com força.

— Você precisa parar de sangrar — diz ela.

— Está tudo bem, nem dói tanto.

Ela aperta mais.

— Não estou preocupada com a dor. O problema é que o seu sangue vai trazê-los até nós.

Arranco o tecido da mão.

— Não se preocupe com isso. Eles podem nos ver perfeitamente bem nessa escuridão.

Ela olha para trás por alguns segundos e, quando se vira, vejo a preocupação em seu rosto. Não preciso perguntar. O som da massa de pessoas atrás de nós cresce a cada minuto.

— O mapa ficou branco — diz ela com desânimo.

— Não tem problema — digo, concentrado no caminho à frente. — Não precisamos disso. Só precisamos continuar seguindo em frente e vamos chegar ao rio. E se seguirmos o rio para o norte, em pouco tempo vamos encontrar o barco. É simples assim.

— É simples assim — repete ela. E balança a cabeça. — Foi o que você disse sobre o seu plano contra os caçadores. Foi uma catástrofe, aquilo lá. Pensei que você tivesse dito que eram só três, não cinco.

— Todos vocês me garantiram que sabiam usar os FLUNs. Mas Epap entrou em pânico e fez todos os disparos nos primeiros cinco segundos. Fora Jacob, que não conseguiu fazer nenhum. Quantas vezes mais eu poderia ter dito "Não se esqueçam de soltar a trava de segurança"?

Percebo que ela vira a cabeça e morde a língua.

Depois de alguns minutos, eu digo:

— Obrigado por não me abandonarem. Por ficarem e lutarem comigo.

— Nós não fazemos isso.

— O quê?

— Não abandonamos os nossos. Não é do nosso feitio.

— Epap estava…

— Tudo da boca para fora. Conheço-o muito bem. Não abandonamos os nossos.

Suas palavras me atingem profundamente. É minha vez de ficar em silêncio. Estou pensando em Julia Brasa, sozinha na cela. E então ouço a voz acusatória do Diretor: *você, que fugiu como um covarde e a deixou sozinha lá.*

Agito as rédeas, pedindo mais velocidade. O cavalo segue em frente, resfolegando, seu corpo todo coberto de suor agora.

Um grito soa no céu. Alto demais, perto demais, rápido demais.

E então eu sinto. Pingos de chuva batendo no meu rosto. Olho para o céu, apavorado. Nuvens negras, mais negras do que o céu da noite, inchadas, gigantescas. A chuva vai amaciar o chão; para o cavalo, será como cola.

Sissy também sente as gotas. Ela se vira para mim, fixando os olhos nos meus. A pergunta é silenciosa: *você sentiu isso? Sentiu essas gotas?* Meu silêncio basta como resposta; ela morde o lábio.

Mas então ela se ergue no banco, o cavalo ainda galopando e a carruagem sacolejando. Suas roupas são puxadas pelo vento, esvoaçando loucamente. A chuva começa a cair de verdade, as gotas atingindo seus braços, pescoço, rosto e pernas como estrelas em miniatura.

— Ali! — grita ela, e seu braço comprido, musculoso e torneado como o de uma estátua de bronze aponta diretamente para a frente. — Estou vendo, Gene! Estou vendo. O rio! O maldito rio!

— E o barco? Está vendo o barco?

— Não — grita ela, sentando-se —, mas é só uma questão de tempo.

Atrás de nós, o trovejar no chão fica mais alto, os rosnados, os sibilos. Bem mais perto. Lanço um olhar rápido para trás. Não consigo ver nada, só escuridão agora. *É só uma questão de tempo.* Sissy tem razão. Para o melhor ou para o pior, é só uma questão de tempo agora.

⋆ ⋆ ⋆

O rio impressiona. Mesmo com o barulho da carruagem e o clamor da multidão de perseguidores, ouvimos de longe um gorgolejar suave, profundo e sonoro. Quando chegamos à margem, minutos depois, o tamanho inicialmente nos pega de surpresa: o impressionante leito tem pelo menos duzentos metros. Mas, mesmo sob um céu pesado de nuvens escuras, o rio em si parece belo e delicado, salpicado de pontinhos brilhantes que a princípio confundo com vagalumes. A água flui lentamente, sua superfície como placas ondulantes de uma armadura lisa.

O cavalo diminui consideravelmente a velocidade. Sua respiração torna-se pesada e sua passada diminui. Algumas vezes ele chega perigosamente perto da margem do rio antes de se corrigir. Eu o forcei demais. Ele diminui até um trote e depois para. Balanço as rédeas, mas sei que é inútil. O cavalo precisa descansar.

— Por que estamos parando? — grita Epap da carruagem. Como ninguém responde, ele sai. — O que está acontecendo? Não podemos nos dar ao luxo de parar.

— Não podemos nos dar ao luxo de não parar — retruco. — Esse cavalo está prestes a cair morto. Só por um minuto, para que ele tome fôlego.

— Não temos um minuto. Em um minuto, eles estarão em cima de nós! — E ele aponta para a escuridão, da qual surgem gritos de excitação.

Eu o ignoro, porque ele tem razão, e desço. Sinto os músculos da perna do cavalo tremerem quando o toco.

— Bom cavalo, bom cavalo, forcei você demais, foi?

Epap se vira, gesticulando em descrença.

— Dá para acreditar nesse sujeito? Tentando conversar com o cavalo em uma hora dessas? Sissy, aonde você está indo?

Sissy está correndo para o rio. Ela se abaixa na margem e volta correndo com uma tigela cheia d' água. O cavalo enfia o focinho lá dentro e bebe desajeitadamente. Em menos de cinco segundos já acabou. Ele choraminga, pedindo mais.

Sissy acaricia a cabeça do cavalo.

— Queria poder lhe dar mais, mas não temos tempo. Mas se você continuar, encontrar o barco para nós, prometo que vai ter toda a água que quiser. Só encontre aquele barco. Rápido. Rápido!

E essas últimas palavras saem como um grito enquanto ela bate nas ancas do cavalo. Ele pisca, relincha e começa a andar. Pulamos de volta na carruagem. O cavalo está correndo de novo.

Os sons vindos de trás soam mais próximos. Gotas de chuva caem, grandes e pesadas.

⋆ ⋆ ⋆

Seguimos em frente com dificuldade. Tanto no sentido figurado quanto no literal. O chão fica encharcado e empapado, esponjas macias que tentam engolir as rodas da carruagem e as patas do cavalo. Até o vento está contra nós, intenso como se estivesse em meio a uma tempestade, nos empurrando para trás, jogando nosso cheiro para a horda que se aproxima, incitando-a. A chuva machuca nossos olhos.

Sem contar a escuridão, que mistura o cavalo às trevas. Só os sons da respiração difícil do animal e o movimento da carruagem indicam que ele continua lá.

Sissy se recolheu no silêncio. Com rápidos olhares para o lado, só vejo seus lábios bem comprimidos e os olhos apertados contra a chuva. Mechas de cabelo estão grudadas na sua testa, dividindo diagonalmente seu rosto. Um uivo soa na planície, assustadoramente próximo. Ela olha para mim; faço que sim com um movimento de cabeça.

Ela prende o FLUN às minhas costas e segura o outro com força.

Ouvimos um rosnado, seguido de uma série de outros rosnados e estalos de maxilar. Não atrás, mas *ao nosso lado*.

Sissy solta a trava de segurança.

Um trovão ressoa num estrondo, uma reverberação profunda no céu. Eu levanto a cabeça, de repente esperançoso.

Alguém solta um uivo repleto de desgosto.

E então um relâmpago corta o céu, um brilho pungente e opressor. A terra fica instantaneamente iluminada em um preto e branco saturado, as montanhas do leste cheias de

recantos escuros, o rio reluzente como prata derretida. Viro a cabeça para trás e, nesse milissegundo antes de a terra voltar à escuridão, eu os vejo: um sem-fim deles vindo em nossa direção, momentaneamente achatados como cartas no chão, protegendo-se do relâmpago. Mas são tantos… E tão perto… À distância do lançar de uma pedra. Seus olhos brilham e suas presas cintilam.

Um violento estrondo de trovão explode, fazendo o chão tremer. Quando o som cessa, deixa gritos de agonia e raiva no ar. Todos foram cegados. Pelo relâmpago. Isso talvez nos dê mais um minuto.

— Você viu? — grita Sissy para mim, agarrando meu braço de repente. — Você viu!

— Eu sei, eu sei, mas não se preocupe…

— O barco! — grita ela, pulando sem parar. — Eu vi, eu vi, existe mesmo! — Ela gira e grita para os outros: — Eu vi o barco, está logo ali…

A carruagem chega de repente a um trecho lamacento; as rodas afundam e atolam. Sissy é lançada no ar, desaparecendo na noite. Também sou jogado do assento; mas meus pés se prendem na grade junto ao piso da carruagem, impedindo que meu corpo vá muito adiante. Caio em cima do cavalo, que está com as costas escorregadias de suor e chuva.

Sinto o mundo todo girar enquanto me levanto. Onde é o alto, onde é o chão, esquerda, direita, norte, sul, tudo se misturou e se tornou indistinguível. Então ouço um garoto chorando à minha direita: Ben. Corro até ele e o levanto. Assim como eu, ele está coberto de lama.

— Ben! Está tudo bem! Está sentindo dor? Quebrou alguma coisa?

O som de rosnados e mordidas no ar está cada vez mais perto.

Ben não diz nada, mas está olhando para mim e balançando a cabeça. Eu o levanto.

— Temos que ir. Sissy! Cadê você?

Um relâmpago breve, iluminando rapidamente a área. Curto demais para ver qualquer coisa além dos epers se levantando do chão. Menos Sissy, que está mais distante, ainda deitada na lama. Corro até ela quando o trovão explode no céu.

— Você precisa se levantar, Sissy! Temos que ir. — Ela está zonza, mas eu a coloco de pé. — Sissy!

Ela abre os olhos. O pânico e o medo a fazem despertar do torpor.

— Cadê todo mundo? Eles estão bem? — pergunta ela.

— Estão bem, temos que ir. Mostre onde está o barco!

— Não! Precisamos dos suprimentos, do FLUN!

— Não temos tempo, eles já estão em cima de nós!

— Não vamos sobreviver sem…

Um ressoar de gargalhadas como de hienas chega até nós, tão perto que posso ouvir as entonações individuais, a umidade salivar entre uma sílaba e outra.

— Sissy! Preste atenção — grito, apontando para os outros epers —, eles não me ouvem. Só ouvem você. Mande todos correrem para o barco. Mande…

Um relâmpago ilumina o céu e a terra molhada. Vejo o barco, milagrosamente perto: a cerca de cem metros. Mas vejo também a multidão fervilhante.

Já nos alcançaram. Mesmo sendo muito rápido o flash de luz, vejo os corpos pálidos e brancos se aproximando a uma velocidade apavorante, como pedras rolando.

Quando um raio da tempestade cruza o céu, todos se abaixam no chão, como os espinhos de um porco-espinho, uivando de raiva.

— Vamos logo, Sissy! — grito.

Mas ela já está correndo, está reunindo os outros, fazendo com que se movam. Vou atrás deles, correndo, o chão lamacento afundando debaixo de mim. A lama suga com gana meus sapatos, como beijos da morte, fazendo com que eu corra em câmera lenta.

Escuridão de novo. Estrondo após estrondo de trovão no céu. Gritos agudos de desejo chovem em cima de nós de novo.

Eles estão chegando.

Ouço o barulho de lama sendo pisada atrás de mim. Sussurros, sussurros, sussurros no meu pescoço.

— Meu Deus! — grito. Palavras que não falo há anos, palavras que eu dizia todas as noites com minha mãe, os olhos dela suaves e gentis, minhas mãos unidas sob as dela. Palavras esquecidas, entalhadas profundamente em mim, reavivadas pelo medo abjeto. — Meu Deus!

Não é um único relâmpago que ilumina o céu, mas uma rede de raios entrecruzados que corta o domo do mundo. Tão claros que até eu fico momentaneamente cego, e o mundo todo desbota para um branco impossível. Mas não paro de correr, mesmo com meus olhos se fechando. Porque ainda consigo ver o barco, sua imagem negativa impressa nos meus olhos fechados, em preto e branco.

— Não parem, continuem em frente! — grito, rodeado de todos os lados por uivos de angústia e dor. Quando abro os olhos, estou na doca. — Aqui! — grito, antes de perceber que eles estão todos na minha frente, já correndo pela doca, seus pés estalando nas tábuas de madeira.

Corro atrás deles. Estão pulando para o barco, Sissy já soltando a corda da âncora, Epap está segurando uma vara curiosamente curva na ponta, que usa para tomar impulso da margem.

Como estou na retaguarda, sou o único que consegue ver o que há de errado. O que há de terrivelmente errado.

Eu me viro, tentando olhar para o início da doca. Está escuro demais.

— Entre! — grita Epap para mim. — O que está esperando?

Dobro os joelhos para pular, mas faço uma pausa.

— Entre!

Estou paralisado, incapaz de me lançar. Eu me viro de novo. A doca ainda está vazia.

Os uivos de sofrimento estão aumentando. Em pouco tempo eles estarão de pé de novo. Em questão de segundos, em cima de nós.

— Podem ir sem mim — grito. — Vão, eu alcanço vocês!

— Não, Gene, deixe o cavalo, não seja burro…

Mas já estou correndo de volta pela doca.

Pequenos brilhos de relâmpago, na esteira do apocalíptico, cortam o céu. O bastante para mantê-los longe por mais alguns segundos, para me dar a luz necessária para eu ver.

Ali. Na frente da carruagem. Não o cavalo.

Ben.

Mexendo freneticamente nas rédeas, tentando desamarrá-las, o rosto coberto de lama,

exceto pelos pontos que a chuva e as lágrimas limparam. Sua boca está aberta, emitindo sons aleatórios e estranhos:

— Ahh ahh não não por favor ahh…

Eu o pego pelo peito e o coloco nos ombros ao mesmo tempo que me viro para correr de volta pela doca. Quando faço isso, ele solta o último nó e o cavalo é libertado. Os olhos do animal estão saltados de medo; ele está pronto para sair correndo. Uma ideia me ocorre; agarro as rédeas antes que o cavalo possa fugir.

Ao meu redor, ouço lama sendo pisada e choramingos de desejo.

Jogo Ben em cima do cavalo.

Gritos agudos e penetrantes soam ao meu redor. Atrás de mim, atrás de mim, estão pulando em mim.

Tomo impulso, pronto para montar no cavalo.

Mas o cavalo dispara na escuridão, me deixando para trás. Vejo Ben agarrado ao pescoço do animal com a força de quem se agarra à vida, e eles rapidamente desaparecem na escuridão.

Pego o FLUN preso ao meu pescoço e solto a trava de segurança.

Gritos primitivos preenchem a atmosfera.

Começo a correr, as mãos no FLUN, a cabeça virada para trás, alerta. *Não fique desorientado, não se descontrole.* Chego perto da margem do rio à minha direita.

Seja rápido.

Dou uma olhada para trás. Formas escuras se balançam como boias em uma piscina, uma onda fluindo na minha direção. Outra forma vem gritando para cima de mim, o corpo nu em pelo brilhando como mármore molhado, os dentes à mostra quase como uma auréola de luz. Disparo o FLUN. De primeira eu erro, mas na segunda vez atinjo na barriga da coisa, que se dobra no ar e cai aos meus pés, os olhos apertados de dor, o grito insuportável. Sinto os dedos finos agarrarem meu tornozelo, o hálito quente na minha canela.

— Iá! — grito enquanto forço minhas pernas a se virarem e correrem.

Um sibilar à minha esquerda. Eu me viro…

E me abaixo. Uma forma voa por cima de mim e cai em pé. Gira. Está em cima de mim, com as mãos no meu pescoço e a boca aberta. Vejo as presas, vejo o poço escuro no fundo da boca. Se eu errar, minha carne, meu sangue, meus ossos vão desaparecer por esse poço negro.

O raio atinge a boca aberta, bem na garganta. A criatura não grita; não consegue.

Atiro o FLUN longe, já sem carga. E estou correndo de novo, a doca surgindo em meu campo de visão.

Uma onda deles surge no meu campo de visão à esquerda. À minha frente. Eles me interceptaram. Metade corre pela doca em direção ao barco, a outra metade vem atrás de mim. Estou encurralado de todos os lados: por trás, pela esquerda, pela frente. Eles estão em toda parte.

Menos no rio.

Faço uma guinada brusca para a direita e corro para a margem do rio. Os que estavam atrás de mim ficam à minha direita agora e se aproximam com uma resolução furiosa.

Estou a trinta metros de distância.

Eles surgem aos borbotões à direita, como as águas de uma represa rompida a cem metros

de distância.

Mais vinte metros. Meus joelhos falham.

E então, acabou. Eles me cercaram, pronto. Vejo um fluxo deles surgir na minha frente, fazer fila na margem, se agachar, prontos para pular em cima de mim.

Mas eu não paro. Mesmo com os olhos lacrimejando, mesmo com as pernas ameaçando desabar debaixo de mim, mesmo com os pulmões explodindo em um jato de ácido, não paro. Não vou morrer parado. Não vou morrer de joelhos. Vou morrer lutando e correndo. Vou encará-los de frente. E uma onda repentina de raiva toma conta de mim, mais quente e intensa do que o relâmpago que cortou o céu noturno, um raio de energia que recarrega meu corpo.

Nunca esqueça. A voz de Julia Brasa soa claramente nos meus ouvidos.

Nunca esqueça quem você é. E é a voz do meu pai, grave e solene.

Com um grito, eu me lanço na direção deles.

Eles partem para cima de mim.

E eu pulo no ar, mais alto do que jamais pulei, voo por cima deles, corro em direção ao rio. As águas correm para me encontrar.

— *O nado proibido!* — grito.

E então estou no rio, sentindo a água surpreendentemente quente. O silêncio debaixo da água é momentâneo, mas um descanso maravilhoso dos uivos e gritos. Só o som de bolhas e um movimento ao fundo. Depois, o som de queda na água, um depois do outro. Eles estão pulando atrás de mim.

Estico gloriosamente o braço à frente e nado. Sinto a propulsão do meu corpo, o fluxo de água passando pela minha cabeça. Começo a bater as pernas enquanto estico o outro braço, nadando. Da forma como eu sempre quis nadar, que sempre julguei ser a verdadeira forma de nadar. Levanto a cabeça por um momento: eles estão no rio agora, mas são inofensivos. Aqui na água eles são um cachorro lerdo tentando perseguir um golfinho veloz.

O barco já se afastou da doca e está descendo a correnteza sem dificuldades, posicionado no meio do rio. Uma multidão sibila e rosna de raiva na doca. Vejo Epap e Jacob com as varas, empurrando a água agilmente e ganhando velocidade.

Tento gritar para eles, mas não consigo ser ouvido acima da balbúrdia de ira e da chuva batendo no rio. Grito mais alto, mas o vento agora leva minha voz para longe do barco, para longe dos epers. Dou mais algumas braçadas, mas, embora eu seja rápido, o barco é mais, pois consegue aproveitar a correnteza melhor do que eu. Vejo-os se afastarem na mesma hora em que sinto minha energia sumir. Meu corpo parece impossivelmente pesado, os braços e pernas como se inchados de um fluido viscoso. Meus pulmões parecem incapazes de absorver ar.

— Ei! — grito. — Esperem!

São minhas roupas. Encharcadas, tornaram-se um peso morto para mim. Mas não posso tirá-las; não tenho como nadar e me despir ao mesmo tempo. Então prossigo, me concentrando em lançar um braço após o outro, dando braçadas com o máximo de força que consigo. Mas, por mais que eu tente, o barco fica cada vez mais distante.

Eles estão me deixando para trás. Os epers.

Deito de costas e fico flutuando, cansado demais agora; gotas de chuva caem no meu rosto.

Finalmente entendo o que é ser descartado. A vida toda eu me senti assim, mas agora realmente sei como é.

Julia Brasa certa vez me contou que às vezes, parada no pátio da escola, ficava tentada a furar o dedo. A deixar o fim chegar, a desistir. Seria muito fácil agora. Fechar os olhos, deixar meu corpo vagar, deixar que me alcancem. Finalmente sucumbir. Com tantos, o fim seria rápido.

Mas desistir agora seria desprezar a única pessoa que se recusou a desistir de mim. Julia Brasa.

Viro o corpo e forço uma braçada após a outra. Os movimentos são débeis, meus braços parecem pedaços de lama submergindo na água. Começo a afundar.

Então ouço movimentos na água perto de mim.

Sinto mãos em minhas costas, me virando. Um braço enlaça meu peito; um rosto surge de baixo, junto ao meu.

— Peguei você. Pode flutuar agora, peguei você.

Em meu estado de exaustão, penso que é Julia Brasa, sussurrante, cuspindo água na minha nuca e na minha orelha, exalando um hálito quente e rouco. Quero perguntar como ela escapou, como chegou tão rápido…

Mas então sou içado como uma rede de peixes. Eles me puxam para o centro do barco, me observando, preocupados. É David. Jacob. Um corpo cai ao meu lado, molhado e preto como uma foca.

Sissy.

— Virem-no de lado — ordena ela, cuspindo água.

Sinto a madeira na lateral do rosto, gasta e lisa, e a água batendo no fundo do barco. Ergo o corpo, colocando-me sentado.

O barco não passa de uma jangada melhorada, mas é largo e resistente. No centro há uma cabine, pouco mais do que um abrigo de madeira. Nos fundos, Epap e Jacob continuam usando as varas para avançar, guiando o barco correnteza abaixo, para longe da margem. E ali está Ben: sentado debaixo de uma cobertura, abraçando os joelhos. Ele olha para mim; um pequeno sorriso surge no seu rosto manchado de lágrimas. Ele faz sinal para os fundos da cabine, e quando ouço um choramingo vindo lá de dentro, seguido do som oco de patas na madeira, eu entendo.

⋆ ⋆ ⋆

Durante toda a noite eles nos seguem da margem, centenas deles, rosnando com o ódio dos enganados e dos injustiçados. É uma noite interminável, cheia de chuva e escuridão e do som incessante dos gritos primais. Até que a chuva por fim cessa e as nuvens vão embora. Surge então o brilho da lua e das estrelas, lançando sua luz doentia sobre as centenas de pessoas amontoadas na margem, que até agora continuam com os olhos arregalados de desejo. O luar os enfurece, mas eles nos seguem mesmo assim, recusando-se a ir embora. O céu da noite por fim começa a clarear, como sempre acontece por mais que demore, e um toque de cinza invade a negritude. Gradualmente, eles vão embora, poucos no começo, mas depois, com um

uivo coletivo que dura mais de um minuto, cheios de ódio pelo desejo não consumado, viram-se como se fossem um só e saem correndo. De volta para o Instituto, de volta para a escuridão protegida de suas paredes.

★ ★ ★

Decidimos nos revezar ao longo do dia: dois com as varas, um de sentinela. Quando não nos cabe nenhum dos dois afazeres, dormimos no abrigo (ou pelo menos tentamos), uma estrutura simples de madeira, aberta na frente.

Eles me liberam do primeiro turno, mas estou elétrico demais para dormir. Passo o tempo molhando minha camisa no rio e deixando o cavalo mastigá-la para conseguir beber água. Como os outros, fico observando a Vastidão em busca de sinais de movimento, apesar de saber que o sol quente e forte é proteção suficiente. Uma hora depois, minhas pernas acabam se cansando e me deito na cabine. O sono vem e vai como uma borboleta sem uma das asas: de leve, errático.

Mas, quando desperto, é fim de tarde. Eles me deixaram dormir por dois turnos seguidos. Ao meu lado, Ben e Epap estão roncando, Ben murmurando incoerências. Sissy está de pé na frente, de sentinela. Vou até ela.

— Eles vão voltar esta noite — diz ela.

Eu concordo.

— E amanhã. E na noite seguinte, talvez.

Ela passa o braço pelo nariz.

— É melhor que esse rio continue em frente. Se acabar hoje, amanhã…

Ela não precisa terminar a frase.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Será que alguma hora eles vão parar de vir atrás de nós?

— Não. — Olho para as montanhas ao leste. — Enquanto souberem que estamos aqui, vão continuar voltando. Nunca vão desistir. Vão construir abrigos na metade do caminho para se protegerem durante o dia, que vão usar como degraus, para gradualmente chegarem a nós.

Ela toma um gole d'água. Olha para a planície.

— Podemos parar de dia — diz ela — para pegar comida. Se virmos animais, podemos caçar. Precisamos nos alimentar.

— Temos armas?

— David pegou uma lança. Tenho minhas adagas. E só.

— Foi o que deu tempo de pegar — digo.

— Poderíamos ter feito melhor. *Eu* poderia ter feito melhor. Não peguei nada. Até mesmo Epap pegou o diário do Cientista. E Jacob pegou a bolsa de Epap. Não tem muita coisa lá dentro, só algumas roupas e o caderno de desenhos dele, mas pelo menos ele pegou *alguma coisa*.

— Foi muita loucura — digo baixinho. — Não tivemos tempo nenhum.

A água bate na lateral do barco, um som rítmico. Ela olha para as próprias mãos, mexe um pouco os pés.

— Obrigada por voltar para pegar Ben — diz ela, e retorna ao meio do barco.

⋆ ⋆ ⋆

E, quando a noite chega, eles voltam, em número ainda maior, famintos e cheios de um ódio que eu nem imaginava possível. Com hordas deles lotando a margem, o rio é transformado em um horrendo meio-túnel de tormenta. Ficamos acordados a noite toda, em alerta e com medo. O rio me preocupa; tenho medo de ele se estreitar ou até mesmo terminar. Mas ele não termina, não esta noite, pelo menos. E quando a lua mergulha e o céu começa a clarear, os gritos deles cessam. Um a um, depois com um grito coletivo, eles se viram e vão embora.

⋆ ⋆ ⋆

O sol nasce, e a paisagem ao redor mudou durante a noite. Em vez da lama marrom austera do deserto, pedaços verdes de grama surgem no cenário. Ao meio-dia, a paisagem apresenta um gramado verde e rico, com narcisos e rododentros espalhados aqui e ali. Grandes árvores se aglomeram, e vemos um cachorro de pradaria ou dois. Paramos o barco. O cavalo, aliviado, sai tão rápido para o gramado verde que achamos que foi embora para sempre. Mas só está com fome; fica perto de nós o tempo todo, mastigando e engolindo grama. Quando vamos embora, uma hora depois, todos nós ansiosos para aumentar a distância deles, o cavalo, por mais convidativa que a terra aqui seja, relincha e trota de volta até o barco.

⋆ ⋆ ⋆

Esta noite eles chegam muitas horas depois do anoitecer. Estão levando bem mais tempo para nos alcançar agora. E o grupo está menor. Apenas os mais jovens e fortes vêm, não mais do que poucas dezenas. Eles ficam por apenas duas horas, até serem forçados a ir embora ainda no escuro, horas antes do amanhecer, a lua e as estrelas ainda brilhando.

⋆ ⋆ ⋆

Estou de sentinela quando o sol nasce. Um laranja tímido, ainda turvo o bastante a ponto de poder encará-lo diretamente, surgindo por cima das montanhas ao leste.

— Acabou? — Ben, com os olhos ainda torpes de sono, vem até mim. — Eles vão voltar? Foi a última vez que os vimos?

Sim, foi a última vez que os vimos, estou prestes a dizer. Mas não esqueci, ainda não, que abaixo desta terra verde, fora do alcance do sol e longe do movimento gentil da água, uma garota espera no frio e na escuridão, uma garota que uma vez salvou minha vida.

— Foi? — pergunta ele de novo.

Afasto o olhar, incapaz de responder.

★ ★ ★

À tarde, paramos de novo. David viu um coelho; e em menos de dez minutos de caçada ele pega um, uma lebre gorda, cinza e branca. Corre para nós com um sorriso largo, segurando o bicho como um troféu. Sissy olha para o sol. Ainda há tempo, diz ela. Vamos fazer uma fogueira e comer um banquete hoje. Ben pula de alegria, sua voz ecoando pela campina.

Todos se põem a trabalhar. Sissy e David vão a tirar a pele do coelho. Ben e Jacob saem em busca de lenha para a fogueira, mas tem muito pouco na região. Só grama seca, uns poucos galhos. Epap esfrega dois galhos furiosamente, tentando conseguir uma fagulha. Eu fico por perto, tentando parecer ocupado. Alguém fala em quebrar pedaços do barco, mas isso é rapidamente descartado.

— Meu caderno de desenhos — sugere Epap. — Podemos queimar. Uma folha de cada vez.

— Tem certeza? — pergunta David.

— Não tem problema — responde Epap, e fica de pé.

— Eu pego — digo, tentando ser útil. — Está na sua bolsa, não é?

Saio correndo antes que ele possa responder.

A bolsa dele está no canto da cabine. Solto a tira e abro. O caderno, com a capa de couro gasta pelo tempo, é grande; preciso puxá-lo da bolsa. Um sopro de vento mexe as folhas e abre o caderno em uma página com um desenho do Domo. Ele é um bom artista, isso não posso negar, com linhas limpas e traços controlados, mas expressivos. Viro a página, depois mais algumas. Quase todas têm retratos dos epers, um em cada página, com os nomes escritos no alto. David. Jacob. Ben. Sissy. A maioria é de Sissy. Cozinhando, lendo um livro, correndo com uma lança, lavando roupas no lago. Dormindo na cama, os olhos fechados, o rosto suave e tranquilo. Começo a folhear mais páginas, voltando no tempo. Os epers dos retratos ficam mais jovens.

— Ande logo, Gene, por que está demorando tanto? — grita Epap, sua voz distante.

— Estou indo.

Viro a página, e estou prestes a fechar o caderno quando algo chama minha atenção.

Um nome diferente no alto da página. Ali está escrito: O Cientista.

Olho para o retrato…

E o caderno cai das minhas mãos.

É meu pai.

Agradecimentos

GOSTARIA DE agradecer a certos indivíduos que me inspiraram e encorajaram ao longo dos anos:

Meus professores: o Sr. Pope, da King George V School, e o professor Dan McCall, da Universidade de Cornell. O amor deles por histórias era intoxicante e contagioso.

Pessoas que apoiaram minha carreira desde o começo: Terry Goodman, Peter Gordon e Many Ly.

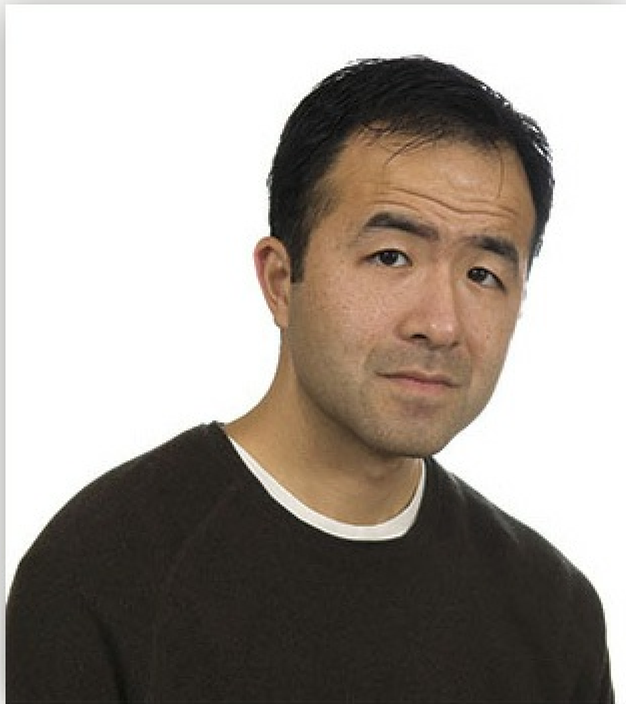
Colegas e amigos da Promotoria Pública do Condado de Nassau, principalmente Tammy Smiley, Robert Schwartz, Douglas Noll, Jason Richards e Mehmet Gokce.

Catherine Drayton, que é incrível e tem sido a agente literária que sempre desejei, e ainda mais; a equipe do Inkwell Management, em especial Lyndsey Blessing, Charlie Olsen e Kristan Palmer.

Minha maravilhosa editora, Rose Hilliard, que, com seu olhar aguçado, seus conselhos sábios e seu apoio caloroso, me fazem querer elogiar a mim mesmo todos os dias; meu editor, Matthew Shear, por me fazer sentir não apenas bem-vindo, mas também especial para a St. Martin's Press.

Meus dois filhos, John e Chris, que ampliam, aprofundam e enriquecem minha vida; e, acima de tudo, Ching-Lee, a quem este livro é dedicado.

Sobre o autor



Andrew Fukuda mora em Long Island. Após se formar em história pela Universidade de Cornell, trabalhou como promotor na cidade de Nova York. O autor figurou na lista dos 10 Melhores Romances de Estreia do *Booklist* e hoje é escritor em tempo integral.